
NATALIA JASTER
DARE
FOOLISH KINGDOMS
BOOK TWO

Avisos



A presente tradução foi efetuada de modo a proporcionar
ao leitor o acesso à obra,
incentivando posteriormente a aquisição.

O grupo não tem o objetivo de obter lucros, seja
direta ou indiretamente.

Selecionamos livros que estão sem previsão de publicação
no Brasil, assim, afim de preservar direitos autorais
e contratuais de autores e editoras, o grupo poderá
retirar sem aviso prévio, suspender o acesso
aos livros que serão lançados por editoras.

Prezem pelo grupo, não distribuam livros
feitos por nós em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos
por nós para autores(as), digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre que puderem os autores comprando
seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

SALEM WITCHES

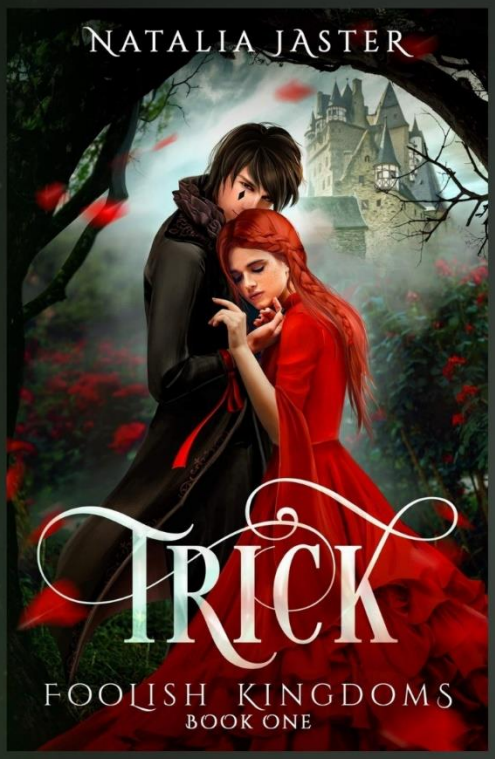
TRADUÇÕES



Setembro, 2020

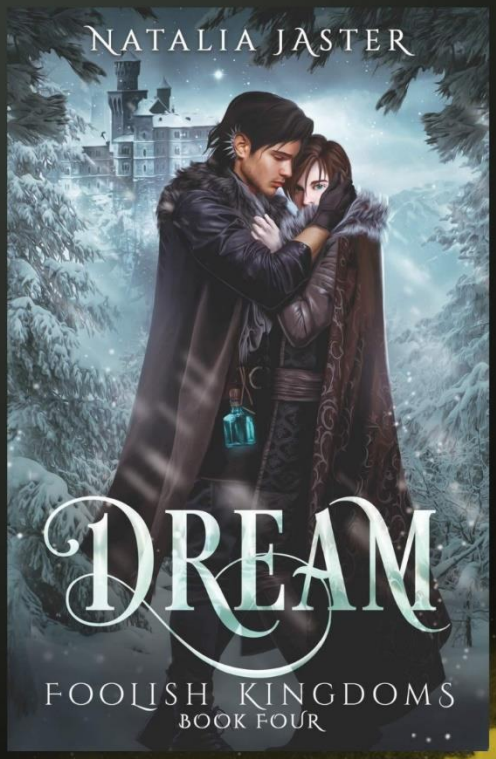
Foolish Kingdoms

Ordem de Leitura









SINOPSE

Um príncipe de coração frio. Uma prisioneira de cabeça quente.

E uma floresta sombria...

A Prisioneira

No Reino do Verão, eles dizem que ela é selvagem. Trancada em uma gaiola à beira-mar, Flare sonha em escapar. Ela sonha com um mundo perdido, conhecido apenas em lendas.

A ilha está chamando por ela. E ela não vai deixar ninguém mantê-la longe.

Especialmente *ele*.

O príncipe

Dizem que ele é cruel.

Jeryn atravessou o oceano para o Comércio, para negociar aquelas criaturas ferozes e aprisionadas que fazem sua pele arrepiar. Por lei, são assuntos destinados à experimentação. E fácil de desprezar.

Uma garota em particular.

O Naufrágio

Mas à beira do transporte, a maré se enfurece. Aquela ilha escondida aguarda.

Encalhado, o príncipe e a prisioneira devem lutar para sobreviver. Em uma misteriosa floresta tropical, eles devem se unir... se não se matarem primeiro.

Ou tornar-se algo mais um para o outro. Algo igualmente perigoso.

PRÓLOGO

FOGO

Eles me marcaram com tinta. Era uma tinta derretida, e eles a esfregaram na minha pele com um pincel, suas cerdas feitas para suportar o calor. O cheiro me atingiu antes da queimadura, mas eu já estava gritando por um tempo - quando eles me arrastaram através da praia, para o castelo, torre acima – assim, o primeiro golpe do líquido não fez diferença.

Entre gritos, eu me contorci contra os guardas, me contorci tanto que as marcações levaram muito, muito tempo para terminar. As gigantescas sombras em forma de homem me culparam por isso, dizendo: —Fique quieta, sua monstrinha!

Mas eu não era um monstro. Eu estava com medo, com medo e aterrorizada, onde estavam mamãe e papai? Eles invadiriam a torre e viriam atrás de mim?

Eu provei lágrimas, uma garota chorando. Lembrei que ela era eu, que precisava protegê-la da dor, e isso afrouxou o resto da minha luta.

Eu tinha vislumbrado as outras figuras pintadas neste lugar, então sabia quais símbolos os guardas escovavam em um colar em volta do meu pescoço - símbolos desta terra. Mesmo que eu não pudesse vê-los em mim, eu conhecia as marcas, como conhecia este mundo.

Este era o reino do Verão. Era o mundo dos oceanos de fluxos, quebras, empurrões e recuos, um mundo de tempestades de areia e ondas,

e costas e dunas, e pântanos e brejos. O ar quente escorria pelas colunas, umedecia os corpos, salgava bocas e temperava temperamentos.

Este mundo me levou prisioneira.

Eles me jogaram em uma concha preta de barras. Era uma cela, uma gaiola. Eu me enfureci contra a grade, minha voz se multiplicando na garganta da torre e tremendo nas bordas. Os guardas chamaram de "pior do que um bom ajuste de verão".

Eles zombaram que eu pertencia a eles agora. Eu gritei que eles estavam errados, mas os imbecis apenas riram e eu fiz um plano para morder seus dedos mindinhos se eles se aproximassem de mim novamente. Eu quase consegui quando eles fizeram, e isso me causou problemas, e problemas machucam.

Imaginei um lugar mais seguro, um bolso de areia para me aninhar dentro ou a maré me puxando suavemente, me levando para uma ilha invisível onde eu poderia me esconder. Mitos diziam que essa terra existia, uma ilha perdida entre os muitos mares do Reino de Verão, e foi para lá que minha alma e mente foram, querendo ficar lá até que mamãe e papai me encontrassem, até que me resgatassem.

Mas eles não vieram. Eles não vieram atrás de mim porque não podiam, porque o reino não os deixaria, porque eu estava presa.

Logo depois, perdi minha voz, e ela não voltou, e eu não me importei. O mundo maldoso esperava que eu me enrolasse no canto como uma concha - silenciosa, pequena e quebrável - esquecendo que uma concha continha o rugido de um oceano inteiro dentro dela. Eu não precisava de uma voz, apenas meus dentes e meus sonhos para me salvar.

Eles me chamavam de aberração da natureza. Disseram que eu era uma tola cativa, um dos loucos, feita de loucura, mas não sabia o porquê.

Eu sabia apenas uma coisa.

Eu tinha dez anos de idade.

CAPÍTULO UM

FOGO

Um dedinho do pé passou por cima do meu pé. Alcançando meu tornozelo, o dedo do pé começou a cutucar, sua dona sussurrando meu nome, me puxando de outro devaneio. Deitada de costas, mantive meus olhos nas linhas arranhadas na parede acima da minha cabeça, aquelas em que eu havia trabalhado na calada da noite, quando os guardas não estavam olhando. Eu só queria olhar para essas linhas e encontrar uma maneira de me dissolver nelas.

Mas as cutucadas e sussurros queriam minha atenção.

— Flare? Você está acordada?

Deitei-me e fiz uma careta para minha colega de cela. *O que?*

Pearl me deu um sorriso vacilante, porque ela sabia que eu não estava dormindo, porque, vivendo na escuridão da torre, nossa visão tinha uma nitidez noturna, como a borda de um coral, para que nos víssemos bem. Anos atrás, eles me jogaram aqui com ela, esquecidas e esquecíveis.

Eu contei nossos dias. Pearl tinha treze anos. Eu tinha dezesseis anos.

Descansando de lado, em camas de algas marinhas secas que cobriam o chão de pedra, nos observávamos através da escuridão do amanhecer. —Diga-me como eu sou. — Ela implorou.

Embora nenhuma de nós tenha visto nossos reflexos desde que éramos impulsivas, ela começou a desejar descrições de si mesma.

Mas o que isso importava? Tínhamos muitas outras coisas com que nos preocupar, como a fome que roía nossas barrigas, doenças flutuando em nosso sangue e o brilho venenoso nos olhos dos guardas.

Isso não me impediu de amolecer uma vez que vi como ela tremia, uma vez que vi o desespero estremecendo seu rosto. Pearl estava tendo um dos seus sustos matinais, quando tudo nela formigava de ansiedade, quando ela precisava de algo bom.

Eu acariciei o braço dela. *Só se você cantar para mim sobre a ilha.*

—Novamente? — Ela choramingou.

Mais uma vez, eu murmurei.

—Tudo bem então.

Então eu fui primeiro. Como Pearl aprendeu a me entender há muito tempo, ela leu meus lábios quando eu descrevi as ostras prateadas e brilhantes de seus olhos e seu nariz como um cabo de remo, suficientemente longo para puxar uma canoa.

Eu deixei de fora as crostas de picadas de insetos aquáticos. Eu também as tinha, com crostas nos cotovelos.

Depois, Pearl deu a sua vez. —*Não procure, não encontre* — Ela disse —*a Ilha da Chuva Perdida...*

Todos nos quatro reinos - Primavera, Verão, Outono e Inverno - sabiam sobre a ilha. O grande mistério do Verão flutuava em algum lugar desconhecido nos oceanos, mas ninguém havia encontrado a ilha e ninguém acreditava que ela existisse.

Mas eu acreditava. Eu sabia mais sobre isso do que ninguém. Enquanto a Ilha da Chuva Perdida era divertida para o mundo,

era meu tesouro enterrado, era *meu,* e um dia eu a veria por mim mesma. Eu fugiria dessa prisão, ousando encontrar aquele paraíso onde as chuvas haviam nascido e as águas especiais corriam, com uma floresta úmida no coração - e, o melhor de tudo, areia cintilante. Eu tocaria a areia sagrada e pressionaria a palma da mão contra o calor e saberia que estaria livre.

A música escorreu dos lábios de Pearl, um fio melódico passou por gerações e através das fronteiras. Ela estava cansada de cantar para mim, mas ela fazia assim mesmo. Com o balanço harmonioso em meus ouvidos, voltei a olhar para o teto baixo, para o desenho que havia arranhado lá - enquanto estava sentada nos ombros de Pearl, usando o entalhe lascado de uma concha que eu mantinha escondida - já que nossos carcereiros estavam menos propensos a olhar para cima. Antes e depois do sono, eu olhava para o meu desenho, as linhas e curvas formando uma massa em forma de molusco, sozinho no meio do mar, saindo do continente de Perilyn e das margens do castelo, esperando para ser descoberto, esperando por mim.

—O sol conduz, raios amarelos, a Ilha da Chuva Perdida.

Quando o sol se esvai, a névoa cresce, a Ilha...

Pearl se engasgou com o resto da música. A agitação subiu da escada, as botas pisando no corredor, pessoas marchando em nossa direção e lançando luz laranja pelo corredor, as barras de uma dúzia de celas refletidas no chão. Silhuetas negras ondulavam contra a rocha incendiada pela tocha.

Erguendo-me no cotovelo, levantei a cabeça para ouvir. Era muito cedo para água e mingau, ou para os guardas estarem de mau humor, então por que mais eles viriam aqui?

A chegada deles provocou um tumulto na prisão, algemas raspando o chão e vozes gritando. Havia Lotus, a mulher dividida por dois eu's, suas feições saltando entre uma criança alegre e sua mãe repreendendo. Ashe, o ancião que falava com os fantasmas dos que estavam anteriormente acorrentados. Reef, o garoto que atacava a si mesmo com qualquer ferramenta em que pudesse pôr as mãos e depois se encolhia de vergonha depois.

Havia Pearl, que ficava nervosa todos os dias, que berrava que os soluços significavam que seus pulmões estavam encolhendo ou as batidas do coração significavam que ela estava morrendo.

Havia eu.

Costumava haver Tempest, um rapaz viciado em contagem e figuras. Às vezes, ele arrancava pedaços de seu cabelo enquanto brincava com dígitos, mas ele ensinou a mim e a Pearl nossos números, compartilhando nossa cela até que uma febre o levasse.

Levantei a cama de algas marinhas e calculei outros arranhões que fiz no chão, somando doze meses. Outro ano se passou tão cedo? Dia de negociação já?

Ainda assim, era bizarro, estranho e esquisito ouvir uma debandada invadindo esta parte da torre. Nenhuma alma do nosso bloco jamais foi desejada ou escolhida.

Pearl poderia muito bem ter lido minha mente. Ao toque das chaves, ela choramingou: —Flare, eles estão vindo para nós?

Meus olhos tropeçaram de volta a ela. *Eu não sei.*

—Você acha que é verdade, o que os guardas estão dizendo sobre o comércio? Sobre o príncipe?

Rumores entraram na prisão do castelo. Há pouco tempo, os embaixadores do Inverno vinham ao Verão para o comércio de tolos, pescando simplórios e, às vezes, nós, os loucos, como eles chamavam o nosso destino. Todos os reinos se uniram, de modo que pertencemos aos nossos monarcas como propriedade e escravos, pelo trabalho, pela risada ou pelo que quisessem.

Entre os arrotos, os guardas estavam dobrando os ouvidos, tagarelando sobre um novo comércio. Em vez dos embaixadores, as rainhas de Inverno serviriam seu sobrinho, herdeiro do trono. Dizia-se que o príncipe era maior de idade, capaz de fazer o trabalho.

As palavras de Pearl arranharam-me, procurando uma compra, uma caçada frenética por segurança. —Eles dizem que ele é um príncipe cruel, ele é. Que a crueldade dele rivaliza com o nosso próprio rei. Que ele vai gostar do Comércio de Tolos - ele quer nos matar, ele quer.

Juntei suas mãos trêmulas. *Shh. Se ele tentar, nós lutaremos contra ele, e depois conquistaremos ele, e depois o destronaremos, e depois o serviremos para os javalis, tubarões ou crocodilos do pântano.*

—E se javalis, tubarões ou crocodilos do pântano tiverem medo de comê-lo? Ele é um príncipe todo-poderoso.

Príncipes todo-poderosos não existem. Vamos mostrar o canalha.

Ela assentiu. —Vamos nos unir.

Um braço carnudo - o de Pyre - surgiu nas sombras, o dedo apontando para mim. A palavra caiu dele como uma âncora. —Você.

Eu.

—Você. Fique de pé.

Para quê? Eu fui escolhida?

—Não vou repetir —, advertiu Pyre, o guarda. —Levante-se ou eu vou fazer você se levantar.

Ugh. Eu sabia o que aquilo significava, tinha a prova nas minhas costas, mas de jeito nenhum eu deixaria minha amiga assustada ou deixaria minha Ilha da Chuva Perdida cinzelada no teto, para ser enviada para o Reino de Inverno. Qualquer coisa era melhor que Inverno.

Todos sabiam o que os cientistas faziam com os tolos por lá.

Derramei as mãos de Pearl e me virei, ficando de quatro. Se ele me quisesse, poderia vir me buscar, porque também tinha provas de mim - algumas mordidas bem colocadas.

— Faça do seu jeito. — Ele disse e destrancou a porta.

Isso criou mais confusão. Lotus era a criança hoje, batendo palmas de emoção. Ashe narrava a cena para seu fantasma. Reef fez uma careta e começou a estrangular o joelho com as correntes.

Uma vez que o ferrolho destrancou e a porta se abriu, Pearl saltou da cama de algas e correu para o canto como um caranguejo, resmungando. —Afaste-se, afaste-se, afaste-se, afaste-se, afaste-se.

Convoquei fúria e punhos. Andando em minha direção, a ansiedade de Pyre amadureceu, e é por isso que ele e seu bando não me acorrentaram como os outros. Esses valentões estavam entediados aqui, e gostavam de espancar, e apostavam em quanto tempo duraria uma partida. Eles gostavam de me deixar com raiva, e eu estraguei a chance de socá-los, embora acabasse perdendo a briga, porque os homens eram maiores que eu. Qualquer um era maior que eu.

Qualquer um, exceto Pearl, que sempre teve que assistir a essas batalhas.

A culpa surgiu de novo, impedindo meu ataque. Pyre se lançou e me agarrou pela orelha, me carregando. Torcendo o lóbulo, ele me jogou nas barras, minha bochecha batendo em ferro, uma dor brilhante tomando conta do lado do meu rosto. Antes que eu pudesse me virar e chutar ou arranhar, ele tinha meus braços presos, o peso quente das algemas me apertando e me amarrando à grade.

Então ele ordenou que Pearl se levantasse, e ouvi o barulho de seus pés, o estalo de seus joelhos não utilizados enquanto ela obedecia. Pelo menos ele não fez a mesma coisa com ela, bateu ou algemou na lareira. Ela não era uma lutadora, e nunca o irritava, e seus próprios ferros estavam presos a uma parede de qualquer maneira. Ele só a queria em exibição como um atum maldito.

Limpando as mãos, ele saiu da nossa gaiola, a chave uivando dentro da trava quando a girou de volta no lugar. Ele se inclinou para mim, sua respiração batendo contra a minha boca. —Lá vamos nós —, ele aplaudiu. —Agradável e confortável. Pensei que você aprenderia até agora, mas então você é meio tola demais para isso.

Enquanto ele era burro demais para ficar para trás. Meus pulsos podem estar presos, mas meus dedos não estão. Segurando a parte de trás do pescoço, eu o puxei para frente, batendo o nariz nas barras.

Ele uivou e cambaleou de volta, chamando-me dos nomes usuais enquanto cobria o nariz. Ele não estava sangrando ou quebrado, porque eu não tinha esse tipo de força, mas ele estava machucado de forma horrível.

—Imunda, idiota va..

—O que é isso. — Disse uma voz.

Embora as palavras fizessem uma pergunta, não era uma. Era uma demanda, uma coisa desapaixonada polida em uma ameaça, o tom suave como nada que eu já tinha ouvido na minha vida, não de Verão, nem de servidão. Estava gelado até os ossos e... principesco.

Eu o vi primeiro em um reflexo, em uma poça no chão, de um vazamento no teto. Mapeei na água as dicas de um rosto, uma forma de vilão inclinada para baixo e me atingindo como granizo. Eu era uma estranha a neve e ao granizo, mas como uma vagabunda outrora livre morando nessas margens, eu via paisagens estrangeiras entrelaçadas em bandeiras de navios sempre que as outras estações visitavam o verão. Eu tinha visto imagens de um mundo empoeirado e imaginado seu frio maldoso.

Meu olhar se desviou para cima. Eu não tinha comparação com sua altura extrema ou corpo forte, engraçado para alguém de seus primeiros anos, ou pelo menos para qualquer garoto que eu tivesse visto aqui.

Uma capa lambia seu corpo, enfeitada com pelos e arrepiado na gola, insuportável no calor deste reino. No vale de sua camisa, um frasco de vidro vazio pendia de uma corrente em volta do pescoço. Sua pele era branca, pálida por suas sobrancelhas escuras e longos cabelos azuis presos na nuca.

Arrepios ao longo dos meus braços. Seus olhos negros me estudaram sem me ver.

Era verdade. O príncipe do Inverno era maior de idade - minha idade ou um pouco mais velho.

O que é isso, ele disse.

Isso significava eu.

Os guardas da torre se curvaram em saudação. Um anel de cavaleiros o cercava, homens e mulheres de peitoral e capa roxa, a cor do Inverno um choque aos meus olhos, muito parecido com o seu cabelo azul. Algum tipo de barulho selvagem saiu de mim e eu estendi a mão, desejando sentir cor e cor e cor!

As algemas agarraram meus pulsos de volta no lugar. O príncipe saiu do círculo e em direção à lareira enquanto Pyre batia com os dedos inchados no meu caminho. —Como vê, senhor. É um tola louca.

—Estou ciente do que é. — Disse o príncipe.

Uma cavaleira falou o resto da conversa por ele. —Sua Alteza espera saber por que você está perturbando isso.

—Nós devemos mantê-las contidas para você. Ela ainda não estava algemada. —Quando o príncipe não disse nada, meu inimigo engoliu em seco. —Esse é o nosso dever. Os loucos são...

O príncipe torceu e estapeou Pyre no rosto. Sua cabeça enorme virou para o lado, um gêiser de sangue jorrando de sua boca. O barulho vibrou pelo corredor, um veleiro molhado batendo na madeira, picando as orelhas, e eu pulei para a frente, tanto quanto as barras permitiam, melhor para ver. O príncipe havia atingido com tanta rapidez e fluidez, nem um pestanejar.

Eu colocaria minha alma em atacar Pyre. O príncipe entorpecido tinha lidado com ele como uma reflexão tardia.

Seus lacaios continuavam sem piscar, enquanto os guardas de Verão ficavam boquiabertos. O príncipe olhou de volta para mim, e eu imaginei o que ele devia ver - e cheirar. Ele viu uma garota de pele bronzeada, mais magra que espinhas de peixe, com dentes à mostra e uma selva de cabelos

na altura dos ombros. Ele viu uma garota com uma mente tão desgastada quanto os trapos ásperos que ela usava, que fedia a podridão e suor.

Ele pensou ter visto uma tola.

Com um único dedo, ele afastou uma mecha retorcida, os olhos fixos nos símbolos pintados em volta da minha garganta. Ele fez um sinal para eles. —E a razão para isso?

Pyre resmungou: —Ela merece. Tem uma loucura imprudente e impetuosa nela.

—O que mais?

—Não há mais nada.

Um cavaleiro de Inverno zombou. —Então ela não é muito diferente de ninguém em Perilyn.

—Vá em frente e nos chame de temperamentais, mas não há cidadão de Verão como esta. Ela luta de volta. Vá até ela e ela vai morder seu polegar com vingança. Seis anos, e o pequeno 'animal da praia' não aprendeu o que é bom para ela. —O clã de Inverno olhou de soslaio para o termo e ele explicou: —Ela é uma vagabunda da areia.

Coloquei minhas correntes nas barras. Eu odiava ouvir aquelas duas palavras batendo da boca de Pyre. Elas pertenciam à minha família, não a esse palhaço. Perilyn, a terra do Verão, me chamava de louca, também me chamava, e pessoas como eu, famílias como a minha, vagabundos da areia. Essa era a minha vida antes deste lugar, antes que eles me pegassem.

O príncipe ficou olhando, tomando minha medida e depois mudando para minha colega de cela, que estava cantando para si mesma. Ele parou nela por muito tempo, muito tempo para minha fantasia. Eu me mudei, bloqueando sua visão dela.

A repulsa saltou em seu rosto, depois se desenrolou em um prazer impiedoso. Ele apontou o queixo para um de seus cavaleiros, depois para Pearl, que gemia.

Não, pensei. Ela não! O Inverno a machucará!

Insulte-o, pensei. Aproxime-o, pensei. Machuque-o primeiro. Machuque o príncipe.

Ele passou por nossa jaula, passando para outros prisioneiros. Eu peguei saliva, muita saliva e cuspi. O golpe saiu da minha boca e salpicou a ponta do pé de sua bota, interrompendo-o.

Ele andou para trás. A par das barras, ele olhou para mim sem um pingo de surpresa. Minhas unhas e nós dos dedos se prepararam, mas então a mão dele deslizou na minha direção, em um movimento fraco e desconcertante de... ternura?

Ele fez contato. Eu parei, o recanto sob minha mandíbula se entregando às pontas de seus dedos, escassos contra o meu pulso.

Era calmo e majestoso e quase gentilmente quando ele começou a apertar. Eu mal notei até minha garganta encolher, seu aperto arrancando a respiração de mim, fios de ar lutando para entrar e sair. Tentei me afastar, mas ele apertou mais.

Nem um som saiu de dentro de mim, nem mesmo um chiado. Vi o momento em que ocorreu ao príncipe que eu não tinha voz. Sua expressão não mudou, mas ele me inspecionou com uma profunda inclinação de cabeça, e eu o honrei com meu olhar mais feroz, porque as presas tinham que usar seus melhores olhares contra predadores, dentro ou fora desta torre, no calor ou o frio, no Verão ou no Inverno. Ele apenas esperou como se tivesse o dia todo, um mal satisfeito rastejando à superfície, ao gelo negro de seus olhos.

Eu vi. Ele queria que eu me ajoelhasse.

Ele esperou, a pressão dele me pressionando como um vira-lata. Minhas pernas dobraram. Seus dedos se abriram, me liberando no chão, um dos meus joelhos batendo na pedra e o outro dobrado. Eu estava tremendo, ajoelhada, caramba.

O dedo do pé da bota passava pelos ferros. Ele limpou meu cuspe no pano da minha saia, depois cutucou minha perna e falou com seus cavaleiros. —Esta. — Disse ele antes de ir embora.

CAPÍTULO DOIS

GELO

Jeryn era um príncipe paciente. Paciente do jeito dos cientistas e do lento gotejamento do gelo. A paciência para testar e a paciência para enervar. Tão paciente quanto uma verdadeira prole do inverno.

Embora ele gostaria de se livrar do fedor da torre imediatamente, ele andou. Ele desceu a escada em espiral, sua comitiva marchando logo atrás. Ao descer, ele flexionou os dedos, vítreo de sujeira de algo que ele deve ter encontrado lá em cima. Ou alguém.

Ela mereceu. Ela pediu, para ser trazida aos seus pés. Exigia uma certa *paciência* para machucar. Por mais tempo e seu aperto na garganta da muda a teria sufocado.

Garota tola.

Fora do segundo andar da torre, uma colunata se estendia em direção ao castelo de Verão à beira-mar. A fortaleza estava em um penhasco acima das ondas, suas bandeiras laranja e amarelas chutando o vento. Em sua base, o oceano balançava, batendo com a cabeça na costa. Uma invasão determinada do som em comparação com o silêncio calculador do inverno.

Seu criado esperava pelo portão com uma tigela de estanho confiável na mão. Jeryn colocou os dedos no vaso. A água salina - tudo nessa terra insistia em ser quente e salino - escorria para o lado e para o chão de azulejos de concha. A escória da torre lixiviou de seus dedos.

Um pano foi produzido. Limpando as mãos e despachando o pano para o criado, Jeryn desceu a passarela.

Entremeadas nas colunas, flores tubulares projetavam-se das urnas. Ramos de água, ele identificou sem parar. Moa seus botões em pó, junto com as folhas da eispina escalada de Inverno, e deposita-se sob a carne na pélvis para produzir fertilidade.

Ele examinou a área em busca de outras plantas. Ele não encontrou nenhuma.

O ar encharcado ficou mais espesso que um ensopado. Dame Solstice, sua primeira em comando, limpou sua sobrancelha pálida. — Amaldiçoe este país encharcado. — Ela murmurou.

Uma queixa insolente. Jeryn a perdoou. Ele sabia que os cavaleiros eram miseráveis, encharcados nos elementos. Enquanto o frio do Inverno cortava uma incisão limpa e direta em seus cidadãos, o calor do Verão dava um soco na cara de todos. Não é de admirar que as pessoas deste mundo fossem conhecidas por sua irritação.

Pelo contrário, nem seu corpo nem seus espíritos registraram os efeitos.

—Oh, Jeryn. Nada afeta você. — As duas avós haviam dito uma vez.

Algo deveria?

Ele viajara para cá para o Comércio, não para o clima. Ele não era hóspede no Verão desde o décimo primeiro ano, nem aspirava voltar depois... bem, depois.

Por fim, ele queria isso. Ele cresceu. Não era mais essa criança. Não era mais *afetado*.

Sentinelas abriram as portas no final da passagem. Jeryn abaixou o queixo, passando por eles e entrando na ala leste do castelo. Os cavaleiros

suspiraram, acolhendo a névoa que chovia do teto através de bombas e dutos, uma invenção fornecida pelos engenheiros de Inverno.

A fortaleza se espalhava por toda a parte, disposta em uma série horizontal de interiores e exteriores, suas torres e muros abrangendo uma cadeia de falésias. Recessos cavavam as paredes e mostravam ampulhetas que rastreavam o tempo.

Jeryn atravessou pontes suspensas sobre piscinas internas e navegou por passarelas e varandas pavimentadas no precipício. Cachoeiras assobiavam. Papagaios batiam seus bicos no esterno. Seu séquito pisou em um salão coberto de vidro, peixes-dragão submersos sob seus pés.

Um dos cavaleiros riu. —Alguns habitantes locais andam descalços aqui. Cachecóis para toucas também.

Outro reprovou: —Nem um ponto de roupa sob as sedas deles.

—Calem a boca. — Jeryn ordenou sem problemas.

Eles mantiveram a língua o resto do caminho até a sala do trono, estacionando-se na entrada com os vigias de Verão. As portas arqueadas se abriram.

—Sua Alteza Real, Jeryn, da Casa de Northwall, Príncipe de Iradis, Reino do Inverno. — Anunciou o sentinela antes de fechá-lo lá dentro.

Suas tias-avós não haviam exagerado. A sala do trono não tinha um aquário, *era* um aquário. Um espaço triangular com paredes transparentes. Piscinas de água do mar do chão ao teto, sua superfície atingindo um terraço invisível e iluminada de cima. O tanque envolvia seus convidados, mas não era tanto do tamanho dele que impressionou.

Eram os tubarões.

Uma infinidade de espécies infestava o aquário. Bigodes ou narizes de garrafa, cinza ou azul, cortados com brânquias, enfeitados com um bocado de lâminas. Eles invadiam toda a sala do trono, lançando sombras em todas as superfícies.

Incluindo o próprio rei do Verão. O contorno de uma barbatana cortou a garganta do rei Rhys e desapareceu. Ele se reclinou em um assento no ponto mais estreito da sala, um bigode coberto de sujeira puxando o resto do rosto para uma máscara perpétua de irritabilidade. Um par de sandálias espiou por seu manto.

Ele assistiu Jeryn se curvar. — Você cresceu, Alteza.

—Eu queria parecer o meu melhor, Majestade.

—Isso é uma piada? Eu não gosto de piadas.

—Eu não as faço. Deixo isso para a primavera.

—Excelente. Venha e pegue a cadeira da minha esposa. Estamos brigando, e ela não foi convidada.

—No entanto, é a cadeira dela.

—Uma resposta direta de um príncipe direto de um reino direto. — Ele balançou o braço em direção a Jeryn. — Fique onde está, então. Não estou com vontade de insistir.

Em sua visão periférica, Jeryn reexaminou os predadores. Eles se moviam de uma maneira sem objetivo e em transe. Como tolos em um laboratório de inverno.

—Eles são notáveis —, declarou o monarca mais velho com orgulho. —Conte-me. Qual é o mais cruel?

— Aqueles. — Disse Jeryn, indicando o peixe patinando no fundo do tanque, salpicado em vermelho e branco.

O rei olhou com raiva. —Eu quis dizer, *dos tubarões.* Eu não estava falando sobre o peixe palhaço. Caros, chamativos pequenos flagelos, mas — ele sorriu. — Eu os uso como alimento para tanques.

Uma pena. E um desperdício. Seus motivos não tinham nada a ver com engordar os tubarões e tudo a ver com os espólios metafóricos de um rancor. Era sobre o bobo da corte do Outono, anteriormente da Primavera. Seis anos atrás, o bobo da corte havia ofendido Verão da maneira mais pública. Era uma história longa e prolongada que ficou velha para todo mundo, menos para o rei Rhys.

Bem. Jeryn torceu o nariz. Dizer que ele desprezava o bobo da corte seria igualmente generoso. No entanto, os peixes manchados *eram* os mais cruéis entre os habitantes. Herbívoros, ainda assim, quando ameaçados, usavam suas escamas radiantes para cegar os humanos, fazendo com que eles cambaleassem pelo oceano com visão prejudicada por horas. Um destino auspicioso no qual não havia chance de lutar.

Como é ameaçador que Rhys os mantenha em uma sala frequentada pelos visitantes.

—Tente de novo —, ordenou o rei. —Me apazigue e dê uma olhada mais de perto na minha extensa variedade de animais de estimação. De todos os tubarões de Verão, aponte o mais feroz.

—*Oh, Jeryn. Nada afeta você.*

Que assim seja. Jeryn se aproximou do tanque. Examinou seu conteúdo. Lembrou-se de que o vidro os separava. Ele procurou um morador que não fosse mais do que o braço de um homem, listrado em tons metálicos de cobre e prata.

Nenhum para ser visto. De fato, era a única espécie que faltava.

Os músculos tensos de seus ombros relaxaram quando ele anunciou: —Não está aqui.

—O que, não está?

—Um tubarão sirene.

O rei deu uma risada condescendente. —Não me faça duvidar da especialidade de Inverno. Você deveria ser a pátria de estudiosos, cientistas, médicos, inventores, engenheiros e caçadores, mas espera que eu desperdice espaço no tanque de um tubarão tão insignificante? Você o rotularia de mais feroz? Mal posso esperar para ouvir o porquê.

—Porque ele mata você gradualmente. — Respondeu Jeryn.

A presença de um tubarão-sirene, como uma arma majestosa de natação, atrai sua presa. Sobre a qual, a mordida do tubarão produz uma loucura espumosa antes da morte. Não se deleita com a presa humana, mas transforma a pessoa em boba por precisamente três dias, tirando-lhe a sanidade até que a morte abençoada bata à porta.

Sem antídoto. Sem cura.

Jeryn não queria falar sobre o tubarão sirene.

Como todo ignorante político, o rei havia perguntado apenas por que achava divertido interrogar o jovem herdeiro de Inverno.

Um príncipe em exposição. Pergunte a ele qualquer coisa. Veja o quanto ele sabe.

Quanto à declaração de Jeryn, Rhys grunhiu em concessão. Mas quando Jeryn não deu resposta ou genuflexão, o monarca apertou os lábios. —Você não é um descendente de muitas palavras.

Jeryn encostou o ombro no aquário. —Há uma distinção entre muitas palavras e palavras sábias.

—Discordo. Também estou recebendo a mensagem de que, para um príncipe de dezessete anos, sua crueldade pode realmente exceder a minha. Você abusou do meu guarda da torre, jovem real. Exatamente o quão forte você bateu nele?

—Se você estivesse lá, eu teria batido mais forte.

—Sua reputação precede você, então. Estou irritado que meu filho não possa ser como você. Enquanto nos sentamos aqui, ele está balançando a língua na garganta do menino do estábulo. Pergunto-lhe, por que é sempre um menino do estábulo ou uma empregada? — O rei Rhys acenou e continuou sua lamentação. —Meus filhos deviam estar presentes para cumprimentar nosso estimado hóspede, mas quatorze é uma idade autoindulgente. Quando alguém sente coceira, supera o senso de dever. Não me importo com o que ele faz em seu tempo livre, desde que não se abstenha de obrigações imponentes. Você não é muito mais velho, mas três anos fazem uma diferença radical. Você aparece quando é esperado. Eu exijo conselhos.

—Bata nele.

—Qualquer coisa que eu ainda não tentei.

Jeryn inclinou a cabeça na direção de Rhys. —Me deixe fazê-lo.

O reflexo da água tremeu pela sala. —Você é um iceberg. — O rei elogiou.

—Eu sou do Inverno.

—Você *supera o* Inverno, além de seus parentes. Sem ofensa.

—Nenhuma ofensa possível —, Jeryn cortou. —Ninguém supera minha família.

—Isso cheira a devoção —, criticou Rhys. —Pior ainda, carinho.

Sim. —Estávamos falando do seu filho.

—Suponho que estávamos. Suas tias-avós são boas rainhas, mas você não herdou suas medidas disciplinares dessas duas pombas. É o treinamento da espada? — Ele perguntou, apontando para Jeryn e depois girando o dedo em ressentimento. — Minha prole evita isso também. Aprecio a oferta, mas levando em conta sua fisicalidade avançada, você mataria o garoto. Ele é uma fração do seu tamanho, para não mencionar o príncipe do Verão. Detestaria travar uma guerra confusa quando as estações viverem em paz há mais de um século.

Verdade. Whimtany, a terra de cabeça de bolha da Primavera. Perilyn, terra feroz do Verão. Mista, terra benevolente do Outono. Iradis, terra estoica do Inverno. Apesar dos conflitos comerciais entre eles, eles mantiveram uma aliança neutra.

—A guerra pela honra de um príncipe é inconveniente. Para esse fim, não seríamos capazes de trocar bobagens —, acrescentou o rei. — Falando nisso, vamos continuar com isso? Convidados primeiro. Diga-me o que você gostaria.

Jeryn cruzou as mãos atrás das costas. —Vinte simplórios.

—Feito. Eu não ligo para qual.

—Cinco deles, crianças.

Indignação enrugou o rosto do homem. —Retiro o que eu disse.

—Eu não, Vossa Majestade.

—Pise com cuidado, inverno.

O Verão valorizava os simplórios infantis por suas mãos diminutas, o que lhes permitia tecer redes para pescar e aprisionar répteis. Eles foram os únicos tolos que Perilyn não abandonou ansiosamente.

No entanto, Verão não era obtuso. Não quando se tratava da influência de Inverno.

Os insetos inchados com todos os tipos de doenças regionais prosperaram no Verão, mas seu clima maduro gerou uma abundância de recursos naturais, enquanto o Inverno tinha o conhecimento e as ferramentas para empregá-los. Jeryn havia desenvolvido um método de inoculação caro e meticuloso, que Iradis ofereceu a Perilyn em troca dos sujeitos do teste. Embora até agora, Iradis não tivesse negociado por crianças.

O monarca arranhou o inferno do seu bigode caído. Ele não pôde recusar vacinas em alguns jovens. —Vou desculpar o insulto —, disse ele. —Você é jovem, ambicioso e tem esperanças de estabelecer um precedente.

—Sou jovem, inteligente e imune à esperança.

—Vou exigir um número maior de dosagens.

—Inatingível.

—Eu aviso, garoto-príncipe, estou à beira da fúria e estou cercado por tubarões.

O homem honestamente achava que essas vacinas eram fáceis de produzir?

— Para o suprimento habitual, tomarei vinte simplórios, cinco deles crianças. — Jeryn jogou um osso para o rei. —E dez dos loucos.

—Diga isso de novo?

—Não.

Um sorriso levantou o bigode do rei como uma cortina. —Eu acredito que ainda gosto de você.

Poderia ter algo a ver com isso ser uma soma maior de loucos do que o habitual para Iradis. As queridas tias-avós de Jeryn haviam subestimado o valor desses parasitas. Quanto mais descartáveis ele contribuía para a

pilha de Inverno, mais oportunidades para pesquisas médicas. A fim de tratar os verdadeiros cidadãos do reino.

—Tem uma mulher. Ela é pintada no pescoço — Jeryn listou, caso ela fosse algum tipo de prêmio selvagem.

— Não espere que eu saiba de quem você está falando. Eu não perco meu tempo lembrando deles depois que eles são jogados em uma cela... Você disse no pescoço? Por favor, diga-me que você foi informado de como os marcamos.

—Estou ciente do que isso significa.

—Tanto faz. Você pode tê-la, embora eu o aconselhe a não ficar muito perto de tal tola.

Ele estava aconselhando o príncipe errado. Jeryn permitiu que esse pensamento aparecesse em seu rosto.

O rei riu. — E como você planeja quebrar a prisioneira?

Os lábios de Jeryn se contraíram. —Eu sou paciente.

Pena que a muda fora irritada pelo guarda. Ele e seus companheiros foram instruídos a não incomodar as criaturas quando Jeryn chegou, pois ele pretendia observar o comportamento habitual deles ao fazer suas escolhas. Perturbá-los não tinha sido o trabalho do guarda, tinha sido de Jeryn. Durante o comércio, se alguém colocava a mão naqueles tolos, era ele.

Só ele tinha autoridade para testá-los. Para puni-los.

Rhys o convidou para jantar, depois saiu da sala do trono, parecendo não perceber quando seu convidado não seguiu imediatamente.

Jeryn olhou para o aquário. Os predadores usavam expressões vidradas, trancadas em um choque interminável. Como se descobrissem o que eram, para que foram criadas aquelas bocas entalhadas, mas sem

saber o que fazer com elas. Como usá-los instintivamente, a menos que seja dada uma oportunidade.

Uma ideia calcificada em sua mente. Ele considerou o risco, desmontando fragmento por fragmento. Ele poderia estar muito errado sobre isso.

Mas ele nunca estava errado.

O reflexo leitoso de Dame Solstice apareceu no vidro quando ela entrou na sala. —A inspeção sanitária está em andamento, meu senhor. Os tolos do comércio serão presos em ferros e prontos para o transporte de manhã.

—Não. — Disse Jeryn. —Sem correntes.

—Senhor?

—Cordas, eu acho. Amarrar nós dignos da habilidade de um marinheiro. Faça as tropas de Verão mostrarem como.

— Sua Alteza... — A voz dela traiu a cautela. —Cordas podem não ser suficientes.

Jeryn assistiu os tubarões vagando soltos. —Eu sei.

CAPÍTULO TRÊS

FOGO

Eu queria minhas malditas roupas de volta. Eu as queria de volta agora!

Minha pele estava cheia de suor quando o homem me cutucou com dispositivos estranhos, coisas pontiagudas, coisas planas e coisas redondas. Um dos cavaleiros de capa roxa levantou uma tocha para ele e outro cavaleiro, uma mulher de linho, me impediu de fazer um trabalho monstruoso com o médico, enquanto as algemas cuidavam do resto.

Ele pegou minhas mechas cortadas e emaranhadas e verificou minha boca, orelhas e olhos - e meu pescoço, onde os símbolos foram pintados. A Coroa de Verão tinha videiras de sóis pintadas em todos os tolos, para nos identificar e impedir que nos afastássemos em uma fuga. Se os sóis se enrolassem nos tornozelos, isso significava que o prisioneiro era um simplório. Se ao redor dos pulsos, significava que o prisioneiro estava louco - louco, mas inofensivo, como meus companheiros de torre.

Um pescoço pintado significava outra coisa. Isso significava que o prisioneiro era um tipo perigoso de louco. Era o que esses patetas pensavam de mim.

O médico bateu levemente em meus seios e estômago nus. Quando ele afastou minhas coxas, eu me empurrei em sua direção, mas as correntes e a mulher de linho - eu a chamei de harpia - mantiveram um aperto firme. Bile fracassou na minha língua quando o médico me

examinou lá embaixo, a chama da tocha seguindo seus movimentos, iluminando-me para o mundo perverso ver.

O que o médico queria com essa parte do meu corpo? O que ele estava procurando? Eu estava destinada a um experimento de criação? Verão queria menos de nós, não mais. Eles se certificaram de que não podíamos procriar, mas talvez Inverno soubesse desfazer isso.

Pearl se abraçou contra a parede. Pyre estava com outros dois guardas, apostando em um duelo, um confronto entre Inverno e meu eu nu.

Arranhava e borrava com sujeira, puxei uma rajada de ar pelas minhas narinas. Lembrei-me de uma vida anterior a isso, uma vida de vagabunda de areia com mamãe e papai, viajando em nosso barco de passageiros e acampando nos confins do nosso reino, pegando peixes de areia preciosos, prêmios profundos sob a superfície. Tínhamos sabido navegar, dominar nós e tecer redes, porque essas eram habilidades comuns para cruzar as ondas. Mas nosso vínculo tinha sido com a terra - alcançando os cantos e recantos do Verão, as costas e ilhotas e os charcos, e explorando suas areias, descobrindo o que havia embaixo delas.

As paixões de mamãe e papai terminaram ali, pescando na areia e tirando dela. Eles se importavam com seus tesouros, as coisas escondidas dentro dele.

A areia em si tinha sido minha. Só a areia tinha sido o meu tesouro e, em vez de apenas tirá-la, eu a dei e me diverti, mergulhando nas dunas e rolando, os grãos grudando nas raízes dos meus cabelos. Eu fiz uma arte, correndo meus dedos pela areia flamejante para desenhar figuras - borboletas, sapos, grutas e cachoeiras - porque tinha sido minha coisa favorita a fazer, meu coração vivendo pelas manchas que brilhavam no

chão e varriam pelo vento como brasas. Eu me comprometi com a areia, e ela me confiou seus segredos.

Eu seria aquela garota novamente algum dia. E quando chegasse um dia, encontraria minha Ilha da Chuva Perdida e sua areia mítica.

O médico se levantou e limpou as mãos. —Nada. — Ele disse.

Eles levantaram um balde e jogaram água sobre minha cabeça, e eu fiquei rígida, porque era água! Era água limpa!

Alguém me limpou com um pano, me roubando a umidade. Um soluço endureceu, mas me perdi na garganta, a saudade tão grande que minhas mãos subiram ao meu rosto, onde restavam algumas gotas. Acima dos meus lábios, empoleiravam-se bolhas que estalaram no instante em que as encontrei.

—Dando a ela o tratamento real? — Pyre zombou.

—O príncipe os quer examinados e imaculados para o transporte —, explicou o médico. —Nós não precisamos de uma infestação.

O príncipe, pensei com outra onda de ódio.

Meus captores se desencadearam e me empurraram para uma roupa sem mangas, lavada e sem buracos, uma nuvem ao lado do trapo em que eu vivi.

Um soldado de Verão se juntou à festa, lutando comigo de volta às restrições, exceto que desta vez eles não estavam presos à grade - nem eram ferros. Eu declarei guerra quando o soldado pegava cordas, enfiando-as nos meus tornozelos e amarrando meus pulsos nas costas. Os cordões quebradiços arranhavam e se mostravam fortes nós - e eu reconheci a sensação deles, desses tipos de nós.

—Vamos. — Disse a cavaleira harpia, cutucando meu quadril em direção à porta da cela.

—Flare! — Pearl gritou.

A histeria era uma coisa alada, atirando-me e a Pearl pelo chão, onde colidimos e nos agarramos. Ela tinha sete anos quando nos conhecemos, aterrorizada e paranoica, tremendo muito severamente para que suas mãos realizassem trabalho, tornando-a inútil para o Verão. O que aconteceria com ela sem mim? Quem cuidaria dela?

Nós nos enrolamos em um candeeiro sobre as camas de algas, sobre as linhas do tempo que eu havia arranhado lá. Ela era minha amiga há seis anos.

Os guardas e cavaleiros nos separariam a qualquer segundo. Eu os ouvi vindo por aqui. Ela me abraçou com força e, com meus braços contraídos, enterrei minha cabeça em sua forma magricela.

—Pense na ilha. Pense na música. — Ela disse, e então algo sólido se encaixou no estreito espaço entre as cordas e meus pulsos.

Eles me arrancaram dela, me empurrando pela porta, longe das lembranças, do meu cobertor de algas, dos meus companheiros, do meu desenho. Passei a cabeça por cima do ombro, olhando para o teto, para o desenho. Sim, eu pensaria na ilha, na música e em seu segredo.

O grupo me arrancou da cela. Tornei difícil para eles, fiz com que eles trabalhassem para me mover, agitando-me como um peixe com rede, meus golpes procurando encontrar alguma articulação.

Foram necessários todos esses soldados e Pyre para me arrastar pelo corredor. Vendo a cova insondável da escada, uma concha que serpenteava para lugar nenhum, eu esculpi meus calcanhares no chão.

A cavaleira harpia me sacudiu. —Fique quieta, tola!

—Ou falaremos com seus amigos. — Acrescentou Pyre.

Então eu fui de bom grado, mas, para uma boa medida, sacudi a sua mão gorda e peluda do meu cotovelo. Nós descemos as escadas apressadamente, a pedra irregular sob as sandálias em que eles enfiaram meus pés. Andar tão longe sem bater em uma barreira, sem barras ou uma parede para me bloquear, era como caminhar em direção à extremidade do mundo. Em breve, eu poderia cair.

Uma corrente de ar correu para nos encontrar, surfando no meu cabelo e fazendo as pontas dançarem. As cordas me irritavam enquanto eu mancava ao longo do poço, o ar mudando de morno para torrencial, e a luz cresceu no final, e essa luz logo se tornou um portão, uma boca esperando para tossir.

Eu recuei, meu coração batendo forte, mas os cavaleiros me puxaram para a frente quando o portão se abriu, e nós derramamos sobre o limiar, e eu pisquei - e vi o céu, tanto céu. A escuridão tomou conta do amanhecer, um azul pesado e afogado com matagais de nuvens e pitadas de estrelas. A lua crescente me golpeou, machucando meus olhos, uma dor feliz.

A torre se conectava a uma passarela, um caminho de colunas que levava ao castelo. Parecia o mesmo de quando eu tinha dez anos, as pontes, torres, parapeitos e muros, as torres e bandeiras e a cidade baixa.

Eu ouvi, o rugido distante, o mar agitado. E onde o oceano morava, a areia também o fazia.

Pulei para a borda mais próxima, segurei um pilar e estiquei o pescoço para dar uma olhada na praia abaixo. A cavaleira harpia me agarrou pelos quadris, mas meu pé plantou contra seu rosto, sufocando-a. Com um rosnado, ela me puxou para fora da borda, me atirando para frente cada vez que eu girava para o outro lado.

Em vez de atravessar o castelo, descemos mais um lance de degraus do penhasco e caímos em um pátio. Meu olhar saltou, incapaz de absorver uma única cor ou perfume por muito tempo, samambaias de açafrão e flores de laranjeira liberando perfumes que enfraqueceram meus joelhos.

Guardas e cavaleiros cercaram outros prisioneiros. Eu conhecia alguns rostos da Torre dos Tolos, simplórios e loucos, provocando a guarda, ou sendo provocados pela guarda.

O médico de Inverno que colocou as patas em mim tagarelava anotações para um escriba. Pyre balançou os dedos pastosos em minha direção e voltou à torre com um pulo em seus passos, emocionado por se livrar de mim. Eu dei dez passos, ansiosa para dar uma mordida final naquele baiacu, mas a guarda me pegou e socou meus ouvidos.

Como se estivesse em minha defesa, o ar deu aos visitantes do Verão um tapa molhado e bem merecido. A lua desapareceria em breve e o sol nasceria, trazendo luz. Na praia, havia pescadores, pescadoras, marinheiros, fabricantes de cordas, tecelões de rede, armadores de navios e guardiões de répteis se preparando para o amanhecer.

Poderia haver um acampamento de vagabundos de areia nas proximidades.

Eu segurei as lágrimas.

Eu segurei os punhos. O príncipe apareceu de uma porta em arco do pátio. Os guardas e cavaleiros formaram duas fileiras, criando para ele um caminho de peitos e queixos - um beco de cretinos armados em homenagem ao cretino mais poderoso de todos.

Minha garganta doeu. Eu ainda sentia seus dedos lá.

Com a gente, vermes tolos, levados para o lado e forçados a ficar de joelhos - quantas vezes eu teria que me ajoelhar para ele? - ele marchou

pelas fileiras, com a presença de homens e mulheres envoltos em roupas, funcionários ou conselheiros ou nobres.

Alguém latiu para os prisioneiros, dizendo para mantermos nossas cabeças inclinadas, mas eu mantive minha cabeça erguida, espiando pelos meus cabelos. O jovem príncipe olhou para a frente, seu olhar distante, seu passo dominante. Alguns fios de sua juba azul voaram de onde ele a amarrava, os fios errados varrendo sua testa e ombros indiferentemente.

Ele começou a passar por mim, sua capa enfeitada de pele balançando em volta das pernas. Mais uma vez, como ele aguentava esse calor? Perdi a chance de refletir, porque uma menininha ao meu lado se espantou e acariciou a capa do príncipe como se fosse um animal de estimação.

Eu bati meu ombro no dela, empurrando seus dedos dele. A criança espiou, e eu balancei minha cabeça para ela, murmurando: *Não. Ele vai-*

Algo a distraiu, erguendo os olhos, e eu girei. O príncipe olhou para nós, suas feições se recusando a se transformar em qualquer tipo de emoção, realmente nenhuma emoção.

Um cavaleiro Invernal flexionou o braço para golpear a garota. Lancei-me sobre ela, atrapalhando o aríete, mas o príncipe ergueu a palma da mão, permanecendo o cavaleiro. A garota saiu de baixo de mim, procurando outro olhar do príncipe, que... ofereceu a palma da mão que ele levantou. Embora mais alto que a maioria dos homens, com a promessa do corpo de um guerreiro, ele tinha as mãos de um herdeiro, com meias luas polidas e pele sem cicatrizes.

A criança colocou os dedos gordurosos nos dele, e eu mordi minhas unhas no chão ao me lembrar do que ele havia feito comigo e meu pescoço. Eu me preparei, esperando por aquele truque sinistro, mas ele

não a machucou. Ele apenas torceu o pulso da garota, palma para expor os calos e bolhas da tecelagem e depois afundou ao nível dela, de modo que ouvi o esticar de suas botas de couro macias. Ele arrancou a ponta da capa e mostrou para ela, e ela estendeu a mão para escovar o pelo, uma risada enferrujada ranger de sua boca enquanto o príncipe lhe permitia sentir o que devia ter sido uma suavidade de um cobertor.

Seus olhos dispararam para o lado, em direção aos meus pés de sandália e unhas dos pés sujas de terra. Ele franziu a testa e se levantou, o movimento arrancando o pelo da mão da criança, a bainha da capa golpeando pedrinhas em nossos rostos enquanto ele se afastava.

A garotinha baliu de decepção. Nem uma vez ele olhou para mim. Se ele tivesse, eu teria tirado seu sangue.

Pavões itinerantes saíam do seu caminho. Com seus oficiais, ele subiu as escadas para a colunata da Torre dos Tolos, onde apoiou o ombro em uma coluna e cruzou os braços. Ele balançou a cabeça, e os homens de armas o alcançaram, permitindo dribles de água e caldo de peixe - porções escassas, mas comida da mesma forma - que eu engoli sem provar. Eles checaram nossas cordas, apertando-as com cuidado enquanto o príncipe observava.

Franzindo a testa, me virei e inclinei minha cabeça em direção ao oceano distante. As ondas pareciam inquietas, uma grande antecipação... do quê?

Um calafrio escapou do meu traje por trás. Estremeci, imaginando olhos negros, como anéis de gelo, fixos em mim. Eu me refugiei na areia que espanava os dedos dos pés, mexendo os pés e acalentando a sensação, sabendo o momento em que o calafrio desceu das minhas costas e que o olhar real não estava mais interessado em mim.

Os cavaleiros nos levaram pela mesma porta que o príncipe havia saído. Isso levou a túneis subterrâneos repletos de tochas, e embora eles pudessem me chamar de tola, tudo o que eles queriam, eu entendi o propósito desses canais, por que viemos aqui durante o último suspiro da noite, à beira do amanhecer. O Comércio de Loucos era um diabo legal e ritualístico, mas não era um desfile. Mamãe e papai me disseram que é por isso que os navios das outras estações se mudariam para as docas particulares afastadas do cais, para terminar a troca. Os túneis nos guiariam até lá, até a embarcação de Inverno e nosso futuro abate.

Eu olhei para as cordas que circundavam meus tornozelos, o rosnado de voltas e reviravoltas. Sim, eu conhecia esses nós. Eles enganaram os olhos não qualificados, aperfeiçoados pelos homens de armas de Perilyn, o comércio de pesca e o comércio de vela e os praticantes de areia que sabiam trabalhar em um barco, como mamãe e papai - como eu.

Nas minhas amarras, Pearl deslizou a concha que eu usara para desenhar minha Ilha da Chuva Perdida. Foi o que senti quando ela me abraçou, seja por conforto ou como arma. Era afiado, mas não tão afiado, para que não fiasse cordões grossos. No entanto, tive uma ideia mais interessante.

Eles restringiram meus pulsos, não meus dedos. Eu poderia alcançar a concha.

Fui designada para a mesma cavaleira harpista da torre, que apertou os dedos em volta do meu braço, que bufava e bufava, e que continuou empurrando seu olhar fixo para as amarras de todos. Eu não tinha ideia do por que o príncipe havia encomendado cordas em vez de ferros, mas ele deve ter contado com o fato de estarmos muito bobos, muito ocupados

rindo ou chorando, ou jogando ataques ou balbuciando, ou mastigando nosso próprio ranho, para desvendar um nó que a maioria dos cidadãos de Verão não conseguia resolver.

O que ele não contava era com a filha de vagabundos de areia.

Meus dedos se esticaram, mexendo até encontrar a concha. Eu balancei, joguei aos pés da minha acompanhante, depois arregalei os olhos, fingindo que tinha deixado cair por acidente. A harpia me soltou. Ela arrancou as evidências do chão, observou as bordas cortadas e olhou com raiva.

Eu me abaixei, submissa, quando ela me bateu na cabeça. Arremessando a concha e moendo-a sob os calcanhares, ela relaxou depois disso, suas feições pastosas apontadas para outro lugar, as mãos cerradas ao lado do corpo. Ela não esperava me pegar duas vezes.

—Praga —, ela pronunciou para si mesma. —Pensou que isso te libertaria?

Não, pensei. *Isso* não iria.

Atrás de mim, meus dedos acariciaram o nó.

CAPÍTULO QUATRO

GELO

Jeryn deslizou o polegar sobre o frasco pendurado no pescoço. O médico da corte do Verão praticava em um santuário de vidro, suspenso sobre uma das piscinas internas do castelo. O médico havia sido chamado para o serviço, fazendo rondas, entregando tinturas e rascunhos. Qualquer outra pessoa não deveria ficar aqui sem consentimento.

Ser um príncipe tinha suas vantagens.

Sem dúvida, o local proporcionava consolo visual para os enfermos. Insuficiente de todas as outras maneiras, com a falta de armários trancados, rolhas resistentes ao ar e, durante toda a vida dele, estações de limpeza. Com muita frequência, os curandeiros descartavam a noção de lavar as mãos. Idiotas.

Jeryn desistiu de segurar o pingente. Ele bateu em seu peito enquanto ele caminhava para um abrigo cheio de garrafas, jarros, garrafas de vinho. Afastando os recipientes, encontrou um frasco em miniatura de líquido fosco. Um azul suave, lacteal. Indispensável.

Ele deveria saber. Ele o criou.

Ele trouxera seu próprio suprimento, mas isso estava fora de alcance no momento, tendo sido devolvido ao navio de Inverno com o resto de seus pertences.

Talvez essa necessidade atual se devesse a ver os tubarões ou a lidar com os prisioneiros. Ou tinha a ver com o rei Rhys, especificamente a palavra que ele usara para descrever a família de Jeryn. A palavra "devoção".

Seu olhar passou rapidamente pelas paredes, procurando transeuntes, fofocas, espiões. Não encontrando ninguém, ele abriu a garrafa e deixou cair uma gota na língua. Ficou ali por um momento, como uma lágrima teimosa, depois deslizou. Ele engoliu em seco e fechou os olhos. Muito melhor.

Uma porção de reposição para o frasco, caso ele o exigisse e não conseguisse localizar seus cofres no navio. Então ele devolveu o líquido à prateleira.

O transporte sairia em breve. Jeryn ficaria ocioso até então. E que lugar adequado para ele fazer isso.

Ele preferia laboratórios a tronos, mas era conveniente ter os dois. Mais do que governar, ele queria curá-los. Mais do que curá-los, ele queria consertá-los. Mais do que consertá-los, ele queria consertar a natureza. Para descobrir suas peculiaridades e agendas. Para comandar suas propriedades. Para entender o absurdo.

Ele teve prazer em forjar aditivos em medicamentos, eliminando a pontada de doença. Corrigindo os erros.

No trono, ele teria menos tempo para fazê-lo, mas uma opinião maior sobre como isso seria feito. Além disso, médicos e cientistas continuariam implorando sua assistência, impressionados com sua juventude, como ele absorvia o conhecimento médico como ele havia crescido: desproporcional ao que ele deveria ser capaz na idade.

Jeryn possuía uma fluência nas raízes de todas as Estações. Salgueiro, uma planta universal melhor para deixar uma pessoa inconsciente durante cirurgias. Milefólios, amoras. Samambaias e cascas do Verão. Trigo do outono. Azevinhos do Inverno.

Cada reino tinha seus próprios curandeiros e remédios, mas nenhum poderia produzir os tratamentos potentes e convenientes da terra de Jeryn. Flutadeno para febres, Helitanna para matar infecções, Immuphine para esterilizar feridas.

As estações forneciam plantas para o Inverno, recebendo remédios avançados em troca.

Quanto ao estoque de tolos de Inverno, o processo era direto. Como acidentes do mundo natural, eles foram feitos para trabalho e pesquisa. Ou, se incompetentes, indomáveis ou inviáveis de testar, eles eram descartados. Usado como chamariz para a caça. Comum.

Sobre uma mesa, pendia uma lanterna de papel, um sol estrelado pintado em sua superfície. Desembainhando o bisturi no quadril, Jeryn distraidamente traçou o símbolo do verão com a ponta da lâmina.

Que uso indevido das reservas de Perilyn para pintar tolos nos tornozelos, pulsos, pescoço. Um fugitivo poderia esconder esses lugares sob um par de mangueiras, um par de luvas, um xale. A casa de Jeryn os marcou onde contava: entre as sobrancelhas. Dessa forma, os perseguidores saberiam para onde olhar. Ou, se necessário, onde atirar.

Nessa pontuação, os símbolos do Verão precisariam ser removidos. Para ser trocado por símbolos do Inverno.

A porta se abriu atrás dele. Passos martelaram na sala.

Ah. Na verdade, ele nunca estava errado. Provavelmente, isso tinha a ver com as cordas. Um dos tolos deve ter cedido à tentação e tentou fugir.

—Senhor, há um problema. — Soltou Dame Solstice.

—Qual deles?

—A muda.

Ele olhou para o lado, atento.

As palavras da cavaleira ficaram no ar. —Ela escapou.

Então ele estava certo. Embora ele devesse ter previsto, seria aquela garota louca estúpida. Na cela, ela exibiu uma temeridade que fez sua pele arrepiar.

Com a luz, Jeryn seguiu o contorno frágil do sol com sua lâmina, visualizando a tinta em volta do pescoço dela. Ele comentou: —Ela não vai longe. Não debilitada por essas amarras.

—Ela não tem amarras, senhor.

—O que?

—A muda... ela as removeu.

—Como assim, ela as removeu?

Ele não levantou a voz. Ele não precisava.

Solstice ficou quieta, muito diferente dela. O inquérito pendia de Jeryn, desajeitada e sem lugar para pousar.

—Senhor, eu não sei. Um momento, ela estava lá e depois não estava. Encontramos as cordas descartadas nos túneis.

Seu pulso tremeu. A lâmina cortou o sol.

Ele havia danificado a luz. Uma pena.

—Garanto-lhe que os guardas de Verão reforçar os nós —, Solstice se apressou em explicar. —Eles estavam seguros.

Ela se absteve de dizer que o havia avisado.

Delicadamente agora. Jeryn *gentilmente* empurrou o bisturi de volta em sua bainha enquanto se endireitava. —Mostre-me. — Disse ele.

Solstice levou-o profundamente. Ele esteve aqui antes, antes de fazer sua aparição acima do solo, percorrendo a área enquanto o comboio conduzia os tolos ao pátio. As cavidades começavam em um cruzamento e se espalhavam como dedos em três direções. Tinha que haver mais em todo o reino de Verão, no entanto estrangeiros como ele não teriam conhecimento do paradeiro deles. Naturalmente, em caso de guerra.

Isso deixava essas três rotas da Comércio dos Tolos. Eles cheiravam a peixe e poças de mijo.

Solstice listou os detalhes de eventos recentes, informando-o de que o resto dos prisioneiros esperava a bordo do navio. Enquanto isso, as sobras das tropas de Verão e Inverno pairavam no centro, desperdiçando tempo culpando um ao outro pelo desaparecimento da muda. A disputa terminou com a chegada de Jeryn.

Ele estendeu a mão. Um deles entregou as cordas descartadas na mão. Elas caíram lá como cobras mortas. Moles. Patéticas.

Menos formidáveis que os ferros, essas ligações tinham sido dispositivos para investigação. Elas foram feitas como uma tentação, uma ilusão de fuga, *não* a *realidade.* Aqueles tubarões o haviam feito pensar, calcular e fazer hipóteses. Antes de sair do porto, ele achou que seria benéfico conduzir um teste e avaliar os limites dos tolos do Verão. O que

os induzia a agir. Quanto eles poderiam ser controlados. Ele queria ver se alguém tentaria fugir, para saber o que esperar de cada sujeito. Obediência ou o oposto.

No último caso, eles tropeçavam enquanto estavam amarrados, já que as cordas eram leves o suficiente e davam um pouco de folga. Os prisioneiros não deveriam ir longe, muito menos soltar as cordas com sucesso. Ou pelo menos ele havia estimado.

Ele não havia viajado para Verão com esse experimento em mente, assim como não havia planejado deixar aquela diabrete simplória colocar as mãos em sua capa de pele. No pátio, a muda com o pescoço pintado tentara proteger a criança de ser atingida. A segunda vez que ela agiu assim por alguém mais jovem e mais frágil que ela.

O primeiro caso havia sido um teste. Na torre, ele queria saber o que ela faria se fingisse interesse em sua colega de cela. Como ela responderia.

O segundo caso foi um acidente. Ele queria outro olhar para ela, apesar das testemunhas. A criança simplória tinha sido uma desculpa decente para se aproximar da garota louca em público.

Apenas uma desculpa. Certamente.

A garota louca já havia sido banhada até então, mas ainda fedia, o fedor dos olhos praticamente tóxico. Ele pensou em sua pele escura e cabelos escuros. Traços comuns dos cidadãos de verão, exceto por seus olhos dourados. Ela podia ser muda, mas ela tinha jogado suas emoções nele com aquela cor excepcional. Ela era fogo.

Ele se concentrou nas cordas. Não havia sinais de que uma adaga tenha sido usada. Ela fora esperta o suficiente para desfazer os nós manualmente. À meia-luz, pelas costas, sem poder ver o que estava

fazendo. Estações, ela poderia muito bem ter conseguido isso com os olhos vendados. Ela fez e depois não fez o que ele esperava.

Se ele tivesse capacidade, ele teria sorrido. Os tolos raramente o impressionavam fora do gênio inexplicavelmente e injustamente distribuído.

Ela era uma tecelã? Não. As crianças simplórias realizavam essa escravidão.

O comércio de pesca ou vela? Possivelmente. Ou uma vocação semelhante a isso.

Jeryn bateu seus lábios em pensamento. Aquele bruto de um guarda da torre a chamara de vagabunda de areia, um daqueles viajantes que prevaleciam no verão. Pelo que ele sabia, que era limitado, eles passavam a maior parte do tempo em terra, explorando a pé. Mas eles também usavam barcos para grandes distancias, já que a maioria das regiões externas do reino só era acessível através de corpos d'água.

Ele descartou esse tédio. Sua educação não importava. O que importava era levá-la para um laboratório. Ah, e como ele faria.

—Seu idiota —, Sir Indigo de Inverno falou asperamente para o Verão. —Você disse que os nós eram...

—Nossos nós não foram o problema —, disse um cavaleiro Perilyn. —Se o seu primeiro em comando tivesse mantido seu olho na tola, isso não teria...

—Quieto! — Jeryn estalou.

Os túneis jogaram sua voz de volta para ele. A comitiva ficou em silêncio, principalmente os homens e mulheres sob seu domínio. Não era só porque ele havia dito. Era porque nada, e ninguém, jamais havia tentado sua paciência antes.

Sua testa latejava. Outro efeito colateral sem precedentes deste incidente.

Solstice ganhou o seu lado. —Vamos alertar o rei e tocar o alarme.

Jeryn ruminou. — Isso incitará pânico desnecessário.

Indigo zombou. —Sem sedativos. Sem correntes. Sem alarme. Sua Alteza, isso é loucura.

Jeryn jogou as cordas no chão, coisas inúteis. Ele fez isso sem pressa, para que parecesse que ele não tinha ouvido. Então ele rodou toda a sua altura no cavaleiro, um homem quatro anos mais velho.

Solstice ficou tensa, o que assustou o resto do grupo.

Jeryn caminhou até Indigo e perguntou: —Quando você diz loucura, será que você está se referindo a mim e não à prisioneira?

Ele empalideceu. —Claro que não, Alteza.

—Entendo. Porque, por um momento, pareceu que você estava questionando meu julgamento. Mas isso não poderia ser —, ele insistiu, em doce aviso. —Nenhum cavaleiro cometeria esse erro. Não na minha cara.

Jeryn olhou. Indigo pigarreou.

Jeryn seguiu em frente, perguntando sobre trilhas, para as quais um cavaleiro de Verão confirmou que o chão era de pedra por toda parte. Para o caso de testemunhas, testemunhas *idiotas*, as que obtiveram respostas sólidas alegaram não ter visto nada.

Ele passou o dedo pelo topo da bainha da lâmina. —Pergunte a eles novamente —, ele instruiu Indigo. —*Certifique- se* de que eles respondam.

O homem fez uma mesura. —Senhor.

—E Indigo? — ele disse, atrasando o cavaleiro. Mais uma vez, lembrou-se da criança simplória e de como a muda protegera a pequenina

com seu corpo. Ele pensou na risada da criança enquanto ela admirava seu pelo. Ele pensou em tudo isso e enfatizou: —Não as crianças.

Por alguma razão ridícula, ele sempre se mostrava indulgente com os pequenos. Desenhando a linha lá. Isentando-os. Eles eram necessários para estudos de crescimento, mas esses procedimentos eram inofensivos. Jeryn havia estruturado dessa maneira, não tolerando nada mais severo. Ele não conseguia entender o porquê.

Depois que Sir Indigo partiu, um cavaleiro de Verão encontrou sua voz o suficiente para se opor. —O alarme soado chifres ilustrariam a vontade do rei, Alteza.

—Anunciaria sua idiotice —, respondeu Jeryn. —Ele não gosta de ser feito idiota. A propósito…?

—Nem você. — Recitou Solstice.

Correto. Ele realmente odiava ter que expelir tanto ar.

Ela transmitiu o resto de seus pensamentos. —A muda está faminta. Ela ficará assustada, lenta e sem direção. Suas opções nessas passagens são limitadas.

Jeryn inclinou a cabeça para eles irem. Os homens de Perilyn trocaram olhares, debatendo entre si antes de concordar com seu pedido. Eles alertariam Sua Majestade no caso de não conseguirem encontrar a garota tola em meia hora. Como se precisassem de tanto tempo.

Eles se espalharam e se espalharam. Dame Solstice permaneceu para a proteção de Jeryn, que ele recusou com um floreio de seus dedos. — Apenas pegue ela.

Ela hesitou, depois correu para se juntar à sua companhia, atravessando o túnel oeste. Sozinho, Jeryn investigou os

corredores. Pensando, avaliando. Seu primeiro em comando admitira um acidente, que a garota tola havia conseguido distrair Solstice com uma concha lascada e se esgueirou sem ninguém ver. Segundo relatos, a tola havia cansado os guardas e cavaleiros mais cedo, exigindo vários pares de mãos na torre.

Uma tola nascida equipada para conhecer o caminho de um nó. Uma habilidosa. Uma defensiva, protetora de sua raça... sua raça. Sua colega de cela na Torre dos Tolos, a quem ela obstruíra da vista dele.

Ele girou e voltou atrás. Ela não partiria em direção à saída, na direção do navio. Ela faria a entrada. Ela tentaria ser uma heroína.

As chances eram de que a imunda muda ainda não havia chegado ao pátio. Ele emergiu, notando as duas sentinelas, seu ritmo sem angústia. Ela não poderia, *não* poderia, ter conseguido passar por eles.

Ela poderia? Aquela criatura mísera? Os ratos encontravam seu caminho através de qualquer coisa.

Era uma área grande e luxuriante, com espaços suficientes para rastejar. Ele ignorou as saudações, seguiu os caminhos, golpeou as palmas das mãos. Em vez de pegar sua presa, ele se imaginou como o roedor nesse labirinto. Quanto mais ele procurava, mais irritado ele ficava.

Um som de aviso percorreu o reino. Aqui, eles preferiam um chifre a um sino tradicional. Equipado na torre de patrulha, o dispositivo despertou Perilyn com um bocejo fantástico. Para dizer o mínimo, o ruído desagradável não se adequava ao conceito de alarme.

Uma legião banhada em aço invadiu os parapeitos, torres, baluartes, pontes, colunatas. Trinta minutos devem ter passado sem que ele soubesse. Os atendentes de Verão mantiveram sua palavra e relataram a

libertação de uma garota louca. O rei Rhys ficaria roxo por causa disso. Saliva voaria.

Bem. Jeryn teria que lidar com ele. Mas primeiro, ele atravessou o pátio, concluindo sua busca. Afinal, ele iria para a torre.

Então, novamente... ele pensou em voltar. Aquela tola louca tinha inclinado a cabeça neste lugar, sentindo uma entidade que ele não tinha sido capaz de identificar. Uma percepção intangível, provavelmente primitiva. De sua posição na passarela, ele a viu se virar não em direção ao castelo ou suas cidades, mas em direção à praia abaixo.

Intrigado, Jeryn seguiu sua trajetória anterior. Ele se fixou em um ponto além da borda de pedra, a alguns metros do precipício. Uma sombra em descida desenfreada em direção ao cinturão de areia no fundo. Não resgatando seu companheiro de cela, parecia. Ou percebendo que ela não podia.

Se ele corresse para os guardas, poderia perdê-la de vista. Ele soltou o casaco de pelo, deixando-o cair e passou as pernas pela borda. Jeryn carregava o sangue de Inverno nele. Ele veio de uma terra de estudiosos e cientistas, mas também de uma terra de caçadores. Ele agarraria essa garota pela nuca e depois exercitaria sua paciência com ela.

Sim, ela era fogo. No entanto, ele se lembrou do jeito que a sufocou, apagando a chama antes que ela crescesse. Porque esse era o problema do fogo: precisava de ar.

CAPÍTULO CINCO

FOGO

Eu precisava de ar. Minha garganta encolheu quando me abaixei. Além disso, eu precisava de algum lugar para pousar meus pés danados, porque um pé danado e o outro pé danado pendiam do penhasco. Meus dedos mordendo a cordilheira não durariam muito mais tempo me segurando.

Em outro toque do chifre, meus joelhos bateram em pedra. À minha esquerda, capacetes e espadas apareciam no topo das torres e nas brechas das ameias. A cidade baixa brilhava, suas casas e chalés espalhados por toda a extensão, conectados por escadas e pontes. Velas brilhavam das janelas, olhos ardentes que procuravam alguém que se soltou, que ninguém ouviria, mesmo que ela pudesse falar.

A Torre dos Tolos pairava no alto, e as lágrimas embaçavam minha visão, porque Lotus, Ashe e Reef estavam lá, porque ninguém os libertaria e ninguém os ajudaria, porque ninguém os *via*, ninguém os olhava, nem os ouvia, e não era justo, e eu queria fazer alguma coisa, mas não podia fazer nada, porque estava ficando sem tempo.

E Pearl, minha amiga, minha melhor amiga - desculpe-me, desculpe-me, e meu coração se partiu de tanto arrependimento, porque eu tentei voltar para ela, eu realmente tentei, mas não consegui. Eu falhei com ela.

No túnel, eu havia me libertado das cordas e me arrastado para trás, desaparecendo quando o rebanho de prisioneiros avançava pesadamente

por uma passagem. Eu refiz o caminho, corri de quatro para o pátio, me escondi atrás das samambaias de açafrão e depois deslizei para além das sentinelas. Eu quase tinha chegado às escadas da passarela, da torre, jurando a Pearl que estava indo atrás dela, que iria cobrar em Pyre e finalmente ganhar contra ele, e então usaria o taco dele para bater o outros guardas inconscientes, e eu vasculharia seus chaveiros até encontrar o certo.

Os chifres haviam me parado. Eles entraram nos meus ouvidos, me levando para longe dos degraus e para o pátio novamente, para os arbustos. Havia tantos homens e mulheres gritando, batendo de um lado para o outro, formando uma parede na entrada da torre. Então eu provei o vento, segui e o vi. O príncipe saiu pela porta do túnel, seu rosto frio perfurando as sombras do pátio, atravessando-as.

Pearl, pensei. Eu tinha que passar por ele, além dos guardas, além de todos para alcançar Pearl!

Mas outra rajada correu para mim. Olhei para minhas mãos, sem armas e tremendo, enquanto o ar carregava o perfume de areia e águas mágicas, lembrando-me do meu segredo. Era um sinal de alerta, ou uma convocação, ou ambos. A Ilha da Chuva Perdida estava me chamando, dizendo que era tarde demais para salvar alguém, que eu nunca encontraria meu refúgio algum dia, não se não fosse embora, se não fosse agora - se não ficasse longe do príncipe perverso.

Eu me arrastei na direção oposta, e eu estava escapando bem, cobrindo o penhasco rapidamente. O problema era que eu havia escorregado. A razão era que eu tinha visto o príncipe voltando.

Eu o vi agora, seus braços reais e membros de Inverno agitados atrás de mim, o rabo de seus cabelos azuis girando, iluminado pelas tochas do

castelo. Ele deve ter se livrado do pelo, porque seu volume maciço carecia dos contornos espinhosos que eu deveria ter visto à luz do fogo.

Ele acalmava a tarefa, como se movia sobre o peito musculoso do penhasco. Honestamente, eu esperava que ele deixasse as massas me pegarem, para que ele pudesse voltar à sua refeição noturna de caveiras de tubarão.

Nesse momento, meus dedos do pé descobriram um sulco para se instalar. Lá eu rasguei, rasgando as rochas adornadas de grama, de uma cordilheira para a seguinte, para a próxima, para a próxima, pedras pulando de seus poleiros e ricocheteando na minha cabeça.

Os respingos de sal me atingiram quando eu caí os últimos dois passos, reunindo-me com a praia em uma pilha de trapos entre os berbigões. Me arrastando, minhas mãos afundaram na areia.

Areia!

Areia fazendo cócegas em meus dedos e embalando meus tornozelos!

Meus dedos enrolaram nos flocos, pegando-os e segurando-os no meu rosto. Abrindo minhas mãos, eu as observei desmoronar, borrifando o ar e subindo no meu colo. Eu fiz isso de novo e de novo.

Um whoosh gigante me enviou girando e arrancando meu cabelo do meu rosto. O oceano corria adiante, comendo a costa, engolindo toda a minha visão. À luz do dia, seria azul claro até o meu umbigo, um lar de corais, estrelas e cavalos. As gaivotas de Perilyn circulavam, as velas inchavam, as redes entravam na água, os peixes eram capturados e a areia brilhava como cinzas caídas do sol. Pelo menos, em uma manhã ensolarada, seria.

Xales de nuvens invadiram o céu, e as ondas se viraram, reunindo aquelas nuvens que giravam como uma nuvem densa à beira de um amanhecer turbulento. Toda estação tinha suas tempestades. O Verão chegava com frequência e era imprevisível para o minuto, e essa era a inquietação que eu sentira no pátio.

O castelo, a cidade, o cais e o membro da realeza me encurralaram em todas as frentes, mas deixaram o mar. Mas se a ressaca me devorasse, seria mais divertido do que o príncipe ter minha garganta pintada em uma vala.

Ele desceu o penhasco e, quando sua cabeça azul balançou em minha direção, eu acenei. Acenei e mostrei meus dentes, muitos dentes, e embora ele não pudesse vê-los, ele *podia* ver minha mão batendo.

Por aqui, seu imbecil! Chamei.

Ele parou enquanto agarrava a pedra, seu corpo torcido na minha direção. Eu esperava que isso desse a ele uma pontada no pescoço, naquele ângulo.

Se eu me escondesse em um arbusto no pátio, para evitar um garoto determinado a me enlaçar, não faria sentido eu acenar mais tarde na praia, quando eu tivesse a chance de fugir. Sinalizá-lo poderia lhe dar a vantagem.

Mas se aquele garoto já tivesse me visto, estivesse correndo atrás de mim, e eu ficaria exposta perto do amanhecer, acenar poderia distraí-lo. O garoto poderia ficar tenso, e eu poderia levar esse instante para atrapalhá-lo pela segunda vez. Ele esperava que eu corresse para a esquerda ou direita, ao longo da costa. Ele não esperava que eu girasse em direção ao oceano, e ele não teria chances de eu chutar minhas sandálias e correr pela

areia e mergulhar, desaparecendo em um abismo. Se eu nadasse longe o suficiente, ele não seria capaz de ver para onde eu tinha ido.

O calor líquido me pegou em seus braços, e enrolou suas ondas em volta de mim, e me pressionou. Essa grande força rolou, levando-me com ela, minhas pernas e braços bombeando. Prendi a respiração, o que foi difícil, pois eu queria rir.

Minha cabeça rompeu a superfície, meus lábios sugando ar. Eu tinha viajado para mais perto do cais, então continuei cortando as ondas em direção às silhuetas ondulantes de pranchas, mastros e aprestas. Da manobra à maciça, borrões se transformaram em barcos e embarcações de verão, para trocas, comércio e expedições. Alguns eram magros, construídos para travessias dentro dos rios do reino e das piscinas internas do castelo, globos de luz balançando em suas proas. Alguns eram longos e rasos, equipados com uma dúzia de remos e feitos para cortar as águas, os arcos se curvando como caudas de cavalos-marinhos. Alguns tinham corpos maiores que as baleias, com velas finamente cortadas e rodas ensolaradas.

Os vasos gemeram sob o peso deles. Embora sentinelas patrulhassem as docas e os cais que se estendiam sobre a água, não havia muitos corpos armados, não tantos quanto na cidade, nem no castelo, nem nos túneis, onde eles me antecipavam.

Nenhum acampamento de vagabundos de areia adornava a praia, o que significava que não havia turistas. Mas o barco de mamãe e papai havia sido tomado depois que nos pegaram, e os cais mantinham os navios de prisioneiros em docas solitárias. Geralmente eles eram leiloados ou vendidos, mas se não desejados - digamos, um barco de propriedade dos

pais de um tolo - eles permaneceriam propriedade da monarquia, deixados isolados e sem uso.

Onde, nessa massa, isso estaria? Onde eles guardariam os abandonados?

Com minha cabeça acima da água, meu nariz batendo no molhado, deslizei entre os cascos dos navios, pressionando minhas mãos em seus ventres. Uma onda me enviou em direção a um poste com algas e eu mergulhei antes que a água pudesse me bater nele.

Ressurgindo, e afundando de novo e de novo, eu procurei, quase batendo minha cabeça em uma popa, e depois quase sendo esmagada quando dois barcos bateram. O mar empurrou algo para mim, algo com cantos, batendo no meu braço, mas eu continuei, continuei. Meus pés puxaram a água, e a água me jogou como uma bola em resposta. Isso me tirou o curso mais de uma vez, e eu tive que lutar de volta, procurando a doca certa entre as erradas.

Do meio para a periferia, olhei, agarrando-me às ondas e às vezes à beira de um navio, afundando ali para recuperar o fôlego, minha fé e força desaparecendo, porque talvez o barco não estivesse aqui. Talvez tivesse sido movido ou queimado ou desmontado - ou realmente vendido.

Se precisasse, roubaria um barco diferente. Mas eu fui para outra rodada de qualquer maneira, porque os vagabundos de areia não desistiam assim, e minha família não desistiu assim, mesmo que meu corpo quisesse e meu coração estivesse prestes a desistir. Se o barco estivesse aqui, poderia estar esperando por mim, esperando ser encontrado, se ao menos, se ao menos. Eu me guiei aqui e ali, aqui e ali, aqui e... ali!

Aninhado entre os gigantes e preso a um esboço, estava o pescador - nosso pescador - uma carroça flutuante da cor de malmequeres. Reconheci a cabine superior do convés, o teto arqueado como um carrinho de vendedor ambulante e encimado por duas velas quadradas, com uma terceira na popa. Abaixo do convés, haveria uma cabine para dormir, nossos paletes separados pelas cortinas de miçangas da mamãe. Na popa, um alçapão levaria a ferramentas de pesca e baús extras para guardar tesouros e preservar as capturas exóticas de sal.

Caçar peixe precioso era um negócio bagunçado e fedido, e nosso navio era de tamanho modesto. Caçamos apenas um ou dois bajuladores de moradores de cada vez, no final de nossas viagens, para que o transporte fosse fresco quando atracássemos em algum lugar do continente. Isso tornava mais valioso nos mercados.

Seis anos depois, o barco estava aqui, de aparência cansada e provavelmente colonizada por mariposas e bolor, mas não desesperado. Os armadores de Perilyn construíam os maiores e mais mortais navios dos quatro reinos.

Eu me afastei do lado. Gnchos emolduravam a porta da cabine superior, com o objetivo de segurar luminárias naquelas noites calmas, quando papai cantava e mamãe esfregava óleo de semente de carmim em uma rede recém-tecida. Uma onda de saudade de casa me envolveu quando entrei na cabine, recebida por um odor de mofo. Essa sala havia sido usada para planejar viagens, contar histórias e comer e descansar entre as tarefas. Nós a decoramos com troncos pintados, e as enchemos com almofadas vivas, e as colocamos em pedaços de pano estampados.

Montado na parede, encontrei o par de lanças de papai. Acariciei meus dedos pelas formas delas, sentindo sua suavidade desgastada pelo

tempo, depois me enrolei no chão entre os travesseiros mastigados por larvas e abracei as lanças no meu peito. Eu as abracei e implorei seu perdão, porque não podia implorar a mamãe e papai, porque eles se foram, por causa do que eu fiz. E porque eu fui pega.

E então Verão me jogou em uma gaiola.

O alarme do castelo me arrancou disso. Saí da cabine, aliviada pela falta de tochas, comoção e príncipes, e desamarrei o barco, despedindo-me do cais. Meus dedos formigavam enquanto eu trabalhava no cordame, meu coração frenético me avisando para ter cuidado, rápido.

Eu sabia sobre os barcos pescadores, sobre suas costelas e ossos. Meus pais me ensinaram como dominar as ondas e encontrar o meu caminho, mas eu tinha dez anos na última vez que fiz isso e tive que despertar o conhecimento, atrapalhando o meu caminho através de coisas pelas quais nunca tive que me atrapalhar antes.

De longe, as velas bateram e cavalgaram na corrente, e quando eu bati em uma linha invisível, as ondas entraram no barco. As nuvens bateram na cabeça, vento e água batendo nas minhas bochechas. Eles empurraram, e eu empurrei de volta, puxando a cana do leme. A maré subiu e derrubou o barco com um aplauso louco, e repetiu, repetiu. As ondas encharcaram meus trapos, amarraram meus cabelos nas bochechas, juntaram-se no convés e fizeram centenas de outras coisas que passaram.

Eu poderia deixar o oceano me levar, deixá-lo afundar e ficar feliz em flutuar em seu colo para sempre, onde ninguém me encontraria ou me pegaria. Mas havia mamãe e papai, Pearl e areia para se preocupar - e a ilha.

Na minha cabeça, Pearl cantou.

Não procure, não encontre, a Ilha da Chuva Perdida.

Sol conduz, raios amarelos, a Ilha da Chuva Perdida.

As idades passaram - eu provavelmente já envelheci neste barco agora - até que uma fatia de sol jogou raios através das ondulações.

Segurei o leme. As letras de Verão e a voz de Pearl agitaram dentro de mim. Antes de apodrecer naquela cela, eu tinha visto aquelas letras escritas em uma praia. Alguém sem nome, um esquipador ou um andarilho, rabiscara a música de verão na areia, talvez por diversão. Mas eu não sabia ler, então as palavras eram apenas linhas rabiscadas para mim, então papai teve que explicar o que eram.

Eu memorizei essas palavras, essas linhas. Passei horas nas praias recriando-as na areia, olhando-as de diferentes ângulos, porque havia algo estranho nelas. Eu não sabia o que.

Então eu arranhei aquelas linhas, aquelas palavras, a música, no teto da minha cela. Durante anos, eu olhei para elas, inclinando minha cabeça para um lado e para o outro, apertando os olhos - e finalmente vendo. Escrito, da maneira perfeita, eu vi. Eu vi o disfarce. Sim, as palavras compunham a música e, quando eu olhei bastante, essas palavras eram formas, imagens unidas. Elas formaram o castelo de Perilyn, seu cais e nuvens furiosas, o mar e um trio de raios de sol e uma ilha.

Escrita, a música se tornava um mapa.

Sol leva, raios amarelos, a Ilha da Chuva Perdida.

As palavras soaram em mim e eu as vi novamente. Vi o mapa novamente, o desenho no meu teto e...

Olhando para o reino, depois para o céu, eu gritei silenciosamente. Três raios de sol cortaram a tempestade, faixas de brilho pousando na superfície do oceano como cordas, como um caminho.

Sol leva, raios amarelos, a Ilha da Chuva Perdida.

Guiei o barco em direção aos fios de luz enquanto eles pulavam a superfície em encorajamento. Talvez eu estivesse quase lá, quase lá.

O barco se inclinou para fora do curso, me arremessando pelo convés. Meu ombro bateu na proa quando o oceano se lançou repentinamente. Eu me sacudi, me levantei, percebendo que a indignação do mar não tinha nada a ver comigo.

Tinha a ver com a mão masculina segurando a borda do barco.

CAPÍTULO SEIS

GELO

Garota tola, tola. De fato, totalmente tola. Não havia outra razão para o seu salto no oceano, nem o subsequente roubo de barco durante uma tempestade de Verão.

Jeryn se levantou do lado. Ele ficou de pé encharcado e agarrou o cordame - ou cordame ou o que Verão chamava - para se equilibrar. A criatura de bronze que esperava no convés ficou mais tensa com a presença dele do que com a tempestade.

—Olá, pequena tola —, ele ofegou. —Indo para algum lugar?

Ela levou um precioso segundo para encarar, seus olhos dourados lançando-o através dele. O barco-pescador sacudiu. Sua mão disparou, usando o cordame para se firmar, o vento golpeando seus trapos e cabelos encharcados. Ela se apressou em direção à popa e puxou a direção.

Ela olhou para ele novamente, em resposta à sua pergunta. Ela estava indo para algum lugar?

Sua expressão dizia algo do tipo *Sim. E você também.*

Seus músculos travaram em realização. Ele ficou no caminho da vara.

Ela soltou. A alavanca bateu nas coxas de Jeryn, lançando-o para trás. Ela tinha cronometrado bem. Uma onda colidiu com o barco ao mesmo tempo, aumentando o impacto. Ele bateu no convés, seu marfim estremecendo, um arrepio vibrando em seu cóccix.

Jeryn limpou a água salgada dos olhos, seus músculos esfaqueando a cada movimento. Isso fora uma reação exagerada da parte dela, sendo um momento inconveniente para esfolar um ao outro. Se ela fosse sensitiva, um pouco normal, ela teria entendido isso.

A tola lutou com a alavanca, guiando o barco pelo turbilhão. Ela exibia mais coragem do que ele lhe dera crédito. A indecisão atropelava essa qualidade, no entanto, quando seu olhar se dividiu entre entidades. As velas e o sol nascente.

Achatando as mãos nas tábuas escorregadias, Jeryn começou a se levantar. Seu gemido a fez desviar, perturbada pelo som. Quando o oceano o impulsionou na direção da cabine superior, o pânico e algo como proteção agarraram seu rosto, como na cela e no pátio.

Ela cobrou. O pé dela enganchou sob o dele, saltando para trás, e ela o derrubou no chão. O barco enlouqueceu junto com ela. Ele disparou para cima, subindo uma onda e tentando se suicidar, despencando na boca de outra. Uma parede do oceano colidiu com eles, deslizando os dois para a extremidade oposta da embarcação.

Porque ela soltou a alavanca, o barco ficou desenfreado, navegando com a maré. Ela ignorou isso e continuou batendo nele.

Não lhe ocorreu que negligência poderia resultar em morte.

Jeryn pegou os cotovelos. Ela viu isso acontecer e deu um soco primeiro. Sua cabeça balançou para o lado, mais irritante do que doloroso.

Ele usou sua altura e peso para rolá-la. Prendendo-a, ele se fixou naquelas íris douradas. —Eu sugiro que você pare, garota tola —, disse ele. —Ou apenas podemos nos afogar.

Ela murmurou algo. Ele não conseguia ler dos lábios dela, que estavam enrolados em um rosnado, o que insinuava... o quê? Ela jogou seu argumento de volta para ele?

Ela olhou para ele como se *ele* fosse o imbecil. A ideia o irritou.

Foi ela quem furtou um barco e desprezou os elementos. Enquanto ela se projetava no oceano, sua mente teórica se recusara a subestimá-la. Ao descer do penhasco, ele havia inspecionado a praia, não acreditando que ela escaparia da torre apenas para descer de boa vontade ao fundo do mar. Ela era uma vagabunda de areia, e se ela também pudesse resolver os nós dos marinheiros, ela deveria saber nadar, o que significava que ela poderia ter uma conexão com o cais.

Ele caçou ao longo da costa até as docas. Não foi um choque encontrar a área praticamente vazia. Independentemente do alarme, que tolo chegaria tão longe? Que idiota levaria um barco, além disso? Um tolo estaria em terra, correndo para se abrigar.

Certamente, apenas um tolo não saberia melhor do que enfrentar as margens de uma tempestade. Jeryn havia discernido sua silhueta no barco-pescador. Ele gritou para os poucos sentinelas de plantão, que convocaram capitães para persegui-la.

Isso deveria ter feito isso. Eles alcançariam. Não havia necessidade de colocar sua vida em risco.

Ele tirou as botas de qualquer maneira, mas depois olhou para o oceano negro, uma tumba cheia de habitantes do mar... um tanque deles. Sua respiração ficou superficial, o suor subindo pela nuca. Ele deu um passo atrás, mudando de ideia.

Então ele aproveitou a memória do líquido fosco que havia consumido, a tensão vazando dele. Bem. Ele estava bem.

Ele mergulhou. Ninguém, nem uma *tola,* prova que ele está errado.

A água salgada o cegara, escorria em sua boca. Ele não era o nadador mais hábil, mas era forte. Focado. Lívido. Ele confiou nisso para levá-lo adiante, superando visões de criaturas ameaçadoras à espreita nas profundezas. Ele manteve os olhos no transporte em fuga, recusando-se a procurar em outro lugar.

Sem ela perceber, a corda do barco deslizou no oceano. Ele a pegou e a segurou.

No momento, ele apertou mais os pulsos dela, os braços queimando da escalada agonizante até a borda do barco e a luta para evitar o leme. Essa tinha sido uma busca idiota.

A barra da vela principal girou, batendo de um lado para o outro. O sol polia a água. A tola olhou para o horizonte, depois para Jeryn.

Até ele tinha suas limitações. Na falta de opções, ele a levantou. A garota louca cambaleou até a alavanca de direção, puxando os braços finos, fazendo um progresso tênue.

Ele tropeçou para ajudar. Uma situação estranha, seguir o exemplo de outra pessoa. Estranho sendo forçado a confiar em uma aberração da natureza com sua vida. Confuso. Minando.

Ele confiou no comboio que chegaria em breve. De preferência antes que ela os virasse.

Ela bateu as mãos, sinalizando para ele o que fazer. De alguma forma, ele conseguiu entendê-la. Juntos, eles redirecionaram o barco.

Em direção ao sol. Não em direção à terra.

De fato, não havia sinal de terra.

Inaplicável. Eles não foram tão longe. No entanto, por cima do ombro, o Reino de Verão... desapareceu. Não havia outra maneira de dizer isso.

A garota louca continuou olhando para os raios esgueirando-se através da tempestade, sua expressão assumindo uma luz fanática. Olhos arregalados que ardiam de desespero e alegria. Um brilho maníaco.

O que diabos ela estava fazendo? Para onde eles estavam indo?

O céu ardeu, arrancando as nuvens do caminho. Virando de volta, Jeryn viu uma nova massa à frente, uma onda no meio do oceano onde não havia uma antes.

O barco avançou, empurrado por outra onda, levando-os para aquela forma absurda, que aumentou. Então mais azul. Então mais verde.

Ele ficou entorpecido. Na água, ele foi mordido por um tubarão-sirene e não o registrou? Ele estava ficando louco?

Pedras quebraram a onda. O barco quebrou.

A tola abaixou a cabeça. A madeira explodiu, lascando em torno deles, explodindo-os para cima. Agarrando o braço dele, ela saltou com ele no ar, seu lado batendo na água. O oceano borbulhava, apertando suas panturrilhas. Por um segundo, ficou quieto o suficiente para se concentrar. A mente de Jeryn anulou a possibilidade em favor da probabilidade, momento, distância.

Fluido o empurrou para baixo. A área brilhava como vidro liquefeito. Como gelo.

A neve caia do lado de fora de uma janela da enfermaria. Um anel de sinete cintilava de uma mão masculina trêmula, enquanto os dedos pálidos de uma mulher o seguravam com força.

A neve caiu do lado de fora da janela do quarto. Suas tias-avós entraram com um sorriso aguado. Elas se ajoelharam em seu corpo pequeno e perguntaram se ele gostaria de ser um príncipe algum dia.

A neve caia do lado de fora da janela de um laboratório. A hora passou meia-noite quando ele arregaçou as mangas, rasgou as páginas de um tomo de anatomia, lutando com misturas.

Neve enterrava o castelo. A palavra "devoção" tocou a campainha do Reino de Inverno.

A água o levantou. Empurrou-o para uma periferia grossa. Uma superfície que parecia muito com areia.

CAPÍTULO SETE

FOGO

A água lambeu meu queixo, me convencendo a acordar. Deitei-me de costas, minha cabeça girou para o lado e um fogo escaldou minha garganta. Atordoada, eu me arrastei até metade estar sentada. Minha roupa molhada grudava em mim, a barra rasgada em uma inclinação e uma alça faltando, deixando um ombro nu, os cortes vermelhos ardentes tendo secado ao longo dos meus braços e através da de um joelho. *Aaaaai,* como meu quadril latejava.

Enquanto o vento soprava, as folhas batiam palmas e a salmoura se misturava com uma fragrância cristalizada. Caí em cima de um leito de areia - areia branca ofuscante, banhada por um oceano azul esverdeado, como a gema que minha família encontrou na barriga de um peixe-boi. Meus pais chamavam de verde azulado.

Então, enquanto dormia, eu perdi. Eu não tinha conseguido ver o oceano se tornar uma água-marinha derretida.

Sobre o arrasto preguiçoso do mar, o mar *azul- esverdeado*, um botão brilhava no horizonte, espirrando ouro pelas ondas. Eu me levantei e balancei em sua direção. Submersa às panturrilhas, parei e olhei para o sol, o sol, o sol. Ele brilhava, assando o mundo em calor, luz e cor.

Eu estava... onde?

Este lugar parecia com muitas praias de Verão, mas também não. Os sons, cheiros e visões tinham novas reviravoltas e reflexos para elas, uma maturidade ou vitalidade vibrando sob meus dedos.

A praia crescente cavava a terra, uma enseada sem nenhum sinal de vida, sem pegadas ou navios. Meus dedos traçaram os contornos das palmas das mãos esticando o pescoço sobre a água de joias e, em seguida, a colina cheia de florestas atrás deles, embalada em muitos tipos de verde para os meus olhos verem. Lenços de neblina serpenteavam entre as copas das árvores da colina solitária da ilha.

Eu parei de rastrear. Uma ilha?

Sim, uma ilha.

As letras da música de Verão formaram um mapa, e esse mapa exibiu um caminho dentro dos raios do céu. Eu estava escapando, e então lutando com o príncipe contra o barco-pescador e depois combatendo uma tempestade. Eu tinha visto os raios de sol e os seguido enquanto Perilyn se encolhia e desaparecia atrás de um filme, e então as nuvens diante de mim se separavam, revelando outro casco de terra.

Quando o sol desaparece, a névoa cresce, a Ilha da Chuva Perdida.

Oh, minhas estações! Uma risada saiu da minha barriga. Cobri meus lábios e tombei, tremendo de tanto rir que não chegou aos meus ouvidos. Meus saltos vertiginosos pisavam na água, espalhando peixes com nariz de trombeta.

Caí de joelhos e me arrastei para fora do oceano e para o plano de areia, mergulhando minha cabeça lá e respirando. Eu cavei minhas unhas, segurando e amando, e então pressionei minhas palmas contra o calor, como se tinha imaginado fazer infinitas vezes. Eu dei um beijo na praia e agradeci minha ilha - minha ilha da floresta tropical, minha, toda minha.

Eu estou aqui, eu disse contra o chão. *Eu ouvi você chamando, e vim, e cheguei aqui, e estamos juntas.*

E eu estava livre.

Tão cedo, minhas risadas morreram. E o príncipe? Ele havia sido levado para outro lugar ou o mar o levara? Eu tentei salvar nós dois, não tentei? Eu não tinha tentado? Eu agarrei sua mão e nos joguei nas ondas, mas talvez eu o tivesse jogado nos penhascos por acidente. Quando o barco-pescador colidiu com-

O barco! O barco da mamãe e papai!

Eu me levantei e girei, meu olhar saltando através da maré. Pedregulhos projetavam-se do mar, pedaços de madeira cor de calêndula espalhados por perto, enquanto o resto do navio morto afundava ou flutuava em outro lugar.

Corri para as ondas, pulando sobre uma arraia cuidando de seus negócios. Eu abaixei minha cabeça e forcei meus olhos a abrirem. Subi e subi, balançando e subindo apenas para pegar um pouco de ar. Recuperei uma das lanças de papai, com a ponta quebrada, e fiz três viagens, rebocando para terra o que mais eu pudesse - linhas e uma rede de água e uma rede de areia e uma adaga do fundo do oceano, um cantil e uma vela e parte da vela grande enroscada na palma da mão e pedaços de madeira da cabine superior.

Joguei a lança debaixo de uma palmeira de aparência estranha, com raízes em espiral. Tudo o que havia sido perdido enfiou na minha cabeça, incluindo as coisas que eu tinha esquecido que tínhamos, como baldes e ganchos de areia e pesos de pedra para as redes de água, cutelos e facas de corte e baús carregados de bússolas, talheres, cobertores, roupas e óleo. Eu não havia resgatado a terceira vela do barco, ou a segunda lança

de papai ou as cortinas de miçangas da mamãe - coisas que eu precisava e coisas que meus pais amavam.

Minha alma perdeu sua força. Vagabundos de areia exploravam livremente, procurando não com ganância, mas com admiração e gratidão por quaisquer recompensas que a terra nos desse. Eu sabia como encontrar as coisas, mas não conseguia encontrar todas elas, não se a ilha não quisesse que eu achasse, se tivesse um destino diferente em mente para mim.

E eu estava com sede. Lambendo meus lábios rachados, olhei para a parede de árvores. Na floresta tropical, haveria nascentes e riachos abençoados, e poderia haver paisagens misteriosas e criaturas de outro mundo, enigmas e suspenses com os quais a música do Verão não contava.

Jogando a linha em volta da minha cintura e fazendo um nó para prender o cantil e a adaga, coloquei um pé ansioso na frente do outro. O talvez-morto príncipe poderia esperar. Meu coração não se partiria se o mar o tivesse levado, especialmente não quando eu fiz o meu melhor para salvar aquele vilão. Eu o joguei nas ondas, não nas rochas, não foi minha culpa, mas se ele estivesse vivo, eu não poderia procurá-lo sem água. E eu queria dar uma olhada.

Videiras e arbustos se amontoavam, parecendo dolorosamente aventureiros para se espremer. Ainda mais curiosa, mais sedenta, atravessei o bosque, retorcendo ramos arranhando meu queixo e cutucando meus tornozelos. As sebes devoravam o sol, esmagando-me para que eu não pudesse dizer se andava em linha reta. Bati na minha orelha quando algo espinhoso se abriu atrás do lóbulo.

O ar ficou mais úmido, as plantas mais apertadas e a jornada mais longa. Então, de repente, a selva respirou, e eu caí em um caminho, o chão

estéril, exceto por algumas folhas. Uma selva fumegante e sombria me cumprimentou. A névoa serpenteava pelos troncos, enquanto tentáculos de verde vívido brilhavam nas sombras e brilhavam nas bordas.

E então a chuva caiu, lavando em massa, me ensopando de novo. Sorrindo, empurrei meus braços acima da cabeça, inclinando o queixo e abrindo a boca, o doce e puro entusiasmo da floresta deslizando pela minha língua. Meu corpo tremia de alegria e, se eu começasse a chorar, deixaria aquelas lágrimas me trazer de volta à vida.

A queimação na minha garganta esfriou. Bebi e bebi, depois enchi meu cantil de água e tampei.

Arrancando algumas folhas, usei-as para me esfregar de cima para baixo. Fiz tudo isso enquanto ria e soluçava, a torrente liberando o sal marinho do meu corpo e acalmando meus cortes.

Quando a chuva diminuiu, eu continuei, meus olhos tropeçando de uma coisa de floresta tropical para outra. Cores brotavam de cada canto escuro, algumas reconhecíveis, outras além da minha imaginação. Ali e ali, uma agitação de penas douradas e um tremor de flores felpudas e azul-petróleo e árvores como as de Verão não tinha visto, centenas de folhas – de cor verde amarelada, ervilhas, musgos e verdes místicos - entrando em um dossel alto que minha cabeça pendia enquanto eu olhava boquiaberta.

Do alto, caiu uma percussão de sons, passarinhos voando pelos galhos, misturando-se com o longo deslize de assobios. Pétalas coradas cobriam um tronco de árvore, envolvendo sua largura e altura. Quando me aproximei, as pétalas voaram da casca e aspergiram o ar. Borboletas!

Elas dançaram, suas asas mudando de rosa para coral a cada batida, brilhando como insetos. Eu saltei entre elas, girando através do rebanho enquanto elas brincavam no ar.

Meu olhar pousou em uma bromeliácea, uma tocha de uma flor, onde um pequeno sapo pousava, admirando uma das borboletas de perto com a cabeça inclinada. O sapo cabia na minha palma, uma coisa brilhante com pires para os olhos, da mesma cor de limão que sua pele.

Erguendo os braços, o sapo tamborilou com as mãos na flor, empolgado. Eu soltei uma risada abafada.

O sapo sacudiu para perto de mim. Ele pulou da flor, pulando em uma folha de cachimbo com um estridente, —Ribbet!

Um segundo assustador passou. Ele enfiou a cabeça para fora do esconderijo, me avaliando. As borboletas voaram, deixando-nos sozinhos.

Apoiando as mãos nos joelhos, me inclinei e murmurei *Olá, companheiro. Você realmente me ouviu rindo?*

O sapo estremeceu como se me entendesse. Aproximei-me da ponta dos pés, depois parei, lembrando-me do tempo em que fui caçar peixes-sapos e me arrependi.

Por acaso, você é venenoso? Eu perguntei.

A criatura inclinou a cabeça novamente, como *quem? Eu?*

Eu avisei, *é melhor você não ser venenoso.*

Ele recuou, o que poderia significar: *Bem, é melhor você não estar com fome.*

Parecia um garoto, robusto e - e só parecia um garoto. E eu esperava que fosse porque eu já tinha uma amiga.

Pearl. Pensando nela sozinha naquela cela, desabei no chão. Ela teria gostado desse sapo, das borboletas e da chuva. Se eu a tivesse resgatado, ela teria sido feliz aqui, e talvez a Ilha tivesse permitido que ela ficasse.

Oh, Pearl, eu choraminguei.

O sapo pousou na terra. Ele avançou, uma pergunta nos olhos de pires.

Sinto falta do minha amiga, eu disse a ele. *Ela é uma água-viva como você - oh, de onde eu venho, isso significa que ela é nervosa.* Então eu corri de mãos e joelhos atrás do sapo quando ele começou a pular para longe. *Espera, espera! Por favor, não vá. Eu sinto muito. Eu não quis dizer nada com isso. Eu não quis te insultar.*

Ele parou e olhou para mim, o saco sob o queixo bombeando. Eu dei um tapinha no meu peito. *Eu sou Flare. Como te chamo?*

Ele resmungou, quase como um encolher de ombros. Achei que isso significava que ele não tinha nome.

Vamos pensar em algo, prometi, depois o convidei para minha estada.

No caminho, o trovão resmungou. O sapo congelou. Sua cabeça bateu da esquerda para a direita, olhando com olhos de limão que brilhavam nas órbitas.

Qual é o problema? Eu perguntei.

Outro trovão o fez se abaixar e olhar para o céu, tão nervoso quanto Pearl pela manhã. O sapo assustado permaneceu ao meu lado, saltando perto de mim muito depois que o barulho diminuiu. Tanto por seu orgulho, pensei com carinho.

A vagabunda em mim procurou sinais de água, uma poça de água da ilha, um copo dentro da floresta. Com os olhos fechados, respirei o menor tremor de ar e sua direção. Com os olhos abertos, observei como esse mundo se movia, como o ar batia no dossel e mudava as árvores, e passei meu toque por pedrinhas e brotos, procurando pausas e estampas que marcassem um caminho para beber.

Então pressionei minhas mãos na terra, nas finas migalhas, nos grãos e na poeira, sentindo os tremores de fundo que subiam de algum lugar abaixo. Colocando meu ouvido no chão, eu escutei fluxos e presságios, ouvindo um barulho de barriga de barro, talvez pelo movimento distante dos animais ou pelo trecho de raízes - mas apenas aqueles.

Sorrindo, sentei-me e dei de ombros, porque é claro que essa ilha não me entregaria tudo. Ela me escolheu, me chamou e me deu o poder de reconhecer o mapa dentro da música, mas levei anos para vê-lo, e embora esse lugar estivesse me esperando, não era outra crosta de terra que eu tinha explorado com mamãe e papai. Este reino não tinha irmãos. Era a única floresta tropical, e tinha magia, e mesmo com o nosso vínculo, eu não sabia todas as regras, nem todas. A ilha me mostraria o que queria, se eu merecesse.

Mais ao longo do caminho, o coaxar do meu amigo me alertou para uma cauda cor de anel, com faixas de ônix e âmbar, deslizando no crepúsculo. Que linda encantadora! Eu olhei para ela, fascinada demais para o gosto do meu companheiro, sua aposta nervosa pedindo que eu abandonasse a serpente. Que pena, porque eu me perguntava se o rabo seria tão brilhante quanto parecia e se eu poderia ter dançado com o trepiadar sibilante de sua língua.

Fizemos uma curva e outra, e foi quando ouvi o arrepio - um arrepio musicalmente sinistro. Meus pés pararam no meio do caminho, porque eu conhecia o som de uma criatura recuando, mudando de rumo, serpenteando na minha direção. Eu ouvi o deslizar. Se eu quisesse saber melhor daquele chiado sibilante, agora seria a hora.

Meu olhar percorreu as árvores, seguindo a música que parecia vir de todos os lugares. Parecia um instrumento de cabaça, do tipo que fazia uma melodia arrebatadora quando sacudida, como se o ritmo estivesse caindo ou prestes a desmoronar. As notas tremeram através das folhas e desceram pelas minhas pernas.

A ilha se importava comigo, mas isso não significava que seus nativos precisassem. Então, quando a cauda com anéis bateu no chão e debaixo dos meus calcanhares, eu pulei sobre ela e rolei. Enquanto eu me agachava, a cobra chicoteou meu caminho novamente, e eu me abaixei, de modo que ela bateu em um tronco. Balancei-me na vertical, dobrando-me e girando para a esquerda quando a cauda voltou para mim, apontando para o meu estômago, mas desaparecendo.

A moradora se moveu num lampejo, num piscar de olhos, uma correia flexível patinando e girando através de brotos até que seu rosto comprimido disparou. Em vez de pele, a penugem cobria a metade superior do corpo, e as pálpebras da cobra estavam fechadas, sem visão, ainda assim não.

Ela partiu dos galhos em direção ao meu amigo. Deslizei na frente do sapo e a víbora empinou, tão alta quanto eu. A cada batida de seu corpo, aquele assobio prateado brincava na natureza, como se o combate tivesse uma melodia. Lutei de volta, pensando em Pyre, em todas as brigas com ele. Meus braços giraram, e a cobra espetou, e eu bloqueei o ataque com meu antebraço, pressionando meu cotovelo oposto na predadora e jogando-a para longe. Ela girou em uma bobina, quase se enrolando - quase, mas eu poderia ajudar com isso.

Pisei na cauda da beldade, o que realmente a irritou. Ela esvoaçou ao meu redor, e eu me esquivei, empurrando aqui e ali, imaginando um

nó, forçando a serpente atrás de mim e rosnando sua metade inferior em torno de um galho baixo.

A criatura fervilhava em derrota, espiando enquanto eu cambaleava. Pelo menos eu não machuquei a pobre alma. Eu tinha dado uma boa tarefa, desvendar a si mesma, mas não tão difícil que ficaria assim para sempre.

Ofegando, anunciei: *Você pode sair agora.*

Mais uma vez, como se ele me ouvisse, meu amigo sapo trêmulo rastejou no caminho por baixo de uma bromélia. Dei a ele um aceno de segurança, e deixamos a serpente para lidar com ela mesma.

Eu precisava voltar para os destroços, então eu cavei de volta pelo mato com meu novo amigo. Encontrar uma fonte ou um bebedouro seria o melhor, mas por enquanto eu tinha um pouco de água dentro da pele e não tinha forças para combater outro morador.

Na praia, onde o sapo usava o topo da minha cabeça como um mirante, procurei nos arredores uma figura alta que derretesse na areia. Eu escalei as pedras o mais alto que elas permitiam, incapaz de ver se existia outra linha costeira na curva.

Talvez essa fosse a única enseada. Talvez o príncipe mau tivesse se afogado.

CAPÍTULO OITO

GELO

Talvez a garota louca tivesse se afogado. Talvez o oceano o tivesse poupado de ter que lidar com ela.

Jeryn passou pela parede de folhagem na borda da floresta, derrubando videiras com o ombro. Ele tinha suas reservas sobre sua penetrabilidade, parecendo inacessível do lado de fora. No entanto, no instante em que ele atravessou as árvores, a área se expandiu, sem esforço para se movimentar. Surpreendente.

Bem. O que "surpreendente" significava neste momento? Ele havia desembarcado em terra, em um terreno não identificável. Improvavelmente, ele ainda estava respirando. Continuava vivo.

Aqui, ele se transformou em um grau indutor de desmaios. É verdade que sua corrente sanguínea não estava adaptada a Perilyn, mas essa atmosfera ultrapassava os limites. Ele poderia muito bem estar em um banho de vapor real. Seu corpo se transformou em uma coisa porosa, com o suor escorrendo da nuca e do peito.

Sua camisa e calça grudavam nele como adesivos. Eles haviam sobrevivido à tempestade, embora ele tivesse perdido uma manga e os punhos das calças puídas. Botas ou qualquer tipo de proteção para os pés teriam sido salvadores, mas pelo menos ele não havia perdido o cinto ou o bisturi.

Jeryn procurou o frasco em volta do pescoço e exalou. O recipiente de vidro descansava perto de seu pulso. Muito graças à resistência do vidro de Inverno, o pingente e seu pouco de líquido fosco também resistiram ao naufrágio.

Ele balançou sua cabeça. Se ele não soubesse melhor, ele especularia que ele havia entrado em uma miragem, exceto que as miragens retrocediam quando se aproximava. Elas não se manifestavam em atmosferas tangíveis. Ele não tinha nutrição e energia e, portanto, falta de sentido. Esse era o problema. Era por isso que ele veio aqui depois de acordar com sintomas eminentes: um estômago recentemente esgotado de água do mar (ele expulsara o conteúdo da consciência), uma constituição física que o deixava encharcado por fora e seco por dentro e um arranhão medonho em sua laringe. Floresta significava bebida fresca.

No alto, folhas cilíndricas se sobrepunham, impermeáveis ao sol. Embora a escuridão não pudesse temperar o calor, isso acalmava sua carne. Se ele estivesse deitado na praia por mais uma hora, ele teria assado.

Depois de se posicionar perto de um tronco e aliviar a bexiga do pouco líquido que restava dentro dele, continuou andando, embora com dificuldade. Hematomas se formaram em suas coxas, onde a garota louca havia atirado a alavanca de direção contra ele. Além disso, seu crânio batia forte. Embora, além de uma laceração em sua bochecha, essas fossem as extensões de seus ferimentos.

Enervante. As chances eram de que ele estivesse pior. Fraturas ou perfurações profundas. Uma extremidade cortada. Um crânio esmagado.

Jeryn contemplou a rapidez com que o barco navegava versus o tamanho da embarcação. A direção que eles estavam seguindo. O número

de pedras que ele avistara antes de colidirem com uma. A distância que a tola saltou com ele. A força de seu aperto. A profundidade da água.

Suas sobrancelhas se uniram, sua análise foi cortada por manchas nos dedos dos pés. Seu pé havia roçado um cacho de folhas e se molhado. A vegetação rasteira sustentava o brilho das chuvas recentes. Deve ter ocorrido enquanto ele estava deitado em coma na praia.

Ele observou a floresta com novos olhos. Olhos da ciência.

O dossel se estendia por trinta metros, exibindo uma variedade de espécies de árvores não registradas. Ou assim parecia do seu ponto de vista e considerando as barreiras da luz.

Ele girou, enjoado, incapaz de distinguir o que viu. As flutuações dos contornos das folhas, tamanhos, nós. Circunferências e comprimentos das raízes superficiais. Texturas de casca.

Se não estiver documentado, pode ser o lar de ingredientes exóticos. O Verão havia se mostrado a mais madura das estações para a pastagem medicinal. Ter um ambiente como este, uma paisagem que ultrapassasse em densidade qualquer região de Perilyn, sugeria que as possibilidades poderiam ser infinitas.

O que ocorreu abaixo do dossel tomou conta dele. Ajoelhado, ele pegou um graveto, procurou artrópodes e usou-o para varrer as folhas mortas. O sub-bosque ganhava vida. Fungos brotavam da superfície. Sortimentos indistinguíveis.

Um pássaro, que ele considerou um tucano, empoleirou-se em um galho caído e bateu no bico laranja. Uma tropa de formigas arrastou fezes pelos tornozelos de Jeryn. Árvores brilhavam, tons de peridoto e tons de malaquita.

Pensando sobre isso, a cor não deveria ser tão visível aqui. Sua vibração empurrava a luz limitada, assim como a raquete. Não era como a floresta de Inverno, enrugada e melancólica, mas um lugar desarrumado que zumbia com perguntas e curiosidades.

O clima. A folhagem. A evidência de chuva.

A soma das partes da floresta indicava uma paisagem. Uma que Verão falou, mas não havia descoberto. Veio daquela canção sinistra sobre uma ilha da floresta tropical.

O verão não tinha florestas tropicais. Eles não deveriam, a menos que alguém acreditasse em contos de fadas. Mas como justificar essa extensão despovoada, sua costa sem cais, sua aparição repentina no oceano?

Ridículo. Poderia ser uma ilha desconhecida, mas não era *essa* ilha. Tinha que haver uma explicação. Enquanto isso, os navios de Inverno e Verão partiriam e o encontrariam. Não existia exército de marinheiros e capitães tão equipados quanto os de Perilyn.

O corte abismal em sua bochecha gritou. Ele a limpou com água salgada mais cedo, mas continuou a escorrer sangue. Nenhum ponto a ser administrado. Não havia garantia contra infecção.

No entanto, Jeryn sorriu através da dor. Uma floresta tropical.

Que assim seja. Ele não sabia dizer em que ilha ele aparecera, mas aceitaria que pudesse incluir uma floresta tropical. Os cientistas especularam a validade de um ambiente assim, hipotetizando o que ele poderia gerar. Animais. Flores. Plantas. Uma riqueza de estudos e classificações.

Tratamentos. Curas.

Examinando o mato com a vareta, examinou caules, arranjos e formas das folhas, espaços entre os recuos nas margens. Um excesso de pontos turísticos. Muito para absorver e nenhum escriba para gravá-lo. Infernal.

As folhas de uma planta se espalharam, lembrando-o de flocos de neve. Jeryn as testou com o dedo, atento a uma erupção cutânea. Não sofrendo irritação, ele esfregou o polegar e o indicador sobre a superfície. Fria ao toque.

E um perfume. A mordida crocante de Iradis se misturou com a essência calmante dos cobertores lavados.

Tinselbalm. Uma ajuda para digestão e respiração.

No entanto, este não era um tinselbalm. Jeryn passou o dedo pela veia, coletando e lambendo as sobras de gotas de chuva. Eles se dissolveram na ponta da língua, sem sucesso em saciá-lo. Ele arrancou algumas hastes e as enfiou na bainha, em volta do punho do bisturi.

Apesar de sua boca seca, o resto dele pingava. Embora seu sistema tivesse expelido a água do oceano de seu intestino, a precipitação o torceria enquanto seu corpo continuasse sua tentativa fútil de esfriar. Se confusão ou tontura surgisse... se sua cabeça continuasse martelando e sua visão embaçasse...

Seus dedos encontraram o frasco e apertaram. Ele pensou em alucinações, passando sua última hora em uma espiral de loucura desidratada.

"Oh, Jeryn. Nada afeta você."

Suas pálpebras se comprimiram. Quer este local tenha ou não chuvas frequentes, haveria uma fonte estável. Um riacho, um rio, um lago. Onde é comum localizar corpos de água no Verão? No Inverno?

—Encontre uma ladeira abaixo —, ele respondeu. —Ou siga os animais.

Os caçadores procuravam galhos partidos ou distorcidos. Ou outros sinais de uma trilha feita pela fauna. E o que mais?

Os olhos dele se abriram. —Procure por plantas que consomem água.

Se demorou tanto tempo para ele se lembrar, suas faculdades mentais deveriam estar oscilando no precipício. Levantando-se, ele massageou as sobrancelhas para clarear a visão. Ele esperava que não fosse dar um tapa em si mesmo.

Aquela muda teria conhecido seu caminho, através de algum instinto primitivo? Ele poderia ter feito uso disso, deixá-la fazer o trabalho como um vira-lata, farejando seu caminho. Uma pena que ela não tenha sobrevivido a sua própria fuga.

Ele seguiu a trilha de cachos frondosos. A cada poucos passos, o nevoeiro o obrigava a fazer uma pausa, recuperar o fôlego. Um uivo ecoou de algum lugar no dossel. No alto, um esquadrão de galhos de lã balançava de árvore em árvore. Em um bando, ele viu uma representação dos primatas de Verão. Mas não na carne.

Inofensivo? Jeryn procedeu com cautela. Onde eles moravam, a água fluía.

Os uivos o levaram a uma área onde uma lasca de azul brilhava através da folhagem. Jeryn abriu caminho, para uma lagoa em concha dentro de um espaço fechado de folhas. Através da densa partição, ele percebeu uma costa. Não era a enseada em que ele se lavou, já que ela não tinha detritos. Nesta segunda enseada, detritos do barco-pescador haviam

sido agrupados sob uma palmeira. Uma pilha bastante desordenada, como se a maré a tivesse lançado lá.

Água primeiro. Lógica, depois.

Após mais deliberações, o local deixou Jeryn perplexo. Uma breve extensão de terra a separava da praia. De fato, como uma lagoa de Verão.

Embora não pudesse ser. Além das raízes do Inverno, ele fora educado sobre os vários ambientes das estações. As lagoas eram maiores que esse tanque.

Uma espécie de piscina, então. Jeryn enfiou o graveto nele. Não era raso, já que a ponta não conseguiu encostar no chão. Além disso, em comparação com qualquer corpo de água, esses redemoinhos eram lançados em um tipo estranho de azul. Ele não conseguia identificar o tom exato.

Frustrante. Perplexo. Essa mistura do conhecido e do desconhecido.

Frutas parecendo figos excessivamente inflados, com a pele de um pigmento azul superior em vez de roxo, pendiam das folhas. Uivos subsequentes saíram das árvores, os galhos mudando. Se os macacos mantivessem um habitat aqui, a água poderia ser fresca?

Caindo de joelhos, ele estudou seu reflexo. Um coágulo de sangue inchou do corte em seu rosto. Patinou através de sua mandíbula. Mergulhou na água. Seu rosto castigado pelo tempo franziu a testa, não como ele, mas um real magro com incerteza nos olhos. Detalhes desequilibrados, mas quase como... ele quase parecia...

Jeryn recuou. Suavemente. Lentamente.

Ele esperou que o pensamento diminuísse, depois mergulhou um dedo. A água parecia tensa, as ondulações exercendo uma pressão descendente. Obviamente, uma má interpretação de sua parte, uma das

características nebulosas da sede. A água o esfriava, como um riacho de Inverno ou o produto de pensamentos desesperados e ilusórios. Ele poderia estar se perdendo na loucura.

Qualquer coisa menos isso. Tudo menos perdendo sua sanidade. A indignidade disso.

Primeira coisa. Purifique a água. Ferva com as pétalas fermentadas de uma violeta de Inverno e beba. Simples.

Não é simples. Com que chama ou panela? Ele poderia usar sua saliva para promover a fermentação, mas precisaria de tempo. E ele precisaria da violeta de inverno.

Jeryn examinou suas escolhas. Duas formas de erradicação natural. A probabilidade de sua morte, de qualquer maneira.

Retirar o dedo exigiu energia, suas pálpebras se transformaram em chumbo e a água se fixou nele. Recusando-se a reconhecer tal absurdo, ele testou uma gota. Embebeu em sua língua, fresco e puro. Enquanto lagoas significariam água salgada.

Ele esperou. Sem dor de estômago.

Outra dose. Nada. Cada vez, ele engoliu mais.

Essa abordagem experimental o levaria apenas até certo ponto. Ele formou as mãos em uma bacia e as submergiu. A pressão da água ficou mais forte. Em direção ao que poderia ter sido o fundo, suas profundezas pareciam estar girando.

Jeryn descartou isso. Retirando as mãos, ele derramou alívio em sua garganta. O dilúvio jorrou em sua boca, aliviando a crueza e afugentando a seca. Isso limparia sua mente de delírio. De fato, ele poderia beber toda essa água, ele desejava isso.

Suas mãos afundaram de volta, até os cotovelos desta vez. Ele nunca havia participado de algo tão estimulante. Tão...

—Vivo. — Disse ele.

Silêncio. Sem insetos marchando ou macacos uivando. Eles foram embora, limparam a área.

Jeryn estreitou os olhos para a superfície giratória, pensando quando, como, onde... o quê.

A lagoa agarrou seus braços e puxou. Engoliu-o, mergulhando-o em um abismo estridente, empurrando água pelo nariz. A água trancou em torno dele, cavando suas costelas e levando-o para baixo.

Assim perto do oceano, uma lagoa habitual seria rasa. Seria salgada. Seria sem vida, não tentando afogá-lo.

Seus pensamentos ficaram loucos. Ele morreria louco se não começasse a chutar.

Jeryn bateu em seus membros, o que só o fez afundar ainda mais, o que não fazia sentido! Ele torceu dentro da corrente, um funil de nada varrendo-o em direção a sua base. Ele puxou as tampas para trás, agitado ao encontrar uma brecha na força. Uma fissura. Um ponto fraco.

Ele lutou pelo ar, ingerindo o tanque. Seu peito começou a convulsionar enquanto ele bombeava em um frenesi, seus pulmões lutando para acompanhar.

Uma videira saudável apareceu, mergulhando na superfície e atingindo-o no rosto. Jeryn cambaleou quando flutuou diante de seu nariz. Ele apertou os dedos ao redor da cauda e sentiu que estava se esforçando para rebocá-lo para cima. Ele estava pesado, a água ganhando força com sua resistência.

Seu peso diminuiu a folga. A pessoa que o segurava despencou no meio do tumulto. Aquela, ele pensou.

O rosto selvagem da menina e as íris douradas irromperam no azul. As mãos dela agarraram a videira, que havia se esticado até o limite, embora a impedisse de afundar completamente. As sobrancelhas dela se apertaram em frustração. Bolhas derramaram de seus lábios quando ela murmurou algo. Uma bronca ou uma demanda. Talvez algo como: *Apresse-se!*

Jeryn trancou os olhos com ela. Ele bateu os calcanhares contra a água.

Não funcionou. O aperto da tola vacilou quando a lagoa começou a consumi-la também.

Por um instante, ele olhou para baixo para ver seu destino inevitável. Um ponto de luz espiralou abaixo, piscando para ele. Um sinal de socorro. Um grito de atenção.

Partes dele entraram em foco. Um frasco e um comprimento de corrente.

Uma ausência repentina. Uma extração. Uma perda irrecuperável.

Sentindo a rigidez do pescoço, ele olhou mais perto. Um colar. O colar dele. Afundando.

O vidro brilhava antes que o escuro o engolisse. Irônico que ele tenha sobrevivido ao oceano apenas para ser levado para cá. Ele teria rido se não estivesse pensando nas mãos que lhe deram o pingente, como costumava ficar pendurado na moldura de seu filho, como ele dormiu com ele, comeu com ele, viveu com ele. Ele teria chorado se não estivesse entretendo a noção de afundar com o frasco. Rasgando a coisa das garras da água e morrendo de qualquer maneira.

Errôneo. Ele tinha que estar nas garras de uma ilusão. Lagoas não arrancavam pingentes de suas vítimas como saque. Elas não afogavam as pessoas.

Os tolos não resgatavam príncipes.

Jeryn começou a subir. Ele olhou para cima e viu a garota o puxando, bem-sucedida agora que ele estava mole. Quando ela deu um puxão final, eles saltaram para a superfície, o peso jogando seu corpo nela. Juntos, eles se ergueram no chão, desmoronando em um monte sem fôlego.

Ele se esparramou em seu torso ao lado dela, seu corpo clamando por ar. Seus dedos agarraram seu peito, arranhando a pele e os músculos molhados. Não havia frasco lá.

Perdido. Ele se sentiu perdido.

A floresta empurrava ao redor dele, troncos desaparecendo na névoa. A videira caiu ao lado dele, presa a uma árvore próxima. Ele seguiu seu comprimento e colidiu com o perfil ofegante da garota tola. Deitada de costas e apoiada nos cotovelos, seu olhar disparou para ele com uma ferocidade que enviou uma pontada de alarme através dele. Ele estava certo antes sobre os olhos dela, como eles lançarav suas emoções para o mundo. Ele viu o medo quente.

Ela saltou de quatro. Jeryn se atirou de joelhos.

Ela sacou uma adaga presa ao quadril. Ele pegou um galho caído e o empunhou para bloqueá-la. Eles pararam, suas armas apoiadas. A suspeita subiu os dedos, apertando-os ao redor das armas improvisadas.

Ele esperava por um ataque. Ela o mesmo.

Sua visão nadou. Ele viu a água agarrando seus tornozelos. A força persuadindo o colar sobre sua cabeça enquanto ele se debatia, muito ocupado tentando viver em vez de proteger o que era dele.

A imagem tremeu. Suas articulações cederam.

A garota abaixou a adaga. Então ela estava inclinada sobre ele, uma mecha de cabelo delineada pela condensação e pelo deserto. Ele a viu através do vidro curvo. Uma espécime em um recipiente.

Ou ele era o espécime? Degradando. Desdenhoso.

Solo duro e caules escavados em suas costas. Parecia que sua previsão anterior havia se concretizado. O naufrágio, a sede, o quase afogamento. Eles conspiraram para acabar com ele.

A tola inclinou a cabeça, benigna pela primeira vez em sua vida miserável. Já era hora, Jeryn pensou enquanto ela desaparecia de vista.

CAPÍTULO NOVE

GELO

Uma substância viscosa se instalou em seu peito. Se não estiver enganado: dois pares de pernas e mãos e pés com membranas. Miniatura em tamanho e dispensando um coaxar repetitivo como um brinquedo de Inverno.

Hmm. Algo dissecável.

Jeryn abriu uma única pálpebra e examinou a criatura. Um quadrúpede com a casca verde de uma fruta ácida e olhos combinando, com cavidades inchando do rosto. Empoleirado no V de sua camisa, ele o observava com um tique paranoico e ocupava o espaço onde o frasco deveria estar.

A bile subiu na garganta de Jeryn. Ele se mexeu, mas algo úmido e quebradiço prendeu os cotovelos no lugar, prendendo seus pulsos atrás das costas.

Corda. O segurou quando ele caiu contra o tronco de uma palma baixa. Suas rótulas e tornozelos também estavam amarrados.

À direita, a maré entrava e saía da enseada. O pôr do sol desceu, laranja lotando o céu. A garota tola havia desaparecido.

À esquerda, uma vela fabricava uma tenda, pendurada sobre outra palma rasa, esticando o pescoço sobre o mar. Diante disso, um tesouro no topo de um segundo comprimento de vela, consistindo de um odre, uma adaga, uma espécie estranha de rede de cerdas com cabo mastigado,

linhas de mais corda, uma lança mutilada, esqueletos úmidos de madeira de laranjeira e os orbes semelhantes a figos da lagoa rodopiante.

A lagoa rodopiante. Onde ele havia engolido água doce em troca de uma luta com a morte. O vórtice deve ter sido formado por algum tipo de... distorção ou irregularidade em sua fundação? Para ter certeza, ele precisaria consultar um estudioso dos elementos quando retornasse a Iradis.

O anfíbio continuou olhando para ele. Jeryn respeitava os animais, mas não os de Verão que reivindicavam direitos sobre o local em que seu frasco residia. E não enquanto ele estava incapacitado.

Abrindo o outro olho, ele prendeu a criatura com uma expressão glacial. —Eu tenho um bisturi. — Disse ele.

O sapo saltou dele. Aterrissou em um arbusto e depois apontou a cabeça para fora. Infelizmente, Jeryn percebeu que sua bainha e bisturi haviam sido removidos do cinto e escondidos com a pilha de tesouros. Obviamente, o pequeno covarde verde não considerara isso.

Considerar isso? Era um sapo. Não conseguia entendê-lo. Seu salto para o santuário fora uma coincidência, resultante de aguçados sentidos e instintos.

Jeryn olhou para o sol poente. Ele deve ter ficado inconsciente por horas. Seu crânio não batia mais, mas suas coxas ardiam, e ele tinha a laceração no rosto para enfrentar. Ele avaliou o dano através de pistas, flexionando seus músculos o melhor que pôde. Por algum milagre, o corte parecia ter coagulado. Sem vazamento de sangue ou pus. Sem sensação de calor. A ferida poderia não ser tão ruim quanto suspeitava com seu cérebro com sede.

Ele rolou os pulsos, ombros, pescoço. Pelo bem de Inverno, ele doía.

Uma brisa do oceano ardeu nas narinas de Jeryn. Ele inclinou a cabeça na direção das ondas e se endireitou. Uma figura se levantou da água, encharcada como uma bruxa do mar. Sua rede gotejante de cabelo parecia mais escura no final do dia.

Ela cruzou a areia. Quanto mais distância ela consumia, mais ele a via. Ela levou uma surra dos destroços, cortes cobrindo os braços e correndo sobre um joelho. Suas roupas estavam encharcadas, rasgada na bainha e privada de uma alça no ombro, e grudado no corpo nu por baixo. A cintura oca, a caixa torácica proeminente, os seios encolhidos, os mamilos escuros, o ponto mais escuro no ápice de suas coxas. Nada que ele não tinha visto antes como médico. A nudez não o escandalizava, como costumava fazer com os cidadãos do Inverno e do Outono.

O Verão e a Primavera eram menos modestos, mas sua atenção fez a menina louca parar. Um rubor de raiva estragou suas bochechas.

O que? Ela o achava apaixonado pela vista? Que repulsivo.

O olhar dele progrediu para as mãos dela. Cicatrizes e unhas roídas. Dedos finos que protegiam crianças, atavam nós, guiavam através de maremotos, arrancavam vítimas de piscinas rodopiantes. Mãos que alcançavam, agarravam a vida pela garganta, sobreviveram. Mãos resistentes lançadas em bronze, uma marca de beleza impressa em seu polegar. Mãos que revidavam. Que suportavam.

O olhar de Jeryn mudou. Examinar essas mãos parecia perigoso.

A lâmina de areia que vinha da borda da floresta indicava que ela devia tê-lo transferido da lagoa. Ele se perguntou quanto tempo levara seus músculos insignificantes para conseguir isso.

Ela passou por ele, seus pés descalços batendo um pedaço de areia na calça dele. Depositando uma segunda rede entre eles, esta desprovida de um cabo e repleta de vieiras, ela se jogou sobre o cobertor de vela.

Ela cheirava e parecia higiênica. Obrigado Estações.

Quando o sapo rastejou de seu refúgio e saltou sobre o joelho, ela sorriu. Dentes retos, bisque manchado ao redor dos arcos. Um molar foi extraído, o canal visível quando seus lábios se abriram para trás.

O sapo coaxou para ela. Ela respondeu, sua boca batendo. Então ela acreditava que o animal estava falando com ela, não é?

Um discurso unilateral na realidade. Ainda assim, Jeryn se viu amargurado por não ter conseguido penetrar no discurso dela. Sob nenhuma circunstância ele sucumbiria à inadequação ou à autoconsciência.

O sapo fez barulho corroído, com a cabeça voltada para Jeryn. Quando ela respondeu com uma expressão justificada, Jeryn sentiu um músculo em sua mandíbula contrair. Ele era um observador. Um curador de sinais anatômicos. Um homem de laboratórios. Um aluno avançado e conveniente.

Ele conquistaria essa linguagem muda. Ele adquiriria as habilidades.

Agora. Mesmo.

Jeryn olhou para os lábios enquanto falava, segurando uma lente para eles. Ele monitorou os contornos, as inclinações, os padrões e as batidas, o diâmetro da boca aberta dela. Paradas. Sílabas. A língua. O queixo. Eles eram ferramentas, afinal.

Mentalmente, ele folheou seu vocabulário. Dela, ele decifrou uma palavra... e outra... e suprimiu um sorriso.

Seu lacaio coaxou, o esófago bombeando.

Quem, ele? ela respondeu: *Esse é o Cretino Real.*

—O Cretino real deseja que você o desamarre.

Sua cabeça virou em direção a Jeryn. Ele zombou: —Sim, eu li seus lábios. E daí?

Ele aproveitou ao máximo o concurso de encarar. Silêncio versus silêncio. A boca dela inclinou-se enquanto continha uma resposta.

O sapo desinteressado saltou sobre uma concha e adormeceu. Ela deu um tapinha na criatura, depois abriu o odre e bebeu. Sua garganta flexionou, o colar pintado de sóis estourando em conjunto, enquanto a garganta de Jeryn parecia seca novamente.

Depois disso, aquelas mãos perigosas começaram a trabalhar, levantando a rede e derramando um rio de vieiras na tela. O cheiro de marisco cru o lembrava de jantar com o rei Rhys. Eles haviam comido um banquete de comida do Verão, incluindo aqueles pedaços desagradáveis, que ainda assim eram preferíveis às pinças de outras travessas. Aqueles e as tigelas de pimentas vulcânicas picantes, arroz e feijão.

Jeryn engoliu as vieiras com curiosidade, enquanto seus cavaleiros estremeceram e engoliram vinho para compensar a overdose de lodo.

Toda estação tinha seu suprimento de criadores e caçadores de animais. A Primavera se destacava no primeiro, o Inverno o último. Veados e lebres como alimento. Raposas, arminhos, lobos para peles. Renas para tudo.

O comércio de pesca pertencia ao Verão. É preciso ter habilidades formidáveis para caçar pelo mar e pela areia. Habilidades como paciência.

Os nós da garota tremiam quando ela separou uma das conchas, deslizando para a palma da mão. Ela enfiou na boca e rasgou mais

duas. Seus dedos rasgaram um quarto e depois empurraram por um quinto.

— Eu não faria isso se fosse você. — Aconselhou Jeryn.

Ao som da voz dele, ela parou por um segundo. Só um segundo. Não era primeira troca em que um tolo louco se apoderara de sua presença, se não delirando, sem sentido, tentando jogos mentais ou flutuando em uma epifania. Não, não era primeira vez, mas ainda assim. De todos os irritantes.

A comida desapareceu em sua garganta. Então voltou. Ela fez uma cara miserável, torcida, inclinada. Pedaços cinza vomitaram de sua boca, espirrando na areia.

Um exemplo de porque ele havia ordenado que os guardas e cavaleiros fossem tranquilos com os tolos no pátio. Alimentá-los com uma pequena porção de caldo durante o transporte.

—Você sabe o que significa 'desnutrida'? — Ele perguntou enquanto ela ficou boquiaberta com a bagunça podre. — Quando você não teve comida suficiente em sua vida, seu corpo morre de fome. Quando seu corpo morre de fome, seu estômago enfraquece. Ele não pode lidar com a proporção média. Você está me entendendo, ou devo usar palavras mais simples?

Ele não permitiu uma resposta. —Coma sem urgência. E não coma muito. Se você ficar doente ou morrer, não haverá ninguém para me desamarrar.

Enterrou o vômito em um monte de areia e avançou para os figos bulbosos, cheirando um deles. Mesmo que camponeses e tolos não participassem das mesmas iguarias da realeza, os nativos do Verão

conheceriam pelo menos as colheitas naturais de seu reino. A menos que essas culturas tenham se originado nesta ilha presumivelmente deserta.

—Você está ciente de que no Verão, quanto mais brilhante a fruta, mais mortal o veneno? — Jeryn perguntou. —Se é realmente venenoso?

Apertando o globo recém-colhido até o ponto em que ele poderia detonar, ela se virou. E deu a ele sua atenção total e arrojada.

—O Inverno descobriu muitas plantas comestíveis e venenosas ao longo das estações. Um veneno de Perilyn derivado de trevos de pântano pretos que os malfeitores esfregam em joias. Descasca a carne.

—Além disso, venenos da picada de um tubarão sirene ou uma cobra. Passei meus anos nos braços da medicina. Eu já vi o que a natureza pode fazer nos olhos, boca, sangue, pele... mente.

Ela apenas olhou para ele. Jeryn empurrou com mais força. —Uma fruta desconhecida para você. Claro, você poderia fazer o príncipe provar. Claro, isso significaria forçá-lo a se arriscar por você. E, claro, isso o tornaria o captor que você detesta. Isso te transformaria em mim. — Ele se organizou em um desleixo indolente. —Sobrevivência ou consciência. Mas o que uma coisa vil como você sabe sobre consciência?

A tola apertou os olhos. Ele a instruiu a tomar cuidado com porções. No entanto, agora ele persistia em assustá-la de comer qualquer coisa.

Fútil, em qualquer caso. Uma tola ela poderia ser, mas ela sentiu esse teste. Sua ambição de procurar a fenda em sua armadura imprudente. O próprio sabor de sua loucura. O local onde ele poderia sondar e aprender.

Recuperando a farsa, ela se arrastou em sua direção como uma pantera. Imprevisível. Instintiva. Os olhos de Jeryn cortaram seus quadris rotativos e depois voltaram para as íris, esferas douradas em seu rosto. Ele

esperou o golpe da mão dela ou alguma outra reação violenta. Possivelmente uma boca cheia de frutas amassadas, que ele certamente cuspiria em seu rosto.

A garota louca se aproximou até os narizes baterem. Ela fez uma pausa, suas coxas se dividiram em volta da cintura dele. Erguendo uma mão, ela colocou a esfera inchada entre as bocas.

Isso, ele não esperava. Uma solução. Um desafio.

Seu estômago traidor se contorcia. Ele tinha que comer alguma coisa.

Revolto, ele abriu a boca ao mesmo tempo que ela. Ele mordeu o lado da fruta enquanto ela mordeu o dela. Não suculenta ou sacarina, como ele esperava, mas dura e crocante. A acidez deslizou sobre sua língua. Um glóbulo esgueirou-se por seu queixo.

Juntos, eles comeram e olharam. Ele mediu os movimentos de sua mandíbula, combinava com a projeção de seu queixo, mantendo-se alerta para sinais de alerta. Ele conhecia métodos de testar o sabor do veneno. Este não era um deles. Seria simples expulsar o conteúdo se a língua dele começasse a inchar ou a formar bolhas, embora não fosse tão simples encontrar um restaurador. E quem sabia o que aconteceria se ele engolisse.

Ela se envolveu sem esses cuidados. Nem um piscar de olhos. Sem timidez.

Eles repetiram o processo, com o olhar fixo. Mordidas ousadas. Triturações azedas.

Ele pensou em contar as coisas para ela. Ele pensou em dizer a ela que havia outros perigos além de veneno nesta ilha. Ele pensou em dizer que havia centenas, milhares de perigos. Ele pensou em citar a exposição

e os pés descalços, já que nenhum deles havia mantido os sapatos. Ele pensou em dizer que aqui, não se podia adivinhar o que mais existia - rastreadores noturnos e flora que nenhum cidadão de Verão havia encontrado, nem os cientistas de Inverno haviam examinado. Ele pensou em dizer como um normal, um nativo *normal* do Verão, seguiria seu conselho. Ele pensou em dizer a palavra "normal" várias vezes para testar como ela reagiria, prever sua resposta e ver que tipo de raiva ela jogava contra ele. O melhor para controlá-la.

Então ele pensou em fazer suas perguntas. Qual era o plano dela? Mantê-lo amarrado até que eles fossem encontrados? Ela esperava estar viva quando a frota chegasse? Ela poderia cuidar de si mesma? O que ela sabia sobre uma floresta tropical? Ela conhecia as nuances de uma folha que mata e uma folha que cura? Ela saberia o que procurar?

Ele pensou em dizer essas coisas. Fazendo essas perguntas. Observando as respostas voarem sobre ela. Ela, uma tola. Jeryn mastigou essa noção enquanto mastigava o figo da ilha, não gostando da acidez de nenhum dos dois.

Um último gole especulativo. O primeiro dela, depois ele... ou talvez ele tivesse sido o primeiro.

O hálito dela cheirava a fruta azeda. Eles a consumiram até o poço, a pedra dentro provando que não era um figo de verdade. Ele sentiu o desejo dela de terminar, mas isso exigiria que seus lábios se tocassem. Uma perspectiva repugnante para os dois, porque ela jogou a drupa de lado e a boca dele relaxou.

Eles se separaram. O sol se dissolveu. O céu escureceu.

Sob o quarto de lua, a maré de obsidiana subia pela costa. Ela se retirou para o cobertor feito pela vela, colocou as pernas no peito e colocou

os braços em volta deles. Ela colocou as costas para ele, seu traje esticando-se, delineando as vértebras de sua coluna.

Jeryn desviou o olhar. Ignorar um ao outro durante a noite parecia um bom plano. De todas as almas sujas para definhar aqui.

Eventualmente, ele precisaria mijar. O que ela faria sobre isso?

Ele sabia o que ela faria: não se importaria.

A única vantagem dessa umidade confusa era que ele poderia durar um pouco antes de sujar a calça. Nesse caso repugnante, ele se esforçaria para abrir caminho até a vela dela e mergulhá-la na urina.

Um barulho veio de algum lugar na praia. Vários minutos se passaram.

Ele deu uma segunda olhada, olhando para a sombra dela, iluminada pela lua no chão. Precisamente qual era a loucura dela? Aquele guarda da torre a havia considerado imprudente e impetuosa ao extremo.

Preciso, mas não funcionou com Jeryn. Estava errado.

Havia algo mais nela. Ele não conseguia colocar o quê.

Ela se desenrolou e se curvou sobre a areia, desenhando imagens lá. Ele viu ondas, árvores, um crescente. Uma réplica desta enseada.

Enquanto ela trabalhava, aquele brilho maníaco voltou para ela. Adorável e terno.

Uma propensão para a arte. O tipo que lhe dava alívio e uma chance de expressar reverência. Autossuficiente, mas facilmente distraída. Corajosa e propensa a audácia. O temperamento dos cidadãos de Verão, mas aumentado. Violenta, mas com um traço protetor em relação aos animais, crianças, camaradas tolos. Além disso-

Ela girou sobre ele e gritou. Ele encontrou o olhar dela, reorganizando-se no modo de leitura labial. —O que? — ele exigiu, mas

ela respondeu rápido demais, então ele disse: —Se você deseja me espancar com palavras, precisará enfatizá-las.

Ela não obedeceu, embora as palavras tenham sido menos confusas. *Eu disse, pare de fazer isso!*

—Fazer o que?

Você sabe o que.

—Suas costas estavam viradas. Você não viu nada.

Eu sabia o que você estava pensando.

—Então você pode ler mentes, praga?

Eu não sou uma praga. Eu não sou um peão de laboratório. Eu não sou sua prisioneira!

—Nem eu sou seu. Amarrar-me não me torna menos príncipe ou você menos tola. Você pensa que é normal? Você acha que é uma heroína de verdade?

Você pensa que é um verdadeiro herói?

—Eu sou uma curandeiro. Eu salvo vidas.

Roubando outras vidas.

—Um príncipe não precisa roubar sua própria propriedade. E se ele for sábio, ele aprenderá uma ou duas habilidades que excedem seu trono.

Quando a resposta dela lhe escapou, ele lançou um olhar inquisitivo. Ela repetiu: *Que sábio príncipe persegue uma garota no oceano?*

—Um príncipe que sabe que ele vai pegá-la.

Sua sabedoria me perseguiu até uma ilha mágica, e agora você está preso aqui e não me pegou.

Uma crença no mito sobre a verdade, fantasia sobre a realidade. Jeryn adicionou isso à sua lista.

—Não existe mágica. Isso não passa de uma ilha desconhecida, repleta de flora alucinatória. Uma ilha de tolos. E você não passa de uma imunda, muda e louca...

Eu não sou louca!

— que nos trouxe aqui por acidente. E deixe-me esclarecê-la. Todos os tolos nascidos pensam que são normais. Eles pensam, embora estejam longe disso.

Diz você.

—Diz todo mundo.

Eu não. Eu não digo isso.

—Você não conta. Vocês. Não. Importam — ele enunciou. — Você é estranha. Você é uma praga com a qual somos forçados a lidar.

As Estações são divindades!

—Pela primeira vez, concordamos.

Mas as Estações não me julgam. Seus reinos fazem. O povo delas faz. Você não pode dizer que a natureza não me criou. Ela criou, como criou todo mundo.

—Um engano da parte dela. Você conhece essa palavra? Engano?

Ela apontou para a praia. *Sou da natureza, como todo mundo é, sou da areia e sou do Verão. Eu conheço este oceano!*

—Então você deveria ter me feito um favor e se afogado nele.

Se decida! Você queria me pegar ou me afogar. Qual é?

—Você esqueceu a torre, onde eu também queria que você sufocasse e se ajoelhasse.

Monstro!

—Não sou eu quem está marcado no pescoço... O quê? — Ele perguntou quando ela falou sobre ele.

Eu disse, eu te odeio! Eu odeio que você tenha assustado minha amiga na torre, e eu odeio que você me escolheu, e eu odeio que você me seguiu, e eu odeio que você esteja aqui. Eu odeio tudo sobre você!

—Isso é traição.

E eu odeio seu povo. Eu odeio Inverno e seus governantes.

—Pense duas vezes antes de ofender minha família, tola.

Duas vezes, salvei sua pele miserável.

—Oh, por favor. Tirar-me de um barco e depois da lagoa de rodopios não foi heroico. Foi um instinto bestial porque, em algum momento, você precisará de mim para resgatá-la de volta.

Você não saberia como. Você não podia nem se salvar na lagoa!

—Como você esperava que eu fizesse isso?

Tudo o que você precisava fazer era soltar e parar de se mover. Se você tivesse parado de se mover mais cedo, eu teria puxado você mais cedo. Você estava se mexendo como um peixe, mas quando parou de se mover, a água... Os olhos dela brilharam, como se uma memória a agarrasse. *A água deixou você ir.*

—Me deixou ir.

Eu vi.

—Eu sou pesado. Eu estava lutando. Quando parei de lutar, o peso diminuiu. Não há outro motivo.

Você quer saber se eu estou certa? Volte e veja. A água da ilha não precisa lhe dar um motivo. Você confia nisso. Se você ousar.

—Se eu quiser aprender coisas, eu testo. Eu não me atrevo. Não testei o vigor de uma corrente oculta mergulhando nela. — Ele sorriu. — É para isso que servem os tolos.

Frieza e apatia eram aceitáveis. A isca sem motivo metódico não era. Não era a maneira correta pela qual um médico lidava com um

tolo. No entanto, com ela, uma dose adicional de crueldade vinha cada vez mais facilmente para ele.

Como fez a tradução de seus lábios. O discurso dela.

Fervendo, ela se virou para a água. Jeryn lembrou-se de como haviam lavado diferentes enseadas após o naufrágio. Quando contida naquele peixeiro, ela dirigiu com movimentos rápidos e focou no horizonte. Ela navegou do Verão com determinação zelosa. Conhecimento. Expectativa.

Ele desviou a cabeça na direção dela. —Você sabia.

Nada.

—Você sabia que esta ilha estava aqui. Você sabia para onde ir.

Nada.

—Diga-me como —, disse ele com calma mortal. —Diga-me onde estamos.

Ele poderia ser paciente. Ele poderia.

Jeryn esticou as pernas amarradas. Ele chutou o desenho dela, os calcanhares esculpindo a enseada esboçada, pulverizando grânulos sobre os membros dela. Ela piscou com o que ele tinha feito, consternação contorcendo seu rosto.

Dedos abertos, a cadela raivosa deu um tapa no resto do desenho, jogando areia nos seus olhos. Amaldiçoada seja.

CAPÍTULO DEZ

FOGO

Amaldiçoado seja. Eu mantive o real amarrado, meu cativo agora, mas a presença dele na praia parecia uma mancha na ilha, algo para se envergonhar. Por que eu deveria me sentir culpada? Eu não podia confiar em um príncipe, um odiador de tolos, um garoto de Inverno que amarrara sua mão em volta da minha garganta. Ele foi feito desse mistério chamado gelo, a palavra uma coisa deslizante. Ele me machucaria. Ele faria.

Também gostei muito, tendo o príncipe assim, porque ele merecia, e às vezes, sim, eu queria atacar. O desejo se assentava na ponta dos meus pés e queimava nos ossos dos meus dedos.

Mas mantê-lo atado significava ser como ele, e eu não queria ser como ele.

Quando o ar mudou de quente para frio, as estrelas brilhando sobre a maré, mudei os suprimentos para o quadril da tenda e a vela para dentro, depois embaralhei no topo. Meu amigo sapo conseguiu dar alguns lúpulos lentos e desabou sobre uma mecha do meu cabelo. Enquanto isso, ouvi o príncipe sacudindo e virando para fora, tentando tirar a areia dos olhos dele, pois não havia me oferecido para ajudar. Enrolando-me e imaginando-o batendo o rosto no ombro, sorri e deslizei para o sono.

O que pareceu segundos depois, um estrondo me tirou disso. Turva e vibrando com o sono, levantei minha cabeça. A chuva encharcava a

praia, o ataque escorregadio o suficiente para que os pés de uma pessoa pudessem escorregar no barulho.

O sapo acordou. Ele apareceu atrás de mim, agarrado pelo mesmo medo que ele demonstrou na floresta quando ouviu um trovão, escavando no meu lado enquanto os estrondos e gargarejos colidiam. Um raio brilhou, uma lâmina de luz dividindo o céu ao meio, uma tempestade comum de Verão.

No entanto, algo sobre isso era diferente, seja a visão ou o som ou -

Um gemido masculino agravado veio de fora. Coloquei minha cabeça para fora da tenda, olhando para onde o príncipe estava sentado com os dentes cerrados de dor enquanto olhava para um corte em sua calça, uma linha vermelha escorrendo de sua panturrilha, uma ferida que não existia antes.

As palmas o protegiam da chuva – na maior parte. Algumas gotas gotejavam, e cada vez que o faziam, o príncipe se esquivava delas.

O sapo soltou um monte de coaxados em pânico quando eu abandonei a barraca e rastejei até o príncipe. A fenda em sua perna era rasa e fina como papel, como se alguém o tivesse golpeado com uma lâmina de barbear.

Um respingo de água beliscou meu ombro. Eu gritei, olhando para o sangue subitamente brotando do local.

Outro raio rasgou a tempestade. Andei pela areia e parei na beira do dossel das palmeiras, depois estendi a mão e ofeguei, recuando quando a água me atingiu. Os primeiros pingos pastavam, mas esses novos bastardos molhados deixaram suas marcas. Não era a chuva suave de antes. Era uma chuva penetrante, agulhas caindo como armas, lançando-se em nosso campo por fendas entre as folhas, não cortando as próprias

palmeiras nem danificando a tenda, mas deslizando através das aberturas acima da cabeça para atingir meus pulsos e membros do meu inimigo.

Oh! Essa era outra saudação da ilha? Este poderia ser meu chamado, experimentar todas as águas e chuvas que esse reino oferecia, como uma iniciação.

Ignorando o uivo do sapo e os palavrões do príncipe, corri para o dilúvio. Correndo pela enseada, abri meus braços, respondendo à ilha, aceitando e me entregando a ela. Em todo lugar o céu me mordeu, cutucando meus ouvidos, cotovelos, coxas e testa. Doeu, mas não como a tinta queimada no meu pescoço, e se Verão pudesse me marcar assim, eu poderia deixar este lugar me dar marcas mais agradáveis, me permitir esse rito de passagem. Eu gritei com as dores, mas as recebi, as nuvens me abençoando e a ilha me presenteando, e somente quando ouvi meu sapo dar outro grito eu voltei para o acampamento, muito feliz.

Meu pequeno companheiro ficou boquiaberto, enquanto meu companheiro maior olhava furioso para o que eu havia feito comigo - ou melhor, o que a ilha havia feito comigo, como me honrava. Minhas roupas sobreviveram ao ataque, não uma lágrima nelas, enquanto linhas ensanguentadas cobriam as partes expostas, ardendo e vazando por toda parte. Eu assobiei a cada movimento, mas também sorri, porque os entalhes curariam e desapareceriam.

Ainda assim, eu tinha esquecido o príncipe do mal, cuja panturrilha havia sido atingida. Eu puxei, e ele empurrou, e juntos o colocamos na tenda. O sapo saltou de volta para dentro quando alisei o cobertor de vela e joguei nossos suprimentos conosco.

O príncipe respirou por suas narinas. —Corte minha manga.

Ugh, ele. *Você realmente acha que precisava me dizer isso?*

Ele apertou os olhos, sem me entender. —Basta fazer o que eu digo.

Minha adaga passou pelo material, fios saindo das costuras e descobrindo seus braços, mas então ele ordenou que eu a usasse em mim mesma, para sufocar meus cortes em vez dos dele, o que desfaria o trabalho da ilha, então não. Afastando os grunhidos para que eu obedecesse, enrolei o pano em torno de sua perna e dei um nó. Enquanto eu fazia, seus olhos percorreram-me, verificando os cortes, talvez contando-os.

Nós três nos amontoamos embaixo da tenda, alertas aos trovões, raios e chuva. Era disso que o sapo tinha medo hoje, e agora eu me sentia mal por assustá-lo.

O príncipe e eu ficamos quietos enquanto a noite se aprofundava, e ficamos acordados até minha pele parar de derramar e até que nenhum de nós pudesse pensar mais. Enquanto eu me afastava, me perguntei qual de nós fecharia os olhos primeiro.

Eu vivi dentro dos meus sonhos e, novamente, eles terminaram cedo demais. O amanhecer chegou, pintado do nascer do sol e depois da luz do dia, e observamos outra onda de trovões, relâmpagos e chuvas fortes, mas nenhum veio. Nossos suprimentos sobreviveram ao cerco, enquanto ele foi cortado das gotículas que perfuravam o dossel, e eu fui cortada aqui e ali pela minha corrida. Embora nossas feridas tenham secado, e nenhum de nós tenha dito nada sobre a tempestade de agulhas.

Com a ajuda dele, mudei o príncipe para o lugar de sempre. Protegido do sol, ele voltou ao negócio do resgate, reclinando-se na palma da mão e olhando o horizonte, esperando que seus parentes Invernais o salvassem disso. Seu queixo virado para cima me incomodou

tanto que eu o agarrei e o puxei para baixo, raiva apimentando meu sangue. De perto, descobri uma fenda beliscando seu queixo.

Ninguém estava vindo para nós. Eu queria gritar isso e outras coisas, muitas coisas, na cara dele. Mas eu não gostava de vê-lo ler meus lábios.

Ele se arrancou do meu alcance, lançando seu olhar elevado de volta para o mar, e depois de um tempo, ele me mirou novamente com palavras sobre tolice e ameaças sobre punição, sutis que devoravam o silêncio. Ele era talentoso, exibindo sua língua com crueldade casual, tentando-me a desamarrar e atear fogo nele.

O príncipe desprezava ser alimentado por mim e ter seus cortes banhados em água salgada por mim, e nem eram meus hobbies favoritos - além da parte em que eu o via humilhado. Eu cuidei de sua bochecha e arrumei seu membro, virando o curativo improvisado do avesso, embora ele tivesse muito a dizer sobre isso. Eu quebrei seu jejum com restos de mariscos e derramei água em sua boca, imaginando como seria o grito de um príncipe.

Embora o acampamento protegesse sua pele pálida, seus músculos deviam estar gritando por movimento. Ele ficou lá, me observando engolir minha própria porção de água, me observando lamber meus lábios, me observando agitar-se em trapos de areia, e me observando se relacionar com meu amigo sapo, e acumulando aqueles pedaços em sua mente como se pertencessem a ele.

Eu rondava a floresta tropical para beber mais. Sem sorte novamente, voltei mais tarde ao mar de joias e mergulhei em um reino de recifes, brincando com suas algas e estrelas do mar e caranguejos-de-

bico. As conchas do mar cobriam o fundo do oceano, duas conchas verdes de asas largas o suficiente para serem usadas como tigelas.

Coletei um tipo maravilhoso de alga marinha, forte como barbante, diferente do tipo que atraía moscas, do tipo que eu dormi na torre. Esta alga, eu poderia tecer uma vez que secasse.

Eu caçava as profundezas com minha rede de água limpa, coletando mais vieiras para uma refeição do meio-dia. Em vez disso, eu desejava usar a rede de areia e tentara, mas até agora não havia visto sinais de peixes terrestres ao longo da costa.

Naquela tarde, acordei de descansar no cobertor de vela, depois de o ter deslocado para fora da tenda. Rolando, encontrei o príncipe examinando meus cortes. Ele estava memorizando-os para que ele soubesse quais lugares atacar se ele fosse libertado?

Não que ele tivesse uma chance. Eu o tinha visto mexendo muito, tentando desvendar meus nós. Boa sorte para ele.

Eu me levantei. *O que você está olhando?*

—Eu não entendi o final da pergunta. Pergunte mais uma vez.

Não em sua vida. Não para você.

Isso ele entendeu. —Tanto faz. A água salgada ajudou. Sua recuperação parece promissora, mas se os ferimentos começarem a inflamar ou ficar vermelhos, mostre-me. Não posso ter você em decomposição enquanto preciso de você capaz.

Pensei em inundar sua garganta até ele vomitar. Isso seria uma piada. Além disso, fazia algumas horas desde sua última porção.

Mas meus olhos tinham outras ideias, viajando para as crostas secas em sua bochecha e panturrilha. Eu estava fazendo o trabalho certo deles?

Quando comecei a apontar, sua zombaria me cortou. —Você tem sido adequada. Eu vou viver além disso. Não precisa se preocupar.

Eu enrolei um punho. *Eu nunca faria isso.*

—Você não saberia como.

Nem você.

Agarrando o cinto de corda, a adaga e o cantil, levantei-me, meus pés puxando a vela e acordando meu amigo. Afastei-me com o sapo pulando atrás de mim, enquanto o príncipe podia morrer de sede ou se sujar, por tudo o que importava para mim.

O sapo e eu fizemos nossa segunda missão do dia na floresta tropical, a vida na torre me ensinando a ver nessa escuridão. Eu bati galhos fora do caminho, percorrendo sombras que transbordavam de calor. Garras deslizaram por entre os galhos, as penas varreram as samambaias, e a respiração de um focinho empurrou a neblina, e outros sons clamavam por espaço.

"*Oo-oo-ooahhhh!*"

"*Wooop, wooooooooop.*"

Tudo se movia ou crescia aqui, tudo se enroscava e tudo respirava. Este lugar me viu e me ouviu e me recebeu.

Ele me deu boas-vindas, exceto na água que ele estava se afogando, onde eu havia salvado o príncipe. Lembrei-me da atração e depois lembrei de outra vez, outra atração - um afogamento de areia em vez de água, em um dia diferente e com uma pessoa diferente, e lembrei do que veio depois e onde eu tinha terminado por causa disso.

O lampejo não veio ao salvar o príncipe, talvez porque eu estivesse muito ocupada. Depois que ele desmoronou na lagoa, eu levei seu corpo morto para o acampamento, usando uma das velas como arreios. Levou

uma eternidade, apesar da inclinação da linha das árvores e da curta distância. Fiquei surpresa com a proximidade da lagoa com a praia, acessível através de um recanto nas árvores que eu não havia notado quando entrei na floresta.

Mas aquela lembrança de muito tempo atrás, de um dia semelhante, de um tipo semelhante de afogamento, voltou a mim quando estávamos conversando ontem. Quando eu disse a ele por que a lagoa finalmente o libertara, o passado me pegou pela garganta.

Eu não deixaria de novo. Enquanto explorava, evitei aquele local, lembrando o aviso da música de verão.

Quando o sol desaparece, a névoa cresce, a Ilha da Chuva Perdida
A névoa cresce, as gotas caem, a Ilha da Chuva Perdida
Floresta escura, palmeiras profundas, Ilha da Chuva Perdida
Onde chove granizo, água nasce, a Ilha da Chuva Perdida
Gotas afiadas, lagoas afogam, Ilha da Chuva Perdida

A neblina trouxe uma pitada com ele, e eu me preparei para fugir da tempestade de agulhas - uma bênção dela tinha sido suficiente para satisfazer a mim e à ilha, eu tinha certeza - enquanto meu amigo sapo batia insetos na boca, sem medo da abordagem da chuva. Ouvi, sem relâmpagos. Segundo o mito, esta ilha era o berço de diferentes tipos de chuva. Ontem, a neblina nos emprestou um banho gentil, de modo que os trovões e relâmpagos devem ter sido os precursores dessa torrente penetrante.

Uma chuva amigável caiu sobre nossas cabeças. Calmamente, meu companheiro se aproximou de um cogumelo gigante, segurando seu caule e se aconchegando.

Tirei meu trapo e pendurei-o em um galho de tubo, depois penteei minhas madeixas até meus dedos deslizarem sem problemas. Enquanto me banhava, pensei nos cabelos compridos do príncipe, na camisa sem mangas e na calça rasgada. Ele estava inconsciente quando eu removi a pequena lâmina embainhada em seu quadril, e ele deve ter perdido o pingente do frasco, porque havia sumido. Despojado de sua capa de pele e elegância, ele se tornara um garoto derrotado pela maré.

Calor mordeu minhas bochechas. Há quanto tempo ele estava me olhando dormindo? Quanto de mim ele tinha olhado antes de se fixar nos meus cortes?

Eu não gostava do peso do seu olhar. Me fazia querer esmagar alguma coisa.

Meu banho diminuiu a velocidade, meus dedos pararam sobre meus quadris, onde os riachos corriam. Eu abaixei meus olhos enquanto meu toque viajava, verificando a forma e os segredos do meu corpo. A torre havia feito um fio de mim. Ele usou a palavra "desnutrida".

No entanto, uma mulher havia brotado desse fio, com o cabelo debaixo dos braços, ao longo das pernas e no centro das coxas. Os olhos de ostra de Pearl notaram as mudanças que saíam de mim. Estávamos amontoadas em nossas camas de algas sussurrando sobre ela - ela tinha nove anos, eu doze - a umidade da cela se misturando com o musgo da torre.

—Pelo menos você não vai sangrar. — Dissera ela.

Sangrar? Eu perguntei.

—Você sabe... não sabe?

Por que eu sangraria?

—Porque você tem idade suficiente para isso. Deve chegar em breve. Você se tornará uma donzela e ficará mais redondo e agradável.

Eu rosnei, *O que isso significa?*

—Isso significa que se você se deitar com um garoto, ele não vai te deixar com criança. Quer dizer, se você gosta de meninos e não meninas.

Como você sabe disso?

—Eu os vi te darem a poção. O gosto era nojento? Parecia que sim.

Aquela poção, aquela droga, impedia prisioneiros tolos de se reproduzirem nas celas. Na véspera do meu décimo segundo ano, eles abriram minha boca e jogaram três dardos na minha língua, o que me deu cólicas durante semanas e um útero vazio por toda a vida. Foi inventado pelo Inverno tão sensato.

Mas não era isso que eu estava perguntando. Pearl foi enviada à torre um ano antes de mim, e ela era mais jovem. Como ela saberia sobre arrancar e sangrar?

—Lotus me disse durante uma de seus discursos de mãe —, Pearl riu, apontando para a anciã adormecida na jaula vizinha, cuja mente passava de criança para mulher a cada hora. — Ela avisou a si mesma sobre a donzela e, quando me pegou ouvindo, também me contou o caminho das coisas.

Eu sabia como a criação funcionava. Crescendo, eu tinha visto pássaros, alinhando e batendo as asas. Mamãe disse que era assim que os ovos eram feitos, e eu tropecei com ela e papai fazendo a mesma coisa, abraçando e esfregando juntos, o cobertor os cobrindo. Parecia e soava agitado.

Eles me explicaram como as pessoas entrelaçavam seus corpos para criar filhos e mostrar amor, e conversavam sobre cuidar um do outro, mas

não haviam dito como era, ou como as pessoas sabiam quando compartilhar esse amor ou como deveriam fazer com seus corpos uma vez que eles se encaixavam. Papai só bagunçou meu cabelo quando perguntei, prometendo responder o resto mais tarde.

Mamãe não tinha mencionado sangue. Ela não teve a chance, porque a Coroa me levou embora, destruindo nossa família.

De pé na chuva, minhas mãos foram para onde meus quadris afundaram em uma barriga. Verão havia roubado minha chance de crescer ali um dia.

Eu me abracei, todo o meu ser. Meus braços, pernas, ombros, joelhos e mãos podem parecer mansos para um príncipe, mas eles não agem mansos, e eu não preciso da aprovação dele. Eu tinha a ilha, a areia e a mim mesma, e tinha um amigo aqui.

A chuva se reduziu a uma garoa e depois limpou, abrindo-se para centenas de chilreares gaguejantes e assobios trêmulos. A floresta brilhava dentro de sua própria escuridão. Uma centopeia farpada subiu em um tronco e ficou presa em algum tipo de seiva.

O sapo ressurgiu debaixo do cogumelo, uma gota de chuva batendo na cabeça dele. Ele se sacudiu de irritação.

Os sapos não gostam da água? Eu provoquei, sacudindo meu cabelo.

Ele se assustou como se eu tivesse dito algo notável.

Eu alisei as mechas molhadas. *Espere. Alguns sapos não moram perto de lagoas e riachos?*

Nós piscamos um para o outro. Era isso!

Você... esqueceu de mencionar?

O rosto do sapo caiu no chão. Sim, ele havia esquecido de mencionar, e eu esqueci de perguntar. Era a coisa mais óbvia, e tínhamos esquecido, assim.

Pule uma vez para sim, duas vezes para não. Você pode viver um tempo sem beber?

Um salto.

É por isso que ele esteve comigo por tanto tempo e não passou muito tempo em nossa provisão.

Existe um lugar onde você pode me levar?

Um salto.

Você pode ser meu guia, então? Como um guardião da floresta tropical?

Ele estufou o peito.

Rindo, eu disse, *obrigada, nobre sapo.*

Um vagabundo de areia não precisaria da ajuda dele, mas eu não tinha mamãe e papai, e essa ilha era mágica, e meu amigo nasceu aqui. E isso o fez feliz em ajudar.

Vestindo-me, balancei o braço à nossa frente e ele saltou adiante, um ponto verde saltando no caminho. Eu segui, com o pé leve e saltando através das folhas manchadas, procurando no caminho qualquer coisa para limpar e sinais de perigo etéreo.

Memórias esboçavam-se em meu coração, dias, semanas, meses e anos de jornadas, de mar agitado e dunas agitadas pelo vento. Mamãe e papai disseram que eu era uma criança aberta, aberta demais para conter qualquer coisa, me arremessando para o mundo, movendo-me com o vento, leve e brilhante, uma pequena mancha ardente.

A garota em chamas, eles disseram.

E eu fui rápida em queimar, rápida em queimar selvagem, ficar brava, mais brava do que outras pessoas do Verão - mas é claro, não o tipo de loucura que o mundo acreditava que eu fosse.

Meu companheiro sapo continuava parado ao menor barulho, mas então galantemente cutucava galhos para fora do meu caminho. Que coisa leal - nervosa, mas leal.

Um dia, eu saberia para onde ir, como ele sabia. E eu saberia em que confiar, e faria desta minha casa, como a ilha queria.

Em um arbusto, eu parei. *Veja!*

Me ver ajoelhada agitou o sapo, mas eu fiz assim mesmo, porque ele entenderia uma vez que eu mostrasse a ele. Bagas gordas de najava de verão caíam em cachos do arbusto, listradas como tigres e com a forma de foices pequenas, glorificadas com a promessa de suco doce e pegajoso. Eu gostava desses tesouros sempre que minha família acampava nos pântanos do reino.

Hã. Embora não tivéssemos visto najavas florescerem tão perto da costa. Deve ter sido a ilha, apresentando-me essas relíquias do meu passado quando eu precisava delas, como recompensa - se não por respeitar seu deserto, pelo menos por não esfaquear o príncipe.

Meu amigo se aproximou com um coaxar de palestras.

Está tudo bem, eu insisti. *Eu conheço essas guloseimas.*

Ele hesitou. Os sapos da floresta tropical gostavam de frutas ou apenas de insetos?

Peguei um dos pedaços. Minha boca ficou com água, mas quando levei a gema aos meus lábios, meu guardião saltou sobre a fruta. Ele colocou o rosto contra ele, dando um suspiro e grunhindo de novo, desta vez orgulhoso.

É muita gentileza sua, mas não preciso de um provador.

Sua garganta esvaziou. Eu queria me chutar por já estragar o nosso acordo.

Mas você me faria um grande favor, apressei-me a dizer. *Se você quiser.*

O sapo pulou no lugar, corajoso por um tipo tão nervoso. Rasgando a baga, peguei um pedaço de mordidela e o ofereci da ponta do dedo. Sua língua disparou, e ela trancou, e o petisco desapareceu em sua boca larga. Ele refletiu sobre o najava e balançou a cabeça. Tomando isso como permissão, coloquei a baga no chão para que ele apreciasse, então peguei outra para mim mesma, colocando-a na minha boca. Fazia cócegas nos meus lábios, o néctar mais maduro do que eu lembrava, mas eu saboreava.

Decidindo fazer um banquete para nós, voltei ao mato e peguei mais alguns. Empilhando-os na palma da mão, eu desviei. *Viu. Eu disse que eles eram segu-*

As palavras morreram na minha garganta. Meu amiguinho estava deitado ao lado da fruta, seu corpo sacudindo e sua boca fazendo um terrível som borbulhante. Ele piscou para mim, seus pequenos olhos inchados passando do tamanho normal.

As bagas pousaram no chão.

Não! Eu me arrastei até ele. *Não, não, não. Respire!* Eu gritei, mas ele não conseguia respirar, então eu gritei: *Fique quieto!* Mas ele não conseguia ficar parado, e eu também não conseguia respirar ou ficar parada. Agarrando a fruta meio comida, verifiquei suas entranhas e não vi nada, depois verifiquei uma das minhas, rasgando-a. Lá estava, uma semente aninhada dentro da fruta, misturando-se.

Bagas de Najava não tinham sementes.

As palavras do príncipe do dia anterior mastigaram minha cabeça. *No Verão, quanto mais brilhante a fruta, mais mortal o veneno.*

Com um grito silencioso, joguei a baga atrevida contra a árvore mais próxima, onde explodiu em uma bagunça encharcada. Segurando o corpo do sapo na cesta das minhas mãos, fiquei cambaleando e corri, rasgando a floresta tropical, o odre e a adaga batendo no meu quadril. Correndo em direção ao sol flamejante e ao mar, com lágrimas não derramadas queimando os cantos dos meus olhos, eu soprei através das sebes.

O príncipe observou a enxurrada de tédio, suas roupas cravejadas da chuva mais recente, que deve ter cuspido nele através do dossel. Ele descansava enquanto eu me arrastava em direção ao acampamento, enquanto eu me ajoelhava e colocava meu amigo no cobertor da vela, enquanto o peito do sapo balançava e lutava por ar.

Ontem, ele permaneceu ao meu lado em vez de fugir do raio, e me fez companhia enquanto eu tolerava o príncipe. Hoje, ele testou as bagas para mim, e ele tinha sido tão cavalheiresco, apesar de seus medos, um cavaleiro em miniatura de armadura. Meu próprio cavaleiro. Era assim que eu deveria ter chamado ele.

Pequeno Cavaleiro, eu chorei.

O príncipe deu um tapa. —Espasmos. Inchaço.

Pequeno Cavaleiro, respire, respireee!

—Asfixia. Deve ter sido veneno.

Foi uma fruta.

—Uma comida?

Fruta! Eu exclamei, soprando a palavra para ele. *Uma fruta!*

—Ah, veneno. A natureza se defendendo com decepções fatais.

Não por favor! Pequeno Cavaleiro!

—As presas são equipadas com defesas nativas e instintos inerentes contra predadores. Seus sentidos estão sintonizados em se proteger. Assim, a menos que esse anfíbio seja uma exceção, pelo menos deveria saber o que evitar. — Uma clareza repentina afiou sua voz. — Ou estava ajudando você de alguma maneira. Depois de subsistir por conta própria, um passeio com você o condenou. Um anfíbio excepcionalmente estúpido, então.

Minhas presas saíram. *Cale-se!*

Com elegância desdenhosa, o príncipe disse: — Ele vai morrer.

Rasguei minha adaga do cinto de corda.

—Vai morrer de dor.

Indo até ele, segurei a adaga na garganta dele. *Eu falei, cala a boca!*

—Esta é a sua maneira de pedir ajuda?

A arma balançou nos meus dedos. Eu fantasiei em perseguir uma veia naquele pescoço e depois cortar esse pulso calmo, ensinando-lhe uma lição atrasada, estragando-o da maneira que seus cretinos haviam me estragado. Vi Pequeno Cavaleiro morrendo por causa disso.

Meus lábios tremeram. *Socorro.*

—Eu não sou um curandeiro de animais.

Mas você sabe as coisas.

—Eu posso saber as coisas.

Então me ajude!

O príncipe levantou uma sobrancelha triunfante. —Eu não posso te guiar sobre isso.

Droga. Eu me arrastei atrás dele e cortei suas amarras.

CAPÍTULO ONZE

GELO

As cordas caíram na areia. Primeiro, as que estavam nos seus pulsos. Depois, nos membros inferiores. Ele se adiantou, desenrolando-se da posição bloqueada. Suas articulações tinham envelhecido um século.

Soltando a adaga, a tola prendeu os dedos em volta da garganta dele. *Conserte isso! Corrija isso agoraaa!*

Ele a jogou para longe como uma mosca. —Se você não se importa, precisarei respirar por isso. —Quando ela abriu a boca para gritar, ele acrescentou: —Isso não é minha culpa. É sua.

Seus traços se contorceram. Ferida. Perturbada.

Sua declaração tinha sido um palpite estimado. Sem saber o que tinha acontecido, ele não poderia saber se a condição do sapo era culpa dela. Mas ele precisava sufocá-la de alguma forma.

Além disso, ficava satisfeito ao vê-la derrotada.

O sapo bateu novamente. Endireitando, Jeryn estendeu a palma da mão esquerda. A tola pegou o bisturi e a bainha do arsenal e os largou na mão. Quando ele os prendeu ao cinto, ela se afastou e se curvou ao lado de seu lacaio.

Jeryn foi até o cobertor e se ajoelhou, ciente de que seus olhos giravam entre o sapo e ele. Ele inclinou a cabeça, inspecionando a criatura. —Diga-me o que aconteceu.

Ela chorou os detalhes, forçando-o a ler seus lábios bambos. Envolveu algumas paradas e começos.

Seria gratificante reter o tratamento, uma boa retribuição por transformar o sequestrador em cativo. Mas como ele ansiava por trabalhar. Examinar. Resolver. Curar.

Para vencer esta doença. Para ver se ele podia.

Ele deveria estar mortificado por estar tão entusiasmado com um anfíbio. As desistências de não usar suas habilidades em semanas, antes de suas viagens, deveriam ter o sufocado.

A mudo não precisava saber disso. Ou para testemunhar nele. Como era, ela viu muitas coisas que ele não a desejava.

Além disso, essa não era sua área de medicina, pois as funções internas dos animais estavam em uma escala diferente da dos seres humanos. Os batimentos cardíacos e as temperaturas apropriadas poderiam variar. No entanto, ele colocou um dedo no peito do sapo, avaliando essas preocupações da melhor maneira possível e depois prosseguindo para o resto de sua anatomia. Pupilas dilatadas. Vias aéreas encolhidas. Uma convulsão. Esses obstáculos eram mais evidentes.

A fruta deve ter sido tóxica para o sapo. Ao contrário da garota tola, que ingerira a mesma fruta, mas não sofria nenhum distúrbio aparente, o corpo da criatura não havia produzido as antitoxinas necessárias. No entanto, se alguma coisa, um ser humano em uma paisagem estrangeira deveria ter sido mais suscetível a seus perigos do que o animal que a habita.

Nesse ponto, o sapo também deveria ter sido tóxico para os seres humanos, não inofensivo. A natureza não fazia sentido nessa ilha abandonada.

O veneno em si não alertou Jeryn tanto quanto quantidade e velocidade. No Verão e Outono, em particular, certas sementes liberam óleos. Se fosse uma dessas sementes e tivesse um efeito tão abrupto, o sapo não duraria. A esse ritmo acelerado, o consumo seria fatal.

Duas coisas. Excretar a semente antes de emitir muito óleo. Neutralizar os traços de veneno que já infestam o sistema do sapo.

Uma mistura de hastes de craniss e endro de lã. Ambos crescem em Iradis, milhares de léguas do outro lado do mar.

Primeiro, ele não sabia o que a floresta tropical continha ou como seus ingredientes o serviam.

Segundo, as folhas de pinheiro embaladas em sua bainha poderiam ter amenizado o problema, se a semente não tivesse prejudicado mais do que apenas a respiração. E isso supunha que as folhas não eram igualmente formidáveis para o animal.

Jeryn fechou os olhos. Ele vasculhou a memória, vasculhando as salas médicas de Inverno. Os armários de laboratório. Diagramas e folhetos de testemunho. O comentário de seus colegas.

Hora de uma decisão rápida. Esta ilha não lhe dava outras opções senão as antiquadas.

Os olhos dele se abriram. Se isso não funcionasse, ele recorreria às folhas.

Seus dedos percorreram o estômago do sapo e subiram, manipulando e bombeando. Pressão leve. Concentração e precisão.

O sapo ofegou. Uma semente mutilada saiu de sua boca.

Jeryn pegou com a ponta do dedo e empurrou para a garota. —Moa isso, adicione à água salgada e traga a mistura para mim. Seja rápida.

Ele a viu se mover rápido. Nunca *tão* rápido. Um trunfo para conhecer esta desvantagem em particular. Jeryn se lembraria de pôr em perigo o anfíbio na próxima vez que ele exigisse o cumprimento dela.

Ela voltou rapidamente, derramando de joelhos sobre a areia. A água e o pó das sementes caíam em uma grande concha. Jeryn agarrou e derramou o conteúdo na garganta do sapo.

Ele esperou. A garota louca esperou.

As pupilas da criatura encolheram. Ele tomou uma respiração suave e com cheiro de sapo.

A garota exalou. Ela caiu quando o anfíbio se estabeleceu em um padrão rítmico, com os olhos fechados. Enquanto dormia, ela passou o dedo mindinho por cima do pescoço.

Jeryn a afastou para verificar suas entradas e pulsações. Em qualquer estação do ano, moer a fonte e combiná-la com água salgada tendia a absorver o veneno e a neutralizá-lo.

Bem. Muitas vezes, sim. Nem em todos os casos.

Funcionara até agora. Ele teria que monitorar os sinais vitais.

A tola não se incomodou em perguntar como Jeryn havia conseguido esse feito. Isso o irritou bastante. Não que ela tivesse pressionado por uma explicação fora do maravilhoso. Ou compreenderia, para esse assunto.

Ela sorriu. Jeryn pegou seu cotovelo, tão gentilmente como quando ele a alcançou na cela da torre. Ele a puxou em sua direção, inalando o oceano e uma substância apimentada. Calma, paciente, ele lembrou a si mesmo.

Com ele, ela aprendeu a desconfiar do contato. A não interpretar mal.

Por isso, o sorriso dela se desintegrou. Muito melhor.

Uma ameaça sedosa. —Mencionei várias vezes que era tolice me amarrar —, disse ele. —Abusar seu príncipe, como você fez, seria motivo de punição. Nossos inventores criaram alguns dispositivos bastante horríveis para fazer o trabalho. —Com um tipo de civilidade irada, ele apertou seu braço. —Eu sugiro que você *não* esqueça quem eu *sou*.

Ela se afastou, seu rosto jogando um vitríolo tácito para ele. Ela poderia ter se revoltado ativamente se não fosse por seu sapo adormecido. Quando ela o colocou debaixo do pano, Jeryn se levantou, seus joelhos rígidos e cintura protestando.

Seus dedos estavam sujos e manchados. Para isso, ele contemplou o odre. Seu inestimável conteúdo hidratante. Ele não conseguiu esgotar isso, então olhou em volta, porque tinha que haver outra opção. Qualquer outra opção, exceto o oceano. Folhas molhadas? Um pano? Insuficiente se ele realmente quisesse se enxaguar.

O mar então. O mar desprezível.

Caminhando até a beira, ele se agachou com as ondas e limpou as mãos. O oceano esfregou espuma brilhante sobre ele. Ele não olharia além da espuma. Ele não procuraria moradores.

Ele não pareceria um covarde na frente dela.

Ele respirou através dos movimentos. Distraído com outros pensamentos.

Por tudo o que um banquete de remédios crescia na floresta tropical, um fruto reconhecível para a menina louca acabara enganando. Um erro que alguém poderia ter cometido. Ela havia ignorado as sementes, porque nem mesmo o familiar podia ser contado aqui.

Salvar o sapo tinha sido fortuito. A habilidade não consertava tudo.

Ele pensou em suas tias-avós, anunciando com orgulho no início de seu aprendizado: —Ele será nosso maior curador.

Ele pensou em suas tias-avós, anos depois, tentando sorrir através da tristeza delas quando isso não era verdade. —Você está fazendo tudo o que pode. — Garantiram-lhe, depois o encorajaram a continuar tentando.

Jeryn se aliviou no oceano e depois fez uma careta com as abrasões em seus pulsos, onde as cordas as esfregaram cruas. A tola havia feito um trabalho especializado em amarrá-lo. Para conseguir o que? Segurança? Como se ele mutilaria a única outra pessoa nesta ilha.

Retaliar se ela o atacasse? Naturalmente.

Fazer um trabalho permanente disso? De jeito nenhum.

A sobrevivência não funciona dessa maneira. Garota tola.

Pena que ela estava desajeitada e apressada quando o soltou. Ele teria preferido que ela o libertasse com as mãos em vez de uma lâmina, para que ele pudesse ver aquelas mãos tolas trabalhando nos nós, revelando a tensão nelas. Ele chegou ao ponto de visualizá-la, as juntas e os dedos dela se mexendo.

Ele voltou a si e jogou água no rosto. Então ele lembrou que era água salgada. Com os olhos ardendo, ele avaliou a fenda em sua bochecha, embora tivesse instruído a garota a descrever seu estado várias vezes. Ele também verificou sob o curativo ao redor da panturrilha.

Terminado, ele se retirou das ondas. No caminho para a praia, ele e a garota louca se cruzaram. Ele retornando à sua desculpa esquálida para um acampamento. Ela estava migrando para o oceano com uma de suas redes, para pegar peixes. Ele andava em linha reta, enquanto os pés dela

produziam uma trilha instável, como se um vendaval a tivesse empurrado. Como uma chama ou uma mancha de areia.

Ao passarem um pelo outro, seus olhos se encontraram e seguraram. Defensiva. Sempre suspeita.

Depois que ele ministrou ao sapo, ela sorriu. Um sinal de gratidão. Um impulso, com certeza. Apenas porque ela tentou agradecer, isso não significava que ela deixou de ter um temperamento ou de ser um perigo para o bem-estar de Jeryn, não importava que ela tivesse salvado sua vida duas vezes.

Ele não a conhecia. Ela não o conhecia. Tudo ainda poderia acontecer.

Felizmente, curar o sapo e emitir um aviso havia ensinado a tola uma lição. Que cortar a garganta de Jeryn, ou se envolver em algum outro empreendimento bárbaro em sua direção, não a capacitaria.

Ele olhou para trás. Ela mergulhou nas ondas, pulverizando água-marinha no ar. Outro mergulho que cuidaria de sua pele lascada, a partir de quando ela correu, por quem sabia o motivo, para aquela chuva bizarra na noite passada.

Ele balançou sua cabeça. Depois de tanto tempo sem propósito, ele se tornou útil. Ele organizou os suprimentos, notando que ela acrescentara algas e duas conchas largas à pilha. Uma das conchas tinha sido usada como uma tigela para o antídoto do sapo. Prático.

A floresta tropical e suas inúmeras descobertas atraíram Jeryn. Ele passou parte de seu confinamento vasculhando os limites da floresta e a folhagem vizinha. Folhas desgrenhadas. Árvores com galhos em cortiça. Palmeiras com três coroas que entrançavam uma à outra.

Nenhum outro ambiente possuía terreno tão fértil, disso ele era positivo. Tão positivo quanto ele poderia ser até que ele tivesse um olhar mais atento. Uma expedição de pesquisa de volta à natureza.

Mais tarde. Teria que ser mais tarde.

A garota se mostrou diligente. Bastante habilidosa, de fato. Mas, embora ela tivesse feito um trabalho suficiente para equipá-los com os pré-requisitos, um homem astuto garantiria que eles acumulassem tudo o que pudessem desde a enseada. Essa praia crescente seria mais rápida de recuperar do que a floresta tropical.

Ele vasculhou a área, descobrindo pedaços de madeira em excesso dos destroços e uma garra de pássaro para talhar. O nevoeiro acompanhava a hora tardia. Uma chuva indolor tomou conta da ilha, sem o motim da noite anterior. Durante o dilúvio, ele correu para o acampamento para encher os cantis e conchas do mar. Chuvas torrenciais garantiriam a eles um suprimento confiável, embora uma fonte de água estável ainda fosse essencial. Uma fonte que não os afogaria ou os perfuraria aleatoriamente.

Depois de verificar o anfíbio, Jeryn fez uma segunda viagem, com a intenção de varrer a outra enseada onde ele havia lavado a praia. Como ele não estava coerente na época, ele poderia ter deixado de identificar itens de valor. Os pedregulhos que seccionavam as duas enseadas provaram ser um teste para escalar, escorregadios e cobertos por uma filigrana de algas. Jeryn abriu caminho, vigilante das rochas e cuidado para não agravar sua perna. Ele ganhou apenas uma fração da distância quando o sol mergulhou mais perto do horizonte. O crepúsculo chegaria cedo demais. Ele teria que tentar novamente mais tarde.

A garota toal voltou ao acampamento e colocou dois peixes estripados nas rochas. Sua curvatura enrugada, gradiente colorido de escamas e caudas prolongadas o lembravam abacaxis.

Jeryn tomou nota criteriosa da tarifa. Sem ossos. Cortes limpos e precisos. Aquelas mãos sabiam o caminho em torno de uma adaga.

Não era uma escolha inteligente deixá-la manter uma, por mais imprevisível que ela fosse. Ele reivindicaria dela, se necessário.

O sol e a areia absorvente haviam penetrado no detrito do peixeiro, mas levaria semanas para secar completamente, meses para qualquer outra madeira que encontrassem. Especialmente neste clima, com suas chuvas. Eles teriam que proteger o que tinham. Até então, alternativas cruciais para cozinhar.

Eles trabalharam sem falar. Ele cavou um poço, circulando-o com pedras. A garota tola invadiu seu espaço, arrumando a pilha de estofados e deixando de lado os gravetos. Detritos que devem ter caído das árvores e conseguido evitar as chuvas.

Inclinando-se, ela começou a fazer fogo. Plantando um graveto em um plano de madeira entalhado, girando o tronco entre as palmas das mãos, pressionando para baixo. Rapidez. Atrito.

Quão primitivo. Talvez um método tradicional de deriva de areia, extraindo-se do sílex e do aço usuais, ou práticas avançadas como o vidro reflexivo. Mesmo no deserto e sem mobília, os caçadores de Iradis usavam pedras. Antiquado também, mas limpo e direto. Sem esforço para a mão hábil. Não era bagunçado ou trabalhoso. Ela estava ficando com bolhas.

Houve um arroto de fumaça. Então nada. Os lábios dela se apertaram em um nó teimoso.

Algumas das rochas do poço do fogo eram cristalinas, enquanto ele suspeitava que outras continham uma substância compatível como o ferro.

Estabelecendo-se em frente a ela, ele extraiu um de cada. —Pelo amor das Estações, deixe-me.

Eu posso fazer isso.

—O inverno cria fogo.

O verão é fogo.

—Não é a mesma coisa. E principalmente a água do verão.

Perilyn tem tanto fogo quanto água. É água e areia, e é o ar úmido e o sol de uma estrela. Nossos ventos são chamas, e o sol incendeia nossa terra.

—Conversa maluca não fará o trabalho.

Os vagabundos de areia cozinham peixes dessa maneira. Eu já fiz chamas assim antes.

—Isso deve ter sido há muito tempo. — Ele respondeu.

Ela se encolheu. Então ela o ignorou, continuando a torcer e triturar o pau com uma vingança. Qualquer coisa mais áspera e aparente se rompia.

Jeryn esperou que ela ficasse sem vapor. O que ela fez. O que levou uma quantidade considerável de tempo.

Ela jogou o graveto na areia. Validado, Jeryn quebrou a rocha cristalina até ter um pedaço com uma aresta afiada. Ele o segurou em suas mãos, junto com a pedra de ferro. Uma sucessão de golpes. Um pouco de estopa pressionada no meio. Aparar faíscas disparando dele para o adversário.

Brasas. A garota tola se arrepiou do umbigo para o nariz. Os lábios de Jeryn se contraíram quando ele aninhou o graveto flamejante na pilha maior, depois todo o monte na cova.

Ele soprou. Nada mais aconteceu. A fumaça permaneceu estagnada.

Ele soprou novamente. E de novo. E de novo. Com o oceano a quarenta passos de distância, não poderia ser a falta de brisa do mar.

Um suspiro. Fibras finas espiralaram no ar, âmbar e cobalto subindo para um inferno. Ele olhou para cima quando a muda se endireitou da posição dela sobre o poço. Ela usava uma expressão vitoriosa.

Sim, o Verão era fogo. Ela era fogo.

O fogo estalou como pergaminho. Ele acrescentou gravetos, conforme necessário, enquanto a muda estava sentada de pernas cruzadas e usava gravetos para prender o peixe de abacaxi, as escamas brilhando no calor. O aroma de carne queimada e graxa crepitante aliviou seu ressentimento em relação a ela.

Beberam e comeram, levando a refeição em pedaços no início. Sem graça, na melhor das hipóteses, mas a lâmina quente de comida em sua garganta lembrou Jeryn de casa. Cálices cobertos com vinho quente, panelas de caldo de alce fumegante, pratos cheios de caça.

O alimento reviveu o lado pertinente dele. Ele e a tola haviam evitado os fatos por tempo suficiente. O interlúdio tinha que terminar, começando pelo essencial.

— Onde estamos? — Ele perguntou.

Ela limpou a boca com o braço. *A Ilha da Chuva Perdida,* ela disse com uma cara séria.

Ele levou um segundo educado para digerir seu significado. Ele largou o restante do peixe. —Divertido. Agora me diga onde realmente estamos.

É onde realmente estamos.

—Você espera que eu acredite que desembarcamos em alguma ilha a partir de um mito do verão.

Não, eu espero que você se engasgue no jantar.

Então ela o forçaria a desperdiçar o fôlego. —Você ouviu a inteligência na torre? Verão mantém essa ilha em confidencial das Estações? Você e seus vagabundos descobriram isso e não contaram a ninguém? Eles estão aqui? Você está esperando-os nos encontrarem?

Não. Não. Não. Não. Não.

Bem. Essa expressão específica não seria difícil de ler a partir de agora.

—Não existe o enigma de que você fala.

Há sim! Existe, e estamos bem aqui. A música é sobre uma ilha onde chove granizo e águas nascem. Ela citou, *gotas afiadas, lagoas que afogam.*

—Uma coincidência.

Gotas que são afiadas? Lagoas que nos afogam? Onde mais você viu isso? Lugar algum.

Jeryn não tinha resposta. Nenhuma justificativa científica. Ainda não.

Você não vai entender. Ninguém entende, além de mim, e ninguém nunca vai *além de mim. Mas tudo bem, acho que vou ter que te mostrar, já que sou a escolhida.*

Descruzando as pernas, ela se ajoelhou, optando por uma área úmida pelas últimas chuvas. À luz do fogo, seus dedos brilhavam em tom

avermelhado quando ela começou a desenhar, gravando a areia e produzindo cordas de palavras. Uma emoção ardente irradiava dela. Aquele semblante fanático de novo. Como uma rapsódia. Ou devoção.

Terminada, recostou-se e gesticulou para uma reprodução da famosa canção de Verão.

—Você pode ler e escrever. — Disse ele.

Não. Conheço a música e as formas das palavras de memória.

—Onde você quer chegar?

Dê uma olhada, Inverno. Mas não olhe de perto, olhe longe.

—Eu pareço um artista da Primavera para você?

Você parece naufragado para mim.

Um cientista não olha longe. Nem curandeiros, estudiosos, inventores. Em vez disso, eles inspecionam, cutucam, pesquisam. Eles reúnem perguntas e ferramentas, chegando o mais próximo possível da busca de respostas.

Olhar longe? Ele não... ele não conseguiu compreender esse pedido.

Sem esperar, ela se levantou e segurou a mão dele. Os dedos de bronze dela se curvaram ao redor dos pálidos dele, estremecendo-o. Uma mão duradoura. Uma mão perigosa.

Perplexo, ele a deixou guiá-lo para trás, para longe da música. *Olha,* ela pediu.

Jeryn considerou a areia, o ângulo a partir do qual ela o havia direcionado. Nada além de palavras.

Ele tirou os dedos dos dela. —Sou alérgico à loucura.

Ela fez uma careta e apontou. *É um mapa, maldito seja.*

Ele deu uma segunda olhada. E apertou os olhos. E viu... uma massa de terra.

A garota louca acelerou até a renderização e usou os dedos dos pés para indicar. Os lábios dela se moveram rapidamente. *Aqui é Perilyn, e há o castelo, e as docas reais, e há o sol. E você vê aqui? Os raios do sol? Eles estão na música e fazem um caminho* - ela girou o pé sobre a letra final e a palavra "Ilha" - *para a ilha.*

Correto. Parecia um mapa. Um convincente, isolado à vista de todos.

Jeryn se aproximou. Ele contornou o desenho para vê-lo de todos os lados, depois se abaixou ao lado de uma configuração do castelo. As letras e as palavras, e os espaços entre elas, se transformaram em formas quando as estudadas com percepção. O esboço os alinhava de tal maneira que eles se tornaram uma rota do reino para este lugar deserto.

As linhas que representam o céu indicavam a direção do vento. Os raios do sol devem ter indicado um tipo de navegação. Uma direção que os capitães ou marinheiros possam dominar. Ou um explorador.

Ele discordou da balança, que não pôde aprovar até verificar o tamanho da ilha. E quanto à distância ambígua? Um ambiente remoto exigiria semanas para eles chegarem, não o período de uma manhã. Eles tinham que estar perto do continente. No entanto, o suficiente para que esse lugar não fosse descoberto há séculos? Absurdo.

Seja como for, ele aceitaria a existência do mapa. Prova fraca, com lacunas importantes a serem preenchidas.

Também exigiria uma mente aguda para fazer isso. Ela não poderia ter descoberto sozinha.

Jeryn adicionou uma bússola à areia. A enseada deles estava voltada para o oeste.

O mapa aludia a alguém que já esteve aqui antes. Alguém tinha que ter trazido o mito de volta ao continente de Verão.

—Quem escreveu a música? — Ele perguntou.

Ela piscou. *Mitos não têm autores. Eles vêm da natureza, como a natureza os conhece melhor, e vivem enquanto as pessoas se perguntam sobre eles, mas os mitos permitem apenas que alguém especial se aproxime.*

—Tudo o que você tinha que fazer era dizer 'eu não sei'.

Você é quem não sabe de nada. Você só gosta de se gabar.

—Quão profundo. Nesse caso, quem mostrou esse diagrama para você?

Seu idiota! Eu descobri sozinha, com as bênçãos da ilha.

—Enquanto presa?

Enquanto enjaulada.

Presa. Enjaulada. Semântica.

Ela contou como vira a música escrita na areia quando criança. Como ela não conseguia ler as palavras, mas memorizou suas formas. Como ela as desenhou no teto de sua cela. Como ela descobriu o mapa dentro da letra depois de anos olhando.

Encarando. Só de olhar.

Ele se moveu para o poço e empurrava mais fogo, agitando o fogo e provocando uma combustão de mechas alaranjadas. —Você não contou a ninguém.

Com que voz?

—Você poderia ter encontrado um jeito. Você poderia ter apontado para o teto. Você poderia ter usado isso para negociar sua liberdade.

Nunca. Eu nunca trairia a confiança da ilha. E eu estava sendo maldosa, seu idiota. Por que eu contaria a alguém? O mapa é meu segredo e meu refúgio, e esta ilha é sagrada para mim, porque é minha, meu lugar. Ela me escolheu, me convocando para encontrá-la.

—Você ouviu isso convocar você.

Não ouvi, *vi. Eu vi o seu chamado dentro da música. A ilha se revelou para mim e me deu o poder de vê-la; de qualquer maneira, ninguém mais teria conseguido isso por conta própria, porque todo mundo está cego para isso.*

—No entanto, minha visão parece bem.

Você só viu o mapa por minha causa, porque eu o apontei. Eu mostrei como procurar, e só mostrei porque você está aqui, porque você não me deixou ir como você deveria ter feito!

Onde começar. Primeiro, Jeryn culpou a privação do sono por sua afirmação ilógica. Se ela quisesse negociar por sua liberdade, ninguém teria aceitado suas reivindicações, muito menos honrado um acordo com ela, assumindo que eles poderiam ter traduzido seus gestos com as mãos. Embora porque ele se preocupava com isso fazia menos sentido.

E com relação aos santuários, ele implorou para diferir. Bibliotecas, antros de estudo, laboratórios. Aqueles eram seus santuários.

No entanto, nada era sagrado. O que ela falou era de uma falácia. O paraíso dos tolos.

Mas não para ela. E tudo por causa de um encontro casual com letras manuscritas na areia e um golpe aleatório de gênio.

Ela se abaixou ao lado do contorno do sol, colocando as pernas embaixo dela e se acalmando. Ela olhou para o desenho, mergulhando nele. Apaixonada. Fascinada.

Mais do que isso: hipnotizada.

E então Jeryn soube. Ele sabia exatamente qual era a loucura dela.

Ele testemunhou isso em outros tolos. Crenças estranhas e não fundamentadas às quais se apegavam. Vivendo dentro da agonia de suas próprias verdades. Um senso de direito a elas.

Pensamentos desordenados. Concentração instável. Agitação madura, responsável pelo temperamento da garota, que excedia até suas raízes no Verão.

O que deve ter resultado nas marcas em volta do pescoço. O que quer que ela tenha feito para merecê-los, ela foi classificada como perigosa, suas experiências consequentes na torre apenas reforçando esse lado volátil. Aumentando isso.

Jeryn tinha testemunhado aquele guarda a atraindo. Claramente, não tinha sido a primeira ocorrência.

Mas Verão estava errado. Impulsividade e impaciência podem acompanhar sua loucura, mas não foram a causa disso. Não no comando disso.

O principal problema era a crença em um direito divino a esta ilha. Ela pensou que o destino a levou aqui. Que essa massa estava viva e invisível. Que isso era mágico. Que a tinha selecionado. Que pertencia a ela.

Essa tola de olhos estrelados tinha enfeitiçado a si mesma. Ela possuía uma desordem quimérica e fanática. Essa era a natureza dela. A doença dela.

Uma loucura de ilusão.

Por isso se submeteu à chuva na noite anterior. Por isso confiava neste lugar como refúgio. Uma libertação.

Jeryn discordava. Os tolos pertenciam à monarquia, como deveria ser. Como a natureza ungiu e as Estações ordenaram. Como todos nas quatro Estações foram criados para entender. Como ele foi criado para fazer cumprir.

Ele se perguntou se teria a chance de aplicá-lo. Se ele voltaria para casa.

Verão mandaria despachar seu desaparecimento para suas tias-avós. As rainhas do Inverno se desesperariam com essas notícias. Silvia e Doria teriam que contar a seus pais, que não tinham forças para lidar com isso.

Ele se agarrou à razão. Verão estava em alerta procurando por eles. Os guardas tinham visto a garota fugir com um passageiro. Eles o testemunharam pular na água e persegui-la. Eles devem ter notado a direção do barco e, apesar do clima estridente e da probabilidade de afogamento, ele era o príncipe Jeryn, de Inverno. Iradis e Perilyn não descansariam até atravessar cada onda de espuma dos mares de Verão para ele.

Esta ilha não era invisível. Era fácil chegar aqui. Notavelmente fácil.

Uma frota de navios logo os emanciparia deste limbo. Ele voltaria. Ela também.

Contanto que eles não se matassem primeiro.

Ele não faria nenhuma promessa de libertá-la mais tarde. Pela lei do decreto dos tolos, ela pertencia a ele. Por costume e coroa, ele tinha o dever de defender isso. Para defender a vontade da natureza.

Enquanto isso, ele teria que lidar com esse mudo louco e delirante. Sua sobrevivência exigia uma trégua.

CAPÍTULO DOZE

FOGO

Ele queria uma trégua. Ele não tinha dito isso, mas estava prestes a dizê-lo. Eu vi no rosto dele, olhando para mim do outro lado do desenho precioso que eu não tinha compartilhado com ninguém, nem mesmo com Pearl. A Ilha da Chuva Perdida era minha, minha fuga, minha liberdade e meu espírito afim, um lugar que não julgava suas criaturas. Era minha e só minha. Ela estava esperando por mim, e cuidou de mim, e nós pertencemos uma a outra.

Como eu disse ao príncipe, o mapa existia apenas para o par certo de olhos descobrir, uma vagabunda que conhecia as areias do Verão. Não podia ser visto por ninguém, não sem a minha ajuda.

Eu não queria confessar a existência desse modelo, mas assim que comecei a desenhar na areia, lembrei-me de como estava segura e de como estava errado o príncipe. Eu não estava louca. Eu era especial, e a Ilha sabia disso, mas o príncipe não, porque ele não sabia nada sobre mim. Ele não era melhor do que eu, só porque ele usava uma coroa, e ele não era meu dono, e eu queria que ele visse isso. Ele não era meu captor, ele era meu inimigo.

O inimigo queria uma trégua. Seus olhos negros se deslocaram, arrastando-se do mapa para a praia. Eu o vi pensando daquela maneira estranha e direta que ele pensava, e ele dizia isso também.

A maré respirava dentro e fora. À luz sufocante, o príncipe se ajoelhou como uma estátua, seus longos cabelos raspando seus ombros. As madeixas eram muito azuis, ao contrário dos abundantes brilhos escuros e raros brilhos de caramelo de Perilyn. Como algo conseguiu aguentar tanto azul? As estações abençoaram o inverno com o mais brilhante dos cachos brilhantes para compensar suas almas sem alma?

Isso me ocorreu. O príncipe azul e preto estava ajoelhado. Eu o fiz ajoelhar.

Eu ri. Era uma gargalhada silenciosa, meu peito apertando como uma carroça frágil. Ele levantou a cabeça como se tivesse me ouvido, e minhas risadas se apoderaram, a carroça parando. Minhas palavras eram uma coisa, mas ele tinha que torcer meu silêncio assim?

Ele subiu a uma altura iminente, recusando-se a sentar-se ao lado da minha sombra. Eu fiz o mesmo, recusando-me a desaparecer dentro dele.

O príncipe falou. —Precisamos de-

Você quer uma trégua.

—Ouça isto. Não é sensato me interromper.

Tudo certo. Eu ouvi. E daí?

—Entendo. Você esqueceu quem é seu soberano. Possivelmente sua garganta precisa ser lembrada.

Eu zombei. *Soberano. Eu não confiaria em você para liderar um exército de peixes arco-íris.*

—Chega —, ele suspirou. —Eu tenho prioridades. Uma trégua.

Eu gosto de tréguas.

—Você entende, este lugar é mortal.

É mítico. Os mitos têm um preço.

—Exceto que eu nunca fui um patrono pagante.

Então saia.

Sua expressão tremeu, quase divertida, fazendo-o parecer mais jovem.

Quantos anos você tem, príncipe do gelo?

—Por que você quer saber, tola?

O sarcasmo apimentou minhas palavras. *É um segredo real?*

—Dezessete.

Você não parece ou age assim. Eu tenho dezesseis anos. Ele não mostrou interesse. *Eu disse, tenho dezesseis anos!*

—Obrigado por me dizer. Vou me lembrar do tamanho que a coleira deve ter feita.

Se era assim que ele queria ser, tudo bem. *Eu conheço a alma desta terra.*

—Eu conheço a ciência disso.

Então, uma trégua para a ilha.

Ele assentiu. —Agora nós-

Tomamos as ações do Verão e falamos as palavras do Inverno.

Ignorando sua onda de exasperação, peguei um punhado de areia e gesticulei para ele fazer o mesmo. Em todas as estações, tínhamos nossos costumes e pactos.

Com as mãos carregadas, segurei-as sobre o fogo e deixei a areia cair, espalhando-a nas chamas, oferecendo às chamas de Verão um pedaço de terra em que a trégua foi feita. Depois de um momento, o príncipe envergonhado imitou a ação.

O que seu pessoal diz? Eu perguntei.

Ele recitou: —Então começa, então dura.

Eu repeti, *Então começa, então dura.*

Enquanto a noite se arrastava sobre nós, o fogo permitiu ao príncipe ler meus lábios. Acabou sendo a conversa mais tranquila que tivemos até agora, sem solavancos ou problemas. Ele me alcançou, me pegou como uma vela ao vento, gostasse ou não.

Conversamos sobre como entender a ilha, aprender com ela e conviver com ela. Ele ainda acreditava que seríamos resgatados, ainda acreditava que não tínhamos acabado em um lugar mítico atingido apenas pelos raios solares, ainda insistia que estava simplesmente perdido entre os mapas de Verão. O que ele chamava de ciência, eu chamava de espírito, então brigamos, mas seus olhos não se fecharam, e eu não descobri os dentes, e isso foi um começo justo.

O príncipe queria conhecer a "personificação" da ilha, o que quer que isso significasse. Eu lati que sua conversa espinhosa não nos fazia nenhum favor, ao qual seu nariz se enrugou, e ele explicou que queria conhecer o caráter desse lugar. Isso era muito fácil de responder. A Ilha da Chuva Perdida era um mundo santificado, onde todo tipo de coisa crescia e respirava, o peculiar e o familiar, o antigo e o novo. Mais especialmente, era uma terra de água, onde as chuvas e lagoass tinham muitas faces.

O príncipe deu à minha resposta um olhar sujo, porque não era isso que ele queria saber. Ele buscou detalhes, as chaves para permanecer vivo e estar um passo à frente da ilha. Ele refletiu sobre a música, relendo a letra na areia, seu olhar percorrendo as linhas, rondando por pistas extras.

Não havia nenhuma. Eu poderia ter dito isso a ele, mas me diverti assistindo Inverno inteligente tentar e falhar.

Segredos eram secretos. Mistérios eram misteriosos. Os mitos eram míticos.

Eu disse a ele que a única maneira de saber o resto seria viver e explorar isso. Isso melhorou seu humor, porque ele interpretou minhas palavras como explorando a ilha, montando um acampamento maior com o que pudéssemos usar, tudo o que eu havia feito em outros lugares com mamãe e papai. Mas eu disse a ele que havia mais para descobrir, os predadores e encantos deste mundo, como inalar esse reino e seguir seu chamado para onde quer que ele levasse.

Tínhamos que deixar esse lugar nos mostrar. Nós tínhamos que ousar.

O príncipe não se comoveu nem se convenceu. Ele murmurou o que soou como “desmiolada", e eu sonhei acordado em quebrar o seu nariz.

Mas ele concordou que a Ilha tinha uma alma aquática. Até agora, tínhamos encontrado a lagoa de afogamento, chuva fresca e chuva relâmpago.

Eu pensei sobre aquela chuva penetrante. *É uma maravilha.*

—É letal. — O príncipe corrigiu com uma sobrancelha tricotada e um pouco de fascinação enquanto olhava para as plantas, árvores e flores. Ele queria mexer com elas, como eu queria brincar com a areia.

Nós descansamos, Pequeno Cavaleiro e eu de um lado da tenda, enquanto o príncipe ficou desconfortável do outro lado. Ele fez questão de nos informar que, se não fossem as chuvas imprevisíveis, ele teria escolhido dormir sob as palmeiras, longe de nós.

Eu o peguei olhando a adaga, porque eu estava olhando também, se é que alguma coisa para fazer seu sono desafiador. No final, ele descansou, mal respirando, quase vivo, com as mãos cruzadas no peito e os tornozelos cruzados.

Mamãe, papai e Pearl me chamavam de dorminhoca, tão inquieta que eu batia em travesseiros e camas de algas. Quando eu tinha uma voz, eu costumava falar enquanto dormia, mas agora, eu murmurava tudo. Foi o que Pearl me disse.

O príncipe não notou que eu estava me virando e virando, então, se eu dissesse algo, ele não o veria.

O que deve ter acontecido algumas horas depois, trovões e a chuva relâmpago retornaram. O Pequeno Cavaleiro adormeceu, cansado demais de sua batalha com as bagas venenosas para despertar. Pulei de pé e espiei para fora, encantada pelos punhais molhados que caíam - o suave e enganador som deles.

O príncipe acordou logo depois de mim. Ele meditou na vista e depois saiu, evitando as gotas enquanto colocava uma das conchas em um local exposto para pegar a chuva. Tínhamos o odre e chegávamos ao poço especial do Pequeno Cavaleiro pela manhã, desde que ele se sentisse entusiasmado. Caso contrário, eu teria dito que nossa tigela de conchas era para beber e comer, não para armazenar agulhas líquidas.

Que bem isso fará? Eu perguntei.

—Vamos ver —, disse o príncipe. —Se ousarmos.

CAPÍTULO TREZE

FOGO

Ao nascer do sol, viajamos para a floresta tropical. A corda em volta da minha cintura ancorava a adaga e o odre. O príncipe andava bem com a panturrilha ferida, o cinto de couro prendendo a lâmina de médico, a bainha suspensa sobre a cintura.

Fios de luz do sol iluminavam as árvores, o ar nos banhava, a umidade diminuindo a velocidade do Inverno. Na praia, o príncipe teve o mesmo problema com o céu aberto. Precisávamos de um novo abrigo, em algum lugar mais frio.

Quanto à comida, eu tinha varrido minha rede de areia pela costa, não encontrando solavancos ou bolhas predizendo a captura subterrânea, restringindo-me à rede de água. Eu poderia ter usado pesos de pedra, mas elas afundaram com o pescador, então fiz o meu melhor para trazer peixes do mar para terra.

Naquela manhã, meu pequeno amigo havia acordado saudável, golpeando alegremente meus dedos. Ele não parecia mais temer o príncipe, embora eu duvidasse que o garoto se importasse em considerar enquanto o Cavaleiro Pequeno nos conduzia pelo caminho até uma fonte de água doce.

O olhar do príncipe disse: *Não acredito que estou seguindo um sapo.*

Eu olhei para ele e disse: *Confie nele. Se você ousar.*

No caminho, joguei um jogo com Pequeno Cavaleiro, usando meus sentidos de vagabundos de areia para prever a rota a cada poucos passos - *Por aqui? Dessa maneira?* - e o sapo coaxando sempre que eu estava certa.

Ouvi um gotejamento e corri em direção ao som, ignorando os chamados dos meus companheiros. Um riacho leitoso atravessava as árvores, deslizando em torno de pedras onde iguanas azuis se empoleiravam e mantinham a corte, suas caudas estaladas do tamanho de cordas, lembrando-me de dragões de contos populares. Eu me joguei no chão e olhei para eles, mas eles ficaram ali, preparados com máscaras de indiferença grosseira - como a realeza.

O príncipe e o sapo chegaram enquanto eu pegava uma mão cheia de água e provava - e vomitava, minhas mãos voando para a minha boca em um grito silencioso.

O príncipe se ajoelhou ao meu lado. —O que aconteceu?

Eu balancei minha cabeça, sem precisar da ajuda dele, mas ele arrancou minha mão dos meus lábios e os separou para examinar minha língua escaldada. —Bolhas. — Disse ele, confuso.

Minha alma conhecia chamas, e senti chamas, mas não assim. Eu poderia ter sugado lava, ainda assim eu tinha sido capaz de afundar minha mão, e o príncipe tinha visto isso, mas ele verificou a água antes de mergulhar. Ele cavou no leito do rio, pescando no solo e puxando tirar uma pedra, limpá-la, secá-la, testá-la contra a boca e colocá-la na minha língua.

O Pequeno Cavaleiro me olhou com simpatia. Ele provavelmente tentou me avisar. Eu confundi esse fluxo com o nosso destino, porque estava dominando nosso jogo, aproveitando-o, principalmente adivinhando o caminho, pensando que quase o tinha atrelado. E eu estava

com sede, com sede, com sede demais para parar, tendo tomado apenas um gole de bebida hoje, para salvar o que tínhamos.

Mas estava tudo bem, porque eu deveria conhecer as águas da ilha, pois havia outras chuvas. Essa foi outra saudação, outra parte da iniciação.

Meu amigo sapo recuou das iguanas, mas eles apenas o encararam, grandes demais para julgá-lo competindo por território. O príncipe, por outro lado, lançou-lhes um olhar superior que os fez recuar para a água e se afastar, suas caudas balançando.

Depois de muito tempo de espera, as bolhas diminuíram e continuamos, eu segurando a pedra na minha língua. Manchas de cor de criatura saltaram para nós durante o crepúsculo, e alguns animais eram os mesmos que eu conhecera no Verão, como os periquitos de jade, enquanto outros tinham reviravoltas magníficas em sua aparência, servindo a propósitos místicos, como Pequeno Cavaleiro e tamanduá-de-rosa pigmeu que se destacava por nós com os nós dos dedos, e as aranhas do tamanho de um prato pontilhavam tangerina e preto, pendendo de cabeça para baixo de fios e babando de presas.

—Adaptação. — O príncipe murmurou, a mão apoiada na bainha.

Magia, pensei. Contra a rocha refrescante, sorri diante dos encantos que apareciam, tão inebriantes quanto a névoa e o incenso de plumárias.

Caminhamos, corremos, depois andamos de novo. Nos esquivamos ou nos abaixamos ou ficamos boquiabertos. Dependia do que encontrássemos, do tamanho de seus incisivos e do volume do coaxar Do Pequeno Cavaleiro. Escaneamos o caminho com dois pares de olhos, os dele de um cientista, o meu de uma exploradora, um olhar que investigava contra um olhar que dançava e -

Minha mão livre disparou em direção ao príncipe, avisando-o para parar.

Mas ele já tinha, também tentando me parar.

Nós olhamos para onde nossos dedos roçavam, e seus olhos deslizaram mais, e os meus os seguiram, agarrando-se ao fio prateado amarrado no caminho, quase invisível. Nossos pés haviam parado uma respiração escassa da armadilha, obra de um morador faminto. Tropeçar no fio o teria alertado de nossa presença. Os peixes subterrâneos do Verão também faziam isso para enfeitar as delícias do mar.

O príncipe puxou os dedos para trás. Cautelosamente, ele passou por cima, um pé após o outro, e continuou andando.

O Pequeno Cavaleiro tremeu diante da armadilha. Sem perceber, deve ter surpreendido nosso guia florestal de forma ininterrupta. Ele inclinou a cabeça, piscando para mim em desculpas, e eu dei de ombros, porque ele era um guia praticante da floresta, então ele não podia saber tudo, especialmente se ele e o morador desconhecido não corressem nos mesmos círculos.

Para estimulá-lo, tirei a pedra da minha língua e coloquei outro desafio. Veríamos quem poderia pular o fio e aterrissar o mais longe possível.

Ele venceu, passando por mim e acertando cinco passos vitoriosos à frente, nos calcanhares do príncipe.

A realeza se virou e nos viu. Impressionado, ele balançou a cabeça e resmungou consigo mesmo, mas eu não me importei com o que o esnobe pensava.

Quanto mais terra nós cobríamos, mais eu esquecia minha queimadura, a floresta tocando uma melodia no meu peito, assobiando,

gritando e cantando junto com os pássaros. Dentro de mim, as brasas começaram a tremular, porque eu queria pertencer a este reino, vivendo outra vida dentro de seus cantos envoltos e dedos da luz do sol. Eu ansiava seu espírito, desejava fazer algo onírico, ser uma inquilina da floresta.

O Pequeno Cavaleiro atacou os insetos voadores e os colocou na boca. Vindo a para pensar sobre isso, eu deveria ter mordidas em cima de mim. Nesse lugar, frotas de mosquitos e quem sabia o que mais deveria estar fervilhando, festejando em mim. O sapo deve estar engolindo todos eles.

Espere. Eu cheirava mangas?

Eu me desviei da nossa rota. Chicoteando arbustos de lado, descobri um tronco enorme de espinhos preso à samambaia de aparência mais esquisita da história do verão. Olhei para cima e bati palmas, e o sapo e o príncipe giraram. Saltando de pé, apontei. Sim, as colheitas poderiam ter sido mangas, se não fosse a textura de pergaminho fazendo beicinho na pele vermelho-amarela, tão deslumbrante e rechonchuda que eu vi as frutas daqui.

Eles balançavam dos galhos. Eu não era uma escaladora por natureza, mas...

—Nem pense nisso. — Disse o príncipe.

Eu não pensei. Eu não *pensei* sobre isso.

—Volte aqui —, ordenou o príncipe enquanto eu deixava cair a rocha refrescante e escalava o primeiro galho. —Não sabemos se são comestíveis.

É por isso que provamos.

—Os espinhos.

O que é mais um corte?

Ao contrário dele, eu estava acostumada com a barriga vazia. Ainda assim, era um crime justo dar as costas à comida, pelo menos por causa de alguns picos.

Não era tão alta quanto afiada, então me dobrei com força, uma migalha soprando de areia passando pelas fendas, serpenteando em volta dos espinhos. Algo perverso vasculhou meus dedos dos pés. Grunhindo, rindo, eu me levantei e pulei em um galho, examinando o tesouro.

Minha emoção murchava. Os frutos foram saqueados, seu interior esvaziado, devorado, exceto por um sobrevivente. Peguei minha fruta solitária e sacudi-a para o príncipe, e ele me recompensou com uma careta.

Então sua carranca desmoronou, seus olhos se arregalaram. Então a fruta se foi, roubada da minha mão. Ouvi uma gargalhada, e balancei a cabeça e colidi com os olhos redondos de um macaco. Um macaco de lã com um tronco curto no nariz acabara de agarrar minha fruta, a coisa travessa.

Os macacos de Verão brincavam, mas não eram para brincar. Este exibiu seus cutelos, mas eu sabia sobre cutelos também.

Apertei os olhos para mostrar que estava falando sério.

—Tola... — O príncipe chamou.

O macaco se afastou. Eu atravessei o galho atrás dele, mas ele manipulou a fruta e desviou os dedos. De repente, outros dois trapaceiros apareceram, depois um bando deles, com os braços macios e focinhos frouxos jogando o tesouro um para o outro enquanto eu agarrava o ar.

Abaixo, o príncipe apalpou o rosto enquanto o Pequeno Cavaleiro fazia uma dança agitada de sapo ao redor de seus pés.

Os macacos malditos correram para o galho mais baixo. Acabou que foi divertido subir, não divertido descer. Pela graça da ilha, evitei ser empalada.

Os ladrões balançavam, alguns por um braço, outros pelas caudas. Eles lançaram o prêmio suculento fora do meu alcance, mas quando a fruta caiu na fenda de uma cauda aleatória, eu puxei sua ponta peluda. O macaco enfurecido gritou, e ele soltou o espólio, e disparou da árvore para outra, batendo uma colmeia no caminho.

E dividindo-a aberta.

Macacos, humanos e sapo pararam. A colmeia zumbia, um som que ficava cada vez mais alto - e mais alto. Os macacos fugiram para o dossel, suas caudas se curvando no nevoeiro enquanto eu caí no chão, meus joelhos batendo. O zumbido se transformou em um zangão, um véu preto vazando do corte da colmeia e espiralando em nossa direção. No continente, eles não moravam em colmeias, então levei um segundo para reconhecer o barulho raivoso.

Então é aí que os mosquitos míticos se escondem. E eles eram maiores, de tamanho demoníaco, com espaço extra na barriga para obter sangue.

O príncipe suspirou. —Bem... corra.

Nós fugimos. Minha cabeça girou para trás enquanto nossos caçadores zumbiam e batiam atrás de nós, um tapete de veludo voando pela escuridão. Eles pareciam mosquitos famintos e loucos depois da chamada garota louca que os acordara do sono de beleza.

Droga. Eu tinha perdido a possível manga.

O Pequeno Cavaleiro saltou para o meu joelho, meu quadril, meu ombro. Sua língua chicoteou os mosquitos, mas eles o superavam em número.

Tirei-o do meu ombro. *Leve-nos para a água!*

Se profundo, poderíamos mergulhar e confundir os mosquitos para que eles passassem por nós. O Cavaleiro saltou para o solo e correu adiante, uma pepita de limão brilhante mostrando o caminho. O príncipe tinha uma vantagem sobre mim, seus membros mais fortes e altos, enquanto os meus curtos se arrastavam, incapazes de ganhar o seu lado enquanto contornávamos um covil de víboras e ouvíamos o rouco grunhido de um animal camuflado. De todos os ladrões que atiravam contra nós, a floresta havia escolhido moscas. Lembrei-me dos gigantes, mosquitos vampíricos que provavelmente sugavam sangue.

O ritmo do Cavaleiro diminuiu. O príncipe poderia agarrá-lo e voar, mas minhas pernas escorregadias os atolariam.

Eu os quebrei e conduzi o enxame em outra direção. Provavelmente, eles gostavam de carne escura e sangue quente de qualquer maneira.

Eu verifiquei para ter certeza de que o Pequeno Cavaleiro e o príncipe haviam chegado longe, depois com o encosto duplo, virando a nuvem. Em um gemido furioso, girou e seguiu. Embarcando pelo caminho que vim, lancei o caminho, procurando e vendo - o fio de prata. Lembrei-me mais cedo, quando pensei em peixes subterrâneos, como eles usavam fios de suas barbatanas para capturar alimentos subaquáticos rastejantes.

Meus pés cruzaram o fio, quebrando-o ao meio. Tropecei em um galho e bati de cara no chão, depois me virei enquanto fileiras daquelas mesmas aranhas pontilhadas caíam como chuva e interceptavam os

mosquitos. Eles caíram nos fios mais intrincados, enredados em teias que rendiam meus predadores no meio do voo.

Eu exalei. Um par de mãos travou debaixo dos meus braços e me içou no ar.

O príncipe me enganchou por cima do ombro, me carregando e escapando da cena. Eu não pensei em me rebelar, ou bater nas costas dele, ou gritar para ele me deixar ir até que nos reuníssemos com Pequeno Cavaleiro, e foi aí que eu me irritei, porque ele não podia me manter assim, como um dos seus tolos. Eu bati e arranhei, mas o príncipe me ignorou, seu braço flexionado ao redor da minha bunda.

Ele pediu por isso. Estendendo a mão, abri sua bainha e agarrei o cabo da lâmina, e pressionei a ponta da faca contra sua cintura, uma lasca de rasgar sua camisa, um presságio de coisas por vir, um grito de guerra para me libertar ou me soltar de mim ou perder um de seus órgãos. Ele andou com confiança, descartando o espetar ao seu lado, seus passos tão apurados que ela mal se movia em conjunto. Parecia que ele andava no ar, esse demônio real.

Não importava que ele não pudesse me ouvir ou me ver assim. Eu o cutuquei com a arma. *Eu vou.*

—Você não vai.

Quem disse?

—Tente.

Ok.

Com uma sacudida, apertei o material - e patinei de lado, a lâmina errando seu alvo e minha ponta rolando para a esquerda como um mármore solto. Pontos de arco-íris picados diante dos meus olhos, meus

braços protestando contra o ângulo em que ele me desviou, carregando-me assim até que eu caísse.

Eu não iria, ele se gabou. Experimente, ele tinha insistido.

Ele não valia a pena uma segunda tentativa.

Meu cabelo curto esvoaçava em volta da minha cabeça. "Zibelina" era a palavra que mamãe usava, dizendo que eu tinha madeixas ricas. Escovaram os cabelos compridos do príncipe, um cobertor da minha zibelina ondulada e do seu azul liso.

Sua camisa passeava em torno de seus quadris, o tecido macio roçando meu queixo. Eu olhei para as manchas de sujeira, porque a realeza podia usar tanta beleza quanto quisesse, mas isso não os protegia de ficar manchada.

A calça enrugada - corante da marinha? – dobrada nas pernas. Meu olhar vagou, o pano não estava muito solto ou muito apertado, estendendo-se sobre o dele - eu me afastei. Ele estava tão *lá*, com meu corpo pequenino enrolado em sua forma enorme, sentindo seus músculos se mexendo, sua pele tingida de suor e um perfume fresco. Um perfume do Inverno?

No Verão, o frio era uma experiência rara, mas acontecia. Havia períodos do ano, estações dentro das Estações. Em Perilyn, a estação das tempestades arremessava furacões, ventos violentos, marés e chuvas fortes contra nós. E no meio do oceano, a distância lixiviava seu calor ensopado, mas não o mesmo que eu imaginava como geada e gelo, não tão cortante quanto o cheiro do príncipe.

Flores de vagem penduradas de cabeça para baixo em trepadeiras, suas pétalas de canário caídas. Os coaxes do Pequeno Cavaleiro ecoavam entre os gritos vindos do sub-bosque.

O inimigo parou. Ele me balançou na vertical e me soltou, jogando-me no chão, e tropecei para manter o equilíbrio, e ele aproveitou a oportunidade para tirar a lâmina dos meus dedos, empurrando-a de volta para seu invólucro e me encarando com seu nariz pomposo. —Coloque-nos em perigo mais uma vez, e eu te tranco. Compreende?

Sou muda, não surda.

—Eu posso conte-la por muito mais tempo, prometo. Não seria problema.

Deslizei um dedo pela minha coleira de sol. *Se eu fosse você, não esqueceria isso. Isso significa que eu sou perigosa.*

—Continue. Me dê uma desculpa.

Pequeno Cavaleiro interrompeu, acenando para nós, e caminhamos até o solo se transformar em um tapete úmido de sálvia. Eu me verifiquei quanto a picadas de mosquito.

O príncipe olhou na minha direção. —Eles não chegaram até você.

Ele mal me olhou. *Como você saberia?*

—Eu tenho olhos.

Você não diz.

—Valeu a pena? Escalar aquela árvore?

Eu não sabia que haveria mosquitos.

—Ou aranhas. Ou macacos. Não que isso tivesse parado você.

Eles simplesmente atrapalharam. Eu fiquei de mau humor e chutei um galho. *Eu perdi a fruta.*

Eu tinha perdido a fruta queimada. Eu me virei para encontrar os lábios do príncipe se inclinando para o lado e cerrei minhas mãos nos meus quadris. *Se você rir, eu te esfaqueio.*

—Não me culpe por esses animais.

Eles são ladrões. Eu lamentei minha perda. *Meu achado saboroso cheirava a manga.*

—Variedades de manga são ácidas.

O ácido é bom para a alma.

—Não é tão bom para uma queimadura. — O príncipe parou em um raio de luz e girou em minha direção. —Abra sua boca.

Minha língua ainda está lá. Está bem.

—Podemos fazer isso da maneira mais fácil ou da maneira do Inverno. Qual você prefere?

Qual deles me envolve dando um soco em você?

—Você está esfregando a boca incessantemente.

Mesmo? Minha língua respondeu, a queimadura queimando novamente. O príncipe esperou, desafiando-me a desafiá-lo, a resistir a ele, e havia algo determinado sobre isso, algo genuíno. Pensei nele examinando minhas feridas enquanto dormia, e a concentração em seu rosto quando ele compareceu ao Cavaleiro Pequeno, suas ações fluidas e fluentes.

Tudo ou nada, eu abri meus lábios. Seus dedos deslizaram pela minha boca, o contato mais gentil do que eu esperava - mas ele também tinha sido gentil na torre, pouco antes de me sufocar. Mas meu corpo gritava que isso era diferente, e eu queria gritar, porque seu toque não deveria ser gentil, e seus dedos traçando meu lábio inferior não deviam elevar os cabelos ao longo da minha nuca, e não deveriam formigar minha boca. Eu não deveria sentir o mundo lá.

—Abra mais. — Ele instruiu.

Eu abri. A névoa o corou, transformando-o em um pêssego. Com o polegar empurrando meu lábio inferior e o resto da mão apoiada sob o

meu queixo, ele inclinou minha cabeça em direção à luz. Seus olhos se estreitaram, desenhando meus lábios e depois passando por eles para procurar minha língua.

—Mais —, ele disse. —Deixe-me ver.

Estiquei a boca, estremecendo com as bolhas. Seu olhar viajou mais fundo, uma ruga afundando entre as sobrancelhas escuras. —Você perdeu sua voz na torre?

Eu assenti. *Eu tinha dez anos quando eles me levaram.*

—Sua garganta ficou marcada por dentro? Você teve febre depois?

Ambos. Eu estava gritando até não poder mais, até matar minha voz.

—Uma infecção fez isso, não você. Quando os guardas pintaram seu pescoço, um pouco da tinta queimada penetrou em você — ele explicou. —Pode acontecer. E pelo que posso ver, há danos nos tecidos escorrendo pela sua garganta, porque você deve ter vomitado um pouco do líquido.

Eu tinha. Pyre me deu um tapa na cabeça por isso.

Então não fui eu quem destruiu minha voz. Foi o Verão.

—Sua boca ficará desconfortável hoje —, disse o príncipe. —Vai passar.

E uma eternidade se passou, sua respiração ventilando minhas bochechas. O Cavaleiro saltou sobre um galho, o estalo quebrando nosso transe. O som irritado significava que meu amigo estava nos sinalizando por um tempo.

O príncipe me libertou. Ele limpou as mãos na barra da camisa enquanto o Pequeno Cavaleiro nos conduzia a um bosque de árvores de orquídeas com presas, além do qual um buraco esculpia em uma colina coberta de musgo, seu limiar levando a cavernas.

No interior, as paredes de pedra brilhavam, vidradas em avelã e bordadas em locais por vegetação. Elas cavavam, arqueando alto e largo, acima e ao redor de nós, dividindo-se em nichos e recantos.

Em uma das alcovas, a barriga da caverna afundou, guiando-nos por degraus escarpados até um lugar inundado por guirlandas de luz, revelando outra gema derretida. Quando criança, eu tinha visto câmaras como esta. Normalmente, inundavam a maré alta, mas não aqui. Aqui, eu sabia que seria tão especial quanto as outras águas da ilha. Nós encontramos uma gruta mítica.

CAPÍTULO QUATORZE

GELO

Ela chamava de gruta. Ele leu e ouviu falar de tais lugares. Embora, além de estar localizado dentro desta caverna, ele presumiu que isso iria desrespeitar as expectativas, como o resto da ilha.

A água brilhava em um verde prismático da dioptase, talvez de depósitos abaixo da superfície. Ondulações tremiam como veias, seus reflexos iluminando o recinto. Jeryn deslizou a palma da mão sobre as rochas, serrilhada e incrustada com manchas de minerais, aumentando a visibilidade da área.

Ajoelhou-se na margem da gruta. Fresca? Limpa?

No canto, uma fenda no teto permitia que uma covinha de luz passasse. Sua localização no solo permitiria que a chuva caísse sem penetrar na água. No entanto, não haveria um excesso ou um fluxo? Como isso poderia afetar a lagoa?

O anfíbio mergulhou na gruta, um anel marcando seu lugar. Mais uma vez: Limpa? Em que consistia esse líquido? Quais eram os efeitos a longo prazo?

Jeryn beliscou a ponta do nariz. Muitas perguntas que não poderiam ser respondidas.

A mente confusa da tola confiava na natureza a uma falha. Não tendo aprendido nada com o encontro com o rio em chamas, ela pulou ao redor da borda da gruta e mergulhou no ar, mergulhando de cabeça antes

que ele pudesse detê-la. Ela ia se matar ou os dois seriam mortos nesse ritmo.

Balançando a cabeça, Jeryn sentou e a viu esquecer que ele existia. Sua figura voou de volta, seus cabelos pulverizando a vizinhança com partículas cintilantes. Ela borrifou líquido, e sua boca se abriu no que ele supôs ser uma risada muda. Ela caiu e caiu com a agilidade de um acrobata da primavera. Uma nadadora dramática.

O sapo remando em volta dela e depois surgiu. Ele se estabeleceu em uma cordilheira irregular, contente em olhar para o nada.

A garota encontrou uma borda e se ergueu sobre ela, suas panturrilhas balançando na água. Uma frota de criaturas marinhas em miniatura apareceu das fendas e flutuou em sua direção.

Jeryn se levantou.

Acalme-se, ela disse.

Que uma garota louca o aconselhasse a se acalmar cheirava a ironia. —O que eles são?

Cavalos marinhos.

Ele viu a semelhança. Os focinhos. As caudas de onduladas. O S de seus corpos. Como as ciências do oceano não tinham sido sua ênfase no estudo, ele não encontrou as criaturas nos livros, nem de maneira superficial. Até uma riqueza de conhecimentos como o dele tinha limites.

Os pés da tola espirraram na piscina, que parecia divertir os cavalos. Ela arqueou na água por mais uma volta, brincando com eles.

Jeryn sentiu os músculos de seu rosto se dobrarem em um olhar furioso. Ele detestava o descuido dela.

Ele invejava. Não sua idiotice, mas sua felicidade alegre e desinibida.

Absurdo, ele sabia.

Terminada a farra, ela saiu da água e revisitou a borda. Ela pegou líquido na cratera de suas mãos.

Mãos perigosas. Jeryn os lembrou contra a boca, os dedos esfregando os lábios. Uma indicação de que suas bolhas a estavam machucando. A visão o desviou para o ponto em que ele deixou de intervir na bebida dela, insistindo para que ele a testasse primeiro.

Desviado? Que vergonha para um médico. Ter um anfíbio covarde escoltando-o até aqui já era bastante ofensivo. Ter os lábios e as mãos de uma garota tola distrair Jeryn era imperdoável. Ele não se distraia por ninguém. Por qualquer coisa.

Enquanto ela engolia, ele esperou para ver se tinha um efeito imediato e contaminador. Suas pálpebras se fecharam, sugerindo que a água estava fresca.

Jeryn cheirou, tomou um gole. Limpa. Pura. Como sempre, não o que ele esperava.

Quando ele ressurgiu desse pensamento, ela havia terminado de se despir.

Mexendo, ela tirou o traje por cima da cabeça, deixando-o cair com um estridente alto. Sua carne de bronze brilhava, gotas passando pelos mantos das clavículas. Petulantes seios. Costelas proeminentes. Braços e pernas famintos. Pés inquietos com tornozelos ósseos e arcos altos.

Jeryn parou. Ele já tinha visto isso antes, debaixo dos trapos encharcados.

O que os olhos clínicos dele não tinham visto antes eram as mãos dela nessas partes do corpo.

Ela jogou água nos quadris e nas axilas. Imodesta. Banhando-se na frente dele.

Ele conhecia os costumes de Perilyn. O seu apoio à nudez. Seus banhos públicos. Uma garota do Verão fazendo isso não teria repercussões morais, enquanto essa exposição arruinaria a reputação de uma donzela de Inverno.

Mas uma tola como ela não sabia que seu reino atraía a indecência na presença de uma realeza. Por outro lado, qualquer habitante sensato de Perilyn saberia não exibir sua tradição em alguém de outra Estação. Acima de tudo, não com um príncipe.

Não que ela se importasse com as regras.

A tola olhou para cima, sentindo seu olhar. Ao contrário do primeiro episódio na praia, com seu traje transparente, ela não corou. Ela fez uma careta, desafiando-o a assistir - não como o cientista observador que ele era, mas como uma pessoa para outra. Ela o desafiou a vê-la dessa maneira.

Sua expressão permaneceu neutra, desde que ele não se concentrasse nos dedos fortes dela. Eles eram anormais, ele lembrou a si mesmo. Ela era anormal, destinada a nada além de pesquisa.

E foi aí que surgiu a exceção à regra. Se ele era ou não da realeza, os tolos nascidos tinham que ficar nus durante certos estudos e experimentações. Ele também examinou mulheres nobres quando surgia a necessidade, seu rápido desapego relaxando quem quer que precisasse de ajuda. Teria sido desonroso e impróprio de qualquer médico se comportar de outra maneira.

Ele não via essa garota louca do jeito que ela o desafiava. Ele também não a intrometia. Ela havia se despido como uma garota de Verão ali mesmo e sem aviso prévio.

Ainda. E ainda. Ele se virou, dando-lhe privacidade e consumindo o próprio preenchimento da lagoa. Ele tirou a camisa e lavou o rosto e o torso, desejando um pouco de sabão.

Os salpicos da garota cessaram. Seus olhos se encontraram novamente. Deveria ter sido estranho, mas com ela não era. As coisas simplesmente *eram*. Elas tinham que ser.

Direta. Franqueza. Ele gostou um pouco disso. Uma pausa refrescante de mulheres e homens tímidos que o sobrecarregavam de insinuações ou concursos de intelecto.

Mergulharam suas roupas na gruta e as esfregaram contra as pedras para limpar a sujeira, incluindo o curativo da panturrilha. A tola lutou com uma mancha teimosa que não desapareceria de seu trapo. Frustrada, ela estufou o lábio inferior. De uma garota normal, a imagem teria sido bem fofa.

Bem. Que menina desejava ser chamadas de fofa, uma classificação associada aos filhotes. Uma palavra que ele nunca havia pronunciado ou atribuído. Não obstante, "fofa" lhe servia mal. Ela era muitas coisas. Volátil. Cabeça quente. Imprudente. Mas não fofa. Aquelas íris douradas e mãos calamitosas não eram fofas.

Na sociedade, nenhum de seus traços incitava admiração. Escalar uma árvore espinhosa por impulso, sem saber o que vivia lá em cima. Duelo com primatas sobre um pedaço de fruta que poderia ter sido venenoso. Separando-se dele para prejudicar aqueles mosquitos rotundos. Destemor ou estupidez?

Por que questionar o que ele sabia a resposta? Sempre soube.

Ele e a garota tola colocam suas roupas para secar. Ele debateu sobre sua calça. Sob nenhuma circunstância ele os removeria na presença dela. Ela pode ser do Verão, mas ele era do inverno. Ele pode riaestar preso aqui com ela, mas ela estava embaixo dele.

Sentindo o dilema dele, ela sorriu e cruzou os braços sobre os seios. Outro desafio. O nervo dela.

Tinha que ser um blefe. Ela não iria assistir.

Convocando sua resolução, ele respondeu em espécie. Um teste para um teste. Ele se levantou, desafivelou o cinto, colocou as mãos na cintura. Seus lábios se separaram, suas bochechas estourando.

A calça caiu. Ela girou, fingindo coçar o braço. Muito melhor.

Jeryn desceu, sufocando um gemido quando o calor acalmou suas articulações doloridas. Tomar banho em sua proximidade não tinha sido tão assustador quanto ele esperava. Se ela se virasse, a água cristalina revelaria sua forma, não os detalhes dele. Ele seria uma poça branca nadadora dentro do verde.

Um som de batida acompanhou seus bruços, ecoando nas paredes. Seus movimentos espalhavam fios ondulantes sobre tudo. Um em particular tremeu nos pulsos de seu companheiro.

Os cavalos marinhos o irritaram, seguindo-o como um bando de pintos. Com ele submerso e parcialmente oculto, a tola jubilosa voltou a assistir a cena. Ela comprimiu a boca para não rir.

Eles gostam de você, ela brincou.

—Então você os diverte.

Nah. É sua vez.

—Você evita a visão do meu corpo. Parece fora do personagem para você. Fora de Estação.

Com o que você se importa?

—Eu questiono tudo o que um tolo faz. Um segundo atrás, você mostrou a modéstia de uma prostituta.

Conte-me tudo sobre prostitutas, se você sabe tanto.

—Para começar, Inverno percebe-as com atenção porque temos menos delas.

A nudez é o caminho do Verão.

—Meu ponto de vista exatamente. — Disse ele, ouvindo sua própria voz, esforçada e rouca de nadar.

Levantando-se parcialmente para fora da piscina, obscurecido da cintura para baixo, reclinou-se contra uma camada de rocha, apoiando os cotovelos nos sulcos. Os olhos selvagens dela lançaram sobre o peito encharcado. Ela sabia ridicularizar. E ele sabia que pisava em gelo fino.

—Ou você estava protegida antes da torre?

Não queria perder o apetite. Já é bastante difícil olhar para a sua feia cara gelada.

—Uma garota louca e uma mentirosa.

Não se iluda!

—Eu não tenho que me iludir. Você está fazendo isso por mim.

Uma rocha mineral passou por sua cabeça. O projétil roçou sua orelha antes de bater na parede da caverna. O barulho estrondoso ricocheteou através da caverna.

Os cavalos-marinhos se dispersaram. O anfíbio inclinou a cabeça entre Jeryn e a garota.

Jeryn olhou por cima do ombro e depois de volta. Ela se encolheu, seu rosto inchado de vergonha. Ela poderia ter quebrado o crânio dele.

Ele saiu da lagoa. Mais uma vez, ela fingiu interesse em outro lugar, desta vez em seu anfíbio, que pulou em sua coxa.

Vestindo sua calça, Jeryn deslizou o cinto no lugar e deslizou a camisa por cima da cabeça. —*Eu não queria perder meu apetite* —, ele imitou. —*Não se iluda.*

Ela se irritou. *Você não tem coração.*

—Absurdo. Se eu não tivesse coração, deixaria você aqui.

E então ele a deixou lá.

Ele saiu da gruta antes de fazer algo precipitado como retribuir o temperamento dela. Ele deveria saber tomar precauções. A partir desse momento, seu crânio poderia ter sido mingau no chão da caverna.

Ela *estava* mentindo sobre o corpo dele, no entanto. Ela não queria mostrar interesse pela nudez dele. Ela queria ser indiferente a ele. No entanto, ela não tinha escrúpulos em si mesma, sem se vestir na companhia dele, aperfeiçoando seu próprio poder, mas sem sacrificar nenhum.

Em retrospecto, tolos nascidos não fizeram nada para ele. Nenhuma lembrança traumática dos prisioneiros prescrevia suas ideologias. O passado não o injetara um viés.

Ele imaginou uma barbatana metálica. Um bocado de dentes.

Nenhum dos quais contava. Não.

Ele simplesmente foi criado para saber a verdade sobre os nascidos. O que eles eram. O que ela era. Não havia outra maneira de dizer isso e nenhuma outra razão.

Como ele adoraria fazê-la pagar por não ser uma entidade, para lembrá-la de seu lugar no fundo. O problema era que um médico não se vinga nem fica pessoal. Duas violações que ele estava predisposto a decretar desde a torre.

Ele desviou esses pensamentos. Feito e terminado.

Onde diabos ele estava?

A frustração tomou conta da espinha de Jeryn enquanto ele considerava a configuração das cavernas. Prestar atenção aonde ele estava indo seria uma grande ajuda. A brisa que empurrava as passagens fazia maravilhas para sua panturrilha, mas ele não elogiava a arquitetura dessas covas. Sem simetria ou estrutura concisa.

Ele conduziu uma busca nos túneis, atendendo a marcos para refazer seus passos. A frustração chegou a uma conclusão condenável. Ele estava perdido.

Um dedo bateu em seu ombro. Jeryn não, não, *não* se virou.

Não imediatamente. Quando ele o fez, ela lhe deu um sorriso arrogante.

Aww. Preciso de ajuda?

—Não.

Então você não se desviou? Caiu entre as rachaduras? Transformou-se em um príncipe rebelde?

—Isso pode ser uma surpresa, mas quando você catapultou aquela pedra, você errou. Meu cérebro está intacto.

Se você diz. Ela torceu o dedo do meio para ele. *Quer ver o que eu achei?*

Exibida. Vagabunda de areia.

Ele fez questão de andar ao lado da garota em vez de seguir aquela mudança úmida dela. No meio da caverna, o chão suavizou-se em rochas,

intercaladas com manchas de areia. A câmara se expandiu para uma segunda abertura, de frente para uma margem alternativa. Ele reconheceu o layout, incapaz de esquecê-lo.

A enseada dele. O norte, onde ele havia se lavado.

Essa caverna ficava a uma distância confiável da praia e da maré que chegava, enquanto perto o suficiente para atrair navios. Estava protegida do sol, mas ampla o suficiente para a luz fluir. Estava quase seca, com acesso à gruta.

A folhagem esgueirava-se, projetando-se das paredes como borlas e prosperando sem raios diretos. Uma depressão no solo seria um poço adequado para a água doce.

Ela deixou a gruta para explorar. Ela localizou esse abrigo. E então ele.

Pelo menos ela parou de esfregar.

Eles não falaram enquanto caminhavam pela floresta tropical. Eles também não falaram enquanto recuperavam seus pertences e faziam uma série de viagens transportando tudo para seu novo abrigo. Para o transporte, ele cobriu a camada de água da chuva com a segunda tigela e depois amarrou a corda ao redor para selá-la.

Os empreendimentos subsequentes levaram a maior parte do dia. Nenhum deles envolvia primatas ou insetos. No entanto, um envolveu uma píton, o punho da garota louca e outra corrida para a caverna.

Para paletes, eles espalharam as velas e folhas de palmeira sobre seções de areia. Jeryn encheu a calha da rocha com água da gruta, enquanto a garota os pegava uma refeição no oceano e acendia o fogo. Como a variedade de madeira deles exigia eras para secar, ela

empregou o método do rocha-e-fagulha. Ela deve ter estudado a última demonstração dele.

Depois de comer, Jeryn deduziu que eles tinham uma hora antes do pôr do sol. Sua perna ferida gritou de esforço. Ele pensou mais uma vez que eles haviam conseguido estancar o sangue sem pontos, que não havia sido infectado nesse clima. Ele não deveria abusar de si mesmo, mas odiava pontas soltas e procurava terminar suas tarefas ao cair da noite.

Ele reorganizou os suprimentos, usando recessos nas paredes como prateleiras. De sua bainha, ele pegou as folhas de linho que ele havia adquirido no primeiro dia.

O que levou a pensamentos da biblioteca real de Inverno.

O que levou a pensamentos de um texto médico que documentava plantas antigas.

Particularmente, uma sequela dessas folhas.

Jeryn se agachou e usou uma pedra para moer uma das folhas no topo de uma extensão plana de rocha. As plantas amassadas escureceram como uma polpa de pinheiro e perderam o cheiro, como o texto havia instruído. De longe, isso se mostrou muito simples.

No entanto, ele confiava na biblioteca de Inverno, não em uma para arriscar. Jurara fazer o máximo possível como curandeiro. Nesta ilha, sem as necessidades adequadas, algo tinha que dar.

Na pior das hipóteses, ele teria a dor de estômago mais hostil de sua vida. Possivelmente febre.

Pelas chamas, a garota se uniu a seu anfíbio. Ignorando-os, ele transferiu a polpa para a pedra, agarrou o bisturi e cruzou até o fogo. Ele enfiou a lâmina dentro até o metal brilhar em laranja. Em seguida, o lodo entrou, perto da base do fogo.

A garota tola e seu sapo esticaram a cabeça. *O que...* ela começou.

—Shh.

Mas-

A palma da mão dele subiu, parando os lábios dela. Não enquanto ele trabalhava. Nunca enquanto ele trabalhava.

A massa fracassou, cheirando a bosques queimados. Outra confirmação dos registros do texto. Encorajando. Otimista.

Depois que a polpa esfriou, ele se retirou com os dois itens para a praia, sem se importar com o público e sabendo que ela não iria segui-lo.

Ela e o sapo ficaram boquiabertos quando ele voltou com um bíceps sangrento e um bisturi carmesim. Mais cedo, ele enfiara o curativo da panturrilha sobre um nó na parede. Já tinha secado. O melhor que ele podia fazer era tirá-lo do meio, diminuindo sua largura, para compartilhar entre feridas.

A garota não perguntou o que ele havia feito. Sua mente distorcida deve ter imaginado que ele não diria a ela. Ainda não.

Quando ele o fizesse, doeria. Seria a vez dela.

CAPÍTULO QUINZE

GELO

Ele esperou um dia inteiro. Um dia em que descansaram. Procuraram por comida. Evitaram carnívoros. Começaram a trabalhar em um mapa da ilha para se orientar, com o qual a garota desenhou em almofadas de folhas com as quais eles poderiam viajar. Eles restringiram sua comunicação a olhares e enunciados, em voz alta dele, boca dela.

Satisfeito por sua aventura não o ter exterminado, ele se aproximou dela na tarde seguinte. Ela estava sentada na saída da caverna, no final da floresta, com as costas contra a parede e os joelhos contra o peito. Ele se agachou ao lado dela, enquanto ela olhava para a vista, encantada por um felino cochilando em um ramo coberto de galhos. Seus membros e patas pendiam dos lados, balançando no ar.

Já vi margens em outras ilhas, mas não margens com dentes assim, disse ela. *Curvando seus queixos.*

—Me dê seu braço.

Em sua vida anterior, ter que dizer teria sido desnecessário. Um simples vislumbre dele teria garantido obediência.

Ela olhou para o bisturi. *Alguém já lhe disse que é estranho carregar isso por aí?*

—Alguém já lhe disse que eu não me importo?

Sua atenção mudou da lâmina para o papa verde que ele trouxera, recém moído e aquecido. Dizer a ela que era uma inoculação lhe rendeu um olhar vazio, forçando-o a anotar o tratamento que ele havia lembrado do texto médico. Uma prática registrada nos tempos antigos sobre a planta.

Pulverize, aqueça, insira. A polpa da folha se infiltrava no sangue e protegia contra a pestilência. Nem todas, mas uma quantidade moderada.

Era melhor que nada. Era também uma técnica primitiva, descomplicada em comparação com a prática moderna de Inverno, que envolvia punir o sujeito com esses mesmos contágios ou infecções. Concedido, ele havia sido vacinado em preparação para sua viagem ao Verão, essa floresta tropical apresentava outras crises imprevisíveis. Mais insetos e perigos aéreos do que apenas mosquitos.

—Eu testei em mim mesmo. — Disse ele.

Amargura brilhou em seus olhos. *Não é para isso que servem os tolos?*

Ele se sentiu cansado. —Faça como eu digo.

Você testou porque eu posso morrer com isso?

—Com isso, no caso raro. Sem ele, no caso provável. A propósito, alguém estava aqui antes de nós.

A propósito, não. Não, eles não estavam. Não.

—Sim. Não obstante o mapa e a música, se as folhas foram documentadas como um remédio antigo do Verão, significa que uma pessoa teve que descobri-las, o que indica uma das duas coisas. Primeiro, a planta já existia na região continental ou periférica de Perilyn, mas agora vive apenas aqui, onde ninguém vive para perturbá-la. Ou dois, esta planta única *que nunca* cresceu aqui, uma maior plausibilidade considerando a sua dependência de um clima de floresta.

—Portanto, um viajante esteve aqui e contribuiu com seu conhecimento para o público. Portanto, esta ilha não é um mito, é puramente esquecida. Não é mágica, nem te destacou de todos no mundo.

A tola balançou a cabeça. Ela chicoteou de um lado para o outro, agitada e prestes a atingi-lo. *Eu não acredito em você. Você não sabe nada. Nem um pouco.*

Uma reação cansativa e um pouco decepcionante, apesar do fato de ele ter solicitado.

Por que ele tinha? O que ele presumiu? Que a lógica dele a alcançaria?

Os fatos não tinham poder sobre essa garota. Mais uma prova de sua ilusão maníaca.

—Vamos cortar você, então? Eu tenho tarefas. Eu gostaria de voltar para elas.

Você tem menos coração do que uma armadura.

—Nós já estabelecemos isso.

Ela pegou uma pedra no punho. A mão dele caiu sobre ela, prendendo-a. —Sinto muito —, disse ele em um tom frouxo de conversação. —Não fui claro na gruta. Jogue algo em mim novamente e eu cortarei a garganta do seu sapo.

Chamas subiram pelo pescoço, a tonalidade imprimiu até a testa. Ela poderia ter decidido tomar a defensiva ou a ofensiva, a última envolvendo a pedra e o crânio dele. Para o inferno por perder esse tempo. Para o inferno com isso, se isso significava proteger seu amigo.

Ele estava blefando? Seu animal de estimação era valioso para ela. Se Jeryn não pudesse controlá-la, ele usaria o anfíbio para fazê-lo, embora prejudicá-lo custaria a ele alavancar indefinidamente.

Além disso, ele não tinha escrúpulos com animais. Ele os admirava e curara aquele sapo. Ele não danificaria o que curou. Ele não iria desfazer sua obra. Ali estava o atoleiro.

Sua pele recuperou seu brilho típico. Seus instintos haviam detectado uma lasca de incerteza nele? Teria chegado a ponto de sair dele?

Devolva minha mão, ela resmungou.

—Para apertar —, ele ordenou. —Não para me espancar.

Pela dor. Ela apertaria pela dor. Com aquelas mãos firmes.

Ele retraiu a palma da mão, apertando a outra mão ao redor do bisturi, a ponta piscando. Ele olhou rapidamente para o braço dela, a pedido. Ela girou em direção a ele e levantou-o.

Com uma folha, Jeryn passou água sobre o bíceps, o melhor que ele poderia fazer para higienizá-lo. Cada vez que seus dedos se conectavam com ela, o desejo de recuar ou segurá-la com mais força o confundia. O braço dela era um galho nos dedos dele, mas flexionava, duro e alerta. Preparado para uma luta.

—Relaxe. — Ele instruiu, mas para qual deles?

—Concentre-se em outro lugar —, ele tentou novamente. —O felino ou as orquídeas.

Ela não relaxou. Ela não se concentrou no felino ou nas orquídeas.

Ela o viu prender o braço, o bisturi vindo em sua direção. Suas entradas ficaram mais rasas, enquanto Jeryn inalou. A fragrância de plumárias impregnou a floresta. Ele se perguntou se ela gostava daquele perfume floral ou se ela preferia a doçura das mangas.

Pelo bem das Estações, ele estava agindo como um aprendiz. Ele inclinou o bisturi. —Fique parada, por favor.

Por favor? Gosta de um bobo da corte, não é?

—Nunca me chame assim.

Você deve estar brincando de usar uma palavra tão gentil -

A lâmina a roçou. Seus dentes rangeram no lábio inferior, as narinas dilatadas.

—Você sentirá uma mera pitada —, ele mentiu. —Um pouco de desconforto.

Seus olhos se fecharam, sua mão esquerda apertando a pedra. Seu ombro floresceu com uma queimadura de sol, depois floresceu com pétalas de vermelho quando ele começou a cortar. O bisturi deslizou sobre sua carne. Ele pressionou, cortando uma camada de tecido.

Os tendões em sua garganta estalaram. Jeryn interpretou as vibrações de sua mandíbula e boca como gemidos silenciosos. Ele se perguntou como eles realmente soariam, enquanto ela lutava para mantê-los afastados. Sua resiliência o impressionou.

—Então, o que os vagabundos fazem? — Ele perguntou.

H-huh?

—É assim que você se chama, não é? Conte-me sobre o seu ofício.

Não é um ofício. É uma vida.

—Estou ouvindo.

Ela lambeu os lábios. *Somos viajantes, espíritos livres das areias. Existem prêmios que não podem ser encontrados perto do continente, por isso navegamos até o final do Verão, para os selvagens distantes, as ilhas e os desertos, as regiões externas que pertencem à coroa, mas são ferozes demais para sobreviver.*

—Como esta ilha.

Não como esta, ela argumentou. *Esta não está em um mapa regular, e é mágica, e como diabos pertence a qualquer rei ou rainha.*

—Quais prêmios?

Pedras minerais e joias. A pluma de uma cotovia ondulante - é um pássaro que vive nas ondas, difícil de identificar no mar, mas chega em terra para acasalar e perde penas durante o ato. Lírios de sal - são flores que flutuam em bolsões de água sob a areia e nobres gostam de se deliciar com os brotos. Um tridente corroído de um século passado. Tinta sedosa de um polvo camuflado. É um peixe de areia, por isso tem carne rica, mas você tem que cavar fundo para alcançá-lo e precisa de uma rede de areia.

—Suponho que você esteja se referindo ao aparelho de pesca que resgatou dos destroços. A argola com cerdas como um pente e uma alça? Tem uma aparência diferente da sua rede de água comum.

Ainda não peguei nada com ele, ou qualquer tipo de tesouro, embora a própria ilha seja o tesouro.

Ela embarcou em uma tangente. Ela falou de pântanos e ilhotas. Ela falou de seus pais. Noites de folga. Meses de acampamento, vivendo a bordo ou em tendas. De manhã pegando peixes de água e peixes de areia.

Ela falou com melancolia. Uma lealdade familiar que ele reconheceu. Devoção.

Embora a falta de circunferência de um pescador não pudesse competir com navios de expedição ou maremotos, seu tamanho diminuto compensava se encaixando nas profundezas do Verão. Os sulcos inacessíveis nas regiões do reino.

Para ganhar moedas com as viagens, os vagabundos de areia retornavam periodicamente às costas e praias do Verão, perto do continente. Tendo adquirido peixes e bugigangas raras, atracavam por dias seguidos para vender seus produtos nos mercados.

—Seus pais levavam você com eles?

Eles disseram que eu era muito ardente para isso.

—Como no mercurial. É inflamável. — Ele revisou.

Mamãe disse que eu não conseguia manter a calma, que fazia as coisas sem pensar, ou eu ia aonde o vento me levava, e com toda a agitação, eles não podiam ficar de olho em mim lá. E eu ficaria brava rápido. Meus pais se preocuparam que eu causaria uma agitação se algo acontecesse para me apimentar. Eles temiam que as pessoas me atacassem, ou eu me machucaria e perderiam compradores. Então nos separamos, um no mercado e outro no acampamento comigo. Sem falhar, foi assim que fizemos até — ela se interrompeu.

Inaceitável. —E os outros viajantes? Você não cresceu entre eles?

O que é isso? Sobre o que é isso? ela cuspiu. *Para que servem todas essas perguntas? Eu te disse, não sou um experimento!*

—Eu não estou falando com você como um experimento. Estou falando com você como uma pessoa. Não é isso que você deseja? Ou devo dizer nada?

Ela piscou.

De onde diabos isso veio? No Inverno, ele não falava bobagem através de procedimentos. Ele não fazia perguntas idiotas sobre si mesmo e se interessava pelo que eles diziam. Ele simplesmente dizia a seus servos para amarrá-los.

De volta para a tarefa em mãos. O bisturi desalojou uma aba daquele ombro quente. Ela estremeceu.

—Quase pronto. — Ele mentiu mais uma vez.

Bastardo, ela rosnou. *Um beliscão?*

—Quando os músculos estão tensos, agrava o trauma físico. Eu precisava de você calma. Distraída.

Foi isso que você aprendeu em Iradis, nos tempos da juventude, quando você era um cão de Inverno esperando que seus chifres amadurecessem? Você aprendeu a estripar as pessoas enquanto as faz se sentirem confortáveis?

—Como você sabe o que são os chifres?

Eles estão tecidos nas bandeiras dos seus navios. Eles ou paisagens de queda de neve.

—Eu prefiro as paisagens. O frio se aplica a todo cidadão da Iradis.

Aposto que sim, ela comentou.

—Além disso, eu não sou do tipo de chifre. Eu me chamaria de coruja de inverno.

Predatório? Solitário?

—Vigilante.

Ela grunhiu uma última vez quando ele colocou a mistura sob a aba e a fechou. Pelo menos não estava tão enraizado que ele precisaria queimar e cauterizar a incisão.

Vesti-la forçou-o a se aproximar, sua boca inclinada em direção ao ombro queimado pelo sol. Ele passou o pano em volta do braço dela, usando o da panturrilha, depois de limpá-lo. As feridas mais recentes tinham prioridade.

Recuando, seus olhos tropeçaram nos dela. Aterrissou neles.

A pergunta saiu de sua língua. —Você tem um nome?

Ela hesitou. *Flare,* ela disse. *Você?*

Ele levantou uma sobrancelha. —Sua Alteza.

Ele se levantou e saiu andando para lavar as mãos.

CAPÍTULO DEZESSEIS

FOGO

Sua Alteza, eu disse depois que ele saiu. O idiota.

O felino tremia enquanto as orelhas batiam nas moscas, os pássaros voavam do dossel, e as plumárias perfumavam a terra, e as orquídeas com presas enrolavam as pétalas, agarrando a neblina.

Meu braço doía sob o curativo. Meu corpo doía em todos os lugares, nos meus ossos e ao longo dos meus cortes, me sentindo grosseiramente costurada, mas eu não me importei, não importava. A ilha iria doer e depois me curar, e de novo e de novo, e é assim que eu aprenderia seus caminhos.

O príncipe também estava aprendendo, com base no lodo que ele enfiara no meu braço - se realmente funcionasse. Talvez um inseto diabólico me picasse com uma doença antes do anoitecer, e talvez sua mistura matasse essa doença, e ainda assim ele teria que criar outro bálsamo, outro para o próximo problema. Mas a margem não se preocupava com a doença, porque estava viva, e eu também, e meu corpo se acostumava com o resto.

Enquanto isso, talvez se a ilha ensinasse uma lição ao príncipe cruel, ele calasse a boca sobre sua lógica. Talvez o nome dele o derrubasse como um erro, e eu entenderia, e depois o jogaria de volta na cara dele.

Sua Alteza, pensei. Ele poderia tomar Sua Alteza e amordaçar isso.

Ele disse que se eu o assediasse com outra pedra, ele iria matar o Pequeno Cavaleiro. Bem, eu o mataria se ele tentasse.

Mas houve aquela rachadura na face do príncipe depois que ele disse, como uma hesitação, como se não tivesse certeza - uma pulga de um pensamento que eu não conseguia me livrar, não conseguia entender.

Ele me tirou da minha agonia, para começar. A lâmina estava me separando, ainda que nublada em algum momento, e eu voltei para o pescador e minha família. O príncipe havia se concentrado em suas habilidades enquanto ouvia, me apoiando, me empurrando através disso.

Imaginei sua carranca, a fenda no queixo apontando na minha, seus dedos se movendo contra mim. Eu não queria olhar para ele dessa maneira, como um garoto em seu trabalho, não um real em seus crimes. E eu não sabia o que pensar sobre a voz dele perder a ponta fria e fazer perguntas.

Minha palma cobriu o curativo enquanto eu caía contra a parede da caverna, imaginando que tinha que retribuí-lo. Uma troca nos deixaria quites.

Nos dias seguintes, revirei isso em minha mente enquanto caminhávamos pela floresta com o Pequeno Cavaleiro, e marcávamos nossas rotas para as árvores, e como imaginávamos o norte e o sul em meio a correntes de luz. Ele confiava em seu cérebro, mas eu confiava em sensações, confiando nas visões e cheiros para me tornar meus guias. Ele procurava raízes, caules e folhas, e eu pegava nossas refeições.

Quando o sol nascia, a floresta tropical tamborilava com barulho e música. E quando o sol aparecia, a ilha zumbia. E quando o sol se punha, o mundo assobiava uma melodia sonolenta, um lamento, um apelo e um suspiro.

Quando o corte no meu braço finalmente ficou seguro para molhar, tomei banho na gruta. O Pequeno Cavaleiro tinha pegado moscas ao entardecer, então eu fui sozinha, a piscina verde piscando para mim enquanto eu me despia e mergulhava, o calor me transformando em geleia. Flutuei de costas, comemorando as ondulações no teto, deslumbradas por elas.

Os mitos eram paraísos, maldições, sonhos, desejos e horrores, de milagres e monstros. Eles entrelaçaram aqui, me permitindo entrar, sem prometer que algumas coisas não machucariam. Isso fazia parte de um mito, uma história que valeria s pequenos sacrifícios.

Adorava aqui. Eu amava meus cortes, pés descalços e amigo sapo. Que beleza, esta aventura. Era fuga e exílio, e isso era bom para mim, porque prefiro morrer rapidamente aqui, no meu reino, nos braços da magia, do que apodrecer lentamente dentro da garganta daquela torre. Prefiro ser selvagem em uma floresta do que louca em um castelo.

Sentia falta de Pearl, de mamãe e papai, e me deixava sentir falta deles.

Os cavalos-marinhos saíram para brincar. Eu os espirrei, e eles jogaram água de volta para mim com suas caudas enroladas, e afundei e dancei com eles, girando e girando em torno de suas formas, fingindo ser uma sereia.

Eles me levaram a uma passagem subaquática onde eu mergulhei e entrei em outra caverna, pequena como uma banheira, com um teto baixo e borlas pendendo das paredes, como as do nosso acampamento. O príncipe ficou intrigado com elas, como elas floresceram nas sombras sem o sol.

Pensei na última vez que estivemos juntos nesta gruta, uma visão espontânea dele se intrometendo na minha cabeça - um penhasco de tronco e sua altura nua. Eu não tinha visto muito dele, e não queria, mas ele teve a ousadia principesca de exigir que eu dissesse o porquê, mas ele não tirou isso de mim.

Pena que ele não era feio do lado de fora. Donzelas e rapazes devem ter desmaiado, vendo-o nobre, altivo, mandão e poderoso em sua capa de pele.

Seguindo os cavalos-marinhos enquanto galopavam pela água, descobri um labirinto de canais. Eu me afundei, apertando meus braços, memorizando o caminho como se tivesse memorizado a música do verão, sentindo um presente à frente - um tesouro. Eu conhecia esse sentimento muitas vezes com mamãe e papai, esse sentimento me assustando.

Em outra piscina, eu os encontrei. Arbustos largos brotavam das cavidades, mas não grossas e verdes. Estes eram brancos e frágeis, delicados como asas de mariposa, e havia muitos deles, um jardim deles, não enterrados na areia, mas um prêmio ao mesmo tempo.

Me preparei nas pedras e estendi a mão, acariciando uma folha, surpresa pela textura transparente. Arrancando uma, percebi que ela era esticada, esbelta, mas resistente, lembrando-me de tecido.

Uma planta que parecia pano!

Levei a folha comigo e nadei até a gruta principal, esperando que fosse uma troca ampla pelo que o príncipe fez pelo meu braço. Os cavalos marinhos se arrastaram. Na parte rasa, fiquei no umbigo e, com um sorriso, olhei para trás para me despedir.

Eles não me deram nenhum aviso, simplesmente fugiram, entrando nas fendas. Meu sorriso caiu, minha mão suspendida no meio da onda

quando algo fez cócegas na minha coxa. A gruta ecoou, uma pincelada da corrente, uma vibração ágil - atrás de mim.

Eu me virei, navegando na profundidade. Uma barbatana pontuda cortou as ondulações, um borrão listrado deslizando pela piscina. No verão, apenas peixes de sorte riam tanto em água salgada quanto em água doce, e esse era um deles, o mais pequeno de seus parentes predadores.

Meu corpo gritou para eu sair da lagoa, mas uma pessoa não adivinharia o quão rápido o visitante era por seu tamanho. Enquanto ele cortava, abrindo sua boca cortada na minha carne, fiquei maravilhada. Eu nunca tinha visto um tubarão sirene antes.

CAPÍTULO DEZESSETE

GELO

Ele já tinha visto um tubarão sirene antes. Ele era jovem, um menino em um oceano estrangeiro, preso a uma imobilidade congelada. Hipnotizado. Aterrorizado.

As escamas brilhavam em cobre e em libras esterlinas. Barbatanas cortadas pela corrente.

Tempo invertido. A paisagem evaporou e se materializou novamente, colocando-o naquela praia. Aquele dia.

Jeryn encolheu. Todos ele se encolheram no corpo daquela criança, tornando-se aquela criança novamente. Ele não conseguia se mexer, paralisado na maré.

Como ele chegou aqui? Quando? Por quê?

Ele se agarrou ao seu pingente de frasco. Sal passou por seus lábios, a violenta marinada fazendo com que ele ansiasse por casa. Pinhas. Trenós. Bibliotecas. Caldeirões.

O cobertor de pele dele. Sua coleção de floco de neve e granizo.

Pai. Mãe.

Um corpo desesperado espirrou atrás de Jeryn, correndo para se aproximar. Ele ouviu ofegar feminino e alguém chorando seu nome. Uma das rainhas. Uma de suas tias-avós. Silvia.

Ela gritou: —Jeryn!

Um cavaleiro gritou: —O príncipe!

O tubarão-sirene pode ter gritado: —Você!

Jeryn gritou por seus pais sem fazer barulho. Seu coração gritou que eles não estavam lá! Ele ia morrer, e eles não estavam lá! Ele queria que eles matassem o tubarão, mas eles não estavam lá! Eles o amavam, mas não estavam lá!

Tantos gritos na praia. Demais.

O tubarão pulou, seus dentes lembrando-lhe gelo. Mortal em sua clareza. Doloroso de se ver. O monstro marinho o atacou, mirando sua jugular.

Não, apontando para a dela. Aquela. A garota

Sua visão clareou, levando-o de volta ao presente. A gruta e a cena em que ele acabara de entrar.

O sapo pulou em uma pedra e usou seu impulso para subir, as pernas batendo no tubarão-sirene e o derrubando, afastando-o da garota.

Seu salvador aterrissou com uma pancada escorregadia no outro extremo da piscina. O tubarão-sirene se recuperou com um estalo aguado, batendo de volta na tola que o esperava, imobilizada pela visão. Atônita. Ou encantada.

Jeryn conhecia o sentimento. Ele também conhecia o ódio.

Ele se moveu, entrou na piscina. Seu braço passando pela cintura nua da garota se tornou o braço de sua tia-avó. A menina se tornou ele quando criança. Eles eram iguais. Não o mesmo.

As memórias se repetiram. Uma reconstituição. Anos atrás, sua tia-avó o arrancou do tubarão sirene. Jeryn desviou a garota também, girando-a, sua coluna nua alinhada com o peito dele. Bloqueando-a, seu braço livre disparou atrás dele, arremessando o conteúdo da tigela de concha que ele estava segurando. A chuva relâmpago.

O líquido atingiu o tubarão-sirene, cortando sua armadura: uma grade de escamas minúsculas e pontiagudas. Ele se contorcia em fúria grotesca, com a cauda e as barbatanas batendo na superfície da piscina. Com um grito, ele desapareceu nas profundezas, cordas de sangue seguindo seu rastro.

Ele e a garota estavam lá, meio torcidos. Eles ficaram boquiabertos com a água, suspirando. O monstro morreria em breve, ele previu. Ele não sabia nada de peixe, mas a chuva o havia mutilado. Ele engoliu, com gosto de vinagre na boca. Repugnância, nojo, confusão. Para o tubarão, ele mesmo, essa tola.

Pelas picadas no pulso.

A rápida invasão penetrou em sua pele. Um sentimento doentio e angustiante o invadiu.

O que ele acabara de fazer?

Mas ele sabia. Ele sabia o que tinha feito, impedindo o tubarão como um imbecil.

Jeryn deixou cair a tigela de conchas e empurrou a garota para longe. Ela tropeçou ao redor, seus olhos caindo para onde ele apertou o punho. Ele o protegeu, não querendo olhar.

Seus pulmões e garganta se contraíram. Sua respiração correu através do espaço. Ele subiu, saiu da gruta, caminhou até o acampamento enquanto prendia o pulso em um aperto.

Fugindo para a praia, ele chupou salmoura e opressão. Em todos os lugares, oceano selvagem em vez de geada estéril. À frente, atrás, ao redor. Prendendo-o.

Jeryn contemplou começar a berrar, sem saber como fazê-lo. Ele não o fazia desde aquele dia. Ele agarrou seu peito, procurando o pingente de

frasco. Lembrando que o havia perdido naquela lagoa, ele se inclinou e secou na areia. A areia infernal.

Cambaleando na vertical, ele voltou para a caverna, mas não parecia certo. Nenhum lugar nesta ilha parecia certo. Não era Inverno. Isto não era casa.

"Oh, Jeryn. Nada afeta você".

Apertando a mão, ele apertou ossos, músculos, veias, tendões. Paciência, ele disse a si mesmo enquanto andava. Paciência.

Isso não aconteceria com ele. Não aconteceria.

—Você ficará bem. — Juraram suas tias-avós naquela noite.

—Você ficará bem. — Dissera Silvia, embalando-o, embora tivesse onze anos, velho demais para isso.

—Você ficará bem. — Repetiu Doria, afagando seus cabelos úmidos enquanto chorava.

Inúmeras vezes, Jeryn imaginou o oposto. A mordida do tubarão sirene o transformou em um animal louco por três dias. Usurpando sua sanidade. Matando-o gradualmente.

Ele estudara tomos e lia relatos históricos. Ele inspecionara o cadáver importado de um tubarão-sirene. Ele sabia.

O veneno o atacaria. Isso lhe daria a mente de um tolo, cremando os últimos vestígios de sabedoria. Ele esqueceria lógica, ciência. Sua linhagem e lar desapareceriam. Seu próprio distintivo de loucura viria à tona: comendo bocados de areia, mas chamando de neve, descendo sob as chuvas da ilha, reclamando de remédios, caindo em um estupor melancólico.

Loucura. Em breve, Jeryn seria como aquela garota. Ele poderia se juntar às ilusões dela. Ele poderia conseguir sufocá-la.

Depois disso, o veneno queimaria seu couro cabeludo, depois progrediria para as vísceras, esmagando-se nele. Então ele morreria.

Pelo menos sua família não precisaria conhecer essa versão hedionda dele.

Quem assumiria o laboratório dele? Quem o substituiria?

Não o aprendiz do médico da corte, esperava Jeryn. Ele lamentou a morte insana de um menino, que exerceu poucas aspirações na compreensão da anatomia básica. Ele não conseguia distinguir a pélvis da parte posterior.

Fechando os olhos, Jeryn levantou a mão. Abrindo os olhos, ele olhou para a mão. O tremor foi tão violento que ele confundiu com o de outra pessoa. Para que, inicialmente, ele ignorasse os detalhes.

Uma segunda inspeção. Arranhões marcavam o topo de seu pulso... das escamas do predador. Meros arranhões.

Sem carne quebrada. Nenhum sangue. Sem mordidas.

Jeryn abaixou a cabeça, passando os dedos trêmulos pelos cabelos. Um tubarão sirene teria que afundar nele para ter um efeito venenoso. Mas poderia ter pegado ele. Outro ângulo, uma modificação, uma divergência ou uma mudança. Uma bifurcação em seu destino.

Isso poderia ter acontecido.

Os pés da garota apareceram em sua visão periférica. Há quanto tempo ela estava ali, espionando-o?

Tendo se vestido antes de vir encontrar Jeryn, ela teve a coragem de se aproximar. Aquela camponesa-prisioneira. Essa tola. Ela era um parasita, sem valor para a proteção dele. Como ele ousa se arriscar por pessoas como ela? Ele não estava perto dessa garota. Ele não se comportou

como deveria. Em vez de diluir seu caos, ele a estimulou brigando com ela, contestando seus voos maníacos de fantasia.

O que ele ganhou? Definitivamente não a submissão dela. Ou a confiança dela.

A frieza em relação aos tolos nascidos veio sem esforço para ele, porque era prático. Fundamental para testar e experimentar para o bem maior, para a saúde do povo de Inverno. A dele era uma crueldade indiferente.

Não com ela. Ele falhou miseravelmente em ser indiferente a ela. Sua malícia era pessoal por nenhuma outra razão senão seus lábios silenciosos, suas impulsões, suas mãos. O jeito que ela olhava para ele. Invasiva. Ousada.

Ele a cortou com sua elegante marca de acrimônia. Então ele se importou com a reação dela. Porque ela o interrompeu, o puxou em fragmentos.

O braço dela saiu. Ela alcançou através do fosso, apontando para ele.

—Não me toque, porra! — Ele gritou, empurrando o ombro dela.

Ela afastou a mão, mas não se intimidou. Fugazmente, ele se perguntou como o contato poderia tê-lo mudado. Ela poderia tê-lo poluído com aquelas mãos fatais e aquele espírito imprudente. Ou não.

—Eu não quero sua ajuda —, ele assobiou. —Eu não preciso disso. Você acha que me conhece? Você não me conhece! Vocês, loucos, são um fardo e envergonham suas famílias. Você arruína seus meios de subsistência. Suas mentes estão deformadas. Vocês se mutilam. Vocês agridem pessoas. Você não é natural - e deixa de me encarar assim. Eu sou seu soberano, não seu inferior! Você quer saber o que eu fiz com pessoas como você? Eu as prendi em cadeiras. Eu as usei como cobaias.

Ela fez uma careta. Ele assentiu. —De fato. Derramei misturas não testadas em suas gargantas. Alucinógenos, intoxicantes, drogas. Eu os contaminei. Eu dei a eles vírus. Eu adulterei a percepção sensorial deles. Eu atrapalhei seus reflexos. Eu os amputei. Eu administrei vapores adormecidos neles para ver o que isso fazia com a respiração e o pulso. Para ver se eles acordariam durante a cirurgia.

Sua reação brilhou em seu rosto, seus pensamentos oscilando na borda de sua boca muda, tentando saltar para ele. No passado, ele gostara disso. Ele planejara estudá-la no Inverno, para afastar cada uma de suas ilusões, com a mente crua ao toque.

Ele a queria despida. Indefesa.

Isso não mudou. Não, não tinha.

Não deveria.

—Você pode ficar furiosa e perguntar o que eu sei sobre ser tratado como um tolo. Em troca, eu poderia perguntar: o que você sabe sobre *tratá-los*? O louco auto tormento. Eles infligem tormento aos outros. Eles rugem e agonizam. Eles chegam do nada, soluçam do nada. Ou eles não conseguem se concentrar ou se arriscam. Eles gargalham e recuam em suas cabeças. Eles estão atordoados e violentos. Eles são impossíveis de alcançar.

—Você quer saber o que alguns deles fizeram antes de pegá-los? Um deles roubou uma sonda cirúrgica e esfaqueou uma criança, perfurando o tímpano. Um deles incendiou uma adega comunitária, alegando que ela abrigava um espírito maligno. Por causa disso, uma vila inteira de famílias passou fome por semanas até que a notícia chegou, de um plebeu que chegou ao castelo com dedos picados pelo gelo.

—Você dirá que nem todos os tolos são assim. Não, eles não são. A maioria deles é dócil, simplório que não consegue compreender o mais infantil dos pensamentos e atos, nem o mais apropriado. Eles precisam de orientação constante, para que não se desviem. Eles trabalham sob a supervisão da Coroa. Chame de escravidão, mas os membros da realeza assumem a tarefa para aqueles que não podem pagar.

—Quanto aos loucos, eu os enchi de remédios para evitar que entrassem em pânico ou prejudicassem outras pessoas. Eu conversei com eles, mas eles não ouvem. Realizei análises de corretivos e cheguei de mãos vazias. Por que eu me incomodei? Por que tentei contradizer a natureza? Para ver se eu poderia.

—Meu estresse foi infrutífero porque é a vontade da natureza. Se as Todo-Poderosas Estações quisessem que o nascido fosse curado, eu teria encontrado um caminho. Tudo o que resta é usá-los para descobrir remédios para todos os outros. O fim justifica os meios. Para que mais eles servem? Para que mais *você* serve?

Sua voz engatou nessa última parte. Uma viagem em suas palavras que ele não estava orgulhoso.

O oceano balançou contra a enseada. Ele o viu nas manchas do pôr-do-sol destacando o rosto dela e pintando a garganta. O que ele vomitou era uma informação antiga para ela, porque ela já sabia e vivia. Ela tinha sido o alvo disso. O discurso retórico de um príncipe não tinha valor para essa garota.

Então o que fez?

No silêncio dela, ele se ouviu. Seus olhos brilhavam como metal, lançando esse momento de volta para ele, explícito em sua revelação. Isso expunha tudo de errado e falso sobre sua diatribe. Sobre ele.

Gelo estremeceu desde a sua fundação. Ele caiu e deixou um sentimento oco para trás. Algo como arrependimento.

Isso foi antes mesmo de ela falar. *Isso assombrou você uma vez. Não é?*

A resposta para isso seria um suspiro frio de outras respostas. Ele desviou o olhar. Ela ficou na frente dele, seu olhar provocando perguntas. O que o petrificava mais? Que tolos existiam? Que ele não sabia como curá-los? Ou que ele poderia se tornar um?

Quem ele estava realmente tentando curar?

Não importava se ela exigia isso ou não, muito menos se ela estivesse pensando. Ela bateu os punhos nas palavras dele, jogou chamas nele, tudo sem emitir um som. Ela precisava apenas continuar olhando. Mais um minuto dela e terminaria para ele.

—Saia.

Ela não saiu.

—Eu disse, vá embora.

Ela não foi embora.

—Vá embora. Esqueça isso.

Ela não o deixaria esquecer isso. Ela o forçaria a encarar isso. Encarar a si mesmo. E não porque ela se importava. Em nenhum lugar perto disso.

Ela balançou a cabeça. *É um arranhão, não uma mordida. A ilha pode ajudá-lo a consertar isso.*

—Estamos presos, tola! — Ele gritou. —A ilha não pode consertar tudo! Eu não posso consertar tudo! Eu não posso ganhar uma existência aqui com você. Eu não tenho suprimentos. Sem remédios, sem pergaminho, sem instrumentos cirúrgicos. Não tenho frascos, potes, garrafas. Não tenho agulhas nem linha. Eu não tenho panos de limpeza. Eu não tenho nenhuma porra de curativo!

Uma planta o golpeou no peito. Apertada, ela pressionou a única folha no peitoral dele. Cegamente, ele pegou.

Suas íris eram resmas de areia. Um rosto dourado que o dominou. Quente. Irritante.

Eu te disse, ela rosnou. *Eu tenho um nome. É Flare.*

Pegando pederneira, corda e adaga, ela marchou para a enseada.

Jeryn franziu a testa para a planta. A folha branca e caída era comprida e tinha a textura de linho. No entanto, alongava-se, maleável como gaze, como um curativo. As veias poderiam substituir as linhas se ele puder fazer uma agulha, talvez a partir de uma espinha de peixe.

—Volte aqui. — Ele a chamou, sabendo que ela não quis ouvir.

CAPÍTULO DEZOITO

GELO

Jeryn guardou a folha e depois se apoiou contra a abertura da caverna, observando-a até o anoitecer. Na praia crescente, ela construiu um poço ao ar livre, com o sapo ao seu lado.

A água da chuva relâmpago no tubarão confirmou a suspeita de Jeryn, de que as gotas perfuravam animais e humanos, não a paisagem ou objetos inanimados. Isso explicava a incapacidade da chuva em rasgar a floresta, seus suprimentos ou roupas de menina em filamentos. Nesses casos, as chuvas caíam como um chuveiro comum.

Por outro lado, as criaturas estavam à mercê do céu. Ele não teve a chance de testar essa teoria, então decidiu levar a concha para a gruta, pensando em comparar cada fonte de água.

O animal de estimação anfíbio da garota já havia retornado à caverna e ido junto à piscina. Eles chegaram no momento em que o tubarão-sirene se aproximava dela. A partir daquele instante, o senso de Jeryn fugiu dele.

Bem. Seu senso havia fugido dele antes disso.

Os raios da lua agitavam as ondas. As chamas feitas de pedra lambiam o ar.

Juntou-se à dupla junto ao fogo, sentando-se ao lado deles. A menina acrescentou acendimento precioso às chamas e murmurou: *Contos são feitos para lareiras.*

—O meu não é um conto —, ele admitiu. —É um fato.

Eu odeio o que você fez com os tolos. Eu te odeio muito por isso. Você realmente não conhecia aqueles que machucou e não conhece meus companheiros de torre - Lotus, Ashe e Reef. Você não sabe o que eles sofreram, ou com o que sonham, ou o que amam. Eles têm corações e lágrimas, mas ninguém lhes faz perguntas, e ninguém se importa com eles, porque ninguém como você não os vê, *porque você não conhece nenhum de nós. Você nunca conheceu Pearl, minha colega de cela que sabia cantar, quem era minha amiga.*

Ela olhou para ele. *Mas a ilha aceitou você aqui, e você enfrentou um tubarão-sirene por mim. Goste ou não, eu vou ouvir.*

Essa era a única razão pela qual ela ouviria? Ele tinha direito a outra?

Perguntas retóricas. Ela não estava sentada aqui para ser legal. Ele não estava sentado aqui esperando isso. E não, Jeryn não sabia sobre os que ela falava. Ele mal começara a conhecê-la.

Ele se inclinou para frente, incapaz de encontrar os olhos dela... intimidado por eles. Apesar de seu passado, ou por causa disso, ela era mais resistente do que Jeryn jamais havia sido. Ela clamou, mas não se transformou em vítima.

Ele refletiu sobre os arranhões nos dedos, mechas vermelhas na pele. Por que dizer a ela quando ele não havia confiado em outra alma? Porque ela não esperava nada dele. Porque ela veio de outra terra. Porque ela cruzou as mãos no colo e ele queria atraí-las novamente.

—Eu tinha onze anos. — Disse ele.

Onze anos de idade. Cedo demais. Muita coisa havia mudado naquele ano.

Iradis, Reino do Inverno. Uma terra onde predominavam a quietude e a contemplação, uma mentalidade que se estendia à caça e à

erudição. Um mundo em que rastrear animais e estudar tomos exigia paciência.

Bosques de agulhas revestidos de branco, onde as pessoas viajavam por montarias, trenós. Moradores amontoados em peles e soprando gavinhas de gelo de seus lábios.

A tundra granizo. Os Alpes cristalinos. A província da geleira, com paredes de um azul pálido e acetinado.

O castelo do chalé em um penhasco cinza, uma fortaleza em forma de adaga pairando sobre um lago congelado. No interior, painéis de madeira. Tapeçarias com fio de safira e lã de ametista. Tapetes macios que revestiam os corredores. O aroma de carne de veado cozida. Livros encadernados em couro. Apêndices, renderizações, rascunhos. Arquivos e bibliotecas. Salas de debates e palestras. Tutores e alunos murmurando.

Jeryn havia morado no castelo com seus pais, seu pai sobrinho único das rainhas do inverno, que não tinham filhos. No aniversário dele, mamãe e papai haviam dado a Jeryn o pingente de frasco, inventado por Inverno e soprado à mão na Primavera. O último reino destacou-se na arte, combinando as especialidades de Whimtany e Iradis produzindo o vidro mais precioso. Sem peso, mas capaz de suportar pressão. Resistente a arranhões e rachaduras. Perfeição de equilíbrio, estrutura, forma.

—Para mim? — Ele perguntou, olhando para os pais.

—Para você. — Mamãe confirmou. O sorriso dela, uma incisão no rosto.

—Para o nosso menino. — Disse o pai. Sua voz quebradiça, como se esmagada por uma pinça.

Um colar para Jeryn usar perto de seu coração. Um frasco no qual colocar algo especial.

A mãe e o pai entrelaçaram as mãos, os anéis de sinetes pressionando juntos. Seus dedos tremiam, um lembrete de sua doença compartilhada. Mas nenhum outro tremor ou desconforto corporal. Foi uma bela manhã, sua doença domada no momento.

Três meses antes, na véspera do ano novo, varrera o reino. Sem aviso, uma praga se levantou do chão e reivindicou vítimas. Estranhamente, aqueles que estavam no auge eram os mais suscetíveis. Ainda abastecida com curandeiros talentosos, a maioria de Iradis sobreviveu a essa epidemia, e seu surto acabou contido.

Tragicamente, alguns poucos definharam depois. A praga havia consumido cartilagem e nervos, produzindo uma cruzada diária contra dores nas articulações e calafrios, que atormentavam as mais fortes estruturas.

Seus pais haviam sido duas dessas vítimas. Cada dia os machucava, e Jeryn não queria que eles se machucassem mais. Ele odiava a natureza por isso, blasfemava da vontade das estações até que suas tias-avós interviram.

—Não cabe a nós questionar as Estações. — Dissera tia-avó Silvia.

—A natureza nos prova —, acrescentou tia-avó Doria. —Ela tem um plano.

—Tal como acontece com os tolos? — Ele perguntou.

Sim, elas disseram a ele. As onipotentes Estações escolheram pessoas para serem tolas, nascidas em um estado não natural para um propósito. Um erro deliberado, a ser confiado à monarquia: dar o exemplo de mente perturbada, mente errada, para que todos possam conhecer a distinção.

E eles deveriam ser usados. Ou se incontrolável, contido como outra doença.

Era o que todos que importavam lhe diziam, então tinha que ser verdade. Sua família não mentiria para ele.

Além disso, simplórios e tolos loucos assustavam Jeryn. Os que ele viu nas masmorras e laboratórios agiam de forma selvagem ou lamentável. Qualquer pessoa incapaz de ser educada deveria ser uma rejeição da natureza.

Ele levantou o queixo. Se a natureza testasse, ele aceitaria isso e testaria novamente, porque talvez essa fosse a intenção: ele aprender como ajudar. Livrar o mundo de suas doenças. Ser herói da mãe e do pai. Para cuidar deles e dos outros. Desfazer tolice. Ou pelo menos para comandar.

Se existisse uma ponte entre a natureza e a medicina, ele a construiria. Ele honraria.

Quando ele desembrulhou o frasco, prometeu a mamãe e ao pai: — Vou usá-lo para consertar vocês.

Naquela noite, Jeryn brincou com o pingente, criando um rascunho de faz de conta para seus pais, na esperança de ajudá-los a dormir. Mas ele descobriu que não ligava para fingir. Que cidadão de neve e de estudos faria?

Entre a profusão de curandeiros e cientistas de Iradis, o médico da corte ocupava o maior cargo. Jeryn entrou no laboratório do homem e passou horas misturando um verdadeiro esboço para o frasco. Então ele tomou um gole e se contorceu de um estômago angustiado.

Dias. Semanas. Eles passaram.

Ele estudou e aprendeu com a elite de Inverno. Ele leu para seus pais.

Pai e mãe não conseguiram suceder suas rainhas tias-avós. Seus pais estavam doentes demais para um futuro reinado, sem convalescença à vista. Assim, Silvia e Doria nomearam Jeryn seu herdeiro. Um direito de nascimento inesperado, outro plano da natureza. Uma chance de ter poder absoluto sobre os tratamentos.

Eles plantaram um anel de ardósia na cabeça de Jeryn, as velas afunilando no ar. As notícias desse compromisso se espalharam pelos quatro reinos.

Foi também um período de viagem para suas tias-avós. Elas partiram para a Primavera para as negociações de paz. Meses após seu retorno, as rainhas viajaram para o Verão para se encontrar com o rei Rhys e a rainha Giselle. Eles levaram Jeryn, insistindo que seria uma experiência lucrativa para ele.

Ele não queria deixar a mãe e o pai, mas admirava suas tias-avós. Elas governaram um reino inteiro juntas e planejaram mostrar a ele como.

Em Perilyn, Jeryn ficou boquiaberto. Calor suado e cores pegajosas de laranja e amarelo. Especiarias e pássaros tumultuados. Muito sol! O fritou, transformando-o em uma fatia de bacon.

Isso aconteceu durante um passeio ao longo da costa. O rei e a rainha do Verão estavam atendendo a suas tias-avós, a companhia deles seguida por uma comitiva de couraças e espadas. Cavaleiros de ambas as estações.

Como a excursão exigia privacidade do público, um grupo de crianças nobres brincando na praia foi forçada a se mudar para uma praia diferente. Um deles era um rapaz com um rosto presunçoso. O líder do grupo, Jeryn supôs quando as crianças foram embora.

Depois que eles se foram, Jeryn se afastou para o oceano. Era gelo descongelado, exceto quente e salgado. Ele gostou mais do que o sol ardente.

Pensando em experimentar a água do mar, ele andou até os joelhos e abriu o frasco pendurado no pescoço. Quando ele se inclinou para obter uma amostra, uma forma brilhou nas ondas. Um peixe com listras metálicas.

Os gritos surgiram de todos os cantos, ensurdecendo-o. Ele se endireitou, com o coração gelado, prendendo seu próprio grito no gelo.

A boca da criatura se abriu, soltando um som horrível. Ele trancou seu cinto, puxando-o em direção às ondas. Sua boca roçou sua barriga, a picada de um incisivo prestes a cavar. Ele estava atordoado quando um dos cavaleiros espetou o tubarão sereia, e a frenética tia-avó de Jeryn, Silvia, o removeu do oceano.

Para o castelo. Para a enfermaria.

O garoto nobre de aparência presunçosa também chegou lá, com um lábio partido. Embora ele não parecesse mais convencido. Os médicos disseram que ele havia sido atacado em uma praia vizinha.

Jeryn se perguntou se teria sido outro tubarão-sirene. Eles viajavam em bandos?

Enquanto sua paralisia passava, ele pensou em tolos. Ele pensou em seus pais doentes definhando diante de seus olhos. Ele pensou nas mandíbulas do tubarão.

Ele chorou na cama, balindo que queria ir para casa, que iria expirar. Suas tias-avós garantiram que ele não havia sido mordido. Mas e se eles não pudessem ver a mordida? E se a loucura se agitasse nele? E se ele morresse?

Levou séculos para os pesadelos cessarem, para ele acreditar que estava fora de perigo. Intacto. São.

Mesmo assim, houve recaídas, o pânico subindo do nada. Ele checava aleatoriamente seu estômago... e checava duas vezes .. e checava três vezes. Ele assistia tolos com mais desprezo e seus pais com mais desespero.

Meses. Anos. Eles passaram.

Ele se tornou um príncipe e um mestre em medicina. Ele pesquisou, praticou, aperfeiçoou seus dons. Ele criou drogas para os cidadãos de cada estação. Ele descobriu uma cura que aliviava as convulsões de seus pais, mas não a angústia física. Ele tratou distúrbios, mas não abafou a tolice ou concebeu um antídoto para mordidas de tubarão-sirene.

Prevenções contra outros venenos, sim. Loucura em si, não.

Por exemplo, o líquido azul fosco em seu frasco. Ele inverteu uma variedade de venenos, embora não o que ele visava.

A preparação para seu retorno ao Verão fez com que o velho pânico de Jeryn ressurgisse. O medo de ter sido mordido e não ter percebido. Ilógico. Irracional. No entanto, o cérebro era uma força convincente. Isso o arrastou para baixo, eclipsando a razão. Sua mente alternava, aumentando o medo e ampliando a paranoia. Transpiração e palpitações.

Ele havia engolido o líquido na partida. Ele sabia que não faria nada por ele, mas a ilusão o seduzia. Ele embalou uma dosagem para a viagem.

Infelizmente, ele não o tinha com ele quando precisava dele novamente, no castelo de Verão. Na sequência de seu encontro com o rei Rhys, Jeryn tomou o assunto por conta própria, roubando os aposentos do

médico da corte e fornecendo uma porção para o seu frasco, do estoque que Iradis havia fornecido a Perilyn.

Na mesma noite em que a garota tola escapou.

Jeryn terminou sua história, omitindo esses detalhes sobre o líquido fosco e como ele perdeu o frasco na lagoa rodopiante. Ele havia compartilhado o suficiente.

Ele fez um inimigo da doença. Ele estava em guerra com isso. Ao fazer isso, ele agiu criminalmente, sem sinceridade. Tentar derrotar doenças - resgatar seus pais e se poupar - não era a mesma coisa que tentar salvar vidas.

Todas as vidas.

Falar em voz alta não mudava ou desculpava o que ele fez com essa garota, nem o que ele fez com outros tolos. Arranjando trabalho e ciência deles, possuindo-os, tentando curá-los e depois condenando-os por serem incuráveis. Gastá-los para tratar o resto do mundo.

Em vez disso, o incomodava lembrar. Isso o envergonhava.

Eles estavam se enfrentando o tempo todo, um fluxo do passado fluindo dele, quer ele quisesse ou não. Por não ter contido nada, ela atraiu outros a fazer o mesmo. Ou era esse o efeito dela sobre ele?

O brilho das chamas pintava seu rosto. Ela disse que seu nome era Flare.

Combinava com ela.

Ele encontrou os olhos dela. —Meu nome é Jeryn.

CAPÍTULO DEZENOVE

FOGO

Comecei a repetir o nome, e ele me viu soar, demorando um pouco para juntar as peças. O nome tinha peso, rolando como uma onda, avançando e se curvando sobre si mesmo. Demorou um pouco na língua, fazia uma pessoa esperar para experimentar a coisa toda, enquanto o meu disparava como um dardo e aterrissava em algum lugar, e talvez essa fosse a diferença entre um camponês e um governante, ou um prisioneiro e um captor, ou um vagabundo e um príncipe, ou uma garota nascida no fogo e um garoto nascido no gelo. O fogo se movia enquanto o gelo ficava parado.

Ele recebeu um nome paciente, e eu me perguntava se era sua mãe ou papai quem o escolhera, ou se eles escolheram juntos, como os meus.

O príncipe parecia mudado depois de confessar, folga na boca e no queixo, jovem e resignado. Seus olhos não mais viam através de mim, mas seguravam meus lábios em antecipação, em anéis de preto enquanto eu trabalhava em seu nome. O fogo se moveu, assim como minha boca, e quando eu terminei, eu disse *Jeryn,* seus traços se dobraram em decepção, como se lembrando que eu não podia falar, e não foi a decepção que me pegou.

Foi que eu o fiz esquecer de tudo, e que também me esqueci, e que tínhamos nos dedicado a lembrar, e essa lembrança havia feito muito para nós, e nenhum de nós desejava mais lembrar. Não pelo resto da noite.

Mas eu estava errada. Durante aquela noite, eu o ouvi lembrando novamente.

Do meu palete, eu o ouvi chorando baixinho, pensando que ele estava sozinho, pensando que eu dormia.

Outra coisa estranha aconteceu quando dezenas de sóis subiam e desciam, trocando de lugar com a lua. Sempre que o via, via um garoto com medo de tubarões e pesadelos, da morte levando sua família e da doença levando-o. As pessoas diziam a ele sobre os tolos da mesma maneira que todo mundo dizia sobre os tolos, e foi assim que o menino cresceu.

Eu odiava quem aquele garotinho se tornou, mas agora eu sabia por que ele se tornara um demônio, e agora ele estava aqui, e ele me viu. Isso era algo que eu não podia odiar.

O medo era uma coisa assustadora - um líder nato. Eu pulava no medo, e ele lutava contra isso.

E pensei em seu outro medo, como a ilha me deu liberdade e a levou a dele embora. A Ilha da Chuva Perdida não me assustava, porque era um lugar de sonhos sombrios, e eu amava isso, e conseguia lidar com isso.

Mas nunca pensei se ele poderia.

Na caverna, observava o príncipe na esquina. Enchendo tigelas de conchas com pedaços de plantas, flores e frutas, dos brotos às raízes e aos núcleos, e acrescentou fios de algas e restos de casca, e escondeu tudo em fendas na parede.

Jeryn também empilhou as folhas brancas que eu o trouxe da gruta, e isso me fez sorrir. Ele vasculhou o tesouro, sua mente se voltou para um lugar distante, e então reorganizou tudo e olhou de novo, e sempre que trabalhava sobre suas escolhas, sua mão era levada ao peito, procurando distraidamente o lugar onde o pingente de frasco estava pendurado. O pescoço dele. Ele não tinha dito onde poderia ter perdido, se soubesse para onde poderia ter ido.

Mas ele parecia feliz com seu conjunto de coisas, segurando uma amostra de pétala na luz. Eu conhecia esse tipo de paixão enquanto desenhava na areia.

Pensei nas talvez-mangas que esses macacos haviam me roubado. Se fossem iguais, as frutas seriam deliciosas para comer, e o príncipe poderia ter outro uso para elas em seu laboratório nas cavernas. Eu me afastei, deixando-o para o seu prazer, e voltei para a árvore espinhosa na floresta, sonhando acordada no dossel, minha boca ofegante sobre a nova colheita madura de frutas.

Não sentindo os macacos, mosquitos ou aranhas, meu leal Pequeno Cavaleiro se juntou a mim, pulando os espinhos enquanto eu os usava como apoios para os pés e me acomodava em suas pontas. Então ele gritou quando eu escorreguei e bati no chão, um torrão de terra entupiu uma

narina. Eu consegui na última vez, mas mamãe tinha sido a verdadeira escaladora, não papai ou eu.

Quando me virei, meu lado choramingou e também gemi, enquanto me forcei a ficar de pé e trabalhar de volta para a caverna. Demorou não sei quanto tempo para voltar, mancava e continuei curvando-me, parando para cair contra a árvore mais próxima. O Pequeno Cavaleiro saltava ao meu lado, e eu percebi que ele queria buscar o príncipe, mas eu não o deixei, e isso aborreceu meu amigo, então eu menti e disse a ele que tinha medo de ficar sozinha.

O Pequeno Cavaleiro surgiu quando chegamos ao limiar. Eu tinha me dobrado contra a colina, a floresta tropical girando, quando o príncipe chegou. Ele furtou um pedaço de corda para amarrar o cabelo para trás.

—Garota estúpida e desenfreada —, disse ele. —Forragem para o desastre. Maldição repreensível de...

OK! Eu me irritei.

—Eu não posso deixar você em qualquer lugar ilesa.

A ilha e eu somos semelhantes. Ela nunca me espalharia para sempre, a menos que eu a merecesse, desonrasse ou parasse de confiar. Onde está o seu senso de aventura?

—No chão, onde pertence. — Seus dedos percorreram minha barriga, despertando uma visão horrível de mim arqueando em sua direção, em seu toque. —Você quebrou uma costela. — Ele anunciou.

Eu agarrei. Isso tornaria difícil pescar.

Joguei um ataque para impedi-lo de me carregar. Em vez disso, eu bati meu corpo arranhado no dele enquanto ele me equilibrava para dentro.

Mesmo com todas essas coisas que ele acumulou, Jeryn não pôde fazer nada por uma costela quebrada. Ele me colocou no meu palete de folhas e eu amaldiçoei a vida, culpando a árvore por me deixar ir, mas eu não me importei com o príncipe cuidando de minhas feridas frescas e se inclinando sobre mim, o deslizamento azul de seu cabelo na minha boca. Se não fosse a dor mais desagradável do mundo, eu teria prestado mais atenção a isso.

Quando me curei, eu o paguei. Criei uma escada a partir das algas resistentes e gêmeas que encontrei, e subi naquela árvore novamente sem que o príncipe soubesse, e prendi-a em um galho forte, além dos espinhos. Apresentei a ele nosso primeiro pacote de sacos de manga, sem um arranhão ou um corte em mim.



Somando-se ao nosso odre, fizemos um conjunto de recipientes para beber a partir de cabaças escavadas, com correias úteis - de brotos de banana - para carregar. Mapeamos a ilha ao lado do Pequeno Cavaleiro, encontrando o caminho pela floresta. Nas lutas, descansamos, nos machucamos e brigamos. Jeryn me acusou de estar fora de prática como uma vagabunda de areia, e eu o acusei de estar fora de prática como uma pessoa inteligente.

Parei para cumprimentar um bebê morcego, seus olhos pareciam cristais de cereja, mas Jeryn recuou e puxou meu pulso, me puxando com ele.

Ele parou para espiar um cogumelo, mas eu recuei e puxei seu pulso, puxando-o comigo.

Fugimos de animais e fizemos amizade com outros animais, aprendendo suas conversas e sussurros. Jeryn prestou atenção e imitou o uivo dos macacos, e eu esperava que ele estivesse envergonhado, mas ele fez isso sem problemas, captando o som e atraindo uma multidão lanosa. Fiquei com ciúmes disso, de sua voz, até que os macacos o tomaram como predador e jogaram o esterco na cabeça dele.

Entre as escaramuças, caímos em conversas, aleatórias e tolas. Conversamos e perdemos o rumo, seja por tagarelice ou por confusão, depois caíamos e molhávamos nossos pés com bolhas no oceano.

A Ilha aninhou-se em nossas mentes quando reconhecemos copas de árvores e bifurcações nos caminhos, arbustos perfumados, formas de galhos e casas dos moradores, e suas pegadas e aromas. Então chegou o dia em que nossos pés endureceram, e andamos com menos dor, e viajamos sem ter que seguir nossos mapas de folhas.

Cada chuva me abençoava e me ofereci às iniciações. Enquanto trovões e raios lançavam lâminas, nuvens volumosas lançavam uma chuva forte, se arrastando mais do que os punhos de Pyre, com um dos meus ombros sofrendo o impacto. Uma torrente ao entardecer ardeu como picadas de insetos e grudou como seiva, difícil de lavar, encobrindo-me de modo que minha boca e nariz se fecharam, bloqueando minhas vias

aéreas e forçando Jeryn a descascar minhas narinas e depois o resto de mim.

Demorou horas. Levou ainda mais tempo para Jeryn falar comigo novamente, e quando ele falou, foi porque eu fiz uma piada, rompendo sua carranca.

Depois disso, depois dos meus ritos de passagem, evitei todas, exceto as chuvas amistosas, anunciadas pelo amanhecer e pelo nevoeiro. O príncipe e eu aprendemos quando celebrar o céu e quando fugir dele.

Quanto às outras águas da ilha, inúmeros riachos transbordaram durante as chuvas, inundando partes deste reino. Além da lagoa que afogava e do riacho em chamas, uma poça rasa que fervia do solo como uma nascente deixava seus visitantes imersos em embriaguez. Jeryn disse que a água tinha um cheiro azedo e sabor, notas de vinho em sua opinião, e ele saberia. Foi ele quem o encontrou e depois tropeçou na caverna, com os olhos vidrados e dizendo: —Suspeito que sua ilha mítica me tenha embriagado. — Então ele caiu como um saco, aterrissando aos meus pés em uma pilha desleixada e principesca de murmúrios.

Teria sido uma farsa, se a embriaguez não tivesse explodido em um feitiço de febre. Aconteceu comigo mais tarde, também, quando tomei um gole da água, apesar do comando de Jeryn de ficar longe.

Eu teci redes extras de algas, meus dedos deslizando da esquerda para a direita. Alguns foliões do Verão faziam malha e teciam agulhas ou

teares, mas os talentosos - vagabundos e crianças escravizadas que Perilyn chamava de tolos - usavam um método manual especial. Esfregar as redes com óleo de semente de carmim seria uma vida útil mais longa, mas se houvesse algum óleo no pescador, eu o perderia nos destroços, por isso me certifiquei de ter um estoque de substitutos. Coloquei um deles no mar, fixando-o nas rochas e inclinando-o para a maré que chegava, para que os peixes ficassem presos durante a retirada do oceano. Outro, passei em meio a um recife de coral, uma armadilha inteligente para capturar criaturas saborosas menores.

Como não consegui fazer outra rede de areia, guardei a solitária, ainda sem saber se os peixes terrestres moravam aqui. Também tentei consertar a ponta quebrada da lança de papai, meu coração pedindo que ele me perdoasse por arruiná-la no naufrágio, e então meu coração se partiu com o resultado bruto de tentar restaurá-la.

Jeryn apareceu. Ele se ajoelhou ao meu lado, examinou a lança e pegou minha lâmina. —Você não pode ter pressa. — Disse ele, cortando a madeira.

Você sabe como fazer isso? Eu perguntei.

—Eu não sei. Mas eu sei aprender.

Parei de pensar na lança e comecei a pensar em outras coisas, porque como ele poderia vir de uma terra que prometeu saber tanto, mas ainda sabia tão pouco?

Eu olhei para ele até sua cabeça levantar-se. *Você sabe?* Eu desafiei. *Sabe mesmo?*

Ele franziu a testa, sem ter resposta.

Não, ele nem sempre sabia aprender - sobre coisas grandes ou pequenas. Na praia, tentei ensiná-lo a fazer uma bolsa com algas marinhas. Acabei de terminar a minha, e ele estava olhando para ela como um filhote ansiando pela mesma habilidade. Mostrando a ele como seria uma troca decente para ele consertar minha lança, então eu torci meu dedo nele, o que manchava seu pescoço de rosa por algum motivo.

Aqui, eu disse, pegando seus dedos e os guiando pelos fios.

Foi uma ideia idiota. No instante em que nos tocamos, o formigamento pulou em cima de mim, meus sentidos ficando loucos. Nossos dedos deslizaram juntos, minhas mãos deslizando sobre os nós dos dedos, as pontas dos dedos correndo sob meus pulsos. Nossa pele esfregou, misturando suor e areia. Ele pigarreou, e eu gaguejei através das minhas instruções, e nos concentramos na tarefa como se nossas vidas dependessem disso.

Na primeira tentativa, a bolsa de Jeryn era a imagem de uma lula morta. Seu rosto se contraiu enquanto eu esmagava meus lábios para esconder as risadas.

No dia seguinte, ele disse que poderia fazer outra tentativa sozinho, então eu me sentei ao lado dele depois, batendo no joelho dele com o meu. *Deixe-me ver.*

—Não.

Deixe-me ver.

—Não. Está-

Peguei a alga dele. Recuando, saí correndo, deslizando sob ele e passando por ele, esquivando-me de cada vez que ele rastejava atrás de mim.

Sua segunda bolsa, longa e rasa, parecia uma banana com um cabo.

Jeryn bufou. Eu gargalhei.



A areia permaneceu abençoadamente constante. Eu construí um mini castelo para Pequeno Cavaleiro e ri enquanto ele pulava de alegria de concha para torre para fosso.

Na costa granulada, esbocei o pescador da minha família, o tubarão-sirene, uma coroa e correntes, e observei a maré levá-los embora. Em seu lugar, desenhei o sorriso torto de Papa, o bocejo sonolento de Mama, o rosto de Pearl e o perfil de Jeryn.

Recriei a música de verão na praia, a melodia tocando em meus ouvidos. Minha garganta zumbiu quando terminei, e uma brisa tropical jogou areia no ar, e eu a persegui, dançando dentro do funil de manchas. O vento cantou o mito de Perilyn, e eu ouvi, girando meus pulsos, balançando meus quadris e chutando minhas pernas - e tropeçando.

Jeryn olhava entre as samambaias, o olhar em seu rosto uma emoção e uma ameaça. Seus olhos puxaram sentimentos estranhos para fora de mim, espalhando-os por todo o lugar.

Demorou uma eternidade para ele atravessar, movendo-se furtivamente, movendo-se sem parecer mover-se. Ele parou na minha

frente e apareceu lá, sua camisa tremendo, quase mas não acariciando minha roupa, e foi o *quase* que foi direto para o meu pulso.

Lambi pedaços de ouro salgado nos lábios, uma trilha molhada que seu olhar seguiu.

—Eu posso te ensinar. — disse ele.

Me ensinar? Eu repeti.

—A ler isso. — Ele levantou o queixo para a música, as letras na areia cercadas pelas minhas pegadas dançantes.

Com o tempo, ele me ensinou essas letras. Quando perdi a paciência, ele manteve a dele, e ele não riu, nem zombou, nem duvidou, seu olhar mudando das formas na areia para a minha boca, certificando-se de que eu entendesse.

Logo, as formas se transformaram em sons dentro da minha cabeça, fios de sons, sons de palavras e frases. Eu os ouvi um pedaço de cada vez, depois juntas sem pensar muito nelas. E, finalmente, quando aprendi minhas letras, a canção de Verão floresceu, mais bonita do que antes. Em troca, eu explorei o fundo do oceano até encontrar um molusco enterrado em forma de punhal, seu interior saqueado, a concha útil como uma pedra de amolar improvisada para a lâmina de médico de Jeryn.

O cheiro rançoso da torre de Perilyn, os arranhões de algemas e a pitada de um inseto que arrebatava meu tornozelo invadiram meu sono. Eu me agarrei e devo ter jogado algo quando acordei, uma pedra ou algo assim, porque havia Jeryn, espreitando sobre mim ao

amanhecer. Havia o Pequeno Cavaleiro, uma estrela de limão cintilante, piscando com olhos de sapo preocupados.

Eu choraminguei sobre a torre e meu pescoço pintado, e desmoronei contra Jeryn, agarrando-me a ele. Seus braços pairaram no ar por um momento embaraçoso, depois me envolveram, o abraço silencioso dizendo que ele sabia como era ter um pesadelo, mas ele não conhecia meu tipo de pesadelo.

Por que eu estava tendo um pesadelo com a cela? Porque, porque, porque? Por que agora?

Eu não sabia, mas a areia esfriou meus dedos, e ouvi o oceano, e estava de volta ao meu reino novamente, e estava em segurança novamente. Eu estava na minha ilha invisível, meu lugar escondido, *meu*. A ilha fazia questão de me lembrar, e ainda bem por isso. Afinal, não tinha nada a ver com os braços do príncipe.

Então, por que ele me abraçou um pouco mais e por que eu o deixei?

Quando eu conheci Jeryn, ele era um garoto à beira do corpo de um cavaleiro. Então, do nada, aquele corpo emergiu como outra ilha, com montes de músculos que se apertavam. Eu notei mais e mais. Os *mais* continuavam chegando. Sua boca se encheu, e seus ombros assaram sob o sol, e uma bola de suor deslizava por sua têmpora enquanto ele se barbeava com a lâmina do médico, porque ele gostava de um rosto suave, assim como ele gostava de sua juba do mesmo comprimento, cortando as pontas com uma faca a cada poucas semanas.

No Verão, as pessoas cresciam conhecendo corpos nus. Recebi dicas na caverna, espiei o que acontecia com um garoto de manhã e lembrei das coisas que mamãe e papai disseram sobre estar com alguém, o que precisava acontecer para que os corpos se encaixassem.

No entanto, isso aconteceu com Jeryn enquanto ele dormia, e eu me perguntei por que, me perguntei se havia outra razão além do acasalamento, e ponderei se havia outras pistas sobre o corpo de um menino e como isso poderia importar para uma garota. Então, quando ele tirou a camisa esfarrapada, meus olhos vagaram pelos cumes, imaginando o que mais havia nele.

Ele não olhava para mim, no entanto. Sempre que eu me exibia, ele se afastava, ou seu olhar flutuava, mostrando o Inverno nele.

Um dia, me vi caminhando em direção a um canto sombreado para sair do meu traje e depois disso comecei a me esconder atrás das paredes. Parecia importante fazer isso, mesmo que eu não estivesse envergonhada, mesmo que não o afetasse dessa maneira.

Acordei e encontrei Jeryn me observando de seu palete. *O que-*

—Nada. — Ele disse e se virou.

Aprender a escrever na areia significava que ele não precisava mais ler meus lábios, mas continuava fazendo isso, se comunicando comigo dessa maneira, talvez porque ele se acostumou.

Sua falta de vontade de dizer muitas palavras e minha barreira de dizer alguma coisa nos fizeram conversar de maneiras diferentes, ouvindo um ao outro de maneiras diferentes. Falamos de coisas duras e macias. Ele nem sempre me entendia, e eu nem sempre o entendia, mas quando nos entendíamos, a mágica acontecia. Ele perdia a noção de si mesmo e meus dedos descansaram no chão. Em gotículas, pedaços e interlúdios, em uma série de momentos, amarrados e não, nos descobrimos. E nos tornamos amigos.



Por uma passagem, como um corredor feito de verduras e disfarçado de sombras, eu segui o rolo e a lambida de um novo riacho, com Jeryn me seguindo. O fluxo nos levava a um oásis e depois se dividia, cascatas descendo uma colina em um respingo de turquesa brilhante. Do banco, observamos a lagoa escondida entre as samambaias, exuberante com flores aquáticas e peixes cujas barbatanas longas e sinuosas balançavam.

Depois de cheirar, tocar e provar a lagoa, achamos que era possível nadar. Eu notei um puxão ao meu lado, Jeryn persuadindo as partes ocultas do meu ser, fazendo essas partes brotarem. Ele queria afundar na lagoa, por nenhuma outra razão de Jeryn do que prazer, e eu queria ver

seu rosto ainda mais por isso. Eu queria ver se este lugar o impressionava e, se não, eu queria cutucá-lo eu mesma.

Também senti seu desejo de olhar para mim.

As cachoeiras quebravam na lagoa e nos borrifavam. Aqui, nosso pacto tinha que mudar. Para nadar, teríamos que nos despir, compartilhar a água juntos, não separadamente.

Eu me virei para ele com expectativa.

Em resposta, ele se sentou na grama, onde se estendia sobre a lagoa como um banco, e afundou as pernas, sua rejeição descascando algo de mim e colocando-o de lado.

Pela primeira vez, talvez ele soubesse melhor do que eu, e eu deveria estar agradecida, porque ele poderia estar nos poupando, poupando-me a culpa de me sentir assim em relação a ele, a última maneira que eu deveria estar me sentindo.

No entanto, eu sofria, desprovida de uma coisa sem nome. Eu me sentei ao lado dele, nossos ombros alinhados, trocando umidade enquanto escovavam. Eu olhei para o nosso reflexo na lagoa, seu queixo direcionado para longe de mim e meus olhos nele, e pensei ter visto um tique muscular em sua mandíbula, nada além de um truque da água, uma provocação nas ondulações. Nossos pés flutuavam lado a lado, sem vontade de ir mais longe.

Marcamos os dias e as semanas. Essas marcas se transformaram em meses.

Então, um ano se passou. Deixamos de existir no mundo exterior, aprendendo a falar a língua da ilha e a ouvir os batimentos cardíacos, deixando-a nos guiar.

Quanto mais morávamos aqui, mais nos descobríamos, como traidores para nós mesmos. As possibilidades me irritavam e me atraíam - esses sentimentos dispersos.

CAPÍTULO VINTE

GELO

Esses sentimentos aglomerados. Eles lotavam sua mente e apertaram seu peito como pontos, apertados e esforçando-se para quebrar. Eles o assombravam com pensamentos que ele não podia extinguir, sentimentos que não apoiavam a natureza ou suas crenças. Ele tentou organizá-los, refutando-os.

Ele tentou.

Suas divagações ilusórias e apaixonadas sobre a ilha arrancavam-no, muitas vezes insuportáveis. Mas suas outras reflexões e opiniões não eram irrelevantes ou frustrantes. Então ele parou de falar com ela apenas por obrigação. Pelo contrário, ele falava com ela porque queria, sobre assuntos sérios e assuntos rebeldes. Ele se pegou respondendo, atento e sério.

Ela o inspirava a falar. Para falar com uma tola.

Ela o havia infectado. Deplorável. Terrível.

Seu maior erro? O nome dela nos lábios dele. Flare.

Depois do tubarão-sirene, ele recuara da gruta, assim como recuara do oceano. Nunca foi sobre a água. Era sobre o que vivia nele. E apenas os lugares onde ele encontrou a criatura.

Embora ele se opusesse a Flare visitando a gruta sozinha. Aquele anfíbio, Pequeno Cavaleiro, não contava como companhia valente. Assim, Jeryn se forçou a acompanhá-la, insistindo em fazer turnos. Ele se lavava na beirada e depois, enquanto ela tomava banho, ele esperava. Ele desviou o olhar, procurando uma nadadeira ou cauda na piscina, os salpicos inundando seus ouvidos.



Seu corpo ganhava carne com a alimentação regular, a passagem do tempo dotando-a de curvas. Inclinações de pele. Quadris que torciam ou, Estações o ajudem, dobravam.

Além disso, fibras de cabelo nas margens do lábio superior. Cachos escuros roçando seus ombros porque ela preferia mantê-lo curto.

Ele se recusava a olhar para ela sempre que ela se despia, ou mais tarde, para perguntar por que de repente ela se abstinha de mudar na sua companhia.

Ele se recusava a vê-la desenhar mais na enseada, para ver que representações artísticas saíam de sua mente e chegavam à praia. Ele se recusava a ficar boquiaberto quando ela girava em tempestades de areia. Ele se recusava a assistir aqueles dedos gravando na areia quente, os contornos ardendo. Aquelas mãos agarrando coisas.

No lago da cachoeira, ele se recusava a nadar com ela. Ele se recusava a prender a respiração quando ela se virou para ele. Ele se recusava a se importar com o que ela poderia dizer.

Mas ele queria. E ele queria. E ele queria mais.

Os aposentos próximos lhes davam pouco isolamento pessoal. Eles se abraçaram. Eles encontraram lugares individuais para se aliviar e trabalhar por conta própria.

Quando sufocantes demais à noite, eles tiravam as roupas e rolavam pra longe um do outro. Mesmo assim, eles se contorciam na presença do outro quando estavam doentes. Ela murmurava em silêncio enquanto dormia. Ela arrotava depois de comer. Ela penteava o cabelo com os dedos enquanto ele passava a lâmina sobre o queixo, removendo os bigodes pretos. Eles podiam sentir o cheiro um do outro.

Uma vez, sua alça do ombro caiu. Muito baixo. Mostrou o arco de meia-lua de um mamilo, que teve um efeito mais profundo sobre ele do que quando ele a testemunhou completamente nua, naqueles primeiros dias.

Seu corpo acordou antes dele acordar de manhã. Não era incomum, mas um estado humilhante. Sua frequência estava aumentando.

Os pedaços de madeira que haviam guardado na caverna começaram a secar. Assim como algumas madeiras flutuantes que haviam encontrado. Em intervalos sufocantes, entre as chuvas, eles colocavam pilhas no topo de rochas ao sol. Finalmente, eles tinham um estoque

pronto. Flare foi capaz de tentar seu método de fazer fogo com gravetos novamente. Funcionou.

Detritos adicionais lavados em terra. Um pedaço de ferro que eles usavam para cutucar o fogo. O lenço de cabeça tingido de limão de sua mãe, que Flare envolveu seu corpo como um vestido sem mangas, pendurado nos tornozelos. Uma camisa do pai dela, que se encaixava larga e muito curta em Jeryn.

A exploração de Flare do fundo arenoso do oceano transformou-se em um tesouro: a adaga cortante de seus pais. Alojada no chão, embaixo de uma pedra, que poderia ser usado em matagais e troncos. A descoberta provocou um frenesi nela, fazendo-a saltar para cima e para baixo, e depois dar círculos em volta de Jeryn.

Ele pode ter, *pode* ter sorrido. Um pouco.

Eles equiparam a caverna. Eles designaram uma área de cozinha, cavando um buraco e enchendo-o de peixes e pedras quentes das chamas, cobrindo-o com folhas para esquentar a refeição. Eles armazenaram frutas e outros peixes embaixo de pacotes de areia.

Durante uma semana em particular, uma espécie de cobra d'água colocou ovos em um riacho, encenando algum tipo de período reprodutivo. Jeryn e Flare haviam acumulado uma dúzia e fugiram quando as boas e as margens chegaram, atraídas pela recompensa.

Jeryn descobriu um rebento cuja casca poderia ser moída em uma pasta tóxica. Flare a envolveu em uma rede bastante complexa que ela tricotara, afixando a malha dentro dos brotos de uma árvore, causando uma morte rápida e indolor para macacos vorazes que se aventuravam de suas alturas, atraídos pelo perfume da pasta. Quando os animais ficavam moles, uma rápida puxada na rede a fechava. Outro puxão desceu dos

galhos para as mãos de Flare. Assar a carne liberava os vapores nocivos e enchia os estômagos.

Uma rotina desenvolvida, ambos reivindicando seu horário. Jeryn passou seu tempo em restauradores, dedicando-se a experimentos e testes que às vezes os curavam. Ou às vezes fazia com que seus estômagos se contraíssem e suas línguas descascassem. Ela escolheu pescar e tecer. E comungar com a areia dela.

Eles determinaram o tamanho da ilha. Incrivelmente pequena e fácil de atravessar.

Em poucas horas, eles subiram a colina central, atingiram seu pico e pisotearam o outro lado. Poderia ter levado ainda menos tempo se eles não tivessem sido distraídos pela natureza e seu terreno.

Embora as rochas demarcassem suas enseadas, um ciclo desobstruído de costa ligava as costas sul e leste. Eles descansaram no ponto médio por duas noites, com Flare colhendo no mar e Jeryn colhendo na terra.

Flare rasgou uma porção de seu vestido amarelo, cuja bainha pairava em suas coxas até então. Como ela havia feito do lado da ilha, ela amarrou o tecido no topo de uma palma, um sinal para navios de passagem. Foi ideia de Jeryn.

Na verdade, ele insistiu.

A figueira azul da ilha que ele havia comido com Flare limpava as impurezas do sangue.

As bagas listradas que envenenaram Pequeno Cavaleiro eram seguras para os humanos. Maduras e amassadas com o suco de uma folha de camaleão, elas aliviam a dor.

A manga falsificada obtida por Flare consistia em pele de pergaminho e, também bastante incomum, polpa amarga, apesar de sua fragrância. Se Jeryn fervia a pele em um chá, em uma tigela, o líquido diminuía a febre e a náusea. Ele aprendeu isso depois de consumir deliberadamente outro gole das águas inebriantes da poça e testar a solução.

Um tipo de melão que se parecia com um coco, embora com uma casca de albino, tinha um centro açucarado benéfico para dores de garganta.

A polpa cremosa e agridoce de goiabas e mamões reconhecíveis ajudava na digestão.

O suco das hastes das bananeiras tratava abrasões, enquanto Flare as secava para usar em projetos de embalagem e tecelagem extra.

Uma infinidade de ervas combatia a infecção quando aquecida ou moída em cataplasmas e colocada no topo de feridas.

A maioria das flores eram comestíveis. Algumas árvores também.

As folhas de Jeryn, parecidas com enfeites, pareciam ter se saído bem na inoculação. E semelhante à sua relação distante, inalar seus gases acalmava os pulmões.

No entanto, outras curas precisavam existir, vantajosas para várias doenças nas estações, que excederam suas habilidades em casa. Um remédio em potencial para sua mãe e pai, que poderiam estar se deteriorando sem seus cuidados. Tratamentos que não circulariam se ele permanecesse preso aqui.

Se ele insistisse nisso, recorreria ao pânico. Se a floresta tropical fosse compassiva, forneceria a ele um ingrediente para sedação.

Além disso, ele não podia superar ou vencer cada lesão, cada doença. Ele nunca teve esse poder. Não com o tubarão-sirene. Não com os pais dele. Não aqui.

Suas próprias insuficiências apareceriam. Mais cedo ou mais tarde.



Mais cedo, de fato. Um inseto picou-o, a vacinação e seu inventário inúteis contra ele. Ele passou três dias de costas, a mesma duração que esperava do tubarão-sirene, embora não fosse o mesmo gênero de veneno. Pelo contrário, um tipo diferente.

Suas vértebras se contraíram, a pressão dominante parecia pulverizar sua coluna. Nada a abandonou.

Flare tendia para ele, devotamente ignorando suas instruções. Ela escreveu na areia perto do palete dele.

O que você precisa é de uma história

Ele experimentou uma pontada de orgulho. Ela era uma aluna apta quando ele a ensinou a escrever. Embora em vez de se conformar com as

frases reais, ela adotava sua própria receita não convencional para contar histórias, desenhando um conto popular de verão com símbolos no chão.

Deu-lhe licença para descansar a bochecha no colo.

Quando ele procurou isso?

Atormentação. O que ele não trocaria por uma dose de salgueiro para desmaiar. Para esquecer de se rebaixar a isso. Essa necessidade dela.

Ela se mexeu durante o pesadelo, forçando-o a abraçá-la, uma espécie de cura com a qual ele não praticava. Tais episódios continuaram por meses, da mesma forma que ele levou meses para mergulhar na gruta. E mais meses para ele visitar a lagoa sozinho. E mais meses para ele parar de procurar tubarões-sirene, embora ele examinasse seu pulso de vez em quando.

Sempre que seus pesadelos aconteciam, ele aprendia como confortá-la, pensando em suas próprias lutas para discernir o que ela precisava. Silêncio e alguém para descansar.

Por fim, essas tribulações diminuíram. Não por causa dele. Não exclusivamente.

Presa no cerne das más lembranças, ela sempre seria mais resistente que ele. Mas, de vez em quando, ele a verificava enquanto ela dormia. Ele a observava, apenas para ter certeza.

Um médico faria isso por qualquer pessoa. Isso não significava nada.

Eles encontraram uma selva no sul. Uma quebra no dossel, onde a luz inundava o chão, enterrando-o na vida vegetal alimentada pelo sol. Um labirinto rosnante de vegetação.

Sem se deixar abater, Flare jogou um jogo de esconde-esconde com Pequeno Cavaleiro. Eles deslizaram através das cavidades da vegetação rasteira, não era difícil para o sapo, mas impressionante para a garota. Na maioria das vezes, era mais fácil para Jeryn não desperdiçar sua energia, alertando-a sobre tais travessuras. Ela raramente ouvia, quase nunca concordava.

Mas perder-se de vista na floresta era uma aposta constante. A mudez de Flare exacerbava isso, impedindo-os de desenvolver uma chamada ou assobio em caso de separação. E eles não encontraram nenhum objeto que gerasse um som distinto ou alto o suficiente para suplantar suas vozes, algo que também impediria a companhia indesejada.

Pelo menos a vivacidade do tecido do traje de Flare o ajudaria se ele tivesse que localizá-la. E isso afastaria as criaturas, enganando-as a considerá-la venenosa.

Ou a cor poderia tentá-los ainda mais. De qualquer maneira, os riscos abundavam.

Jeryn inspecionou uma cobertura de trepadeiras. Emoliente, mas debilitante. Quando ele chegou muito perto, arrebatou suas mãos, apertando a cada tentativa de se mover, sufocando sua

circulação. Soberbo. Achava que ele encontraria uma planta nefasta nesta área enquanto ela vagava ilesa.

Flare saiu dos arbustos e o libertou com a adaga. Quando ela traçou os vergões ao redor de seus pulsos, o sangue voltou correndo.

O sorriso dela expunha o espaço entre os dentes. Ele estava achando mais difícil ignorar, para não ficar à vista. No entanto, ele rejeitava aquele sorriso e seus mergulhos no desconhecido. Rejeitava e invejava-os.

Ele pensou na lagoa da cachoeira novamente. Ela teria dito que sim, se ele reunisse coragem e pedisse para ela nadar. Ele ficou intrigado com isso, sentindo-se decepcionado consigo mesmo.

Ressentimento. Amargura. Muito melhor.

Essas disposições se estabeleceram na nuca dele. Um revestimento confiável de geada. Seria igualmente fácil e gratificante puni-la por invocar esses sentimentos. Ele poderia voltar a suas palavras cruéis. Lutar contra essa infecção.

Ele não lutou contra isso. Não como um príncipe de Inverno lutaria.

Uma garota louca e um cientista. As únicas duas pessoas que veriam o lado positivo de ficarem presos em uma ilha. Não totalmente purgatório, nem sentença de morte. Mesmo Jeryn não poderia declarar o contrário.

Ele mudou de ideia. Este lugar era um inferno.

Ele estava cansado de comer peixe, frutas, plantas, insetos, macacos, peixe, frutas, plantas, insetos, macacos, peixe, frutas, plantas, insetos, macacos. Cansado de rastrear sua comida. Cansado da mesma roupa. Cansado de mijar na areia. Cansado do oceano. Cansado de tomar banho sem sabão. Cansado de dormir no chão. Cansado de palmeiras. Cansado do sol. Cansado de se sujar com pasta de sujeira para se proteger daquele sol confuso. Cansado de pentear o cabelo com as costelas de um peixe. Cansado de pegar seus marfim com a pluma de um pássaro. Cansado da pele morta endurecendo suas solas. Cansado de ter cascos para os pés. Cansado de seu cheiro. Cansado de insetos invisíveis e insetos muito visíveis. Cansado de água salgada. Cansado da chuva. Cansado de esperar. Cansado de estar cansado.

Tinha que ser meia-noite. Do lado de fora da caverna, estrelas cavavam buracos no céu. Lá dentro, brasas moribundas separavam Jeryn e Flare, acentuando seus lábios para ele.

O que eles estavam fazendo acordados?

Como é na terra de gelo e morte? Ela perguntou do palete.

Ele descansou de lado, de frente para ela. —Inverno não é morte.

Árvores mortas, folhas mortas e corações mortos.

—Insultando-me não fará favor a você.

O que você sente falta então?

Ele cedeu, contou a ela sobre o Inverno que amava. As corujas. Os corredores de madeira. Murais de estrelas na ala dos astrônomos. Trenós de lobo e trenós para cavalos. Livros.

Ele relembrou a riqueza do molho. Estações, ele perdeu o molho.

Como é o seu quarto?

—Vou lhe dizer, se você me descrever seu peixeiro. Eu não vi o interior dele. Onde você dormia?

Em um cubículo abaixo do convés. Um carrilhão de conchas pairava acima da minha cabeça e meu travesseiro era tão grande quanto eu. Eu amava meu travesseiro.

—Eu também tinha um travesseiro favorito. Foi feito de pelo azul.

Para combinar com-

—Não termine essa pergunta.

-seu cabelo? Ela brincou.

—Se você insistir em se divertir, posso ser poupado?

É uma cor bonita.

—É uma anomalia de inverno. Poucos do meu povo nascem com ele.

Então eu estava certa. Seu quarto só tinha que combinar.

—Apenas minha roupa de cama. Puramente não intencional. O resto foi...

Flare ouviu, bebendo em suas palavras. Isso o atraiu, que seus pensamentos a penetraram, entrando em um lugar clandestino e evocando uma resposta. Algo tentador.

Inapropriado. Imperdoável.

Que assim seja. Tinha sido um dia árduo. Ele não tinha força mental para analisar. Se preocupar com o que ele considerava imperdoável.

Ele ganhou essa conversa. Um prazer ousado.

Não foi isso que Flare disse a ele? Que alguém deveria ousar para entender?

Como é a neve? Ela perguntou.

Jeryn ignorou os detalhes técnicos, sabendo que tipo de descrição ela preferia. —Às vezes pode te cegar, a brancura. Outras vezes, é atada em azul ou enegrecida com pegadas, como se tivesse sido machucada. Pode ser macia como pó ou crocante como escombros, para que você possa se ouvir andando por ela. Você pode fazer arte com neve pesada ou pode ser tão leve que não possa suportar seu peso. Sempre, você pode escrever nela.

Ela gostou dessa resposta. Ele continuou. —Pode machucar ou curar você. É um fardo e uma fonte de paz. Pode ser grossa como uma parede ou uma poça de lama. Ou brilha sob a luz, como cristais.

Como areia.

—Assim, sim. — Ele se levantou sobre o cotovelo. —Conte-me sobre areia.

Flare rodou o dedo pelo chão. Ela disse a ele que, quando criança, costumava fingir que areia era açúcar. Ela listou as diversidades de areia, suas texturas, lustres, cores, nomes. No verão não faltava. Cascalho. Granito. Poeira. Rude. Dourada. Perolada. Cinzenta. Marrom.

Eu nasci na areia, ela disse.

—Minha primeira visão foi de gelo. — Ele compartilhou. Com carinho, sua mãe costumava contar o nascimento. Como Jeryn inclinou a cabeça em direção à janela, as sobrancelhas franzidas, avaliando a terra congelada além como se estivesse pedindo uma explicação para tudo.

O pensamento deles. Suas netas. Sua mãe e pai.

—Sinto falta deles —, confessou. —Minha família.

Flare assentiu. *Também sinto falta da minha.*

Ele afundou mais fundo em seu palete. —Diga-me por que você favorece a areia.

O dedo dela parou de tocar. *As pessoas adoram tanto o oceano que esquecem o que o sustenta.*

Então ele pediu que ela lhe dissesse novamente por que essa ilha era especial para ela.

Ela disse. Desta vez, ele não apenas a ouviu. Ele escutou.

Ele havia dito a Flare que sabia aprender. Ela perguntou se ele realmente sabia.

Ele sabia? O Inverno sabia? Seu reino tinha aproveitado ao máximo o aprendizado? Ou seu povo o restringira sem perceber?

Onde estava a linha entre fantasia e realidade? Anormal e normal?

O que constituía loucura? Alguns tolos nascidos a exibiam mais do que outros, mas as Estações estavam lidando com essas complicações da

maneira correta, fazendo todo o possível para compreendê-las e classificá-las?

Cada reino possuía e trocava tolos, com variações. Os detalhes do trabalho e da prisão dependiam da estação. O mesmo acontecia com a identificação de um tolo "nascido", já que alguns deles desenvolveram deformidades cerebrais tardiamente na vida, do nada ou resultantes de um evento. Como lidar com isso era deixado a critério da monarquia.

Foram concedidos subsídios para os escalões mais altos. Os nobres estavam isentos das leis, suas famílias os colocavam em quarentena em residências confinadas.

Mas loucura era loucura. Uma praga da natureza era uma praga da natureza. Durante a vida, as estações divinas selecionavam certas mentes e as distorciam. Do útero ou mais tarde, isso não importava. Um tolo nascido era um tolo nascido.

Apenas Outono discordava. Nos últimos anos, Mista havia se tornado o reino rebelde, aspirando a tratamento humano. Como suas tias-avós, Jeryn não levara esse esforço a sério.

Ainda. Parecia errado com ele agora. Muito errado.

Flare conheceu tortura emocional e física. De maneiras que ele não podia. De maneiras que ele, e aqueles como ele, haviam causado.

Ela também tinha pesadelos. Ela tinha uma família.

Ela tinha seus afetos e tendências. Ela tinha momentos primitivos e pacíficos. Como Jeryn.

Ela discutiu com ele. Ele continuou ouvindo-a.

Isso fez a diferença. Isso *importava*.

Em sua vida, ele conhecera alguns arrebatamentos transitórios. Ele entendia suas funções primárias. A excitação que os acompanhava.

Aos quinze anos, ele estava ansioso para influenciar seu mentor, um homem bonito de vinte anos. Um químico que ensinou Jeryn sobre rudimentos para tratamentos. Um aprendizado em que ele confundia sua própria admiração por atração.

O homem inclinou o queixo de Jeryn. Inclinando-o para aquele escovar de lábios.

Também havia uma donzela da Província da Geleira. Uma filha do grupo, cujo olhar apreciativo o atormentara com calafrios. Quando ele fez uma excursão pelas melhores esculturas de gelo de Iradis, ela o apoiou contra uma delas e deixou manchas no pescoço.

Jeryn tinha sido beijado pelo primeiro, seduzido pela segunda, desiludido por ambos. Um tinha procurado a viagem de poder de se apaixonar um jovem real, a outra não se impressionara com o desrespeito de Jeryn pela caça ao veado.

Flare superou os dois.

Sempre que ela passava por ele, aquele lenço que se transformara em um vestido abraçava seu corpo em uma faixa amarela, o pano muito transparente para seu conforto.

Sempre que ela olhava para ele, ele não entendia sua própria recepção: essa reação reverberante. Tampouco poderia dizer que gostava. O rosto dela lançava raios contra ele. Intriga. Acordo. Respeito. Sinceridade. Camaradagem.

Mais que isso. Mais do que o mentor ou a nobre garota haviam oferecido.

Flare encontrou o olhar de Jeryn, e ele trabalhou para manter sua sinceridade. Todos aqueles tempos anteriores, isso não tinha sido um problema para eles, os encarando. De fato, ele havia gostado dos confrontos.

Agora eles assumiram um peso maior. Um cheio de consequências.



Um ano se tornou dois. Dois anos se tornaram três.

Ela tinha dezenove anos. Ele tinha vinte anos.

CAPÍTULO VINTE E UM

GELO

Jeryn acordou em mais um estado medonho. Os restos do sono ofuscaram sua visão enquanto o resto dele ganhava vida, reunindo o centro de seu corpo. Uma ocorrência crônica que exigia sua atenção como de costume. Músculo, tecido, nervos. Eles endureceram em um poço, como se fossem soldados dessa maneira.

Ele precisava se livrar dessa coisa incessante. Ele nunca teve que se negligenciar antes, não nos aposentos do castelo. Um luxo anterior, não estava mais disponível. Não nesta caverna.

Não com Flare tão perto.

As folhas de palmeira amassaram embaixo dele. Areia arranhada entre os dedos dos pés. A brisa do oceano varreu, sem fazer nada para ajudá-lo.

Acabaria eventualmente. Até então, ele se mexeu e respirou através de sua irritação. Ele se fixou no teto, suportando o desconforto. O zumbido disso.

Improdutivo. Ele não recomendaria isso a outro homem.

Jeryn considerou desocupar o palete e garantir um local confidencial na caverna ou na floresta. Não seria a primeira vez. Mas, diferentemente dele, Flare tinha um sono notoriamente leve. Se ela tinha estado a par de sua condição no passado, ela não tinha indicado.

O sol apareceu. Raios finos se estendiam através das marcas que Flare e ele haviam arranhado na parede. Delineamentos que declararam, três anos, três meses, seis dias.

Quando Flare completou dezenove anos, ele fez um óleo especial para ela. Um de uma planta que ele acreditava ajudaria a preservar suas redes, sabendo como ela lamentava a falta daquelas sementes aqui. Ele só... pensou que poderia dar às mãos dela um descanso de tecer.

Quando ele deu a ela, seu rápido piscar fez com que ele se sentisse um idiota. Foi um presente prático. Inimaginável. Ele deveria ter feito dela a pomada para as mãos que ele estava considerando, perfumada com plumária.

—Não importa —, ele dissera. —É -

Ela sorriu e o abraçou. Nesse ponto, o pensamento tornou-se impossível.

A partir de então, ele garantiu que ela tivesse um suprimento regular de óleo. *E* pomada para as mãos.

Semanas atrás, era a vez dele. Ele fez vinte anos.

Como presente, Flare havia desenhado para ele um pingente de frasco na areia. Dentro do pingente, ela colocou a ilha, entrelaçada com símbolos. Um floco de neve. Uma coruja de natal. Uma capa de pele. O bisturi dele. O sinete de seus pais tocando. Flora que ele transformou em remédios. O tubarão sereia. O inseto que o mordeu durante o segundo ano.

Palavras: frio, paciente, idiota, curandeiro.

Seja plebeu ou Realeza, a qualidade do desenho teria estupefado qualquer destinatário. Abrangeu e elogiou todas as coisas sombrias e

positivas sobre ele. Ele não sabia o que dizer. Como processar a sua própria gratidão.

Flare cuidou disso, balançando o braço em direção à imagem. *Uma bugiganga adequada para um príncipe,* ela brincou.

Seu peito se contraiu em diversão. —Obrigado. — Disse ele.

Ela começara a dominar o ofício da arte da areia. Realizado usando suprimentos como caules, galhos, folhas, conchas, plumas. E as mãos dela.

Jeryn esfregou o dedo do pé contra a cicatriz de cobra no tornozelo. Aquele evento em particular o havia incapacitado por semanas.

Flare tinha uma cicatriz semelhante na parte inferior das costas. Pensamentos sobre a localização de sua cicatriz levaram a pensamentos de outros locais em sua pessoa, o que interrompeu o progresso que ele estava fazendo para pacificar seu corpo. Humilhado, ele caiu.

Um erro abjeto, o farfalhar das palmas das mãos lhe disse.

Correto, um sono muito leve.

A cabeça dele inclinou-se para ela. Ela não olhou para ele, mas para o problema ereto surgindo sob o cobertor da vela, sua expressão dificilmente surpreendendo. Que pensamentos estavam passando por sua mente? O que ela achou dele? *Daquilo?*

O que havia acontecido com sua indiferença?

No começo, eles não hesitavam em se despir na frente do outro. Mesmo assim, Jeryn achou uma provação olhá-la. Da mesma forma, ela teve o mesmo problema olhando para ele.

Em algum momento de seus anos, o acordo foi revertido. Eles começaram a se despir em isolamento, mas o corpo dela o seduziu a ter

um vislumbre. Baseado no encantamento de Flare, o mesmo poderia ter sido dito para ela.

Ela não riu ou fez uma careta. Qualquer um poderia ter se ofendido. No entanto, essa reação dela... poderia matá-lo. Pelas Estações, ela estava interessada no que viu.

Jeryn não conseguia decidir se torceria ou não. No final, ele deixou a situação acontecer. Não havia necessidade de se mexer, fingir, se esconder neste momento. Ele preferia ficar assim a reconhecer que a opinião *dela* tinha influência.

—Bom dia, Flare. — Ele levantou uma sobrancelha sarcástica. — Você está extasiada, mas não menos tímida ou surpresa. Prova de que sim, você já me viu assim antes. Eu me pergunto, isso já aconteceu enquanto eu dormia sem um cobertor? Vivemos de acordo com uma regra tácita, para nos deitarmos de costas quando o tempo estiver excessivamente úmido. Talvez você esteja violando isso. — Ele arregalou os olhos com falso horror. —Ou eu o fiz inconscientemente, caindo no meu sono inocente.

Flare encontrou seus olhos. *Bom dia, Jeryn.*

—Continue. Memorize isso, para que você possa comemorar na areia mais tarde.

Ela apontou para ele. *Você tem uma poção para isso?*

—Eu deveria ser tão sortudo.

Isso dói?

—Estou assumindo que você quer dizer meu apêndice e não meu orgulho.

Você pode se mover com isso?

—Isso evoca o visual errado.

O que faz isso acontecer?

A cabeça dele caiu para o lado, a voz seca. —Você não pode estar falando sério.

As bochechas dela estavam manchadas. Oh, maravilhoso. Ele a encomodara. Com isso, ele poderia viver.

—Você é do Verão. O reino da pele. — Ele esclareceu.

A cela da minha torre não tinha esse tipo de visão.

—Você tinha uma visão até os dez anos.

Não como uma vagabunda, eu não tinha. Mamãe e papai me disseram coisas sobre o corpo e a criação, mas não disseram que isso acontece com os companheiros do nada, por conta própria, sem um amante, pela manhã. E eu nunca vi um sujeito como esse.

—Você deve se sentir enganada.

Eu sinto. Não me disseram tudo e, além disso, acho que você está me levando a sentir-me desconfortável, para que não precise ficar. Você escolheu a garota errada.

—De fato. Acredito que foi assim que nosso relacionamento começou.

Você não me respondeu!

—Mas eu respondi —, disse ele, inocente. —Eu te dei todas as respostas que você merecia. Não obstante, é vulgar que você tenha perguntado.

Eu sou vulgar?

—Perguntas impertinentes e enlouquecedoras. — Afastando a vela, ele puxou a calça e se levantou enquanto deslizava nelas. Ele ouviu as folhas de seu palete farfalharem novamente, o que implicava que ele a pegara desprevenida. Ele costumava flutuar entre não se importar e se

importar se ela o visse, mas ele terminou com isso. Ele retomaria o comportamento apropriado a partir de quando descobrissem a gruta dos cavalos-marinhos. Desapego supremo.

Além disso, se a nudez dele satisfizesse sua curiosidade, ela poderia interromper o interrogatório. Ele não queria falar sobre sua ereção ou qualquer outro acessório físico com ela. Seu humor, junto com todo o resto, finalmente afundou.

Ele caminhou até a beira do oceano, sua calça pendurada na cintura, afrouxada por anos de desgaste. Estações, ele desprezava essa roupa antiga. Ele queria queimá-la.

Apoiando as mãos nos lados, Jeryn ficou lá. Um, dois, três, quatro, cinco.

Então ele se virou. Lá veio ela, pisoteando em sua direção com os cabelos cortados e despenteados e o lenço desbotado. Parecendo inflamada. Ou caída na hora.

Ele se sentiu vagamente nostálgico. Quanto tempo se passou desde a última vez que brigaram? No meio da amizade, eles haviam adiado episódios de solidão e ficaram cansados um do outro. De leve a violentamente cansados, os dois se encontravam na garganta um do outro e se enclausuvam dentro de cubículos separados da caverna. Enquanto lutavam para sobreviver, eles haviam arrumado tempo para serem mesquinhos, discutindo sobre os mínimos pontos.

Ele previra que ficaria louco com ela, depois sem ela, depois com ela. No entanto, já fazia um tempo. Eles estavam atrasados para uma briga.

E essa não foi a única coisa que ela o fez sentir.

Jeryn! Ela gritou. *Fale comigo!*

—Nós conversamos. Você estava lá.

Diga! Diga por que sou vulgar. Diga para mim.

O Pequeno Cavaleiro apareceu da caverna. Flare se dirigiu ao seu servo. *Diga ao Cara Gelada que se ele quiser compartilhar essa enseada conosco, ele precisará compartilhar todo o resto.*

—Isso está certo? — Jeryn arredondou o sapo. —Anfíbio, diga a Ninfa da Areia que eu concordo.

Ele se inclinou e começou a desenhar, mas ela agarrou seu braço, forçando-o na posição vertical. *O que você está fazendo?* Ela exigiu.

Ele sacudiu a mão dela e deitou a luva, passando uma linha pela praia. Uma divisão da água para a caverna. Terminado, ele se aproximou dela, satisfeito consigo mesmo e com seu correspondente olhar de angústia.

—Agora não estamos compartilhando —, disse ele, indicando a partição. —Sua metade, minha metade.

Você, você não pode fazer isso, ela gaguejou.

—Exceto que acabei de fazer. Fique à vontade para me detestar por adulterar seu domínio e usá-lo contra você. A areia parece bastante contaminada. — Ele sorriu para a ira dela, depois olhou para o anfíbio com uma risada.

O sapo observou o corte na praia, pensativo.

Jeryn franziu a testa. —Bem…? — Ele insistiu.

O Pequeno Cavaleiro obedeceu. Ele soltou uma risada esguichada. Forçado, mas eficaz.

A proficiência de Flare em fazer amizade com animais excedia a de Jeryn. Beija-flores que pousavam em seu braço. Cavalos-marinhos que

nadavam com ela. Pequeno Cavaleiro, o culpado que a seguia por toda parte. Vê-lo aliado de Jeryn, por mais inautêntico, derrubou a balança.

Ela fez uma careta. O Pequeno Cavaleiro confundiu o resto de sua pseudo-alegria. Culpado. Apologético. Seu rosto implicou Jeryn, como se estivesse dizendo: *Ele me fez fazer isso.*

Cavaleiro, diga-

O sapo fez uma pausa, fugindo do local exasperado. Jeryn e Flare o encararam. Os dois gritaram.

Onde você vai?

—Onde você vai?

O oceano se empurrou a seus pés. As feições de Flare se contraíram, depois se ergueram em triunfo. Não era um sinal promissor.

Ela trotou em direção à caverna. Em direção ao seu laboratório. Seu erro ocorreu quando a primeira tigela de concha bateu no chão. Ele se colocara no lado errado da linha divisória.

A menina começou a destruir seu laboratório, atraindo-o com cada item. Segurando. Examinando isso. Arremessando-o nas pedras. Ele não deixaria passar por ela arremessar algo valioso nas ondas.

Ele a estrangularia.

Mantendo os olhos nele, ela bateu na lateral de uma tigela, lançando-a no ar. Aterrissou e rachou, folhas derramando do vaso. Ela apertou os calcanhares neles. Nesse ritmo, levaria uma semana para recuperar tudo. Garota impetuosa e precipitada.

Jeryn passou pela fronteira. Flare disparou, levando o bisturi como refém e levando-o para o oceano. Ela correu para a água e estendeu o braço, tentando jogá-lo.

Paciência seja condenada.

Ele cortou as ondas e agarrou o pulso dela, seu braço livre apertando a cintura dela. Ela esmagou seu corpo molhado contra o dele. A maré fervia, colidindo com eles, gotas de água derramando da pele dele sobre a dela.

Com um movimento sacudido, ela tentou se afastar. Jeryn apertou até que ela rendeu a lâmina. Ele soltou o pulso dela e pegou o bisturi pelo punho.

Eles ofegaram nos rostos um do outro. Suas íris douradas rugiram para ele.

Então eles afundaram involuntariamente na boca dele.

Então eles voltaram.

Jeryn percebeu que ele a tinha tirado do chão arenoso. Seu estômago bombeava, batendo com o dele. Uma pergunta iluminou seu semblante. Uma chama mais calma.

Ele prendeu a respiração, sua boca de alguma forma se aproximando dela durante o tumulto. Perto o suficiente para que o lábio inferior dele colidisse com o dela. Ela se aproximou, curvando-se nessa parte dele. A parte que iniciou esse caos.

Ele a deixou ir. Ela bateu na água, seu traseiro batendo na areia, suas pernas estendidas. Uma onda atingiu seu perfil atordoado.

Embainhando a lâmina, ele saiu do oceano sem lhe dar outro olhar, sacudindo-se. Sacudindo o resíduo de seu calor.

Tinha sido inconsciente, as ações de Flare. Ela não sabia o que estava fazendo, se esfregando nele assim. Um instinto básico.

Pior, ela havia se perdido no momento. A garota quase lhes custou uma lâmina preciosa.

Ele passou por seu laboratório arruinado. As vítimas estavam espalhadas: recipientes e amostras. Pelo menos ela não estava muito feliz para abusar das misturas. Como era, ele tinha um projeto pela frente para recuperar tudo. Ele teria dificuldade em se sentir magnânimo após todo esse incidente.

Atravessando a caverna, ele afastou a cortina de orquídea que protegia a saída oposta na floresta tropical. A umidade escovava suas roupas, os cabelos ao longo dos braços. As consequências do que aconteceu o levaram adiante. Ele se refugiou na vegetação, empurrando o emaranhado de árvores que ocultavam seu corpo. Embora ele duvidasse que ela fosse atrás dele.

Abrindo caminho, Jeryn viajou de um lugar para outro, suas solas calejadas imunes aos detritos e solo duro. Ele começou a recuperar suas perdas. Desde que tinha esquecido sua bolsa de algas, ele juntou o que suas mãos podiam carregar. Seus dedos rasgaram as raízes, a terra cuspindo do chão enquanto ele puxava. Puxava. Arrancava.

Este ato falhou em aplacar seu corpo. Colocando os embrulhos no chão da floresta, Jeryn se jogou contra o tronco na miséria.

Miséria. Uma noção tão dramática. Era para isso que ela o degenerara.

Ele sofreu com o ressurgimento da aflição desta manhã. Um endurecimento de seu corpo, que se tornou uma praga no segundo antes de ele descarregar Flare nas costas dela. Isso dificultava a navegação na floresta tropical em dois membros sólidos.

Ele pensou em montar o químico mentor que admirava aos quinze anos. Ele pensou em ser montado por aquela garota nobre que havia capturado seus olhos. Prosaico em comparação com esta comoção mais

recente no mar. O alvoroço que ele e Flare fizeram. Suas roupas ensopadas. Suas mãos turbulentas nele.

Raramente ele se aventurava tão perto do oceano, mas naquele momento ele não pensara no tubarão sereia.

Ele se libertou e lidou com a frustração. Desamparado. Enfeitiçado.

Ele pensou no presente dela para ele, desenhado na areia. O rosto dela o encorajou a falar de sua família e lar. O sorriso imperfeito dela. O fogo dela. A cabeça dela caiu sobre o palete, a boca aberta, compartilhando um novo tipo de loucura com ele.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

FOGO

Meu dedo roçou para cima e para baixo a tigela de concha, onde ela se dividiu em duas como meia-lua ou meio-coração, as cristas ao longo da borda raspando meu polegar, de modo que, se eu a pressionasse com mais força, me cortaria. Eu me sentei de pernas cruzadas em seu laboratório, uma das peças quebradas equilibradas no meu colo. Eu vi os pedaços da minha raiva espalharem-se, porque eu tinha retirado as coisas dele, e ele teria que começar de novo com sua coleção.

Eu tentei jogar sua lâmina nos braços do oceano. E se ele tivesse destruído coisas que eram sagradas para mim? E se tivesse sido minha rede de areia ou a lança de papai? Eu teria arranhado os olhos de Jeryn, e teria esboçado um sol de explosão de estrelas em seu pescoço com a sua própria lâmina, e teria agarrado e enterrado suas roupas enquanto ele dormia.

Eu não teria? Eu teria prejudicado Jeryn dessa maneira? Ou ainda teria feito o que fiz, invadindo o que mais importava para ele - seu precioso laboratório e refúgio?

Eu não sabia, e não sabia, e não sabia. Tudo o que senti, vi e provei foi fogo.

O sol escaldou-me, encarando minhas costas porque eu tinha confundido as coisas. Seu desgosto por me encontrar olhando para ele, e ele me jogando no mar, me descartando porque eu tinha espiado seu corpo e seus lábios - tudo o que aconteceu jogou um pó quente na minha garganta.

Minhas bochechas formigaram. Eu não deveria ter olhado para ele, e não deveria ter encarado sua boca, e deveria ter sido uma tigela, uma retribuição escassa, não toda a sua variedade.

Por outro lado, ele não deveria ter me perseguido ou zombado de mim, e ele não deveria ter marcado a areia com essa linha, e ele não deveria ter me agarrado no mar, e se ele tivesse acabado de responder à minha pergunta, nada disso teria acontecido.

Pousei a tigela rachada, sentindo falta de sua metade. Incapaz de localizá-la em meio à destruição, escolhi um pedaço diferente de outro casco, afundado com salpicos de marfim e azeitona. Tentei encaixá-los, mas eles se recusaram, batendo um no outro, não se encaixando.

Um lote de folhas e raízes atingiu o chão. Jeryn se agachou ao meu lado e começou a separar as plantas, organizando-as em grupos. Ele parou por um instante, franzindo a testa para eles como se tivesse vagado para outro pensamento, como se algo mais estivesse errado, seu rosto causando uma dor do tamanho de dedal no meu peito.

Ele voltou a separar enquanto eu me mexia. O chão onde estávamos sentados era uma rocha plana, exceto por uma poça de areia entre nós, então eu cutuquei meu dedo mindinho nas manchas. Pelo canto do meu olho, seus movimentos vacilaram, embora ele não tivesse virado na minha direção. Eu desenhei letras, formando-as na forma de sua lâmina e uma palavra.

Desculpa

Eu olhei para cima. Os olhos de Jeryn piscaram em direção ao pedido de desculpas, seu silêncio abafando a influência do oceano. Para sempre, ele não disse nada.

Sua atenção voou para o meu joelho, o médico nele sentindo uma ferida. Quando ele me jogou nas ondas brilhantes, um coral me arranhou. Se eu tivesse caído no caminho errado, poderia ter me cortado, mas na época estávamos muito perturbados para perceber o pequeno recife ali.

Ele moeu uma erva contra uma rocha e depois arrancou uma folha branca mole - eu também tinha procurado o estoque dele - de uma das plantas da gruta. Fizemos viagens regulares a esse espaço, usando as folhas de gaze como pano, usando-as para vestir nossos cortes.

Jeryn descansou a mão livre na minha panturrilha, incentivando-a a avançar. Brasas trancaram minha perna, minha coxa e ainda mais. Eu me contorci, mas o deixei trabalhar em mim, meu pulso disparou quando ele esfregou a substância sobre o arranhão e enrolou a folha em torno dela, porque ele também sentia muito.

E talvez isso fosse o mais próximo do perdão que qualquer um de nós obteria hoje.

Juntos, limpamos a bagunça. Ele encontrou a outra metade da concha quebrada que eu estava olhando mais cedo. Deixando de lado o marfim e a azeitona que eu havia escolhido, ele juntou as partes certas, ligando o par, um espelho do outro, perfeitamente o mesmo.

Minha outra concha solitária e torta parecia abandonada, então eu guardei essa peça para mim.

O Pequeno Cavaleiro não voltou. Às vezes ele fazia isso, desaparecendo para se reunir com outros sapos, e hoje em dia ele tolerava menos brigas entre mim e Jeryn. Os latidos de hoje afastaram meu amigo de limão, mas ele voltaria, e eu me humilharia com ele, e eu faria as pazes.

Enquanto isso, pratiquei formar palavras em imagens na praia, envolvendo letras e transformando-as em figuras. "Barco" formou um barco de passageiros. "Ousadia" formou uma floresta tropical com vinhas.

As palavras cobriram uma grande distância da enseada. Uma faísca flutuava dentro de mim, como se eu tivesse aproveitado um presente único para minha alma, como uma voz.

Uma voz minha, de minha própria autoria.

Jeryn mexia em seu laboratório, absorvido, e eu me perguntei se o frasco em seu aniversário o havia perturbado, se alguma coisa além da ciência tinha o poder de perturbá-lo.

Ao anoitecer, massageei meus pés perto do fogo. Embora precisássemos disso para refeições e luz, não para calor, o fogo acalmava minhas solas mal-humoradas.

Jeryn olhou para longe de mim enquanto afiava sua faca no molusco em forma de punhal que eu encontrei para ele. Seus músculos giravam com os movimentos, sua juba azul roçando suas costas, como água cortando um penhasco.

Quando ele se levantou do palete hoje de manhã, eu consegui vê-lo, a corda da espinha, o mergulho da cintura, o inchaço da retaguarda e a mancha marrom clara sobre a coxa. Uma ilhota flutuando em cabelos

escuros e frágeis. Depois de adivinhar por três anos, eu tinha visto a verdade dele e perdi a razão, porque ele ficou ainda mais forte e maior, flexionando o corpo de um homem.

Deve ter sido de buscar madeira e caminhar pela ilha. Uma vez ele disse que tinha o dever de treinar com os cavaleiros no Inverno, uma das tarefas de ser um príncipe. Viver e trabalhar aqui compensavam a falta de esgrima, assim como as porções de capivaras e lêmures assados que aprendemos a lançar, mais gordos do que os insetos com os quais nos deleitávamos no começo, entre porções de macacos, peixes e plantas.

Jeryn andava e conversava como realeza, mas ele também não era a estátua encapuzada de pele que eu conheci. Ele se tornara um garoto mordido pelo sol e coberto de areia. A ilha jogou-o ao redor, vomitou suas chuvas, arranhou seus braços, sujou as unhas e endureceu os pés.

Hoje à noite, ele mexeu com sua cama de folhas, e eu me sentei em cima do meu palete, observando-o. Eu poderia mergulhá-lo na areia, não apenas com os dedos, mas algo com uma ponta mais fina, como um pau ou o peso de uma pena.

—Você é boa. — Meus olhos saltaram para Jeryn, que descansou em suas costas e estudou o teto. —A arte na areia. As palavras se misturam em imagens. Não sou nenhum artesão da Primavera, mas sei que os esboços são impressionantes.

Coloquei meus pés em concha, meus dedos pressionando meus dedos, e meus dedos se curvando sobre eles. Então ele notou. Não precisava que ele elogiasse meu trabalho, mas era bom ouvi-lo dizer isso, bom ouvir o som dele.

—Se eles estivessem cientes disso, os monarcas a convocariam através das estações para demonstrar esse espetáculo. — Disse Jeryn.

Imaginei minhas criações de areia se tornando imortais em corações e mentes, apesar do vento e da água. O desejo de ter isso saltado na minha garganta - de ser ouvida, de ter aquela voz.

Eu escrevi na areia: *E as pessoas?*

Ele se virou para a minha pergunta banhada pela luz do fogo. —O que quer que você os fizesse sentir, eles não esqueceriam.

Você iria?

—O desenho do frasco foi maravilhoso.

E ele me agradeceu por isso. Ah, sim, isso o perturbou. E sim, eu gostaria mais disso, do poder de perturbar as pessoas.

Havia outros anseios também. *Você me quer?*

Suas sobrancelhas se uniram quando ele leu as palavras marcadas no chão. Ele levou um tempo, reunindo seus pensamentos, vasculhando sua reação e atrasando até o amargo final, antes de erguer o olhar para o meu e responder, porque era quem ele era. Essa era a natureza de uma mente como a de Jeryn, de um inverno sem pressa e dos cantos sagrados que o constituíam.

Mas não, eu estava errada. Ele levantou a cabeça, seus olhos negros brilhando. —Em que capacidade?

Minha boca inclinou para o lado. *Você está parando?*

—Eu não paro. Suspiro a própria vida, mantendo todo mundo tenso antes de responder. Raramente é o que eles querem ouvir.

Quero ouvir, porque aguento, porque sofri.

—E você costuma espancar as pessoas em retaliação. Vi a bagunça que você fez daquele odioso guarda há três anos. Eu tive minha parte de você. Você quer que eu te queira? Ou você quer ser querida por alguém?

Aqueles olhos me seguravam, e eu não podia escapar deles, e parte de mim queria socá-los por isso, e outra parte queria afundar neles, mas isso significaria desaparecer, e eu não queria isso. Ele também não queria isso.

Eu disse, *essa é uma pergunta maldosa.*

—Eu vou alterar. É uma pergunta pertinente.

Pare de ser um esnobe.

—Estou sendo cauteloso. Estamos presos. Eu sou sua única opção aqui, então vou questionar se é realmente o meu desejo que você procura ou desejo em geral. Vou questionar se sou apenas um substituto.

Porque seria tão fácil para mim, fazer isso com alguém, é isso?

—Eu não disse isso. Eu sei que você não usaria uma pessoa, mas nenhum de nós pode compreender o que realmente queremos. Estamos sozinhos e temos nossas necessidades e apetites. Eu consultaria isso de qualquer pessoa em nossa situação.

Eu não quero qualquer um. Se isso fosse verdade, e se eu não tivesse nenhuma dignidade, eu teria desejado que seu rosto de vilão da geada quando chegamos aqui.

—Não jogue esse jogo comigo. Você sabia que era diferente naquela época.

Agitei meu mindinho na areia. *Você tinha uma garota em Iradis? Ou um menino?*

Ele seguiu o círculo do meu dedo. —Você pergunta, mas não dá credibilidade a essa possibilidade. Você pensa, porque sou de Inverno, um cientista, um príncipe frio, que não sinto vontade. — O olhar dele se levantou. —Você estaria muito errada. Eu queria pessoas. Eu as tive, ou melhor, eles me tiveram. Foi agradável.

O ciúme se apegou a isso, mantendo meus movimentos. *Agradável?*

Ele encolheu os ombros. —Agradável.

Você dormiu com eles.

—Eu não dormi com ninguém, mas me acionei com ambos os sexos.

Acionei? Você faz parecer um experimento.

—Você está dizendo que eu estou sendo clínico. Sim, eu tenho essa tendência.

Eu demoli seu laboratório uma vez. Eu posso fazer isso de novo.

—Você não me quer. E eu não posso te querer.

Porque você me acha uma tola humilde.

—Flare, você não é... isso não tem nada a ver com isso. Eu costumava te odiar porque temia você. Desde o começo, eu temi você. O ódio se foi, mas o medo não, mas é por uma razão diferente agora.

Eu inclinei minha cabeça. *Que razão?*

—Eu sou... pouco qualificado para expressar esse tipo de sentimento.

Então aprenda como.

—À luz do dia, você é trabalhadora.

Eu sou o que? Eu ri.

Um músculo envergonhado rolou em sua mandíbula e eu engoli minhas risadas. *Continue,* eu disse. *Por favor.*

Ele lançou seu olhar para longe de mim, seu olhar se reunindo no teto. —À luz do dia, você é ousada. À luz do fogo, você é brilhante. Sob a luz da noite, você está resistindo. Sempre, você é duradoura. — Ele sussurrou: —Você tem essa capacidade de me desatar. Para me revelar. Seu impacto é significativo, e eu diria, permanente. E eu... não consigo compreender... que mereço sua atenção.

Do seu ângulo, qualquer coisa que eu dissesse ou escrevesse não seria vista. Ficamos ali, tão silenciosos quanto quando tínhamos arrumado o laboratório, até que o fogo estremeceu, desaparecendo com um pufe. No entanto, eu precisava respirar sal, não fumaça. Esperei que as respirações de Jeryn se igualassem, o que demorou mais do que o habitual, e saí do meu palete, saí da caverna e saí para a enseada.

O que eu poderia fazer com ele que era permanente? Como eu poderia afetá-lo dessa maneira?

E eu? No mar, eu o queria? Na caverna, eu o queria?

A brisa varreu minhas roupas. Meus pulsos e joelhos estavam nervosos, conscientes de alguma forma, como se eles soubessem as respostas, mas foi a fraqueza em sua voz que fez isso, me empurrando para a frente. Isso e frustração, curiosidade, necessidade e poder, pelo que ele admitiu, pela maneira como me via - que ele *me* via.

Em um recanto de flores flamejantes, eu me aconcheguei na areia, lembrando de seus olhos agarrando os meus e daquele sussurro dele, e das confissões em seus lábios, e como todas essas coisas ferviam juntas, se lavando sobre mim, correndo e mergulhando em um lugar envolto por minhas coxas.

Depois do que mamãe me contou e do que Pearl me contou, pelo que ouvira de Lotus na cela da torre, eu entendi. A partir deles, eu ouvi as histórias de como a umidade de uma mulher convidava a dureza de um homem, mas eu não sabia sobre o desejo. Fiquei impressionada com o que isso significava, essa inquietação, essa dor.

Deixei meus dedos chegarem a esse ponto e ofeguei, espantada quando a parte de mim formigou. Eu a pressionei, circulando, aquecendo, o êxtase se espalhando, coroando e rugindo.

Observando as estrelas, eu explorei, procurei e *encontrei*.

A floresta tinha aquele brilho sempre presente, as franjas de certas folhas salpicadas e cintilantes, eternamente molhadas com diamantes de chuva. Quanto à caverna, poderia ficar tão escura, impedindo-nos de ver nossos dedos na frente de nossos rostos. Outras vezes, como hoje à noite, a meia-lua riscava o mundo sob sua luz perolada e transformava nossa casa no interior de uma concha do mar.

Jeryn estava pesado como uma âncora enquanto eu me arrastava no meu palete, com uma mente nebulosa dos encantos que eu tinha tirado do meu corpo. Eu me enrolei - caí - enquanto ele dormia sob camadas de pensamentos, ideias e lembranças de um mundo gelado. Do jeito que ele me descreveu, ele dormia como se estivesse coberto de neve, imóvel e profundo.

Ele repetiu uma vez o que Pearl havia dito, como quando sonhei, murmurei sem som, chutando e batendo. Eu imaginei meus braços e membros se agitando, me vi saindo das costuras, uma dorminhoca trêmula que poderia voar sem descanso a qualquer momento.

Mas não Jeryn. Eu me enrolava enquanto ele se deitava de costas, uma posição chique para pessoas chiques, para evitar que seus rostos se enrugassem, para ver o que estava por vir quando eles acordavam. Prestei atenção nas linhas retas, desde a inclinação do nariz até a fenda no queixo.

Ele tinha uma espinha acima da testa há pouco tempo e fazia uma careta cada vez que a tocava. Eu me ofereci para estourar o monstro, que

transformou a careta em uma fúria, em toda a sua glória insultada. Jeryn não era arrogante, e eu tinha visto falhas maiores nele do que isso, mas ele não queria meus dedos perto dele.

—Afaste-se do defeito. — Ele ditou, me fazendo rir.

Depois de esvaziada, deixou uma pegada, uma mancha e não se foi. Eu gostei.

Ninguém poderia chamá-lo de perfeito, mas ele não era um troll, nem pela metade. Seus lábios eram felpudos e cheios para alguém como ele. Todo o resto era esculpido, lascado e frio.

Ele não lutava durante o sono. Ele aceitava, talvez medindo seus próprios sonhos enquanto eles aconteciam, e eu me perguntava se ele tinha mais pesadelos com tubarões, como quando era criança. A realeza tinha o mesmo tipo de pesadelo que os plebeus, os criados e os tolos? Ou os pesadelos reais eram tingidos de brilhante, outro luxo que apenas eles podiam pagar?

Eu descobri depois. Despertada com o som dele ofegando, atravessei a neblina do sono e o procurei. Ele estava sentado, encolhido com as costas contra a parede, apertando a cabeça inclinada nas mãos, as unhas cravando nos cabelos. Se fosse eu, eu estaria tremendo, batendo ou balançando para frente e para trás, mas ele apenas ficou parado, os músculos de seus ombros se enrijecendo e as veias em seus braços inchando. Afinal, era um pesadelo ou algum outro demônio veio para sabotá-lo?

Eu me arrastei e nos mexemos ao mesmo tempo. Com a cabeça baixa, Jeryn me alcançou, e eu o cumprimentei, subindo nele, sendo puxada nele, deslizando-me - ou ele me deslizando - pelo seu colo. Eu o enfrentei, minhas coxas sobre as dele, seus braços enredados em volta da

minha cintura, minhas mãos tecendo em torno de seu pescoço, nossos membros entrando em uma cesta de braços e pernas.

Sua testa úmida encontrou consolo no meu ombro. —Minhas tias-avós. Elas são velhas. Elas podem estar mortas — ele proferiu. —Meus pais. Eles estão doentes e não sabem onde estou. Eles não me têm. Eu não estou lá. Eu não estou lá para eles.

Shh, eu disse, embora ele não pudesse ouvi-lo com o rosto esmagado contra mim.

—Eu sou um curandeiro. Eu curo meu reino, mas... eu não sou um curandeiro. Eu machuquei pessoas. Eu os chamei de tolos e os machuquei — ele disse em um tom assombrado e abatido. —O que eu fiz? O que eu *fiz?*

Eu não o calaria sobre isso, porque ele precisava dizer isso, e eu precisava ouvir.

—Eu os usei. Eu usei tantos para tratar tantos. E não estou lá para consertar isso agora. Não estou lá para consertar nada. Eu não estou lá. Quem está curando o inverno? Quem?

Ouvi isso em sua voz, reconheci-o pelas manhãs com Pearl e por sua própria história, não o terror de um pesadelo, mas a fenda e a divisão de pânico. Pensamentos e preocupações o emboscavam, e do nada, eles atravessavam uma barreira e o mantiveram em cativeiro, inundando-o e tornando-se real quando não eram antes.

Esta ilha não o deixaria ir. O mar e o sol não levariam resgate aqui.

Por isso ele franziu o cenho para as plantas que havia buscado hoje, para substituir as que destruí. A bagunça o fez pensar nas pessoas com quem ele havia errado, e nas doenças que ele não estava lá para consertar, e na família que ele não estava lá para ajudar.

Minha birra trouxe isso adiante. Eu tinha causado isso, e lamento novamente, e fiquei maravilhada por um príncipe cruel poder encontrar refúgio em alguém que ele achava louco.

Em uma torre, colidimos. Nesta caverna, nos seguramos bem.

—Mais prisioneiros serão usados enquanto eu estiver preso aqui. Minha família vai morrer sem mim — ele disse. —Eles podem já estar mortos. Eu vou morrer aqui. Eu não quero morrer aqui.

Isso dói. Eu não sabia dizer por que, não conseguia descobrir onde meu coração se encaixava nessa dor. Eu ansiava por defender a ilha, não um lugar mais bonito para se ter no Verão, um lugar mais maravilhoso para terminar, mas eu não tinha mais uma família, e ela ainda estava esperando por ele lá, e isso muito a ver com isso, imaginei.

Suas mãos suavam através das minhas roupas. —O tubarão-sirene. Eu poderia ter sido mordido. Poderia ter... eu poderia estar... e ainda não sabia. Eu poderia estar morrendo sem saber.

Talvez ele estivesse. Talvez eu também estivesse. Mas talvez pudéssemos nos salvar disso, ou talvez fosse isso que estivéssemos fazendo o tempo todo.

Amarrada em seus braços, eu não conseguia escrever na areia ou tecer um presente reconfortante, então fiz a única outra coisa que podia fazer. Sem barulho, eu sussurrei.

Jeryn, eu disse.

Ele respirou fundo, como se a palavra tivesse penetrado em seu ouvido. Ele levantou a cabeça, sua boca aberta pressionando minha garganta, agarrando-se ali por um momento, mas depois traçando os sóis de explosão de estrela, cruel e docemente, uma pergunta no toque. A sensação me fez sentir explosiva, como uma bola de fogo brilhante, como

um nascer do sol e um pôr do sol - necessário e mágico - com o poder de drenar o gelo dele e transformá-lo em pederneira.

E foi o que aconteceu. Sua boca se tornou aquela pedra, e eu fiquei acesa, queimando e chiando. Eu arqueei em seu peito, permitindo, dizendo sim e sim e sim.

—Flare. — Ele disse contra os símbolos pintados.

Então ele me beijou lá, sua boca desenhando minha pele entre seus lábios. Eu acendi, a chama estourando onde ele me provou, e depois abaixo, abaixo, abaixo da minha barriga, naquele lugar que eu descobrira horas atrás.

Meus lábios se separaram, um gemido sem som caindo de mim. Jeryn estremeceu, de alguma forma sabendo ou sentindo isso em minhas mãos enquanto elas corriam pela parte de trás de sua cabeça, bagunçando as raízes e se agarrando a apoio. Seus beijos arrastaram para o vale entre as minhas clavículas, cuidadosos e angustiantes. Outro beijo lá, e outro beijo na curva do meu pescoço, e então sua língua deslizou para se juntar à boca.

Minha cabeça caiu para trás. Eu teria caído, mas ele me agarrou com mais força, e *ele* ficou mais duro, porque eu senti que ficou mais duro. E então ele começou a chupar, e minha pele gostava tanto dele por isso, e eu não sabia mais, e não pensei mais, e não me importava mais, e por favor, e mais. Meu corpo voou para ele, meus quadris roçando em seu colo, meus pés girando em torno dele.

Jeryn fez um barulho trêmulo e abafado. Seus lábios viajaram, reivindicando a parte inferior da minha mandíbula. A ponta de sua língua lambeu, uma onda rítmica de um lado para o outro, e minha mente nadou, e eu não podia, simplesmente não podia.

Desci, minha boca mergulhando na dele, mas ele se afastou, balançando a cabeça. —Não —, ele murmurou. —Só isso.

E minha pele brilhou dourada quando seus lábios pegaram meu pescoço novamente.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

FOGO

E nós acordamos juntos, embrulhados juntos. Estávamos caídos contra a parede de pedras cor de avelã, sua bochecha repousando sobre minha cabeça, e minha bochecha apertada em seu peito, e seu braço frouxo ao meu redor, e minhas pernas se espalhadas sobre as dele.

E quando acordamos juntos, embrulhados juntos, ele emitiu um som estridente, um som sonolento masculino, e eu me estiquei ao ritmo dele, e então ele congelou, e eu também.

E quando acordamos juntos, nos lembramos, e eu olhei para ele quando ele olhou para baixo. E não havia nada a dizer sobre isso, nada, exceto uma coisa.

Eu comecei, *foi...*

—... um erro. — Ele terminou.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

GELO

Uma tarde excruciante na floresta tropical. Eles deram um ao outro um amplo espaço, colhendo flora que produzia uma aplicação tópica de queimaduras.

Jeryn focou na aldeia de hastes a seus pés, envoltas uma sobre a outra em grupos. Na periferia, Flare arrancou os mesmos espécimes pelas raízes. Além de seu período raivoso aqui ontem, quando a briga deles destruiu sua compostura, esse era o sistema usual. Ela puxava, ele arrancava. Consistente. Inalterado.

Normalmente, ele preferia a rotina. Atualmente, isso o deixava nervoso.

Ela puxou as hastes, a ausência contínua de Pequeno Cavaleiro manchando seu humor.

Tudo bem. A ausência de Pequeno Cavaleiro não foi a única causa.

O ar mudou. Eles pararam, listando suas cabeças, sintonizados com a sensação. Acima, lascas de branco substituíam os escassos laços de azul que se estendiam pelo dossel. Nuvens.

Insetos e pássaros espalhados. Jeryn e Flare seguiram o exemplo, correndo pela terra e se agachando sob um bosque de palmeiras curtas. Um instante depois, a chuva caiu, assaltando a vegetação. Jeryn

não tinha conseguido raciocinar sobre as variedades de chuvas, incluindo esta, pois seus componentes atingiam com força suficiente para derrubar uma pessoa no chão. Golpes na cabeça poderiam resultar em concussões.

Ele suspeitava disso desde o encontro inicial com esse tipo de dilúvio. Quando Flare se expôs ao ataque, como havia feito na tempestade, decidiu se sujeitar a cada uma das águas da terra. O que ela considerava as bênçãos da ilha.

A chuva havia deslocado seu ombro. Ela amaldiçoou Jeryn para o inferno quando ele o redefiniu.

Ela chamou de chuva forte. Ele chamou de crítica.

As folhas de palmeira protetora balançavam, impulsionando a torrente sobre as abas. Ele bateu no chão em lençóis frustrados, construindo perfurações na terra, como se tentasse fazer algum sentido nessa floresta. Ou em seus habitantes.

O cotovelo de Flare esbarrou em sua cintura. Jeryn se afastou. Isso o colocou na beira do abrigo, um único glóbulo martelando um ponto acima dos nós dos dedos. Ele assobiou e sacudiu os dedos, embora pudesse ter sido pior.

Outra inclinação do vento. Isso significava que as nuvens estavam se movendo rapidamente, o que equivalia a dez minutos. Apenas dez minutos disso, e então eles poderiam se separar. Ele contou e, quando terminou, o tempo melhorou.

Eles se entreolharam em reflexo. Eles estavam secos, nenhum deles contornando outra que não a mão dele. Já havia se transformado em uma mancha roxa.

Eles se separaram. Apesar de sua tentativa de derrubar o impulso, ele se pegou olhando por cima do ombro enquanto as horas

passavam. Suas pernas de bronze chutaram através da vegetação rasteira, produzindo um som de zunido que combinava com o balanço de seus quadris. As plantas acariciaram suas coxas.

Chega. Ele se virou, afastando-se dela. Durante todo o dia, nenhum deles conseguiu encontrar o olhar do outro. Era por causa da noite passada, cujas memórias ficaram para trás como os restos de um estimulante proibido, vagando no fundo de um cálice.

Flare em seus braços, confortando-o. Seu estado de pânico variava de divagações a um abraço ilícito. Afrouxando sua moral. E a língua dele.

O corpo dela se apertou ao dele. Os lábios dele na garganta salgada dela. Sua resposta, pura e prazerosa.

Nunca em sua vida Jeryn se sentiu tão covarde, tão exposto... tão encantado por uma experiência. O que havia acontecido com ele?

Ah, ele sabia. Estava construindo para isso. Não importava como ele tentasse expulsar esses pensamentos de sua mente, eles permaneciam tão obstinados quanto um frio no peito. Isso quer, em desacordo com seu código de ética e com todos os reinos.

Sua epifania ontem levou ao inevitável. Apesar dos mistérios deste lugar, ele se manteve firme. Ele recusava-se a subscrever suas crenças.

Mas. *Mas.* Eles não foram resgatados.

A realidade o assombrava ao longo dos anos, mas no dia anterior, atingiu-o enquanto limpavam seu laboratório. Ele morava aqui agora, não no Inverno. Sua família deveria pensar que ele estava morto. Seu desaparecimento poderia ter tido efeitos drásticos em sua mãe e pai, que o amavam. Que precisavam dele lá, para tratá-los.

Ou eles ainda estavam vivos? Suas tias-avós?

As rainhas devem ter nomeado um novo sucessor agora. Jeryn odiava essa noção, por mais imperativa. Se ele fosse honesto, a Realeza era sua segunda prioridade para a ciência, mas ele não abandonaria Iradis sem considerar seu substituto. Ele não a deixaria vulnerável a um governante alternativo e potencialmente corrupto, que poderia desconsiderar o bem-estar do povo. Nenhum real honorável faria isso.

É claro que suas tias-avós não apontariam alguém assim. Ele não deveria desconfiar do julgamento delas.

Esses pensamentos vinham à tona desde a restauração de seu laboratório com Flare. Suplantaram o sono dele. Como resultado, ele havia sofrido um ataque debilitante de ansiedade.

Então Flare veio até ele. Um abraço rivalizando com o de sua família, aprimorando suas terminações nervosas.

O antídoto para essa condição escapou dele. Essa suscetibilidade foi causada pela solidão? Por que ela era tudo o que ele tinha? Ele precisava dela por necessidade? Ele precisava *dela?*

Ele tinha o direito de precisar dela? Querer ela?

Ele trocou por ela, tornou-se seu dono, seu soberano. Ele a desprezara. Ele passou a mão em volta do pescoço dela.

Ela transmitiu um conhecimento de criação e a mudança que ocorria em um homem durante a concepção. No entanto, ela admitiu uma deficiência em outros detalhes, como a causa de seu estado matinal sem um parceiro. Ela poderia ter conhecido a mecânica disso, mas ela sabia os caminhos da luxúria? Ela compreendia o que estava acontecendo entre eles no palete dele?

Jeryn parou, enjoado. Estações, ele se aproveitou? Abusou do poder dele? Que príncipe respeitável, que médico faria isso?

Bem. Ela nunca tinha sido um sujeito de teste dele. Na verdade, ele nunca fora seu médico ou seu príncipe. Foi por isso que ele reagiu a Flare da maneira como reagiu no começo, desprovido de tato ou treinamento, provocado por impulso. Ele a acessou por determinação, mas com toda a honestidade, ele não a via como apenas uma tola nata. Não a partir do momento em que ela o desafiou na torre. E isso alimentou sua negação.

Mas em algum lugar ao longo do caminho, os deles se tornaram uma parceria. Um menino e uma menina. Então um homem e uma mulher. Então, ontem à noite, outra coisa.

Os anos não tinham apagado suas ilusões, mas na maioria das vezes, ele olhava para ela e... e...

Ela era simplesmente, ou não simplesmente, Flare. Apenas Flare.

Jeryn agachou-se e enfiou a flora em sua bolsa. O que ele havia feito com ela no escuro não fora mercenário ou egoísta, assegurou a si mesmo. Em seus beijos, ele queria dar a ela o que ela o havia dado. Ele queria fazê-la se sentir bem. Para agradecê-la por seu toque.

A sociedade não permitiu isso. Uma plebeia e um príncipe. Poderia não ter peso em uma ilha perdida, mas sua educação, esse instinto há muito incorporado nele, o fez. Os cidadãos podiam se casar com o mesmo sexo, como suas avós, optando por passar seu título e trono para um membro da família designado. No entanto, a escolha de um companheiro de uma classificação ou temporada incomparável era proibida.

Apenas um casal já havia contestado esse decreto. A princesa do Outono e o bobo da corte da Primavera haviam feito a união de amor funcionar, expondo-a a sua vantagem.

Isso aconteceu nove anos atrás. A princesa Briar participou das negociações de paz, a cúpula anual realizada em Whimtany, o Reino da

Primavera, onde a realeza em exercício renovava sua unidade em todos os assuntos, grandes e pequenos.

Jeryn era jovem demais para comparecer. Não obstante, a calamidade ocorreu durante o tumultuado décimo primeiro ano. Ele teve o suficiente para ocupá-lo.

Como a filha mais velha de todos os filhos da realeza, uma princesa Briar de dezoito anos acompanhara sua mãe, a rainha Avalea, até o cume. Lá, Briar conheceu e supostamente perdeu o coração para Poet, o bobo da corte de Whimtany. Um idiota popular e extravagante, conhecido por sua língua prateada e acrobacias, bem como por sua aparência rouca e um guarda-roupa opulento fornecido pela Coroa, que o adorava.

Apesar de sua natureza promíscua com homens e mulheres, Poet também se perdeu em Briar. Sua ligação representou um assalto a uma masmorra, além da humilhação da monarquia de Primavera e do rei Rhys do Verão, juntamente com um tumulto de controvérsia. Não apenas porque Poet veio de um reino diferente, ou porque ele era um bobo da corte e, portanto, inferior de Briar, mas porque Poet era um bastardo.

E da mesma forma, o pai de um filho ilegítimo. Um garoto tolo, a quem Poet havia mantido segredo da Coroa. Uma ofensa traidora.

De alguma forma, Briar enganou os colegas da realeza para assinar um documento que concedia cidadania a Poet e seu filho no Outono, salvando o bobo da corte de uma forma pública e dolorosa de retribuição. O que selou ainda mais a indignação das Estações.

A princesa e o bobo da corte mantiveram sua união como amantes solteiros, reinando sobre Mista ao lado da rainha mãe. A princesa havia reivindicado o filho do bobo da corte como seu. Embora houvesse agressão e oposição de seus súditos de Outono, ela e seu parceiro estavam

mudando lentamente as mentes do povo de Mista. Influenciando uma mudança de atitudes em relação ao tratamento de tolos nascidos.

Ou então a história deles tinha sido, até o ponto do naufrágio de Jeryn e Flare. Quem sabia que mudanças haviam ocorrido desde então. Em qualquer um dos reinos.

Jeryn não conseguia entender sua raiva por aquele casal. Em direção a Poet, a quem ele detestava. Ele conhecera o infame malabarista durante uma visita a Outono e o desprezou no local. Devido à propensão do homem a falar rimas, Jeryn havia entendido apenas metade do que Poet dizia e suspeitava que o garoto gostasse disso. O bobo da corte era tático, hábil em fazer os outros parecerem mais estúpidos do que já eram. Uma qualidade louvável. Mas ele também era extremamente irritante.

Uma mecha fina de verde arrebatou o pulso de Jeryn. Ele se encolheu de surpresa. Ele havia se distanciado consideravelmente de seu curso e acabado na selva, onde esses arbustos gananciosos o haviam agarrado antes. Enquanto Flare e Pequeno Cavaleiro brincavam de esconde-esconde, ele era espremido cada vez que se movia.

Pacientemente, Jeryn girou o pulso. Prudente para não intensificar o domínio da planta, ele se desembaraçou da faixa sinuosa.

Uma coisa intrigante. Uma das muitas armadilhas da natureza, o método de defesa desses arbustos. O encontro desses remendos em espiral exigia manobras circunspectas, para evitar que ficasse preso. Um prejuízo para a circulação. Se não exigisse tal grau de vigilância, e se Jeryn tivesse os dispositivos adequados, ele investigaria esse lote. Ver que outro propósito ele servia.

Melhor evitá-lo por enquanto. Além disso, a expansão era intransitável.

Ou não era?

Jeryn estudou a paisagem de sebes, algumas da altura e outras mais altas. O que Flare disse durante seus primeiros dias? Olhe mais longe, não apenas mais perto.

Nesta ilha, as coisas nem sempre eram como pareciam.

Ele deu um passo para trás, inclinando a cabeça, imaginando como ela poderia ver essa convolução de brotos. Algo sobre o padrão. Ele pensou nas flores camaleão da floresta, misturando-se e disfarçando-se à vista de todos. Como o mapa da música. Como as águas.

A luz da tarde inclinou-se. Logo, com apenas meia-lua, sua visão seria prejudicada. Jeryn teria que ser rápido. E era melhor ele estar certo.

Ele observou longamente, notando uma pausa. Uma ocultação de tipos. Com isso em mente, ele se aproximou. Erguendo as mãos, ele esperava sentir a primeira punhalada do muro. Não veio. Em vez disso, suas mãos contornaram as folhas, sua densidade uma ilusão.

Ele deu outro passo. Sentindo o caminho, ele atravessou uma passagem. Uma entrada compacta camuflada por dentro. Uma rota que levava a algum lugar.

Jeryn soltou um suspiro de espanto. Desconfiado, ele progrediu através do canal, verificando seus arredores enquanto passava. O caminho girava para a esquerda, depois para a direita, levando ao som de líquido fervente.

Os tentáculos deram lugar a uma banheira de água fumegante. Redonda, embutida no chão, com um cheiro pungente. Seu brilho brilhante ajudou sua visão, bolhas disparando de baixo.

Jeryn passou pelos movimentos escrupulosos de testá-lo. Colando um galho na água para ver se queimava a madeira. Verificando o

perfume, a clareza, a direção da água, a temperatura, o sabor. E, finalmente, os efeitos.

Quando descartou os riscos, a luz do sol quase desapareceu. Flare ponderaria onde ele estava. Na natureza, com o céu e sua lua parcial encobertos, eles teriam que navegar de volta para a caverna pela memória. Uma contagem de passos. Sombras e sons. Variações no solo. Marcos de cor da floresta tropical.

Ele esfregou o polegar sobre a mão oposta, onde a gota de chuva o atingiu. Virando-se para sair, ele olhou para baixo e parou. Seu hematoma da chuva havia manchado. A descoloração parecia ter entrado em contato com o polegar, molhado de inspecionar a água borbulhante.

Jeryn esfregou sua pele novamente, apagando o machucado completamente. Como tinta. Ou pintar.

Uma teoria se apresentou. Ele voltou, fazendo uma viagem rápida, sua ansiedade palpável.

Flare mantivera a mesma vizinhança. Ele a encontrou sentada no solo seco e admirando o fim do dia, o nariz apontado para o céu. Qualquer outro companheiro poderia ter olhado e perguntado aonde diabos ele tinha ido.

Mesmo na penumbra, ele a viu torcer e piscar em sua mão estendida. Não há protestos sobre o pôr do sol. Não há avisos sobre o breu que eles teriam que cumprir mais tarde. Sempre assustadora, ela colocou os dedos nos dele, produzindo uma explosão de calor pelas veias dele.

Estações, essa garota.

Ele os conduziu pela natureza. Tecnicamente, essa viagem poderia ter esperado até o amanhecer. Jeryn desconsiderou isso.

Novamente, não hesitando quando chegaram à selva. Palma-a-palma, eles percorreram as videiras. Gravado em uma luz mortal, Flare olhou em volta com interesse. Jeryn experimentou outro fenômeno. Esperança.

Uma emoção juvenil com a perspectiva de sua reação ao destino deles. O que isso poderia fazer por ela.

Quando eles chegaram, seus lábios se separaram, seus olhos polidos fixando-se na água. Sua superfície borbulhante. Sua incandescência. Sua brilhante resistência à escuridão.

—Eu acho que é uma fonte —, disse ele. —Água de cura. A fonte é quente, propícia ao relaxamento muscular. Mas não é só isso, acredito.

Ele suspeitava de um mineral ou elemento na água. Ela esperaria encantamento.

Eles depositaram suas bolsas, o cinto de couro dele, o cinto de corda dela. Eles entraram e submergiram. Jeryn gemeu, o calor lavando suas articulações enquanto Flare abaixou a cabeça, ressurgindo em uma risada silenciosa.

Sua alegria se deteriorou. Tinha que ser a expressão no rosto dele, que tinha a ver com a visão do pescoço dela.

O que? Ela perguntou.

Em resposta, Jeryn estendeu a mão e tirou a camisa. Ele segurou o olhar dela, passando o pano na garganta e mostrando-o em meio à luz da água. Quando ela viu os vestígios de tinta lá, seus olhos se arregalaram, brilhando com descrença. Então pergunta.

Ele ofereceu a ela o material. Flare pegou, seus lábios tremendo enquanto limpava a camisa e se lavava, lavando os sóis da explosão de estrelas. A tinta chuviscava, preta riscando seu corpo, sugada pela fonte.

Ele não a tinha visto chorar antes. E, embora ele nunca fizesse milagres, a visão das lágrimas de alegria dela poderia transformá-lo em um crente.

Flare engoliu a água, para ver se de alguma forma poderia restaurar sua voz. Isso não aconteceu. Mas ela ainda estava feliz. E ele também.

Com um sorriso, ela devolveu a camisa. Ele aceitou, esmagando o material em suas mãos. Ele finalmente entendeu.

Mistério não transformava algo em mágica.

O conhecimento não fazia algo menos mágico.

Ele se aproximou, assim como ela. Ele se inclinou, seus dedos ansiando por cobrir o rosto dela... para fazer mais do que isso. Então Jeryn deixou cair a camisa.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

FOGO

Ele largou a camisa. A fonte ofegou, seu vapor se curvando ao nosso redor, deslizando por entre os dedos e nadando pelos meus cabelos, nos incentivando a ficar juntos. Minhas bochechas pousaram em suas mãos, minha cabeça inclinada para encontrar seus olhos, bem abertos em mim. Ele tocou meu rosto, seus polegares varrendo a água dos meus cílios, depois movendo-se para a minha boca, as almofadas passando pelos meus lábios e depois meu pescoço - meu pescoço nu, nu, nu. Lembrei-me da cela da torre, onde ele me submeteu e a comparei com esse novo contato.

As mãos dele deslizaram pela minha garganta, limpando a última gota dele, e eu o deixei, não porque eu não poderia fazer isso sozinha, mas porque ele estava arrependido. Ele estava se desculpando pelo estrangulamento, pelo desprezo e pela tinta queimada. Empurrei meu rosto para as árvores e joguei meus braços para o céu, deixando esse príncipe que se tornou amigo desfazer as notas finais que seu povo, a realeza, me forçara. Eu o deixei porque ele devia isso a mim.

Engoli um caroço e provei liberdade.

Jeryn sorriu, espirrando água por todo o lado, acariciando um lugar escondido há anos, e eu ri, e ele riu, e eu saboreei esse som, encontrando seu olhar novamente. Suas bochechas estavam coradas, sua cabeça

nivelada com a minha agora. Consegui ficar na profundidade rasa da primavera, meus pés no chão esponjoso, enquanto ele devia ter dobrado os joelhos para nos dar a mesma altura.

Seu toque desapareceu sob a fonte, seus braços girando ao meu redor, e eu torci meus dedos sobre seus ombros. Minha testa descansou contra a dele, nossos narizes batendo. Meu vestido encharcado esfregou seu peito e, embora a película molhada de tecido nos separasse, eu o senti sólido contra meus seios. Gotas caíram em nossos queixos enquanto inclinávamos, nossas respirações quentes saindo rapidamente e se misturando.

Nossas bocas se encontraram, ligeiramente entreabertas e descansando ali, na beira. Era uma chance de pular, ousar.

Foi disso que mamãe e papai conversaram - compartilhar e se encaixar. Seria tão simples, extraordinário e muito bem-vindo.

Jeryn falou irregularmente contra os meus lábios. —Eu não posso.

Eu posso, eu murmurei.

—Um beijo não é para nós. Mesmo que fosse, não seria para agora.

Você analisa demais.

—Este momento deve ser sobre você.

Pare com isso. Eu não sou donzela.

—Eu troquei por você. Eu teria estripado você no Inverno. Eu tinha planejado isso.

Mas você não o faria mais, e ninguém mais é meu dono - não neste lugar. Me conhece de maneira diferente. Olhe para mim, me veja e me conheça - e então me dê sua boca.

Seu fraco suspiro flutuou pela minha pele. —Se eu não sou mais um príncipe, continuo sendo o nobre sobrinho da realeza. Não seria aceito.

Por quem? Os grilos? Os papagaios?

—Nós somos mundos separados.

E em nosso próprio mundo.

—Você é uma avalanche, Flare.

Você é uma lâmina, Jeryn.

—Você arruinou minha vida.

Eu cutuquei meu nariz contra o dele. *Isso nos torna justos e honestos.*

—Sinto muito. Pelo seu pescoço — ele disse. —Por isso.

Seus lábios se fecharam sobre os meus, uma pressão suave de bocas. Nossos olhos ficaram abertos enquanto nos mantíamos suspensos lá, suspensos nisso. Ele parecia mais quente do que eu esperava, com dicas de Inverno flutuando nele. Ele pretendia que fosse um selinho - uma rendição rápida, mas eu me inclinei, desejando mais, precisando disso mais fundo. Eu queria que nossos lábios se separassem, imprudentes e procurando.

Mas Jeryn se afastou. Ele balançou a cabeça, negando-nos, negando-me, como tinha feito esta manhã. Eu li a mente dele, o não e o não posso. Ele chamaria isso de um erro e diria que não podíamos ir além, e então ele refazia sua lógica, e então sentiria muito, muito por *isso* – se desculparia por *nós.*

Eu removi a tinta do meu pescoço, mas ele ainda me via com um colar, como uma tola, como uma garota louca. A raiva subiu pela minha garganta. Recuando, eu bati na água em seu rosto, momentaneamente cegando-o. Saí da fonte, poças espalhadas por todo o lugar. Peguei meu cinto de corda e adaga, e amarrei-os na cintura, joguei os braços para os lados e corri pela floresta tropical, sua selva e sua escuridão no meu caminho.

Jeryn gritou meu nome. Ele sempre terminava o que começava, então eu me apressei, sabendo que o príncipe do gelo viria atrás de mim, sabendo o que meus punhos fariam se ele me pegasse.

Mais lágrimas queimaram nos meus olhos, mas eu as desejei embora, porque ele não as merecia. Ele mudou e não mudou, e eu não precisava de uma realeza do Inverno dizendo que mitos não existiam enquanto as regras existiam, que meu pescoço nu significava tudo e nada. Boa viagem para ele.

Os sóis estourados se foram. Isso era tudo o que importava.

Isso e encontrar meu caminho para a caverna, por conta própria, sem a ajuda dele ou de suas palestras, porque eu já havia feito isso várias vezes, sozinha ou com o Pequeno Cavaleiro. Eu encontrei esta ilha, não Jeryn. Eu tinha um vínculo com ela, um parentesco que ele não entendia, e eu sentiria o meu caminho através da selva, se necessário, confiando em minha casa, vendo através da abundante escuridão da floresta e seu eco de cores. Isso é o que eu faria.

A voz de Jeryn chamou a noite de algum lugar atrás. Ignorando, eu andei em curvas e sob arcos com brotos de verde.

Uma trepadeira agarrou meu pulso, me puxando de volta e me fazendo tropeçar. A corda deslizou ao redor do meu braço, até meu cotovelo. Tentei correr de volta, mas a videira se apertou, insistindo em que eu ficasse parada. Eu torci, esperando desenredá-la com a outra mão, mas os caules também se prendiam nessa mão.

Enquanto isso, outra das plantas amarrava meus tornozelos, me prendendo contra a cerca viva. Bati os pés e bati os cotovelos, gritando em silêncio enquanto os laços se apertavam com mais força, forçando-me a

parar. Os espinhos não eram afiados, mas enganosamente macios como as penas de um pavão.

Lembrei-me do que aconteceu na última vez que Jeryn segurou uma dessas enquanto brincava com Pequeno Cavaleiro. Isso foi há muito tempo, e nós não tínhamos retornado desde então, então eu tinha esquecido o que essas plantas da selva faziam, como elas se defendiam, como suas garras ficavam mais duras quanto mais a pessoa lutava. Era como a lagoa rodopiante.

Ou uma certa poça de areia que eu conhecera antes da torre.

Olhando em volta, eu pensei que tinha tomado o caminho errado, não ao longo do caminho que Jeryn havia me tomado. Eu me odiava por isso, por não olhar para onde eu estava indo, afinal, por ficar presa quando eu não tinha antes, tudo por causa de um beijo mal lá, o fantasma provocador de um beijo.

Explosão. Eu esqueci de pegar minha bolsa cheia das plantas que juntamos.

—Flare —, Jeryn chamou, um sopro distante de som.

Se eu respondesse, ele não me ouviria. Se eu embaralhasse, usasse as plantas para fazer uma raquete e sinalizar onde eu estava, elas me cortariam, rosnariam em torno de mim e me enjaulariam. Elas me sufocariam, atacando meu pescoço, entediando-se.

Meus dedos formigariam, adormeceriam ou qualquer outra coisa, então meus pés tremeriam, me fazendo perder o equilíbrio, meu corpo tombando na parede com membranas. Uma família de brotos me amarrou como um peixe em uma rede, me prendendo como uma prisioneira. Eles me dariam vergões, cicatrizes talvez.

Eu implorei à ilha, por *favor, não minha garganta. Isso não. De novo não.*

Insetos gritaram, e as árvores se arrepiaram, e estava tão escuro. Meu nome soou da boca de Jeryn, de mais longe, mas eu não conseguia assobiar ou gritar, mas tentei de qualquer maneira, gritando na névoa, pensando em mil dunas de areia das quais eu tinha me escavado, nos lugares onde eu tinha explorado com mamãe e papai, as vezes em que me avisavam das coisas e as vezes em que eu as ignorava. Cada vez que eu vivia, arranhava, sangrava e sorria para a beleza da natureza.

Minhas mãos e pés desapareceram, como se tivessem sido cortados, e me perguntei se minha cabeça seria a próxima. Ela caiu para a frente, minhas pálpebras voando e tremulando. Eu poderia adormecer aqui, transbordando do calor da fonte e presa nesta gaiola, presa em novas correntes.

A ilha não poderia querer acabar comigo aqui, espremendo a vida fora de mim. Não faria isso. Nasci na areia e pretendia morrer ali, em uma manta de ouro e sol, levada ao pó e lançada em direção ao horizonte.

Minha ilha estava me ensinando uma lição para acabar com a raiva, por esmagar todas as coisas da floresta no laboratório das cavernas de Jeryn, e por arrancar raízes demais durante a colheita hoje, e por dar um tapa na fonte, em vez de agradecer. Ultimamente, eu estava muito furiosa, era isso. A ilha queria me punir por afundar meus dentes nesses momentos.

Oh. Meus dentes.

Eu balancei, minha boca ficando na direção de um dos meus pulsos, presa dentro das hastes impertinentes. Jeryn favorecia a paciência. Ele ordenou que eu trabalhasse no ritmo de um caracol quando o libertei dessas plantas da última vez, e mesmo que eu quisesse ir rápido, fiz o que ele pediu, libertando-o. Eu poderia fazer isso de novo e, de qualquer

maneira, estava tão cansada. Apenas algumas mordidelas me resgatariam.

Não, petiscos não seriam suficientes. Eu tinha que morder os nós e sabia tudo sobre nós, para saber quais lugares procurar. Com a mente espumando, olhei para as hastes emaranhadas e procurei por seus centros, as nós segurando-as juntas, os lugares para roer.

Minha boca encontrou as cordas certas e mastigou, um xarope frio escorrendo pela minha língua. A videira estremeceu, e eu estremeci, e um vento invisível atravessou-me por dentro. Mordi de novo, e de novo, e depois virei o queixo para o outro lado, mastigando um pouco mais, quebrando os fios. Meus braços caíram para os meus lados, os laços derramados da metade superior de mim, uma palidez picando meus lábios e dedos.

Isso deixou apenas minhas pernas para libertar. Eu pisquei para elas, maravilhada com o quão estranho elas pareciam embrulhadas.

Um coaxar traumatizado atravessou o túnel de serpentinas e uma pepita de limão surgiu das sebes. Cavaleirozinho pousou na minha ponta dos pés.

Onde você esteve? Eu murmurei. *Você perdeu muito.*

Ele coaxou freneticamente. Ele precisava de uma tarefa, mas eu não deixaria que ele se aproximasse de mim, porque se aproximar também poderia aprisioná-lo.

Jeryn, eu disse, e o Pequeno Cavaleiro saltou para longe, encolhendo-se a um alfinete e desaparecendo no campo.

Um movimento, e as videiras me chicoteariam de volta no lugar. Coloquei minha mão na minha adaga, puxando-a do cinto de corda e dobrei meus joelhos trêmulos, afundando o mais longe que pude, sem

perturbar o verde. Encontrei mais botões de nó e sacudi minha lâmina, cortando.

Mas a palidez continuava ardendo, invadindo meus dedos agora, o oposto do calor, o inimigo do calor. O que estava errado comigo? Por que meus dentes estalavam?

Lambi meus lábios, saboreando xarope, o chão oscilou, a floresta girou e caí no chão. Passos e coaxados bateram em minha direção, chegando ao mesmo tempo. Olhos de limão e madeixas azuis borraram juntos, uma combinação tão bonita, esse menino e sapo. Um havia sido envenenado por uma fruta, o outro havia sobrevivido a um tubarão-sirene, mas depois foi picado com veneno de inseto. Eles sabiam como era ter seu sangue violado aqui.

Enquanto esfregava meus lábios novamente, percebi que era a minha vez. Mamãe disse que as coisas nos contos de fadas aconteciam em três. Talvez em mitos também.

As videiras não chegaram ao meu pescoço, no entanto, e isso me fez feliz. Acenei para meus companheiros, orgulhosa e livre.

Eu e-e-escapei, eu disse. *Eu me s-s-salvei*.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

GELO

Ela estava deitada em uma pilha no chão. As hastes farpadas estavam flácidas e espalhadas ao redor dela como artérias cortadas. A visão cavou um buraco no estômago de Jeryn. Ele jogou as duas bolsas e se ajoelhou. Paciência, ele disse a si mesmo.

—Flare. — Disse ele.

—Flare? — Ele repetiu.

—Flare! — Ele demandou.

Sorrindo, ela pronunciou algo indecifrável. A floresta fornecia bolsões de cores verdejantes para ele ver, no entanto, Jeryn perdeu a capacidade de traduzir seu discurso devido à sua boca torta e ao clique de dentes. Drogada. Tremendo.

A cabeça dela caiu, os olhos fechados. Ela desmaiou, lixiviada de bronze pela pele, agora envidraçada em uma palidez fosca. O tipo de frio que ele não encontrava há anos, mas reconhecia.

Entorpecida. Congelante.

Ela deve ter sido apanhada nas trepadeiras com membranas e lutou contra elas, o que exacerbou o problema, as plantas cortando sua circulação, respondendo pela rugosidade ao redor dos pulsos e tornozelos, os vergões como algemas.

O pescoço dela foi poupado. Ela deve ter ficado aliviada.

De alguma forma, ela se desenrolara do emaranhado. Ela se salvou.

E então ela se amaldiçoou, essa folhagem espinhosa de alguma forma causando uma diminuição na temperatura do corpo e uma perda de consciência. Embora, se fosse esse o caso, Jeryn deveria ter experimentado esses sintomas no passado, quando seu próprio pulso havia sido preso.

O cavaleiro pulou incessantemente de um lado para o outro, sem conseguir nada. Jeryn queria agitar os dedos e derrubar o anfíbio. —Fique quieto. —Ele ordenou.

O sapo histérico parou. Muito melhor.

Jeryn passou de uma ação para a seguinte. Ela precisava que ele fosse preciso, rápido. Ela precisava que ele estivesse certo.

Apertando o rosto dela, ele apontou para uma fatia da luz da floresta. Ele abriu as pálpebras e verificou as pupilas o melhor que pôde. Os orbes dourados tinham embotado, drenado de seu brilho. Privado de calor e fúria.

O pulso de Jeryn disparou. Ele verificou o batimento cardíaco dela, que havia diminuído. Não era bom.

Pequeno Cavaleiro emitiu um grito aguado quando as mãos de Flare começaram a inchar, um tom de azul rastejante passando por elas. A cor gelou seus lábios.

Não, Jeryn pensou. Não!

Ela não. Nunca ela!

O dedo dele deslizou pela boca dela, geralmente inflamado e se movendo rapidamente, formando palavras. Palavras míticas. Palavras imprudentes. Palavras compassivas.

Como isso aconteceu com ela?

Ele viu como. Afastando os dedos, ele os segurou no alto, esfregando as almofadas. Um fluido frio os cobria.

Jeryn se curvou no chão e olhou para uma das videiras moles. Houve vazamento de sua ponta, com a borda em crosta. Como se alguém tivesse mordido.

Flare e seus incisivos. Da circulação ao veneno. Um veneno que imitava o congelamento até a morte.

Jeryn rasgou as bolsas. Inútil, ele lembrou um segundo depois. Eles não haviam reunido nada para reduzir isso.

Ele a embalou contra ele, colocando-a em seus braços. O calor gradual do corpo era primordial, mas, quando deveria, nada mudou. O gelo e seu azul não haviam diminuído. Pela primeira vez, Jeryn abominou a cor do inverno.

Ele retirou o bisturi do cinto e cortou a ponta de uma videira fresca. Ele enrolou, tentando agarrá-la, depois ficou flácida. Ele enfiou a amostra em sua bainha, junto com sua lâmina. Desconsiderando as bolsas e transportando Flare da terra, Jeryn a pegou contra seu peito e correu. Ele a levou até a fonte e vacilou por um momento crucial. Ele poderia não estar pensando direito. A água quente poderia chocar um corpo congelado e apreender o coração.

Poderia no Inverno. Em qualquer estação.

Mas nesta floresta tropical? Nesta fonte?

Pequeno Cavaleiro, que conseguiu pegar o ombro de Flare para o passeio, saltou quando Jeryn entrou na fonte com ela. Ele jogou as águas curativas sobre seus vergões, dissolvendo-os. Mas isso foi tudo, porque quando ele submergiu os dois, as bolhas não fizeram nada para aquecê-

la. Como eles aprenderam antes, quando ela bebeu, mas permaneceu sem voz, essa água se curava seletivamente. Não se apresentara como uma fonte poderosa.

Assim como ele não era um curandeiro todo-poderoso. Embora por um único instante, involuntariamente, desesperado, ele esperava o contrário.

—Flare. — Ele persuadiu.

Nesse nome, Jeryn professou demais, admitiu muitas coisas. Ele a advertiu para não fazer isso com ele. Ele a ameaçou para não testá-lo dessa maneira. Ele prometeu que iria divertir suas noções sobre mitos. Ele lembrou que Pequeno Cavaleiro precisava de sua amiga, que a areia estava chamando por ela.

Ele a subornou com um beijo real. O beijo que ele queria dar a ela, se ela cooperasse.

Ele implorou para que ela não o deixasse.

A boca dela se abriu. Nada.

Jeryn emergiu da fonte com Flare e seu sapo dobrado nele. Galhos estalaram sob seus calcanhares. Ele abriu caminho, encharcado e cego, fora da selva e através da floresta tropical. Se ela perguntasse depois, ele não seria capaz de dizer como chegou à caverna.

Deitando Flare em seu palete, ele tirou a roupa e a secou com as folhas brancas. Depois que ele colocou o cobertor de vela sobre ela, o Pequeno Cavaleiro enrolou-se nos cabelos dela.

Jeryn acendeu uma chama no poço e depois revirou o laboratório. Ele vasculhou seus suprimentos, jogando tigelas e folhas no chão. Cálculo. Avaliando. Ele pegou o trecho de videira e o moeu, o líquido dentro dele gelando seus dedos. Se ele pudesse aplicar a mesma

tática de quando tratara o sapo... combater o veneno com suas próprias propriedades... talvez... talvez isso... a machucasse mais. A curaria ou a prejudicaria mais.

Jeryn parou. Uma causa perdida. Mesmo que Flare não tivesse saqueado suas ações, ele não poderia decifrar nenhum outro remédio. Quando se tratava de veneno, a floresta tropical sabia como se mascarar. Suas experiências passadas com ele foram principalmente os produtos da sorte. Desde então, o desenvolvimento de tratamentos era ilusório. Eles escaparam de suas mãos, perdidos para ele.

Escorreadios. Perdidos.

Os dedos de Jeryn procuraram o oco de seu peito. No inverno, a paisagem usava os perigos do gelo nos ombros. Dentro de certas florestas de agulhas, poderia encontrar um veneno de Iradis derivado de uma noz roxa. Comê-la produzia um estado mais rápido de picada de gelo. Jeryn criou um antídoto que funcionava contra múltiplas infestações venenosas, incluindo aquela. Ele conhecia bem a salobra do antídoto. Ele tinha estado tomando, embora não precisasse. Não exatamente.

Ele pegou para se acalmar. Para afastar os presságios fabricados de doenças em sua mente. Até três anos atrás, ele o usava no pescoço.

O frasco. O líquido fosco. Perdido no fundo de uma lagoa. Envolto no que poderia ser um piso de areia.

—Fique com ela. — Disse ele a Pequeno Cavaleiro.

Sem esperar por um coaxar, Jeryn pegou a rede de areia de Flare. Ele saiu correndo da caverna e atravessou a praia. A rota para a lagoa seria inconfundível através da floresta tropical, mas seria mais longa. Se ele pudesse espremer ou subir pelas pedras que separavam esta enseada da

antiga, atravessando a costa onde originalmente haviam acampado, ele alcançaria a água mais rapidamente.

Ondas quebraram no aglomerado de rochas, quebrando com um grito, borrifando seu rosto e torso. Jeryn parou. A lua parcial lhe proporcionava pouco serviço visual. Nesse cenário de obsidiana, navegar pelos penhascos seria totalmente imprudente.

Ele olhou por cima do ombro. O velho Jeryn teria tomado o caminho sensato.

Ele girou de volta para as silhuetas desgastadas das paredes. Na maré alta, a essa hora, nadar ao redor estava fora de questão.

Fixando o cabo da rede de areia no cinto, ele contemplou a força e a velocidade do mar, as superfícies escorregadias que poderiam muito bem rasgá-lo. O tamanho dele. Seus pés descalços. O fato de que ele não podia ver nada. Que ele seria forçado a sentir o caminho. Loucura.

Flare. Vitrificada em azul. Atolada com tremores.

Em segundos, ele alcançou as rochas, a palma da mão roçando a partição para uma abertura. Não, isso também não faria. Ele morreria. Se estriparia.

Ele não tinha tempo de morrer. Ou para brincar.

Um globo de limão pousou no dedo do pé. Cavaleiro.

—Eu disse para você ficar com ela. — Disse ele.

O sapo chiou e desviou-se em direção às rochas, de alguma forma conhecendo as intenções de Jeryn. Sua vibração emitia um farol verde, iluminando pedaços das paredes como uma tocha, fornecendo luz a um espaço rastejante.

De joelhos e mãos, Jeryn seguiu. O oceano deu um tapa nele, água salgada picando seus olhos. Ele girou a cabeça, evitando outro ataque. Suas juntas ralavam através de pedaços de areia encharcados.

Pequeno Cavaleiro o levou para o ventre das rochas, iluminando suas artérias. Salto direito. Rumo à esquerda. O recinto engoliu Jeryn, irritando-o por todos os lados. Uma onda empurrou-se pelo canal auditivo e depois inundou sua garganta, fazendo-o invadir. Grãos endurecidos entre os dedos. Uma substância mordeu seu tornozelo e parte inferior das costas. Dois cortes, ele supôs.

O canal se expandiu. Jeryn aspirou um bocado de ar enquanto se derramava no lado oposto. A outra enseada.

Cambaleando na vertical, ele correu com o sapo para a floresta, atravessando a folhagem, ramificações raspando-o. Seria inviável esquecer esse lugar, mesmo que ele e Flare não tivessem mapeado a ilha. A lagoa rodopiava no perímetro da floresta tropical, ao lado da praia.

Ele ouviu a água turbulenta antes de encontrá-la, com Pequeno Cavaleiro em seus calcanhares. Eles pararam na boca do abismo, a superfície levando Jeryn à sua memória. O puxão fervente da água. A falta de ar. O frasco roubado dele.

Havia um fundo? Desconhecido.

O frasco poderia estar lá embaixo? Ainda intacto? Ainda hermético?

Esperançosamente. Possivelmente. Potencialmente.

A inovação do inverno e o artesanato da primavera produziram uma peça tão duradoura? Provável. As estações se orgulhavam da resistência de suas criações.

Ele havia dito a Flare sobre o pingente. Ela sabia que tinha sido perdido, mas ele não havia mencionado onde ou como a perdeu. Ela poderia ter assumido que isso aconteceu durante o naufrágio.

Uma coisa feliz. Se ele tivesse contado a ela depois que se tornaram amigos, ela teria mergulhado na agitação. Ela teria tentado recuperar o colar para ele com sua rede de areia. Ela poderai ter sido sugada por baixo.

Surpreendeu-o que ela não tivesse voltado para cá, para explorar esta lagoa. Para cavar e ver o que havia por baixo.

Você tem que ousar.

Três anos. Jeryn não tinha tentado uma vez pelo frasco. Ele estava com medo. Com medo de tentar. Com medo de falhar. E depois, com medo de ter sucesso. Para confiar nesse líquido novamente.

A garganta do Pequeno Cavaleiro inchou. No inquérito, ele esticou a cabeça da piscina para Jeryn.

—Eu preciso de algo lá embaixo —, explicou ele. —Fique parado desta vez. Faça o que pedi.

O sapo empoleirou-se na borda, oferecendo um ponto de luz. Até hoje, Jeryn não conseguia entender sua capacidade de entender uma palavra que ele dizia. Essa floresta tropical era o campo de batalha da lógica e do mito.

Ele olhou para o vórtice. Ele encheu seus pulmões de ar e mergulhou.

A lagoa o devorou. Apertando sua cabeça, ela o puxou pela garganta. Ele girou, a água circulando e afivelando-o.

Você tem que ousar.

Jeryn abriu os olhos e olhou. Um fraco globo de limão rompeu a superfície. Não adianta, no entanto. Em terra, a luminosidade do sapo

beneficiava Jeryn. Abaixo da terra, faltava a mesma magnitude, a luz necessária para guiá-lo.

Bombear os braços aumentou o aperto da piscina, mergulhando-o ainda mais nas entranhas. Ah, ele lembrou disso. Enquanto ele se movia, debatendo-se e encorajando a água, seu aperto se apoderou dele. Isso o levou para dentro.

Seu cabelo golpeou seu rosto. Sua caixa torácica gemeu. Seus membros doíam.

Mais. Então mais longe. Um azul tão pesado.

Ele não conseguia ver. Ele estendeu a mão, procurando uma superfície. Seus dedos rasparam o líquido e bateram na areia. Jeryn nivelou as palmas das mãos e sentiu ao redor, deixando o redemoinho o espreitar pelo chão. Sua velocidade o ajudou a cobrir a área mais rapidamente.

Ainda nada. Em todo lugar nada.

A rede de areia, então. A que ele não tinha ideia de como usar.

Retirando-a do cinto, Jeryn adivinhou. Ele empurrou o aparelho eriçado contra o chão, em um movimento de vassoura de um lado para o outro. Quanto mais ele vasculhava o fundo, mais profunda a rede escavava. Mas cada vez que se apegava a algo, algo se tornava uma pedra, um caule de madeira, uma planta moída.

Ele cobriu a circunferência da área. Mais uma vez, nada.

Esta ilha estava testando-o? Fazendo-o trabalhar para isso, até seu último suspiro? Ou ele era inepto ou azarado?

Passando de um lado para o outro, Jeryn chutou para garantir que a lagoa o mantivesse lá embaixo. Seu peito ardia, sua garganta engasgada. A água estava sufocando-o. *Ela* estava sufocando-o.

Flare. Aquela. Aquela garota.

E depois. A rede estremeceu e apertou como um punho. Ligou-se a outro objeto. Jeryn sentiu a malha com a mão livre, as unhas varrendo a configuração. Vidro estreito e uma cartola curvada afixada a uma corrente.

Ele tinha que estar certo. Ele precisava, porque estava prestes a sufocar.

Jeryn puxou a rede e pegou o item dentro. As palavras dela mergulharam em sua mente.

Tudo o que você precisava fazer era soltar e parar de se mover.

Quando você parou de se mover, a água o deixou ir.

Você tem que ousar.

Agarrando o frasco em seus dedos, ele deixou seu corpo cair e sentiu o aperto nele. Ele viu borrões azuis, depois um ponto ondulado de verde. Mas o que ele não daria para ver ouro.

CAPÍTULO VINTE E SETE

FOGO

No meu sonho, deixei que ele me carregasse. Só desta vez.

No meu sonho - porque eu sabia que era um sonho - ele disse coisas. Palavras jorraram de sua boca, como ele não me deixou testá-lo, mas que ele me deixou contar mais sobre mitos, e eu esperava que isso incluísse magia. E então me lembrei de que não tinha esperança, porque nunca o ouvi de qualquer maneira, e ele deveria ter esperado isso. Se eu desejasse falar de mitos e magia, eu o faria. Ele não podia me dizer o que fazer, ou quão alto fazê-lo.

Então ele me lembrou que Pequeno Cavaleiro existia, e a areia existia, e minha ilha existia, e que eles precisavam de mim. Ele prometeu me beijar se eu ficasse, se eu ficasse com ele, se eu apenas cooperasse, pelo menos um pouco.

No meu sonho, eu o ouvi dizer coisas sem mexer os lábios - exceto pelo meu nome. Meu nome era claro, uma gota na língua dele.

Ele pediu que eu não fosse embora. Eu queria rir, beliscar e bater nele, por que para onde mais eu iria?

Abri minha boca, o silêncio saindo de mim, porque eu tinha sido escavada. Isso não parecia justo. O que eu fiz para merecer isso?

No meu sonho, eu me afastei no mar, longe da areia. Enquanto isso, a água mudou, abandonada pelo sol, substituída por pedaços de branco flutuando na superfície, com listras azuis escorregadias, da mesma cor da minha pele, embora eu fosse polida e derretida.

Isso me fez tremer, esse mar. Isso me fez estremecer, esse mar.

No entanto, não senti nada por dentro. Eu estava esgotada, trancada no nada, para não poder me mexer.

Eu não pude responder. Sua voz me perseguiu, uma coisa murcha e distante, e eu queria falar, para levá-lo até mim, mas o oceano embalou meus ossos, me carregando para outro lugar. Para onde foi o calor? Não ficava tão desagradável no Verão. Se ao menos eu tivesse o poder de lutar, tivesse o fogo de lutar. Se ao menos eu pudesse nadar contra a correnteza, me salvar como se tivesse tirado das videiras. Isso teria sido delicioso. Eu estava orgulhosa desse feito.

Mas sim, isso também foi legal. Os pedaços de branco pareciam macios, embora quando eu estiquei a mão para acariciar um deles, ele me picou, sua crosta grudada nos meus dedos, delicada e feroz.

Mas não, isso não foi legal. As ondas podem ser más. Elas podem estar me transportando para Iradis - Jeryn descreveu águas irregulares de inverno como esta, com suas pequenas ondas de gelo. Esse mar poderia estar me amarrando em direção a outra torre ou laboratório, levando-me ao fim dos meus tolos.

Mas sim, isso era legal. Mas não, isso não era legal. Isso não era um sonho, porque sua voz havia desaparecido agora. Eu tinha que fugir. Talvez se o sol escapasse por trás das nuvens, eu poderia rastrear os raios de volta à Ilha da Chuva Perdida.

No meu sonho, eu lutei. Lembrei-me do mapa e da música. De costas, no mar, fechei os olhos para a harmonia da voz de Pearl.

Não procure, não encontre, a Ilha da Chuva Perdida

Sol leva, raios amarelos, a Ilha da Chuva Perdida

Quando o sol desaparece, a névoa cresce, a Ilha da Chuva Perdida

A névoa cresce, as gotas caem, a Ilha da Chuva Perdida

Floresta escura, palmeiras profundas, Ilha da chuva perdida

Onde chove granizo, água nasce, a Ilha da Chuva Perdida

Gotas afiadas, piscinas que afogam, Ilha da Chuva Perdida

Quando as chuvas param, a areia brilha, a Ilha da Chuva Perdida

Eu ainda tinha a ilha e a areia. Eu tinha Pearl em minha memória, a lança de papai e o lenço da mamãe abraçando meu corpo, e meu amigo sapo e meu amigo principesco. O mundo poderia me chamar de tola, poderia tentar me possuir, mas eu tinha uma casa, e eu era cuidada, e eu cuidava de volta.

O canto de Pearl tornou-se minha garganta zumbindo, ondulações silenciosas na minha garganta quebrando o oceano, forçando-o a me libertar. Caí de bruços e nadei, meus membros arrancando essa água de trapaça do meu caminho.

Meu zumbido tornou-se o mar batendo, o mar batendo tornou-se o sol nascendo. Chiou e me lavou em ouro, o azul e o branco escorrendo de mim quando eu o deixei para trás. A superfície brilhava, passando de um tinteiro para aquela cor de joia, água-marinha.

No meu sonho - porque percebi que estava certa na primeira vez, que era um sonho -, me mantive à tona. Conquistei a maré e voltei ao meu mito e, quando me aproximei da terra, não bati nem desmaiei. Avancei e,

quando cheguei, saí do oceano e saí do sonho, com meus dois pés, na areia amada.

E eu pude respirar novamente.

E eu abri meus olhos. O amanhecer havia terminado, o mel zumbia no céu, e eu descansava em uma banheira de manchas quentes. Sua magia encharcava em mim, minha pele brilhando bronze.

Ele estava lá, esparramado na praia ao meu lado, porque ele deveria saber que eu gostaria de acordar assim.

Uma corrente pendia do pescoço dele, seu delicado frasco de vidro balançando do final. Enquanto eu sonhava, ele deve ter finalmente encontrado, o presente de seus pais, não uma rachadura ou arranhão nele.

Estava vazio. Tinha sido preenchido três anos atrás?

Pequeno Cavaleiro estava deitado enrolado no meu pescoço, em uma pilha de roncos de sapo. Passei meu dedo mindinho sobre sua cabeça lisa. Ele era tão pequeno, fofo e leal.

Jeryn parecia cansado, mas feliz, como se estivesse em uma aventura sem mim. Isso me deixou com ciúmes - e feliz também.

Eu esperei que ele se lembrasse de que ele odiava permanecer no sol por longos períodos. Ele reclamaria que iria queimar até ficar crocante, porque geralmente o fazia. Eu esperava uma palestra sobre sombra e proteção, uma exigência de que subíssemos quando o sol fizesse sua ascensão total. As queixas viriam, mas quando eu olhei para ele, percebi que elas não viriam ainda.

Nós olhamos um para o outro, nossos olhares dizendo que eu voltei para ele, para nós e para isso, e eu voltei para mim mesma, e eu estava com frio, mas não mais, e ele também não.

Ele escreveu na areia. *Como você está?*

Eu me aninhei na duna em chamas. *Com sede.*

Dentro da caverna, bebi água da gruta. O Pequeno Cavaleiro empoleirou-se no meu ombro, golpeando qualquer mosca que se aproximasse de nós. Jeryn pegou a casca de pomada de plumária que ele havia feito para mim, e eu afundei no meu palete, observando-o.

Mistura na mão, ele franziu a testa para o meu sapo. —Fora. — Ele ordenou.

Irritado, Pequeno Cavaleiro golpeou sua língua, batendo na perna de Jeryn antes de pular para seu próprio canto.

Fazendo sinal para eu me sentar, Jeryn se abaixou no chão e esfregou o bálsamo no meu pescoço, onde a tinta costumava estar. Suspirei, inalando a essência floral.

Jeryn me contou a história, o que aconteceu depois que meus dentes cortaram as videiras, como eu tomei seu veneno congelante, como Jeryn e Pequeno Cavaleiro me encontraram. Eu ouvi sobre o caos, e como a lagoa havia levado o colar de Jeryn três anos atrás, e como ele pulou de volta e o encontrou com a ajuda da minha rede de areia. Ele chegou a usá-la, enquanto a praia me negava essa chance, nem uma espiada de peixe de areia ao longo dessas margens.

Ele me alimentou com o último líquido do frasco, sem saber se o antídoto funcionaria, ou se eu continuaria inchando e virando gelo, ou se perderia os dedos dos pés, os dedos ou as orelhas - ele disse que o frio cortava coisas assim. Ele não sabia se eu morreria.

Eu não morri. Eu aprendi a lição da ilha e não aceitaria isso novamente. E eu tinha todos os pedaços do meu corpo, mas o alívio dele havia dado lugar à escuridão, e ouvi o porquê disso em sua voz quando ele contou a história. Jeryn do Inverno tinha me curado, não Jeryn da floresta tropical. Nossa ilha floresceu com doenças e cresceu como muitas ajudas contra eles, mas ele não sabia de tudo, não havia aprendido ou desenterrado tudo. Venenos eram os mais difíceis de desvendar.

Ou talvez eu fosse a coisa mais difícil para ele entender, como ele era a coisa mais difícil para mim. No entanto, gostei de suas mãos amassando a pomada floral e seu próprio toque em mim.

Eu cheguei mais perto. *Seus dedos.*

—O que tem eles? — Ele perguntou.

A maneira como eles se enrolam e transformam meu pescoço em uma duna de areia. Príncipe Jeryn, o Curador Cruel. No entanto, seu toque não é cruel, é mágico.

—Não sei se devo agradecer ou te dizer de nada.

Sonhei com Iradis e suas águas sem vida. Dói assim? O frio é tão frio que queima? Não há sol?

—Há sim-

Não soou assim quando você o descreveu. E deveria haver murais e trenós puxados por cavalos com cascos peludos, corujas, vinho temperado e livros.

—Flare.

E você mencionou molho.

Jeryn jogou as mãos no colo. —Posso falar?

O que? Eu perguntei inocente. *Eu não estou parando você.*

Ele começou a rir. Eu também gostava desse som. Eu me perguntei como poderia provar.

Jeryn esfregou a pomada restante em suas mãos. Eu gostava do compartilhamento, e gostava de muitas outras coisas agora.

—O inverno tem tantas bênçãos quanto condenações. Como em qualquer Estação —, ele disse. —Cada reino tem sua beleza e sua malevolência.

Eu olhei furiosa, porque suas descrições me enganaram, porque não eram tão importantes quanto laboratórios, masmorras, torres ou calabouços, os lugares onde eles largavam pessoas como Lotus, Ashe, Reef e Pearl.

Se você voltasse a Iradis, ainda acorrentaria tolos?

Ele vislumbrou meu pescoço e depois rastejou até meus olhos. —Flare, eu -

Me responda. Você me chamou de garota louca. Eu sou? Quem disse que você não é o louco? Ou mais alguém? É normal odiar do jeito que você odiou?

—Flare, eu não-

Pyre, o guarda da torre, é normal se ele gosta de atormentar os prisioneiros? O rei do Verão é normal se ele gosta de manter os tubarões devoradores de animais como animais de estimação e transformar simplórios em escravos? O que há de tão louco em mim? Nada!

—Eu não te odeio. Já te disse que não.

Eu sei, mas você costumava odiar tudo sobre mim.

—Eu costumava sentir e pensar muitas coisas.

O que aconteceu com essas muitas coisas? Para onde elas foram?

—Elas…

Eu bati no meu palete. *O que? O que?*

Jeryn se inclinou para frente, uma mecha de cabelo deslizando sobre a testa. —Me ouça. Por favor.

Eu estou *ouvindo você.*

—Eu não te vejo apenas como uma garota louca. Você é muito mais que isso. Eu não teria entendido isso se não tivesse vindo aqui. — Ele engoliu em seco, com a voz baixa. —Quando eu disse que não te odiava mais, eu quis dizer isso.

Minha garganta doía, dolorida e torcia como um pano. Eu acreditei nele então e acreditei nele agora. *Também não te odeio. Eu odeio quem você era, mas não quem você se tornou.*

—Você confia em mim, Flare? — Quando assenti, ele olhou para mim e falou gentilmente. —Então me diga. O que você fez?

O que eu fiz para ser pega? O que me levou dos meus pais? O que me trouxe à torre? Por que meu reino me pintou no pescoço?

Eu desenhei na areia, girando meus dedos para fazer um padrão, apenas um padrão, apenas um padrão líquido. O desenho me deixou com raiva, triste e assustada, e eu não sabia o porquê, mas continuei fazendo isso, continuei desenhando enquanto respondia, respondia sua pergunta.

Eu falei sobre ser uma vagabunda de areia, como eu pulava de penhascos para dunas montanhosas, fingindo que eram ondas douradas. Eu subia ao topo dos mastros para intimidar os raios, atingindo nosso peixeiro, e escalava esses mesmos mastros para acariciar as nuvens. Eu golpeei um tubarão no rosto com um balde, porque ele queria roubar minha rede de areia favorita. Eu dançava em carvões de areia, construía castelos de areia e engolia areia em um desafio de um dos meus sonhos.

Falei sobre papai, que enrolava o cabelo em tranças apertadas na cabeça e que usava um anel enrolado na testa, e que era baixo, rechonchudo e fofinho, com seus abraços e voz de javali prontos. Falei

sobre mamãe, a alta e macia da nossa família, que esfregava as mãos todas as noites quando eu não queria dormir, me fazendo ficar macia também.

Eles me chamavam de garota em chamas, uma joia ardente, seu pequeno tesouro, o melhor que haviam descoberto juntos. E como essa joia especial, às vezes eu queimava muito quente - era o que diziam sempre que eu me irritava ou fazia alguma coisa sem perguntar ou pensar.

Quando o fazia, mamãe acariciava minhas mãos, dizendo-me para ficar quieta, macia e não queimar com tanto calor, e tentei. Mas eu me irritava com coisas que estranhos diziam ou faziam, se o que eles dissessem não fosse gentil ou se o que eles fizessem fosse prejudicial. Atravessando um canal, quando outro vagabundo chamou Mama de um nome severo, tentei esmagar o cabo do remo do homem contra o barco. Em um pântano, arranhei os braços de um vendedor ambulante de duas caras por enganar meus pais com moedas. Fiz essas coisas antes que mamãe e papai pudessem me parar.

Eu fiz outra coisa também.

Por causa do meu temperamento e capricho, mamãe e papai não me levavam ao mercado com eles. Em vez disso, um sempre ficaria para trás comigo. Mas um dia atracamos em terra perto do castelo, com uma mala tão pesada de mercadorias para vender, pesada demais para uma pessoa carregar sozinha. Embora tivesse rodas embutidas, o baú precisaria de mamãe e papai para carregá-lo. Eles tiveram que me deixar lá, me fazendo prometer ficar no peixeiro enquanto eles partiam para a cidade baixa.

Mamãe sussurrou para mim: —Você é nossa garota em chamas, então fique quieta. Seja suave e seja boa. Sem vaguear, sem queimar, e especialmente não com estranhos. Lembre.

—Eu vou —, eu disse. —Lembrarei.

Nosso peixeiro estava atracado, cercado por árvores. Eu estava espiando, olhando para a praia e cantarolando a música de Verão, quando um grupo de crianças apareceu. Eles brincavam nas palmeiras, com suas roupas de joias, e então eu pensei que eram joias como eu. Eles pareciam amar o chão dourado tanto quanto eu, porque brincavam nele, jogando bolas úmidas de areia um no outro e rindo.

Crianças como eu, pensei! Eles não eram vagabundos de areia, porque pareciam muito chiques para isso, e eu achei que eles eram nobres, mas eu não me importei, porque isso não nos tornava diferentes, nem se todos nós queimássemos brilhantemente, e não se todos nós amávamos a areia.

O que poderia acontecer?

Eu corri para fora do peixeiro. Quando me aproximei deles perto de um bosque, eles pararam de rir e olharam com grandes olhos de bugiganga. Eu não sabia o que fazer, ou o que dizer, e não tinha pensado em trazer minha rede de areia ou a lança de papai para impressioná-los.

Rebitada, uma das meninas passou o olhar por minhas roupas e exclamou que eu era uma vagabunda de areia. Um garoto me desafiou, perguntando se eu tinha tesouro no meu barco. Subi a bordo e voltei com uma concha clara, tão clara quanto um pedaço de vidro, uma descoberta rara que meus pais devem ter esquecido de levar com eles.

O garoto pegou de mim e as crianças se reuniram para espiar, e ficaram inquietas quando ele colocou a concha no bolso. Eu peguei, mas ele não quis devolvê-la, e foi aí que o fogo começou a ferver. A concha era minha, minha e da minha família.

Eu queria de volta? O menino nobre perguntou.

Eu não confiei na pergunta, então fiquei lá, uma ferocidade se aproximando de mim quando o sol bateu nas minhas costas e fez as crianças apertarem os olhos, como se não pudessem me ver bem. E talvez eles não pudessem, não pudessem me ver bem, porque nenhum deles me defendeu ou me ajudou.

Se eu quisesse de volta, tinha que alcançá-la. Foi o que ele disse, depois enrolou a areia molhada e jogou-a para mim. Ela bateu no meu ombro e se partiu, e eu parei surpresa, tempo suficiente para que outra se quebrasse no meu pescoço, puxando lágrimas dos meus olhos. Sentindo a areia assim, vendo-a usada para uma coisa tão desagradável, uma piada tão mesquinha, pôs o fogo rugindo. Eu saltei atrás dele, esquivando-me do resto dos aglomerados que ele jogou em meu caminho, esquivando-me e torcendo, não deixando que ele me atacasse novamente. Ele não tinha direito à concha, nem direito de abusar da areia dessa maneira, nem direito de arruinar a bela praia com um desafio perverso.

Um momento depois, minhas mãos estavam em seu peito e eu estava esmurrando seu rosto nobre na costa, mas esse não era o problema. O problema era que tínhamos cambaleado pelo chão - e o chão estava afundando. Ele nos agarrou e começou a nos sugar, arrastando-nos para o seu calor, e era encantadora essa poça de manchas, então deixei o garoto ensanguentado ir e olhei em volta de nós.

Foi uma nova descoberta, a areia que se afoga, a areia movediça. Eu só tinha ouvido falar disso.

Uma das crianças gritou. Uma garota agarrou suas saias e pulou nas árvores, com o resto delas a seguindo.

Como eu não estava me mexendo, o redemoinho não me atingiu tão rápido quanto o garoto, que gritou e se debateu porque não sabia respeitar

ou entender a areia. Agarrei-me a uma raiz da superfície e consegui sair da bagunça, depois me arrastei até a borda e vi o garoto tropeçar e rosnar coisas para mim. Seria bom para ele se a areia o levasse, então eu olhei até ele chegar ao pescoço e começar a choramingar.

Foi o medo em seus olhos de bugiganga que me apunhalou, me fez sentir errada sobre isso, sobre assustá-lo, mesmo que não houvesse perigo real - era apenas areia e eu estava lá - e ele merecia a praia dar-lhe uma bronca. Eu ia tirá-lo de qualquer maneira, porque ele era apenas um garoto, um garoto diabólico, mas mesmo assim um garoto.

Ainda assim, eu queria fazer um voto primeiro, então perguntei se ele estava arrependido.

Ele alegou que estava, desculpe, por favor, ajude-me.

Eu disse a ele que sim, apenas se ele devolver minha concha.

Ele iria, ele gritou. Ele daria de volta.

Estendi minha mão e ele se lançou para ela, e nossos dedos roçaram quando um par de mãos enluvadas me puxou para cima. Então havia cavaleiros correndo no bosque, uma raquete de aço e gritos, as crianças nos calcanhares. Então o garoto estava sendo resgatado, sua boca sangrava de onde eu o havia derrotado e seu quadril sangrava da concha do mar, que havia sido esmagada em pedaços quando eu bati nele.

Eu lamentei os pedaços claros que caíam do bolso do garoto. Eu não tinha cumprido minha promessa a mamãe e papai como deveria, e assim um tesouro foi destruído, e os lábios do menino jorraram de uma fenda, e eu não tinha honrado a areia da maneira certa. Eu não tinha a intenção de errar, era um acidente, mas estava tudo bem agora, e não havia nada para se preocupar.

Mas as crianças estavam berrando que eu saí do nada e ataquei o amigo, e o garoto não disse nada sobre isso, nada sobre pegar minha concha ou me morder, porque ele estava muito ocupado tossindo grãos. Disseram que eu o carreguei direto na areia movediça, e que eu o estava empurrando, afundando com ele como uma garota louca.

—Como uma garota louca —, eles choraram. —Uma garota louca, uma garota louca!

Eu corri para eles, gritando que era uma mentira, eles estavam mentindo, e os cavaleiros me puxaram de volta, e ouvi o garoto dizer a eles em uma voz baixa e trêmula que eu estava prestes a deixá-lo se afogar. Repetidas vezes, ele repetia que eu queria deixá-lo se afogar, parecendo que ele realmente acreditava nisso, acreditava que eu faria isso.

Eu não teria. Eu teria dado uma pancada nele e poderia ter lascado um dente, mas não teria feito pior. Eu só queria minha concha de volta, queria que ele parasse de arruinar a areia.

Os cavaleiros me atravessaram a costa. Quanto mais eu gritava: — Eu não sou louca! Eu não sou louca! Mama! Papa! Eu não sou loucaaaaa! — quanto mais eles me seguvam.

Mais tarde, Pyre se regozijou e me disse que não apenas eu fui levada, mas eles também pegaram meus pais. Eles foram jogados em uma masmorra por esconder uma tola da Coroa, enquanto eu fui enviada para a Torre dos Loucos, para uma cela minha e para Pearl.

Quando os cavaleiros me roubaram, a última visão que levei foi da praia, das minhas pegadas na areia.

A respiração de Jeryn encheu a caverna quando terminei o conto. Sua testa franziu, o pavor atravessou o rosto. Eu me perguntei se a

história da areia movediça o lembrava da lagoa que o afogara e que eu o salvara, até que ele perguntou: —O garoto tinha um lábio partido?

Eu estremeci. *Eu não quis fazer isso.*

—E calças ensanguentadas?

Da concha do mar.

Jeryn virou-se para passar os dedos pelos cabelos. Eu olhei para ele, quase perdendo o que ele disse em seguida. —Eu estava lá.

O que? Eu perguntei.

Ele me encarou de novo, como se tivesse me ouvido. —Eu estava lá.

Não, você não estava. Eu teria lembrado de um garoto de cabelo azul.

—Eu estava por perto. Na mesma praia. O dia do tubarão sereia.

Oh. *Oh.*

Sim naquele dia. Ele e suas tias-avós viajavam pelo litoral com as coroas de verão, e havia cavaleiros escoltando os membros da realeza, e porque esses membros da realeza queriam ser privados, um grupo de crianças foi forçado a migrar para outro lugar.

Jeryn me lembrou: —O garoto com o lábio partido. Eu o vi mais cedo naquele dia, na praia com as outras crianças. Quando minhas tias-avós me levaram à enfermaria, ele foi internado logo depois. Ele chamou minha atenção porque tínhamos a mesma idade. Os médicos sussurraram que ele havia sido atacado por um monstro idiota perto do oceano, como eu fui... ou era isso que eu considerava o tubarão-sirene.

Fora da caverna, o oceano assobiava. Dentro da caverna, os olhos negros de Jeryn agarraram os meus. Se ele não estivesse lá, essas crianças não teriam viajado para outra parte da costa, e não teriam me visto, e eu não teria entrado em problemas.

Seu rosto não mudou, mas eu vi além do vazio ali. Eu passei por ela e encontrei a culpa e, em vez de explodir em chamas, me senti cansada, muito cansada.

Não se desculpe, eu disse. *Você não fez isso acontecer.*

—Flare... não é sobre o seu temperamento ou o que você fez com aquele garoto. Ele era um nobre. Ele estava em choque, e as outras crianças gritaram em sua defesa, eu suspeito por histeria. Com isso e os eventos do meu lado da praia, Verão deve ter confundido a cena com loucura...

Não sabia que caíríamos na areia movediça. Eu queria dar a ele um olho roxo - tudo bem, talvez dois olhos roxos - mas eu não o deixaria se afogar.

—Eu sei disso. Você sabe disso. Aqueles cavaleiros idiotas não.

Pyre disse que eu tinha uma loucura impulsiva e imprudente.

—Essas são características, consideráveis, no entanto... — Jeryn segurou meu olhar. —Você quer saber o que eu penso?

Eu gostaria de *poder dizer não, como costumava dizer.*

—Qualquer pessoa pode ser suscetível a impotência ou imprudência. Sua aflição está enraizada em outro lugar.

Devagar, com cuidado, ele me disse o que pensara desde o começo, quando chegamos à nossa ilha. O mito deste lugar, meu vínculo com ele - era o que ele via como loucura. E se eu dissesse ao mundo, e se eu atuasse, ele disse que todo mundo pensaria isso também. Eu teria rido na cara dele, mas me incomodou pensar nas pessoas dizendo que magia era loucura, pensar nelas me acusando, me enjaulando, por conhecer a Ilha do jeito que eu conhecia.

Mas então, é claro que sim, porque não foram escolhidos como eu. É por isso que ninguém mais veria esta ilha, jamais seria convocado aqui.

É isso que você realmente pensa? É por isso que você me acha louca?

Após uma longa pausa, muita reflexão e reflexão, Jeryn respondeu: —Eu sei que o mito é real para você. Você pode aceitar que isso não é real para mim? Podemos concordar com isto?

Como outra trégua.

—Algo assim.

Em vez de usar os lábios, escrevi na areia, *por enquanto.*

—Por enquanto. — Ele concordou.

Eu não gostei do que ele me disse, mas sabia melhor sobre a ilha, e mesmo que não fosse real para ele, seus olhos e sua voz entenderam o que isso significava para mim. O silêncio dele abraçou minha história, como eu abraçara as suas anos atrás. E, de alguma forma, em sua admiração pelas plantas e árvores, pela fonte e pela caverna, e pela amizade que havíamos encontrado aqui, eu sabia que ele se importava com esse lugar.

Jeryn olhou para mim, lendo minha mente, depois olhou para mim, lendo o mar. A vista, onde o oceano se juntava ao céu, parecia arrastar as palavras para fora dele. —Antes, você perguntou o que me fez pensar que *eu* não era o louco. É nisso que você acredita em mim. Não é?

Pensei em seus demônios, em seu tubarão-sirene e em seus ataques de pânico, na verificação nervosa de seu pulso, na maneira como ele tratava os tolos, e na maneira como ele me tratara uma vez. Pensei no ódio dele, no ódio de tudo.

Se eu era uma garota louca, ele era um príncipe louco.

Ele engoliu como se eu tivesse falado, como se soubesse minha resposta. Respiramos plumária, deixando o tempo passar até que ele retornasse à minha história, encontrando meu olhar. —Você não mereceu.

Eu disse, *só porque você estava naquela praia não significa que você me enviou para a torre.*

—A ignorância enviou você para lá. Membros da realeza como eu mantinham você lá.

Então me diga que se você fosse resgatado, mudaria Inverno para que seu reino parasse de escravizar tolos - para que parasse de chamá-los de tolos.

—Nenhuma solução está sem sua desordem, Flare. Eu daria os passos, mas isso não garantiria nada. O Inverno pode tomar a iniciativa, como o Outono fez, mas nenhuma terra pode mudar o mundo em um piscar de olhos. Isso requer algo mais poderoso que uma coroa. Isso requer tempo. Paciência.

Os líderes certos, com o espírito certo, com as vozes certas.

—Entre muitas qualidades. É uma tarefa difícil.

Imaginei como seria a voz certa. *Você está triste por não poder me ouvir?*

—Estou triste que você não possa se ouvir. Estou triste por você não ouvir mais sua própria voz. Estou triste que você tenha perdido. Estou triste por você. Não por mim.

Não sinta. Eu ainda posso falar por mim.

A boca dele se curvou. —De fato. Você pode.

Você quer ser resgatado?

Jeryn virou-se para o laboratório improvisado. —Eu não sei.

Ele estava mentindo. Eu vi, e ouvi, a mentira. Ele considerava a ilha querida, mas não me enganava. Ele sabia.

Os aromas de pétalas e príncipes encheram meu nariz. Peguei seu queixo e girei em minha direção. *Ainda há amor a ser tido.*

Ele se inclinou no meu toque. —E se eu não for capaz disso?

Lembrei-me de três anos inteiros. *Vamos descobrir.*

CAPÍTULO VINTE E OITO

GELO

Sentados na beira da lagoa, eles observavam suas pernas borradas balançando, pastando nas flores da água. Ela meditava. Ele estudava. Esses dois hábitos pareciam a mesma coisa e o contrário, uma observação em conjunto. Um equilíbrio.

A luz do sol modesta filtrava-se através das árvores. Arbustos de samambaia cercavam a lagoa. As cachoeiras caíam sobre a colina e caíam em uma nuvem opaca.

A atmosfera havia mudado desde a visita anterior de Jeryn com Flare. Periquitos balançavam das palmas das mãos, audíveis sobre a corrida. As quedas pareciam sussurrar em vez de cair. Sons domésticos. Enigmático. Íntimo.

Pequeno Cavaleiro havia escolhido encontrar seu próprio fluxo em vez de se juntar a eles, como se suspeitasse que os humanos exigissem privacidade humana. Muito melhor. Até Jeryn, que quase não se dizia intuitivo, sentiu isso. A mudança neles. O reconhecimento disso.

Se essa fosse uma ocasião comum, ele faria um comentário sobre a profundidade da lagoa. Ou talvez a disparidade entre afundar e flutuar, o significado da massa corporal e da densidade da água. Ele refletiria sobre os benefícios físicos da natação.

Se fosse uma ocasião comum, ela apontaria o peixe e suas barbatanas iridescentes atrás de si como longas bandeiras. Ela tentaria fazer cócegas em um deles. Ela perguntaria a ele que tipo de peixe ele escolheria, se ele tivesse uma escolha. Subia à coroa das cataratas e mergulharia sem pensar em profundidade, bordas afiadas, fatores de escorregamento.

Ela se divertiria mais do que ele, ou se arrependeria. Ele a invejaria, ou não.

Se o mergulho resultasse em arrependimento, ele teria que administrar uma pomada. Do que ela reclamaria e depois o pagaria com algo feito à mão.

Imprudência e advertência. Ousadia e contenção.

Eles continuariam a capinar ao longo dos dias. Perto do meio termo, onde eles poderiam ouvir um ao outro e entender.

Ou eles já haviam encontrado o meio termo. Agora. Aqui.

Porque isso estava longe de ser uma ocasião comum.

Isso era pacífico, sem brigas. Sem impulsões ou declarações de lógica. Flare esticou as pernas para pegar um espectro de cores nos pés, mas ela se esforçou para pouco mais. A mente de Jeryn se contentou em desviar. Aceitar.

Quando crianças, eles sofreram traumas. No mesmo dia. No mesmo lugar.

Sua memória, seu cativeiro e como ela tinha sido abusada na torre. Tudo isso levou a uma ilusão enlouquecedora sobre um lugar seguro, mágico e invisível que lhe pertencia. Uma ilusão com a qual ela ainda mantinha fé. Uma maneira de lidar.

Enquanto Jeryn passou a vida temendo que ele ficaria louco por causa de um tubarão-sirene. Uma mordida que quase aconteceu... quase,

mas nunca realmente aconteceu. Ele havia se tornado um príncipe frio e brutal, com medo de se tornar como as pessoas que testava, embora suspeitasse que já era.

Ele suportava a tolice de mais maneiras do que ele poderia ter imaginado. Porque o tubarão não o fez cruel. Nem o seu pânico.

Eles criaram medo nele. Mas *ele* se tornou cruel.

Nem a natureza, nem as memórias eram as culpadas. Ele fez a escolha. Uma escolha que nem mesmo o presente de uma família amorosa poderia fazer.

Essa era a verdadeira definição de tolice.

Ele e Flare disseram tudo o que queriam ontem e depois dormiram. Eles não fizeram uma única declaração desde que acordaram. Nada além do pedido de Flare de vir aqui à beira do amanhecer.

Sorrindo, ela descansou a cabeça no ombro dele. Uma ação que o inundou com sintomas intransponíveis, nenhum dos quais Jeryn se preocupou em analisar ou diagnosticar. Abaixando a cabeça e torcendo o rosto na direção dela, ele deixou ser.

Um furo. Um aperto. Um amolecimento.

Os pulmões dele. As pontas dos dedos. Seu coração.

Então um desafio. Sua mão começou a viajar, a se aproximar. Os nós dos dedos roçaram os dela, pedindo permissão. Sem desviar o olhar da água, ela respondeu em espécie, retribuindo com os dedos. Eles se aproximaram e se espalharam, permitindo que ele entrasse. Ela entrelaçou os dedos no topo da grama, olhando para o aperto entre eles.

Aquelas mãos fortes e resistentes envolveram as dele. Seus olhos se fecharam quando o pulso em seu pulso balançou, batendo nos dela.

Para seu desapontamento, Flare se afastou depois de um tempo, embora ele não pudesse entender por quanto tempo eles estavam ociosos. Ela usava seu antigo trapo hoje, não o lenço de sua mãe. De pé, ela pegou a bainha e a tirou.

Jeryn a observou. Ousado. Sem vergonha.

Ela entrou na lagoa. A corda de sua coluna e de suas costas desapareceu.

Ela nadou. A alma viva mais brilhante da água.

Jeryn se despiu, estendendo a mão para trás e tirando a camisa, depois se despir da calça e do colar do frasco. Um raio de sol acariciou suas coxas.

Em casa, a enseada estaria acesa e fumegante. Aqui, ainda não.

Quando ele entrou, a água cedeu, varrendo o caminho como uma coisa assustada. Então voltou para ele, roçando as articulações como uma coisa curiosa. Ele e sua companheira se remaram, mantendo-o na borda externa, ela no centro. Enquanto tomavam banho, seus olhares voaram um para o outro, lançando olhares secretos que não eram nem um pouco secretos.

Na base das cataratas, Flare deslizou sob o dilúvio, deixando-o correr pelas suas curvas. Ela jogou a cabeça para trás, aproveitando o ataque.

Eles mereciam comemorar. Sem banquetes ou festas. Não era necessário.

Jeryn bombeou seu caminho para as cataratas, para onde Flare esperava. Seus cílios molhados bateram. Os olhos dela se transformaram em conchas largas quando ele se levantou, com a cintura subindo os dois últimos degraus.

Seus braços alcançaram através do fluxo, os dela ao redor do pescoço dele, enquanto os dele envolveram seus quadris. Eles se abraçaram. Nus. Mergulhado. Seus seios foram esmagados contra o torso dele, a testa pressionada contra o queixo dele. Tão bem embalados juntos. Tão seguro.

Flare exalou fogo em seu pescoço. Jeryn inalou a linha de cabelo em sua têmpora, induzindo arrepios.

As cachoeiras caíam em cascata sobre eles, mas não se perderam. Isso era bom demais. Um momento envolvente. Espontaneidade e serenidade. Ele poderia ficar com ela assim o dia todo.

De alguma forma, as pernas dela e o aperto dele chegaram a um acordo. Eles se comunicaram, e a próxima coisa que Jeryn soube, suas mãos se apertaram em torno de suas nádegas e a levantaram do chão. Como se por um mecanismo, as pernas dela se unissem à cintura dele, as pélvis deles roçando.

Estações toda-poderosa. Nada poderia tê-lo preparado para a loucura deste momento. Uma erupção de calor e músculos galvanizados.

Jeryn não sabia o que fazer sobre isso, então ele saiu, carregando-a ao redor da lagoa. A água os subjugou, esfriando sua virilha e as bochechas dela. Ele os flutuou pelo lago, sem rumo e sinuoso, desprovido de outro propósito que não fosse puro alívio. Ela brincou com as raízes do cabelo dele. Ela mordeu o nariz dele, que ele enrugou, não acostumado a tocar, mas ele permitiu que ela fizesse o que quisesse, desde que essas mãos o segurassem. Contanto que a boca sorrisse, mostrando seu molar desaparecido.

Ela era bonita. Ela não tinha limites.

Ele não aguentou. Tampouco ela poderia suportar qualquer miríade de pensamentos que surgia em sua mente. Ela sentiu essa mudança. Ele sabia dessa mudança. O sentimento e o conhecimento estavam à beira de colidir.

O que ele não previu foi o quão sensível seria a colisão. Eles voltaram ao lugar onde começaram. Na borda projetando-se na água, seus movimentos se desenrolaram. Ela segurou-o quando ele se aproximou, erguendo os dois na grama e depois se desenrolou dele, inclinando-se para a frente ao mesmo tempo em que ele reclinava. Enquanto ele se arrastava pela arreia, ela se arrastou para frente. Pendurado sobre ele. Pingando em cima dele.

A água deslizou de seu corpo e caiu no dele. Ele deslizou de uma ponta a outra, dele, dos mamilos ao caminho dos cabelos sob o umbigo. Seu equilíbrio oscilou, os cotovelos quase cedendo.

Eles pararam. Os quadris dela se curvaram, seu corpo cintilante estava acima do corpo dele.

Jeryn olhou para as pupilas dilatadas e o botão de carne batendo no pescoço. A visão de sua boca entreaberta, marcada pela beleza de uma única mancha de areia na dobra de seus lábios, roubou-lhe o fôlego. Ela o sufocava sem lhe dar um tapinha na garganta.

Ele teve alguma experiência, beijando um homem e depois uma garota. No entanto, ele deveria ter prestado atenção quando seus colegas trocaram histórias de desejos realizados. Tontura. Mistificação. A aniquilação da lógica.

Havia outras respostas corporais também. O latejar que ele se esforçava para conter, principalmente quando o olhar dela mergulhou em seu abdômen, depois em seus quadris, depois mais baixo. Ela explorou

com os olhos, olhando para ele como se ele fosse uma miragem. Ou um mito.

Ele ansiava por se tornar isso para ela. Ele queria isso longe demais.

Essa loucura. Essa normalidade.

Jeryn inclinou a cabeça, acenando com a boca enquanto oferecia a sua. Ela se inclinou para frente, seus lábios um sussurro dos dele. Ele sugou o calor dela e acreditou que poderia subsistir por dias.

No entanto, ele agonizou porque poderia haver mais. Para ambos.

Então ele fez um acordo com ela. —Eu trocarei meu beijo pelo seu.

Quando ela sorriu novamente e assentiu, Jeryn se moveu.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

FOGO

Quando ele se moveu, eu me movi. Eu me afastei dele, esquivando-me de sua boca, amando o jeito que ela alcançava a minha, com o objetivo de diminuir a distância e pressionar-se contra mim. Seus olhos se fecharam, pratos de confusão negra enquanto eu evitava o beijo - um beijo que eu desejava.

Apoiado nos cotovelos, Jeryn olhou para mim, um colar rosa na garganta, uma visão engraçada e rara. Eu dei permissão e depois o evitei, e isso o confundiu, mas ele esperou, porque ele sempre esperava.

Ele também se preocupou. Eu havia mudado de ideia? Ele fez algo errado? Ele me pressionou para fazer isso?

Ele não fez nada de errado, eu queria dizer.

Eu queria isso, eu queria dizer.

Pensei no pedido que ele me deu no meio da noite, na caverna. Lembrei-me das coisas maravilhosas que ele fez no meu pescoço enquanto eu montava nele, assim como eu fazia agora.

Colocando meu dedo em seus lábios, eu disse: *isso primeiro.*

Minha cabeça mergulhou, minha boca pegando a garganta de Jeryn como um prêmio na minha rede. Ele ficou tenso e depois caiu quando meus lábios provaram, minha língua traçando uma veia, minha boca

desenhando em seu ritmo estrondoso. Eu o beijei lá. E no auge de sua garganta, a parte redonda que balançava sempre que ele engolia, eu a agarrei. E sob sua mandíbula, eu lambi enquanto um som confuso tremia dele, seu aperto cavando minhas panturrilhas, me queimando lá - em todos os lugares. Fiquei maravilhada e doí por mais desse calor.

Um gemido silencioso deslizou do meu peito. Ele poderia ter sentido isso, de alguma forma, a ondulação dentro de mim, porque tremeu em resposta, e lutou para manter a cabeça erguida, determinado a não deixar ir, para se impedir de ceder. Ele temia perder o controle comigo, de dominar isso de qualquer maneira, e eu senti o porquê.

Ofegando, eu o soltei. Os músculos do estômago dele se apertaram sob minhas coxas. Havia tanto peso embaixo de mim. As Estações o agraciaram com um corpo bonito e, finalmente, eu já tinha visto tudo, e isso me transformou em massa.

As pálpebras de Jeryn se abriram. Ele olhou entre nós, para onde eu o estendi, e eu conhecia aquele olhar de atenção, preocupação e dilema. Não se tratava de criação, desde que eu fui esterilizada na torre, com uma mistura feita pelo Inverno. Nós dois sabíamos disso.

As porcas e os parafusos giraram dentro dele, repletos de perguntas. Fomos autorizados? Ele foi autorizado? Devíamos parar? Eu sabia o que estava pedindo? Eu sabia? Sabia?

Então ele procurou meu olhar, porque parecia certo para ele, mas precisava ser certo para mim, esta manhã, esta hora. Ele precisava saber que eu estava aqui com ele, que meu coração era verdadeiro, que meu coração se conhecia o suficiente, que eu o queria de maneira diferente de como eu queria a ilha.

Eu senti isso e agarrei seu rosto. *Olhe para mim.*

Ele fez, e eu coloquei minha mão sobre o lugar onde meu coração brilhava. *Eu tenho um, como você tem. Ele bate, assim como o seu. Sabe para que,* eu sussurrei. *Me conheça, Jeryn. Me conheça agora.*

Eu queria tê-lo e compartilhar a mim mesma - compartilhar, não dar - e vi o momento em que Jeryn se deu conta. Ele soltou seu aperto em mim, seu corpo descongelando no chão, a maré de seus cabelos azuis escorados na grama. Ele deitou-se, puxando meus joelhos e engatando minhas pernas em sua cintura, convidando-me a cobri-lo, oferecendo-me as escolhas que eu queria.

Trabalhamos juntos, nossos olhares sem piscar enquanto nos atrapalhamos, sem saber o que fazer a princípio, mas descobrindo, descobrindo *aqui* e *ali*. Nossos toques flutuaram, pelas minhas costas, pelo peito dele, segurando meus seios. Eu gostei enquanto ele fazia sons para nós dois.

Apoiando minhas mãos em seus quadris, comecei a balançar, cada pressão o lançando em um gemido e eu em um estupor. O local entre as minhas coxas fervia de vida contra o local entre as dele.

Quando esses lugares se encontraram, ele ficou mais firme e eu derreti. Nossos olhos se mantiveram enquanto manobrávamos, encontrando o caminho para onde eu abria, para onde ele me encheu pouco a pouco, avançando e depois recuando, nossos corpos lambendo como ondas, pontuados por gritos abafados e gritos ensurdecedores.

Então aconteceu. Ele se levantou e deslizou dentro de mim completamente.

Porque eu conhecia a dor, não poderia chamá-la de verdadeiramente dolorosa. Eu balancei acima dele, e ele tremeu debaixo

de mim, e demorou um pouco para me recuperar, um tempo para me concentrar.

Quando as dores diminuíram, descobrimos um ritmo e um local profundo e sagrado. Inclinei-me ainda mais sobre ele, minhas mãos encontrando as mãos dele, nossos dedos entrelaçados, apertando os lados de sua cabeça, um nó de nossa própria fabricação. Quando eu afundei nele, ele se levantou para mim.

Eu esperava ondas de maré, fogo e gelo batendo juntos. Eu pensei que seria desesperado, com minhas unhas arranhando e suas íris perfurando. Por todo o calor e frio, por todos os anos de cortes e gritos, nenhum de nós havia previsto esse lento e doce acasalamento dos quadris.

No final, éramos mais gentis um com o outro do que jamais havíamos sido.

Imaginei vê-lo, queimaduras solares nos ombros, gotas de orvalho nas têmporas, lábios separados. Fiz muito barulho pelo movimento, comunicando o que este fez para mim, como *ele* e *nós* sentíamos. Eu disse *sim* no arco das minhas costas, *sim* no aperto dos meus dedos.

Em seus braços, eu flutuava. Jeryn enterrou a cabeça no meu pescoço, e eu gostei do peso de seus gemidos lá, e eu respondi com o peso das minhas próprias respirações soprando em seu ouvido. Nos enredamos um no outro, toda a umidade e calor da pele. Ele deu, e eu dei, e ele devolveu.

Embora ele fosse um garoto paciente e eu fosse uma garota exploradora, não duramos a eternidade que eu esperava. Apertamos e coroamos rapidamente a raiz dura do nosso prazer. Ele derramou do centro de nós, correndo pelos meus braços e pernas, areia quente escorrendo por mim, brilhando no meu sangue, daquele lugar onde ele se

moveu dentro de mim e se espalhando pelas minhas solas, pelos meus lábios. Minha boca tremeu quando ele quebrou.

Éramos nós juntos, expostos ao mundo, ousando aquele mundo. Éramos nós, uma união delicada. Éramos nós, da floresta tropical.

Nós rolamos em uma poça. Jeryn se encaixou em cima de mim, seu corpo enterrado dentro do meu e meus membros o flanqueando, recusando-se a deixá-lo ir. Os cabelos ao longo das minhas pernas fizeram cócegas nos dele, meus pés descansando nas costas de seus joelhos. Suspirei para o céu, meus dedos nadando em seus cabelos.

Ele se equilibrou em seus braços, cauteloso em me esmagar. Ele varreu o cabelo do meu rosto, para ver minha expressão.

Trocamos respirações e finalmente *nós*. Trocamos o beijo dele pelo meu.

Nossos olhos se fixaram quando ele se inclinou e procurou minha boca. Ele esboçou meus lábios com os dele, e eu inclinei minha cabeça com a dele e, ao mesmo tempo, nossas bocas se abriram e fecharam juntas. E aconteceu de novo e de novo e de novo.

E então sua língua entrou, puxando a minha, acariciando a minha, o contato liso fazendo-nos ofegar. Ele pegou minhas bochechas em suas mãos, sacudindo entre meus lábios, tanto que minha mente girou. Provei ouro, azul, sal e gelo.

Nossas bocas puxaram, inclinaram e moldaram. A cada vez, a cada novo ângulo, nos observávamos. Nós ofegamos no próximo beijo, e no próximo e no próximo.

As cachoeiras nos enevoavam, e as palmeiras balançavam, e eu tinha esquecido onde estávamos, e continuei a esquecer, e me certifiquei de que Jeryn se esquecesse comigo.

Nós beijamos nosso ódio pra longe. Como fizemos, o sol nasceu.

CAPÍTULO TRINTA

GELO

Quando eles voltaram para a caverna, o sol se pôs. Em um ponto, os braços de Jeryn deslizaram ao redor de Flare por trás. Ele enterrou o rosto na lateral do pescoço dela, fazendo-a rir e dificultando a caminhada. Eles tropeçaram à frente.

A detecção de perigos tornou-se uma segunda natureza. Ruídos ou odores predatórios seriam notados rapidamente. Mas não havia, então Jeryn continuou a abraçá-la.

Eles não fizeram nada além de descansar na lagoa o dia todo. Nadar, beber da cachoeira, esparramados nus na grama.

Ele a mapeou, passando um dedo solitário pelo corpo dela. Ele nomeou as várias partes dela, dando instruções com a voz de um professor de esqueleto.

Em seus dedos delicados, ele murmurou: —Aqui estão as falanges.

Ao longo de sua canela, —A tíbia.

Sobre o joelho. —A patela.

Na coxa. —Fêmur.

Ele viajou dos quadris para o estômago. Então, do outro lado do peito, —Esterno. E aqui... — Para as mãos dela, onde ele beijou os dedos dela e murmurou novamente: — Falanges.

Ele não conseguia parar de senti-la. Ele não conseguia parar de obter respostas dela.

Não fazendo nada, eles fizeram tudo, repetindo-se várias vezes. De várias maneiras. Eles não haviam se juntado pela segunda vez, apesar de terem encontrado outros modos de intimidade. Procedimentos físicos que o deixaram perplexo. Pontos eufóricos que a deixaram feliz. Os lábios dele no pescoço dela. Os dedos dela delineando seu abdômen, experimentando a tensão ali. Eles se exauriram, com a língua dele passando pelo umbigo dela e a espinha estalando no chão como um arco.

Atrito, ritmo, cadência. A fusão dos três os fez tremer por ar.

Como alternativa, Jeryn se preocupou com a explosão de seus sinais vitais e depois não se importou. Ele decidiu que seus pulmões e coração poderiam se romper, se necessário.

De volta à caverna, eles tiraram as roupas e se deitaram no palete dela. As costas dela se curvaram contra o peito dele. O braço dele descansava sobre o quadril dela. Os pés deles se juntaram.

Como alguém se dirigia a um amante depois desse tipo de união? Em Iradis, ele não havia pesquisado a ciência do amor, muito menos praticado. Sem contar seus dois encontros... ou tarefas. Tudo o que eles foram referidos.

Flare o acusaria de pensar demais. Ela o ouvia, e ele a ela, mas nem sempre. Suas fantasias e ataques eclipsariam seu raciocínio e placidez. Da mesma forma, suas reações se inclinariam para o negativo e falhas. Frustração. Ira. Frieza.

Não eram um emparelhamento fácil. Essa era uma descrição apropriada para alguém?

No entanto, em momentos como este, eles reinaram. Serenidade. Compreensão.

A boca de Jeryn roçou seu lóbulo da orelha. Flare ergueu a orelha.

—Perdoe-me —, disse ele. —Eu mal podia esperar para te beijar novamente.

Ela roubou os dedos dele e os colocou sobre os lábios, para que ele pudesse lê-los. Ele conhecia seus lábios tão bem.

Mal podia esperar? Ela repetiu.

—Mal podia esperar. — Ele respondeu.

Houve uma pausa. Ela poderia tê-lo provocado por sua falta de paciência. Em vez disso, seu sorriso presunçoso percorreu seu toque.

O amor era um perigo para todos. Para o coração. À sanidade.

No entanto, todos se atreveram a tê-lo. Porque dava vida.

Simultaneamente, ele chegou a essa conclusão exatamente como ela fez um anúncio. *Isso significa que você me ama,* ela murmurou.

Ele não respondeu. Não conseguia.

Mas, quando adormeceu, Jeryn concluiu que a alegria e o arrebatamento se encaixavam bem no corpo. Fluxo sanguíneo. Palpitações. Formigamentos. Eles representavam um novo tipo de cura.

Este também foi o primeiro pensamento quando ele acordou no meio da noite, com as costas de Flare pressionadas contra ele. Ele a sentiu mais do que a via. Estações, como ele a sentia. Como ele se sentia com ela.

O formato dela se encaixava no dele, os cabelos contra o nariz dele. O calor dela enchendo a palma da mão, o estômago subindo e descendo quando ele a segurou lá. Jeryn notou o leve movimento de seu corpo. Ela estava acordada. Ambos estavam muito acordados.

A chuva batia do lado de fora da caverna, sua fraca névoa indicava uma forte chuva. O oceano passando os dedos molhados sobre a areia.

No mesmo instante em que ele abaixou a boca, ela girou a cabeça por cima do ombro para pegá-la. Suas línguas se encontraram, o vapor de seus lábios sob os dele. A escuridão aumentou a sensibilidade enquanto se procuravam no escuro. Pele sobre pele. Suor.

Eles se viraram, Jeryn girando sobre ela, Flare se envolvendo com ele. Colocando as mãos no palete, ele se suspendeu sobre ela, a pélvis ondulando entre as coxas dela. Ela agarrou seus quadris e empurrou contra ele, pedindo um ruído desarticulado de sua boca.

Ele não era mestre nisso, mas se comprometeu com isso. Ele deu a ela o que ela pediu, ajustando seus movimentos aos dela. Seu corpo entoou o que sua voz não pôde, divulgando o que ela gostava. Suas ministrações errantes enviaram tremores do couro cabeludo aos calcanhares.

—Flare. — Disse ele.

Jeryn, ela gemeu em seus lábios.

Quando ele deslizou dentro dela, ela ergueu os joelhos e o enraizou ainda mais, apertando os membros em volta da cintura dele. Estações todo-poderosas, ele se certificou de que ela encontrasse euforia primeiro.

Que termo convinha a isso, ele queria perguntar a ela? Acoplamento ou consumação? Transar ou fazer amor? Ninguém exalava como era a efervescência de seu clímax. A construção de seu delírio. E a liberação descoordenada que o atormentava, puxando um suspiro da boca.

Doloroso. Requintado. Verdadeiro. Mítico. Natural. Não natural.

Ódio. Amor. Paciência. Ousadia. Gelo. Fogo.

Inverno. Verão.

CAPÍTULO TRINTA E UM

FOGO

Verão e inverno. Não havia duas estações menos parecidas, mas ele me esfriava e eu o aquecia. E a partir disso, encontramos uma maneira de beijar. E a partir disso, encontramos uma coisa mágica chamada liberdade.

Então, pensando, eu me agitei em seus braços fortes, sonolenta de dormir. De manhã cedo, agarrado às paredes, e eu o peguei olhando para mim com medicina em sua mente.

—Você dormiu? — Ele perguntou. —Como você está? Algumas partes de você estão desconfortáveis?

Venha aqui, eu bocejei, estendendo a mão para ele.

—Você está sentindo algum desconforto físico?

Sim. É desagradável que você não venha aqui.

—Você está dolorida?

Um pouco. É adorável. É como se você ainda estivesse lá.

Eu nunca pensei que um garoto de inverno pudesse corar tanto. — Você... quer que eu esteja?

Eu rolei por cima e o empurrei para baixo, meu peito nu raspando os cabelos finos dele, os músculos balançando debaixo de mim. *Quero saber o que mais podemos fazer um com o outro.*

Ele ouvira coisas no inverno, e meu corpo parecia adivinhar coisas, então fizemos disso uma missão, uma exploração e um teste. Nós nos mudamos para posições diferentes, para ver como elas pareciam, se contorcendo e se mexendo, nossos membros travando ou fracassando, nossos braços segurando ou se atrapalhando.

Havia: *Como é isso?* e *que tal isso?* e *Talvez isso* e Definitivamente *isso não.*

Jeryn murmurou: —Isso não parece certo. — E eu ri, *não consigo sentir meu pé.*

Quando tentamos nos consertar, acidentalmente dei um tapa nele e comecei a cacarejar, e ele tentou pegar minha risada com a boca. E acabamos comigo esparramada nele novamente, minhas pernas presas ao redor de seus quadris.

—Absolutamente assim. — Ele murmurou.

Mmm. Agora?

Meu pedido o fez rir. —Mais tarde.

Eu não queria *mais tarde*, e mostrei a ele roçando minha mão, até a parte dele que me desejava, e vi seus olhos embaçados. Ele me virou, me esmagando contra ele e mergulhando no meu beijo, seus lábios se dissolvendo nos meus.

Em um gemido, ele recuou, acariciando meu pescoço enquanto eu penteava sua juba. —Mais tarde, eu prometo —, disse ele, faminto contra a minha garganta. —Precisamos ter paciência. Não temos nada além de tempo.

Eu confiava nisso, e confiava nele, então o deixei ir.

Ao meio-dia na praia, ajoelhei-me e escrevi meu nome na areia, transformando-o em uma ilha com chamas e enseada, areia e ondas

iluminadas pelo céu. Quando Jeryn me ensinou minhas letras, a primeira palavra que pedi para aprender era meu nome e hoje me tornei meu próprio mapa de formas e distâncias. Dessa maneira, eu podia me ver de novo, e não sabia o que pensar disso, ou como me sentir sobre o que vi, o que me fez ter uma carranca.

Então o vento provocou meu vestido de lenço, batendo o limão contra mim como uma vela. Eu parei de franzir a testa e comecei a sorrir, e enfiei meu cabelo atrás da orelha e espiei Jeryn. Ele estava agachado e colecionava troncos na beira da maré, vestindo a camisa de papai com um buraco na bainha. O mar encharcava os trapos de Jeryn, e ele estava manchado com a pasta no nariz para protegê-lo do sol, e com o cabelo amarrado para trás com barbante de algas marinhas.

Ele olhou para cima e me viu. Imagens de ontem e da noite passada e desta manhã ferviam entre nós, e nós sorrimos um para o outro, secretos e não secretos. Seus lábios se curvaram quando ele abaixou a cabeça, e eu fiz o mesmo.

Estávamos revezando nos olhos, enquanto trabalhávamos, tímidos e tontos - sobre as coisas que ele queria fazer comigo, ou as coisas que eu queria fazer com ele, ou as coisas que já tínhamos feito - e então olhando para longe, sabendo que continuaríamos nos contando um ao outro com o passar das horas.

Estávamos na enseada oeste, onde eu tinha me lavado, onde montamos acampamento há tanto tempo. As árvores aqui derramam seus troncos mais facilmente do que na costa da nossa caverna. Eu tinha reunido uma quantidade decente de casca quando parei para desenhar na areia e dar outra olhada em Jeryn.

Pequeno Cavaleiro pulou para o meu lado, colocando suas pegadas no meu desenho. Ele voltou quando Jeryn e eu quebramos nosso jejum, e tive a sensação de que ele tinha ficado longe de propósito, como se conhecesse os rituais de acasalamento dos humanos. Meu dedo mindinho esfregou perto de sua garganta verde limão, e ele gostou disso, um coaxar flutuante brotando dele.

Empilhando nossa madeira na margem, demos um passeio na água, meus dedos entrelaçados com os de Jeryn enquanto conversávamos sobre nossas infâncias. Pequeno Cavaleiro saltou em direção ao mar, um soldado chamado para a batalha e depois recuou quando o atacou.

Depois, sentei-me no topo de uma rocha coberta de líquen, enquanto Jeryn descansava as costas contra ela, acomodando-se na areia, com as pernas sobre a frente e a cabeça no colo. Uma brisa varreu sobre nós, o cheiro de salmoura e flores em suas garras. Pensei no pescador, depois na minha jaula na torre, nessa praia e na floresta tropical vizinha. Eu chamei muitos lugares de casa, cada um deles escondido em suas próprias conchas, e essa ideia me fez sentir estranha, que eles poderiam ser tão parecidos. Não queria comparar a torre com este paraíso.

Jeryn massageou um dos meus pés, seus polegares mergulhando neles, retornando-me a visões pegajosas da lagoa ao amanhecer, e sua meia-noite tocando na caverna, e a memória desse garoto frio derretendo dentro de mim.

Ele mudou-se para o meu outro pé, e minha mente viajou para outros lugares, que ele sentiu, o que deixou sua curiosidade. Sempre que ele inclinava o bico assim, era uma oferta inoperante.

Torcendo, ele olhou para mim. —O que você está contemplando?

Se existissem mais de quatro Estações, como você acha que as outras seriam? Eu acho que uma teria tudo combinado.

—Tudo combinado.

Primavera, Verão, Outono e Inverno juntos em uma terra, divididos por meses e mudando de uma Estação para a seguinte.

Ele parecia irritado, mas divertido. —Eu não sei por que você fez a pergunta se você simplesmente quis responder.

Continue então. Me dê ciência.

—Você não quer ciência.

Meus lábios beijaram sua orelha. *Não, mas estou me sentindo generosa.*

—Eu declararia esse reino uma fantasia, mas esta ilha com sua floresta tropical existe para o mundo, então... talvez.

Esta ilha não existe para o mundo, eu defendi. *É sagradoa É nossa.*

—E pode ser, se quisermos isso —, ele respondeu em um tom ameno. —Mas algumas coisas não precisam ser exclusivas para você para que sejam suas.

Eu queria me revoltar, mas me importava muito com ele. E o que ele disse me lembrou meu nome na areia, vendo-me gravada ali, meus olhos agarrando as letras não apenas como formas, mas como um significado. Eu me perguntava o que aconteceria se eu tocasse a música de verão novamente, como havia feito mil vezes antes, e se eu a veria de maneira diferente e se seria estranho para mim.

Com um dedo, levantei o colar do peito. *Isso é sagrado - exclusivo - para você.*

—Não, não é. Mas é meu. Sempre foi. Isso é tudo.

Eu larguei o frasco. Sua resposta dançou na minha cabeça. Mesmo quando ele não o tinha, o colar era dele. E meus desenhos de areia eram

meus. Mesmo quando eu não estava perto deles, ou se o mar ou o vento os levasse, eles eram meus, e eu era deles.

Não parecia tão ruim, que o mundo conhecesse esse lugar, outra parte do cinturão de ilhas e a fivela do continente que formava o verão. Talvez compartilhar isso seria uma coisa alegre.

Não que isso aconteceria. A Ilha da Chuva Perdida estava escondida, destinada a mim. Estava esperando por mim, a garota que acreditava nisso, que sabia que mitos não eram mitos, eles eram reais.

Quanto a Jeryn, a ilha o acolheu porque ele veio comigo por acidente, ou também o queria, porque sabia o que nos tornaríamos naquele lugar e um no outro.

A ilha existia para ninguém além de nós. Foi feita para nós.

Ele levantou a cabeça e eu me inclinei, e sua mão desapareceu no meu cabelo, apertando minha nuca como se quisesse se manter firme. Senti sua mandíbula sólida e provei seu carinho. Enquanto nos beijávamos, levamos nosso tempo. Como ele havia dito, tínhamos bastante.

Perdemos a noção de nós mesmos até que as nuvens devoraram o céu. Uma chuva forte chegaria em breve, começando nesta curva da ilha, pelo que parecia. Ainda tínhamos alguns minutos antes de começar, então teríamos que nos esconder na floresta. Essa era outra parte das chuvas de que ele não gostava, quão pouco aviso as nuvens, ou a névoa ou o trovão nos davam.

Empacotamos nossa madeira nas novas redes que eu tinha tecido. Após o episódio da videira, Jeryn voltou para pegar nossas bolsas, porque ele as abandonou na pressa de me curar, mas elas não eram tão grandes e resistentes quanto essas fundas.

Eu gostaria que pudéssemos nos amontoar em algum lugar na praia e assistir a torrente que chegava, a chuva furiosa, mas isso provocaria uma briga. Embora o local onde montamos nosso acampamento anos atrás tivesse sido coberto, gotículas eram capazes de nos pegar lá, e não tínhamos mais uma tenda para nos proteger. Isso é o que Jeryn argumentaria.

Eu diria que alguns golpes de água valeriam a pena. Sempre que aquelas pequenas lâmpadas úmidas caíam, elas afagavam a areia com sua própria arte. Uma vez pulei pela praia com Pequeno Cavaleiro depois, para ver se conseguiríamos conectar as marcações e distinguir as formas deixadas pelo aguaceiro. Algumas eram estrelas e flechas e outros, fitas.

A areia suportava a chuva porque podia, e porque precisava, e porque todo tipo de água precisava cair, e porque a beleza vinha de muitas coisas.

Jeryn me dizia que a ilha não estava viva, que não estava esperando por mim ou ele, que as chuvas não tinham mente, nem a areia, alma. Mas seus pensamentos não me deixaram mais mal-humorada ou furiosa, e de qualquer maneira, eu não tinha força para brigar hoje, não depois de todos os nossos beijos e tombos.

Pequeno Cavaleiro pulou no meu ombro. Eu o esfreguei com o nariz, bem na alcova ao lado de sua barriga, seu ponto delicado, depois listei minha cabeça quando ele não grunhiu de alegria. Suas órbitas estavam inchadas em direção à floresta. Ele ignorou a chuva que chegava, incomodado por outra coisa que eu não conseguia sentir - não ouvir, cheirar ou ver.

Jeryn parou. Ele deve ter me notado, e Pequeno Cavaleiro, e a mudança no ar. O vento açoitava as árvores e eu...

—Flare. — Disse Jeryn.

Ignorei-o, aproximando-me da borda da natureza, mais perto de seu cheiro e sons. Meus olhos empurraram através da malha de folhas, procurando além de sua profundidade.

Foi quando eu senti. Não vi, senti - uma intrusão, uma presença.

Não poderia ser. Isso tinha que ser uma mentira. Estávamos sonhando, ou eu estava sonhando, porque isso não era real, porque a música nos escondia, o mapa nos escondia e a ilha nos escondia. Ninguém sabia como chegar aqui.

Mas alguém sabia. Alguém estava aqui.

Meus dedos se curvaram. Proteja esse mito, minha mente gritou. Proteja-o!

Meus dedos se abriram. O barulho veio, fraco para começar e depois crescendo, se expandindo por todo o meu coração. Era familiar, a maneira como as ramificações se agitavam, como elas se inclinavam e roçavam. Eu mal podia me mover, não conseguia olhar atrás de mim para onde Jeryn estava, silencioso e congelado, nós dois presos dentro de um segundo cheio de bolhas, dois segundos e três segundos.

Além das árvores, uma figura se moveu, pegando meu fôlego. Eu conhecia essa figura e esses movimentos. Mas ele estava morto, pensei. Quando me levaram há nove anos, disseram que ele e mamãe estavam mortos.

Eu pensei, *por favor* e *não* e *por favor* e *não* e *por favor*. E lá estava ele, seu rosto nadando através da folhagem e parando quando me viu. Ele era baixo e de pele morena como eu, mas desapareceu sua gordura, encolhida pela fome na prisão; e desapareceram as tranças que passavam por seu crânio, substituídas por tufos de pelos; e desapareceu seu anel de

sobrancelha, substituído por uma fenda, uma linha de cicatriz na testa escura, onde o laço dourado deveria ter sido arrancado.

Seus olhos brilharam em descrença, depois em triunfo enquanto ele rasgava as franjas. Cavaleiro saltou quando meu pai me puxou contra ele. —Flare —, disse ele. —Oh estações, Flare!

Papai, eu sussurrei.

Ele estava morto, tornara-se um espírito da ilha ou um fantasma, mas cheirava a papai e soava como ele, sua voz como a de um javali. E ele se parecia como papai, com os braços em volta de mim quando ele chamou meu nome.

Quando ele se afastou, eu murmurei: *Você está morto.*

Papai olhou de soslaio. Eu podia falar da última vez que ele me segurou.

—Ela pensou que você estava morto. — Disse Jeryn por trás, embora ele não tivesse visto meus lábios.

Papai olhou por cima do meu ombro, seu rosto franzindo em reconhecimento, sua expressão assassina quando encontrou o olhar de Jeryn, de alguma forma conhecendo-o por um real, talvez por obras de arte ou instinto - ou porque meu garoto cheirava a isso.

Empurrando, papai me bloqueou de Jeryn, do jeito que eu bloqueei Pearl dele. —Para mantê-la, você terá que passar por mim.

—Ela não é minha propriedade.

—Você está certo, ela não é.

E eu abri caminho maldito entre eles, porque eu era *minha* propriedade, e eles sabiam disso. Empurrando seus peitos com as palmas das mãos, balancei a cabeça. Papai piscou, perplexo, mas depois fez uma careta de novo, para o inferno com títulos, classificações e

temporadas. Enquanto mamãe pensava, papai era o que nos abraçava bastante, piando e esmagando todo o seu poderoso amor por nós. Ele não gritava ou brigava, mas ficava duro quando precisava, e, embora eu nunca o tivesse visto odiar uma pessoa, ele parecia pronto para atacar Inverno.

Seu olhar voltou para mim, e ele parecia seco por mil razões, e por mil dias que eu não estava lá para viver com ele. —Eu não estou morto, minha garota em chamas. Era isso que eles queriam que você pensasse.

Era o que Pyre queria que eu pensasse. Aquele guarda da torre deve ter dito isso apenas para me torturar. Ele mencionou isso durante uma das nossas brigas infames, e funcionou, e eu acreditei nele, e perdi essa luta.

Bati na minha garganta e dei de ombros. A tristeza tomou conta dos traços de papai, e eu sabia que ele entendia agora.

Ele esperava me encontrar? Ele sabia que Jeryn estaria aqui? Ele tinha ouvido falar da minha fuga? Se ele não estava morto, nem prisioneiro, por que não tentou me resgatar da torre?

Onde estava mamãe?

Os olhos de papai brilharam quando ele viu o lenço em volta do meu corpo. Ele jogou o queixo em direção ao ponto central e sombrio das enseadas oeste e norte, onde uma faixa do mesmo lenço de limão batia alto na palma da mão - uma das duas bandeiras que eu não esperava que ninguém visse.

—Eu atraquei do outro lado, mas não é uma história para agora —, ele apressou-se. —Nós precisamos ir.

Ir? Ir aonde?

—Eles estão vindo. — Disse ele.

Pequeno Cavaleiro deu um grito estridente. Perplexa, me virei do meu amigo para Jeryn, minhas palavras cortadas pela brancura de sua

pele. Eu não o tinha visto tão pálido, tão invernal desde... não desde... não desde que nós...

Seu rosto se curvou quando ele olhou para longe, como se tivesse encontrado um fantasma. Seguindo seu olhar, vi a enorme vela de Inverno cortando o horizonte como uma lâmina.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

FOGO

O navio estava lá, ali mesmo, sua circunferência cortando o sol minguante, destruindo minha visão. Chegou cada vez mais perto e mais perto.

Eu tropecei para trás. Eu bati meu punho nos meus olhos. Chupei sal e flores. Eu torci minha cabeça de um lado para o outro.

Eu olhei para cima novamente. A fera de Inverno ainda estava lá, afastando as ondas azul-marinho. E veio outra, uma do Verão, com seus mastros projetando-se no horizonte.

Quando eu era criança, costumava imaginar que os navios eram baleias de madeira, gigantes gentis comandando o mar. Esses navios pareciam pequenos de longe, mas suas muitas velas de barbatana me diziam melhor. Daqui, vi as barrigas inchadas de seus cascos, as linhas e os gurupés. Não, esses não eram gigantes gentis em uma expedição pacífica. Não, estes eram monstros marinhos a caminho de nossa ilha, com as cabeças de figuras apontadas para nós, com o objetivo de perfurar e dividir a costa.

Mas não. Não era real, isso não era real. Era falso, um pesadelo ou um truque de mágica. Eu tinha que acordar desse pesadelo, acordar agora!

Mas Jeryn, Papa e Pequeno Cavaleiro também viram os navios. Mas não, não havia navios. Nós estávamos imaginando-os, todos nós. A ilha era... o que? Por que isso nos faria imaginar isso?

Um som estridente estripou o céu, o som dos sinos de aviso dos navios. Ele espalhou um bando de araras das palmeiras, porque elas viram o inimigo também... porque talvez isso... talvez não fosse um feito da ilha.

O que estava acontecendo? Isso não poderia estar acontecendo.

O clamor de homens e mulheres gritando e batendo no convés espalhou pelo ar, fervilhando sobre o oceano. Eles estavam muito longe para ver nossas formas, mas eles poderiam ter visto a faixa de limão saudando-os. Se os navios fossem reais, ancorariam em breve.

Pensei em seus pilares batendo no fundo do oceano, quebrando um pedaço de coral em seus caminhos e esmagando algas, um arco-íris de peixes se espalhando pelo impacto. Os esquiadores remariam o resto do caminho até aqui, entrando na areia e fazendo marcas, sua chegada era um esboço na praia, reivindicando a enseada, roubando de mim.

Lancei-me em direção ao mar, para defender minha casa. Um braço - de Jeryn - apertou minha cintura e me puxou para trás. Droga.

Eu balancei para ele, mas ele pegou meu punho. —Flare —, ele advertiu.

O sol havia queimado através da pasta que cobria seu nariz, mas em todos os outros lugares sua justiça não havia recuperado sua cor. Ele parecia diferente, como o garoto que ele era quando eu estava algemada, quando eu o odiava.

Eu o odiei neste minuto. Eu o vislumbrei em seu rosto atordoado, o choque misturado e alívio quando ele avistou os navios, o vislumbre misto

de orgulho e antecipação culpada. Ele agarrou o pingente do frasco, embalando-o nos dedos. Se tudo isso fosse verdade, se não estivéssemos sonhando, Inverno estava vindo buscá-lo.

Eu olhei para aqueles poços negros de gelo, aquele olhar me dizendo que havia muitos deles e apenas um de mim, e que eu não poderia vencer esta guerra.

Mas esse olhar também me disse que ele estava aqui, aqui comigo. Sua alegria foi de curta duração e dolorosa, aquele olhar sedento rachando sob o peso de três anos, eu e ele, do perigo que se aproximava.

Eles estavam procurando por ele - e por mim.

Jeryn inclinou a cabeça, lançando sua atenção por cima do meu ombro para a floresta. Ele sondou e calculou, revirando sua mente, e então seus olhos pararam em mim, revelando parte de seus pensamentos. Ele assentiu e eu assenti de volta. E sua mão agarrou a minha, e eu amarrei meus dedos com os dele.

E nós corremos. Girando ao redor, corremos para a floresta tropical, o Pequeno Cavaleiro assumindo a liderança da matilha, o Papa trazendo a retaguarda. Folhas chocalharam quando atravessamos o mato, as árvores cobertas por uma legião de periquitos, centenas de espreitadelas arranhando meus ouvidos e cobrindo o rugido do oceano, os navios e sua carga gritante.

Escavamos um caminho mais amplo por aqui há séculos, mas a floresta tropical era imortal e imprevisível. Não importava o quanto soubéssemos, ela sabia mais. Ela voltou a crescer, entupindo os espaços rapidamente, de modo que novas surpresas surgiram do nada.

Nós nos escondemos sob trepadeiras, passamos troncos e pulamos sobre troncos. Papai grunhiu, parecendo machucado, e eu virei minha

cabeça para onde seu braço sangrava por sua manga, o corte parecendo ter saído de um arbusto pontudo. Ele acenou para eu continuar, sua mão livre segurando uma adaga, nos armando no caso de nossos caçadores nos alcançarem.

Eu virei de volta e carreguei ao lado de Jeryn, sua mão segurando a minha enquanto descíamos a rota que levava à caverna. Percebi que deixamos nossas lingas de madeira para trás para o comboio ver. Eles iriam pentear a praia primeiro ou enfrentar a natureza selvagem?

Os sóis que eu havia lavado da minha garganta se foram, mas eles chiaram ao meu redor, o colar invisível se apertando. Eu não deixaria Verão ou Inverno me levar. Eu não poderia voltar para aquela torre, ou para qualquer torre, masmorra, ou calabouço, ou laboratório.

Os navios não deveriam estar aqui. Por que eles estavam? Como eles sabiam? Como eles puderam ver este lugar? Como a ilha poderia deixá-los entrar? Eles não mereciam mitos.

Este reino era mágico. Não era? Não era?!

Bromélias brilhantes e cogumelos ardentes brilhavam na escuridão. Vi Pequeno Cavaleiro pulando na nossa frente e ouvi papai logo atrás, mas o medo de nos perdermos nos atrasou, mesmo quando seguíamos em frente.

O tempo passou e parou. Um inseto voou em minhas roupas e picou meu lado com um ferrão gordo. Folhas secas estalavam sob meus calcanhares. Nossa corrida deu um cheiro feio e podre, sua ranço colidindo com cheiros inebriantes e florais.

Inalei a umidade. Mais do que isso, senti o mergulho no calor e a mudança no nevoeiro, empurrado por uma força que entrava. Pequeno Cavaleiro, Jeryn e eu paramos.

Papai esbarrou em nós. —O que-

—Shh. — Disse Jeryn, o som deslizando de seu peito.

Em meio aos uivos, cantos e zumbidos, nossas respirações batiam um ritmo. Não podíamos ver ou ouvir além do dossel, mas os pelos dos meus braços se arrepiaram. A essa altura, as nuvens gordas haviam crescido em número e dominavam o céu.

Soltei Jeryn e agarrei o braço de Papa, correndo com ele para uma toca. Pequeno Cavaleiro escorregou nas folhas conosco, então a forma musculosa de Jeryn colidiu, seu corpo nos tapando.

A chuva forte caiu, batendo na natureza e pousando os punhos no chão. Jeryn esmagou os lábios, indignado quando Pequeno Cavaleiro apareceu em seu ombro e desapareceu em sua crina, longa e fácil de esconder.

Nós nos aconchegamos lá, o braço de papai me cobrindo e me puxando para ele. Eu girei meu rosto em seu corpo e o respirei, lágrimas de água salgada flutuando nos meus olhos, porque eu queria dizer a ele que sentia muito, me desculpar por não ficar na ilha naquele dia, como eles me pediram, como prometi, e lamento por ter mostrado às crianças aquela concha especial, e por pular no garoto nobre que a havia roubado, e por ter machucado todo mundo e por esses navios, por não saber como chegaram aqui. *Me desculpe.*

Papai não era um fantasma. Isso não foi um truque ou um pesadelo.

Mamãe estava morta.

Ele não disse isso, mas seu arrepio me disse muito. Ela não tinha sobrevivido à prisão. Pyre não tinha mentido sobre isso.

Jeryn disse algo sobre o dilúvio, e Papa disse algo, e eles disseram muitas coisas. Suas vozes ficaram mais altas e rápidas, e eu as ouvi em lotes, a história remendando.

Ele saiu do papai. —Você compartilhou uma cela com outra criança...

Pearl. Ele quis dizer Pearl. *Ela estava bem? O que aconteceu com ela?*

—O mapa no teto... dias atrás, os guardas notaram... eles perguntaram o que era...

Era uma coisa tão pequena, como os guardas nunca olhavam para o teto, mesmo ao longo dos anos em que eu estava lá, porque eles tinham muita prática olhando sem ver. Nossa jaula não valia a pena inspecionar, perceber ou se preocupar.

—A garota ficou assustada... porque sabia... a música era um mapa... você murmurou enquanto dormia... eles a ameaçaram, então ela contou o que você disse...

Apenas duas pessoas podiam ler meus lábios - Jeryn e Pearl. Eu não sabia que tinha falado durante o sono sobre a música. Pearl não tinha me dito isso, mas, novamente, minhas divagações adormecidas sempre a deixavam nervosa como todo o resto, e ou ela insistia em seus sustos em voz alta, buscando segurança repetidamente, ou as evitava, com medo de tê-las exprimido. Ela não tinha medo de mim ou de nossos companheiros de torre, mas as coisas que não nos machucariam - um eco aleatório ou lábios rachados - a deixavam tremendo de alarme.

Mas o que quer que ela tenha sentido, ela entendeu que a música era um consolo para mim, com quantas vezes eu pedia para ela cantar. Ela entendeu isso e teceu em suas palavras de despedida. —*Pense na ilha. Pense na música.*

Pearl tinha sido uma verdadeira amiga, mas os malditos guardas a haviam encurralado, assustando-a a revelar meu segredo.

—Se o príncipe não estivesse desaparecido... se você não tivesse desaparecido com ele... a Coroa não poderia ignorar nem mesmo a afirmação de uma tola... eles tinham o mapa copiado... e um de seus guardas disse ao rei quem eu era...

Pyre disse. Ele tinha dito.

—Eles me libertaram... me designaram para a busca... eu sabia que minha garota flamejante... vi o mapa... vi o que você viu... menti para desviar o capitão... roubei um dos esquifes... perdi os navios... precisava encontrar você primeiro...

Em qualquer outro lugar, os vagabundos de areia sempre encontravam o que procuravam, sempre encontravam o caminho, mas nessa ilha, era preciso mais para ganhar isso. Mas então, ele era papai. Ele não estava procurando tesouros terrestres ou segredos da ilha. Ele estava me procurando, só eu, e sabia como fazer isso, então atravessou a floresta tropical.

Eu o imaginei atracando em nossa caverna, descobrindo a casa que Jeryn e eu construímos dentro dela. A cena se desenrolou em minha mente, papai alcançando a abertura do outro lado, indo para a floresta. Ele espiaria os caminhos naturais e os que eu tinha feito, e então deixaria os intervalos mais frescos nos arbustos guiá-lo até mim.

Foi assim que ele me localizou quando eu tinha oito anos. Eu me afastei de meus pais para caçar um infame crocodilo branco em um pântano periférico.

Eu queria mostrar a ele nossa casa, de um extremo ao outro, mas estávamos muito ocupados fugindo. A fúria me manteve ocupada também, minhas unhas arranhando a terra.

—Você ganhou progresso, mas eles devem ter avistado você na água —, disse Jeryn a Papa. —O inverno tem olhos aguçados.

—E Verão foi junto —, comentou Papa. —Isso tende a ser útil. Qualquer um deles poderia ter me visto.

Eu balancei minha cabeça enquanto Jeryn falava. —Foi Inverno, não Verão.

Ele girou na direção em que fugimos. Se uma pessoa soubesse para onde procurar, encontraria uma fenda, o lugar onde escondia seus sentimentos. Ele estava pensando nos cavaleiros e marinheiros lá fora, aqueles que haviam desembarcado dos navios, a torrente os emboscando, embainhando suas espadas e escudos, colocando as velas dos navios.

Ao contrário da chuva penetrante, o aguaceiro atingia tudo, não apenas humanos e animais. A ilha poderia pegá-lo, mas os visitantes e suas armas não. Se eles esperavam marchar por aqui sem problemas, estavam em um despertar sombrio.

A chuva se tornou uma garoa e depois nada. Em seu lugar, ouvi os sinais de predadores, arbustos balançando e vozes murmurando e chapas de aço batendo. Eles conseguiram entrar.

—Você deveria ter ficado para trás. — Papa rosnou para Jeryn.

—Diminua seu tom de voz. Eles estão-

A vinte passos de distância, eu disse.

—A vinte passos de distância. — Disse papai comigo.

—Então fique quieto — respondeu Jeryn. —Estou pensando.

—Por que eu deveria confiar em você? — Papai cuspiu. —Vocês, maldita realeza, a levaram de nós. Você trancou nossa filha em uma torre. Você a transformou em bens móveis.

—Eu sei.

—Então me ajude, eu vou massacrar você quando isso acabar.

—Eu sei.

—Se você queria que fugíssemos sem eles perseguindo, você deveria ter nos deixado ir sem você. Você deveria ter ficado para trás para detê-los.

—Eu sei. — Jeryn concordou, olhando para as árvores.

Ele sabia tudo o que o pai dizia, mas sabia outras coisas - coisas que guardava para si mesmo, que não se importava em compartilhar. Eu não gostaria de deixá-lo para trás de qualquer maneira. Eu não gostava do som disso. Como ele nos encontraria mais tarde? Como ele chegaria ao barco do papai?

Ouvimos os sons do comboio pisando na floresta tropical. Mais de uma dúzia de almas gemeu e latiu, golpeados pela chuva.

—Fique perto. — Um gritou.

—Uma tocha. Precisamos de luz! — Outro gritou.

—Cuidado com esse caminho. Alguém está aqui.

Eles falavam rapidamente, em voz alta, palavras como "príncipe" e "vagabundo" e "tola" entrançando juntos. Esse tipo de confusão chamaria a atenção, atraindo moradores para o meio deles. E se perturbassem aquele ninho nas trepadeiras algumas léguas atrás, seriam almofadas em pouco tempo.

Eles fizeram mais três passos, depois outros três, depois outros três. Então uma mulher estalou: —Não, seu idiota. Nós não sabemos...

Alguém berrou, e eu conhecia a tortura, sabia a queimadura. Minha língua se lembrou disso. Um deles ficou com sede e tomou um gole da corrente leitosa em chamas.

Papai pegou minha mão. —Vamos lá.

Espere, eu falei. Recuando, apontei para um galho acima.

—Paciência. — Jeryn murmurou, seu olhar fixo no mesmo local, onde uma cauda com anéis deslizava ao longo do galho, aproximando-se das vozes.

Se fizéssemos uma corrida para isso, fizesse muito barulho, alertaria a cobra e a enviaria em nossa direção. Lembrei-me de lutar contra a criatura no meu primeiro dia aqui. Desde então, eu memorizei seu chiado musical e aprendi que, com um golpe na nuca, a vítima da serpente cairia, o sangue jorrando de cada canto da pele. Era uma morte infernal. Jeryn e eu vimos isso acontecer com um lagarto pobre.

Assim que o homem queimado ficou quieto, outro cavaleiro gritou, e então muitos cavaleiros gritaram, e então espadas gritaram, os sons metálicos zunindo e tocando.

—Pegue! — Uma voz varreu. —Mate o filho da puta!

Eles encontraram a cobra. Isso foi tudo o que tive tempo de pensar antes de Jeryn, Papa, Pequeno Cavaleiro e eu nos afastarmos dos arbustos, silenciosos como sombras. Enquanto o comboio lutava contra a atacante, paramos a cena, nossos pés voando, ganhando distância.

Ou assim pensamos até o pai passar por uma inclinação da luz do dossel.

—O vagabundo —, um homem gritou. —Prendam ele!

Como o inferno que eles o prenderiam. Eu me virei para as talvez-espinhosas-mangueiras - que forçaram Jeryn e Papa a me seguir -

confiando em que notariam meu desvio nessa escuridão, um garoto que morava aqui e um homem que sabia como seguir sua filha.

Derrubando debaixo da árvore, subi na metade da minha escada de algas. Parando com uma mão em um degrau, me inclinei e estiquei meu braço, minha palma voltada para cima.

Pequeno Cavaleiro, eu chamei.

Seus olhos de amor noturno encontraram meus lábios. Usando uma folha larga como fonte, ele pulou na minha mão, o momento disparando contra ele, subindo, até uma das colmeias de mosquitos entre os galhos. Chegando ao nível da colmeia, a língua do meu amigo atacou e bateu com a casca externa, sacudindo os ferrões por dentro.

Ele caiu, aterrissando ao meu alcance. Nós viramos a cabeça em direção ao zangão, um rio de vampiros saindo do intestino da colmeia. Pequeno Cavaleiro e eu pulamos no chão, ele mais flexível que eu, meus joelhos estalando contra a terra.

Os mosquitos enfurecidos zumbiam, zunindo pelos troncos em direção aos cavaleiros, que tentavam proteger seus crânios expostos, seus braços blindados golpeando o ar em um frenesi.

Era eles ou meu pai, pensei. Eram eles ou meu pai, eles ou meu pai, eles ou meu pai, eles ou meu pai.

Eles ou meu pai, ou Jeryn ou Cavaleiro. Eles ou eu.

Lá fomos nós. Atrás de nós, ouvi um trio de cavaleiros atravessar o tumulto. Jeryn segurou o lado da boca e imitou o choro de um macaco - um pedido de ajuda do perigo. Em segundos, um esquadrão confuso dos meus inimigos roubadores de frutas balançou dos galhos, uivando e arremessando seus excrementos, e eles mesmos, em nossos caçadores.

Isso nos comprou um retiro. Correndo pela floresta tropical, me perguntei se esses homens e mulheres odiavam tolos, ou se odiavam outras pessoas - digamos, caçadores ou rivais - e se esses cavaleiros tinham filhos, e se alguma vez haviam conhecido um vagabundo de areia além de Papa, ou se eles tivessem conhecido um tolo. Eu me perguntava se eles gostavam de mangas, e o que os fazia suspirar, rir e chorar, e como seus rostos ficariam atraídos na areia, e se era necessário loucura para ser soldado, e se eles se maravilhariam com a ilha se tivessem a chance, se eles tratariam isso de maneira justa, a tratariam gentilmente, como tratariam as Estações, e se eu alguma vez, *alguma* vez, os permitisse, e se -

—Pare! — Uma mulher cantou.

Olhando para trás, vi um lampejo de cabelo, a cor de linho familiar como sua voz harpia. Jeryn tropeçou ao ouvi-la, como se soubesse a quem pertencia.

A voz ganhou em papai, apenas papai, porque parecia que ninguém tinha me visto nem a Jeryn ainda. Os ruídos da floresta encobertavam todos os ruídos que fizemos, mas papai não usava essa ilha como um casaco, não era tão hábil em se esconder aqui.

Abrindo caminho, rasguei um pedaço de videira de um galho. Eu me joguei no chão e deslizei no meu quadril entre ele e a mulher, arremessando minha perna para tropeçar nela. Ela caiu de cara em uma montanha de metal, a espada escorregando dos dedos, o ombro estalando como uma bolha.

Em um instante, rosnei a videira em torno de seus tornozelos e a puxei no lugar. Com aquela ferida e o nó que eu fiz, ela não estava indo a lugar algum. Pelo que sabia, um tronco a derrubara e uma videira errante, estrangeira e majestosa lhe agradara. Apesar de sua armadura, ela podia

considerar-se sortuda por não estar na selva pela fonte, por não ter caído em uma videira.

Levantando-me, pulei sobre ela e me juntei a Papa, Jeryn e Pequeno Cavaleiro, que pararam para me procurar.

Desculpa! Eu disse, passando por eles.

O pandemônio, riachos, víboras, mosquitos e macacos desapareceram quando chegamos à caverna. Pequeno Cavaleiro se colocou no limiar para vigiar, inchando o peito para soprar um ruído estridente de aviso, caso precisássemos.

Correndo para dentro, atravessamos o túnel até a enseada. Papai diminuiu a velocidade, depois parou completamente, olhando a casa que Jeryn e eu havíamos feito, para os tesouros que papai provavelmente não tinha poupado tempo olhando quando ele chegou aqui - a fogueira, a fogueira e os paletes, tigelas de conchas e o estoque minguante de madeira seca, e as bolsas e o laboratório de Jeryn, minhas redes de algas, minha rede de areia e os restos da lança de papai. Ele pegou e depois se virou para mim com um sorriso úmido.

Eu me vi pressionado contra ele, inalando o peixeiro e mamãe. Ele respirou no meu cabelo e depois me soltou.

—Pegue isso. — Jeryn chamou, jogando para Papa um molho de ervas e flores.

Pegando o monte e olhando por cima do meu ombro, Papa assistiu Jeryn fazer o que estava fazendo, e então ele assentiu, para si mesmo ou para Jeryn, eu não sabia dizer.

—Apresse-se. — Ele me disse, depois pegou a lança e o maço no esquife ancorado na praia.

O muro de pedra que separava nossa costa do norte erguia-se alto o suficiente para nos impedir de ver os navios. Se pegássemos uma corrente, nosso barco poderia ir para o leste com eles sem saber. E então... e então...

A dor entupiu minha garganta. Este não poderia ser o fim. Não, nós voltaríamos. Encontraríamos uma maneira de voltar quando eles saíssem, quando não estivessem aqui, quando percebessem que esta ilha não os serviria, quando descobrissem que não era para eles, quando suas tentativas de conquistar sua divindade aumentaram na fumaça. Então nós voltaríamos juntos.

A ilha esperaria por nós. Cuspiria os intrusos e nos receberia de volta mais tarde.

No momento em que me virei, Jeryn havia enterrado as palmas da minha palete - e qualquer sinal de que mais de uma pessoa morasse na caverna, sugeria que alguém que não ele morava nela. Eu o assisti desmontar minhas contribuições para a nossa casa. Foi por isso que ele não ficou para trás para afastar os cavaleiros. Ele não queria que eles soubessem que eu estava viva.

Embora ele reservasse para o papai as coisas que precisávamos - a vela rasgada em que eu também dormia, minhas redes, uma das minhas adagas e o conjunto de cabaças que fizemos para beber, algumas plantas e flores, raízes do laboratório dele e meu trapo.

Terminado, ele correu para mim. Eu queria pular nele, delirar e torcer pela nossa fuga, mas seu rosto era uma máscara, uma folha de areia em branco, e eu não conseguia ler, e isso me incomodou. Eu tinha perdido um detalhe sobre tudo isso, um detalhe que ele não estava cuspindo.

Ele olhou para mim, para onde papai tinha ido. Seus olhos enviaram uma mensagem para lá, através do fosso, e senti que papai a havia recebido.

Jeryn - eu comecei.

—Venha. — Disse ele.

Aceitei sua mão, deixando-o me guiar não em direção ao esquife, mas ao mar onde a maré roçava a ilha. Tudo que eu conseguia pensar era que ele me cortaria. Ele nunca fez isso, nunca faria isso.

Algo estava errado.

Papai se ocupou, fingindo não perceber nossa demora, carregando o barco com minhas coisas. Minhas coisas, eu percebi, não as de Jeryn.

Meus pés pararam, a areia arranhando meus pés. Jeryn tinha me apagado da caverna, para que os cavaleiros e quem mais o procurasse achasse que ele esteve aqui sozinho. Ele mantinha a adaga e o odre e apenas uma das minhas redes marítimas, a do naufrágio, uma estrutura que atestava sua sobrevivência. Ele chegou aqui antes deles, para ter certeza, porque ele queria que as Estações pensassem que eu estava morta.

Mas quem estaria aqui para contar a eles?

Quem estaria aqui?

Quem?

Ele ficou ao meu lado, assistindo o oceano brilhar, e eu amaldiçoei seu silêncio. Virei minha cabeça em direção a ele para olhar, gritar. Ele se virou, esperando, porque sabia que eu sabia.

Ele não estava vindo comigo.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

FOGO

Ele não estava vindo comigo, mas também não estava ficando. Ele estava voltando para Inverno. Ele estava escolhendo *eles* sobre *nós*.

Então eu pulei nele, exceto que não de braços abertos ou lábios franzidos. Eu pulei com punhos e chutes, batendo-me com ele, atirando-o com *Não* e *Não* e *Não!*

Eu coloquei meu corpo inteiro nele. Socar Jeryn parecia bater em um penhasco, e eu não me importei, e nunca me importei mais. Ele não revidou, o que me deixou mais irritada. Eu queria derrubá-lo, derrubá-lo e arrastá-lo para o barco, levá-lo prisioneiro como ele me levou. Lágrimas escorreram pela minha boca e raiva escorreu.

Não, eu chorei. *Não, você não pode! Você não pode!*

Ele apertou minha cintura, me segurando enquanto eu o golpeava. —Eu posso —, disse ele. —Eu devo.

Eu cedi, minha boca pousando em seu pescoço, seu frasco preso entre nós. Ele engoliu em seco na minha testa, mas sua voz empalideceu, como um som antigo do passado. Essa voz não pertencia ao garoto naufragado com quem eu vivi, aquele cujo corpo cobriu o meu na noite passada, que me encheu de luz. Essa voz pertencia a uma torre, do outro lado de uma gaiola. Estava gelado até os ossos e... principesco.

Esse era ele, um príncipe. Isso é o que ele seria novamente, envolto em uma capa com gola de pele e coberto com uma coroa, andando em botas de couro pelos corredores de inverno.

Ele deve, meu sangue concordou.

Ele não podia, meu coração chorava.

Estávamos desleixados e emaranhados, e eu não sabia mais onde minhas mãos estavam. Eu olhei para cima, meus olhos ardendo, e ele olhou para baixo, seus cabelos tocando meus cílios, e vi todos os cortes, arranhões, cicatrizes e bolhas em seu rosto, mesmo os que haviam desaparecido. Vi uma fenda cortando seu queixo, e vi uma retração refletida em seus olhos, e eu deveria saber o que ele escolheria. Eu deveria saber, mas não sabia tudo sobre ele. Eu não conhecia o príncipe nele.

—Eu devo —, disse Jeryn novamente. —Você também deve. Você tem que me deixar.

Eu balancei minha cabeça. *Não vou.*

—Você irá.

Não vou!

—Você tem que sair deste lugar. Me escute!

Vamos continuar nos escondendo até eles partirem.

—Você quer arriscar que rasguem a floresta tropical?

A ilha é forte e imortal, e vai suportar!

—Mas nem todos os seus animais. Você quer arriscar eles? — Esses pensamentos mataram tudo o que eu estava prestes a gritar, e enquanto eles fizeram, Jeryn me chutou com suas palavras. —Você fará o que eu digo e entrará naquele barco. Você navegará com seu pai e estará livre. Você terá cuidado. O Verão não saberá que você vive. Fique longe

do castelo e não seja pega de novo, caso contrário terei que voltar e trocar por você pela segunda vez. Não deixe isso acontecer.

Nós pertencemos aqui. Juntos.

—Você pertence a todos os grãos de areia no Verão.

Mas você-

—Eu pertenço ao Inverno — Seu polegar traçou minha bochecha molhada. —Tenho um reino para servir. Eu sou da realeza. Um curador do meu povo. Não posso abandonar isso. De Iradis, eu posso protegê-la. Se eu estiver lá, posso impedi-los de procurar.

Se nos separarmos, o que temos morrerá.

—Sim.

Eu nunca mais vou te ver.

—Não.

Engasguei-me, *mas esta é a nossa casa.*

Sua garganta tremeu. —Vamos continuar assim.

Viver sem ela? Sem um ao outro?

—A ilha fez o que pode por nós, mas não fazemos diferença aqui. A diferença foi feita *sobre* nós. Temos que levar isso de volta. Temos que trazer isso... — Ele pegou minha mão e a pressionou contra seu coração. — Temos que levar *isso de* volta.

Como? Como eu posso? Com que voz maldita?

—Você sabe que voz, Flare.

Então me lembrei, lembrei de que voz ele queria dizer, que voz eu ainda tinha, que voz eu sempre tive. Eu dei a ele o olhar mais sujo que pude reunir. *E você?*

—Vou encontrar o meu caminho, seja lá o que for. Eu aprenderei. — Seus lábios se inclinaram, um fio de humor. —Se alguma coisa, Inverno é um aprendiz apto.

Esse era o garoto da ilha que eu conhecia, aquele que falava comigo, que dizia mais de duas palavras ao mesmo tempo.

Deixe ir, meu sangue disse.

Implore, meu coração disse.

Ele estava certo, meu sangue disse.

Eu estava certa, meu coração disse.

Meu sangue e coração disseram outras coisas, coisas sem fim. Eles percebiam e se rebelavam.

Como eu poderia mantê-lo? Como ele poderia me manter?

Se ele ficasse comigo, nada nesse mundo mudaria, porque ainda haveria laboratórios, masmorras e torres, e ainda haveria correntes e símbolos pintados.

E ainda haveria Pearl sozinha, presa.

Pearl, eu disse. *A garota na minha cela - ela é minha amiga, mas eu a deixei lá. Eu a deixei lá, e ela estava com medo, sempre com medo das coisas. Se ela estiver lá, se não for negociada, se estiver viva, ela precisa de ajuda.*

—Farei o que puder —, disse ele. —Vou encontrar um caminho.

Seja um bom príncipe. Atreva-se a ser um bom rei.

—Como você é minha testemunha.

Promete-me.

—Eu prometo.

Esta manhã, ele fez outra promessa. Quando nos queria nus e nos movendo um contra o outro, quando queria tê-lo novamente, ele disse: —

Mais tarde, eu prometo. — Ele me disse: —Precisamos ter paciência. Não temos nada além de tempo.

Tínhamos compartilhado o nascer do sol mais doce, e não me arrependi, e fiquei feliz por não sabermos o que aconteceria a seguir. Mas eu não saberia o que significava ter tempo com ele, conhecer as paixões de *mais tarde*. Eu não pegaria peixe para nós e perderia a cabeça quando ele enfaixava um novo ferimento para mim, e não o ouviria mexer em seu laboratório e não veria seu reflexo na água. Eu não acenderia outro fogo para nós e não sentiria seus olhos demorando na minha boca.

Nossa linguagem era a areia e a neve, a chuva e as marés. Nossa língua era feroz e oculta, isolada, uma língua de sobrevivência. Era uma floresta tropical.

Mas minha garganta sabia mais. Eu tinha minha própria língua, minha própria voz também.

Eu o surpreendi - a última surpresa - e tirei seu colar. Agachada no chão, empacotei o frasco com areia, brilhante e quente. Arrastando e me levantando, eu a amarrei de volta sobre sua cabeça.

Para curar você quando precisar, eu disse.

Ele tentou me dar, mas eu balancei minha cabeça. A areia era para ele, não para mim, porque eu tinha bastante dentro e ao meu redor.

Ele apertou o frasco. —E você?

Um garoto me disse que algumas coisas não precisam ser exclusivas para serem minhas.

Ele quase sorriu. —Então eu sou seu. Onde quer que você esteja, eu serei seu.

Eu pensei que não poderia deixá-lo ir, assim como eu não poderia deixar essa ilha, mas ele me pediu e papai me pediu, e Pearl me pediu.

E a ilha estava me pedindo.

Antes de fazer, antes de deixar ir, segurei. Eu me esmaguei contra ele e, ao mesmo tempo, ele se esmagou contra mim, e enterrei meu rosto em seu pescoço, e ele me levantou do chão. Nossos braços se tornaram trepadeiras, e nossos corpos se tornaram algemas e cordas e também, também, também apenas braços - apenas um abraço de despedida.

Senti em nós ciência e espírito, cautela e curiosidade, sanidade e selvageria, realidade e mito, o normal e o estranho. Havia senso e loucura por toda parte, amor e ódio. Tínhamos ousado explorar os dois, um príncipe e uma vagabunda, um garoto frio e uma garota em chamas, um curandeiro e uma desenhista de areia. Nossa história aconteceu.

Talvez Jeryn estivesse certo, que alguém esteve aqui no passado, alguém de muito tempo atrás, desde os tempos antigos, e que alguém havia trazido a música para Verão, para mim e para nós, e talvez o que tínhamos tido aqui, quem nos tornamos juntos - talvez essa fosse a maior mágica. E se fôssemos possíveis, talvez outras coisas fossem possíveis. Talvez o que fosse possível, talvez histórias como a nossa, pudessem mover reinos.

Então estávamos nos beijando. Estávamos abrindo e nos beijando, mais uma vez, mais um minuto. Nossos lábios se inclinaram, minha língua procurando e sua descoberta. Eu me lembraria da forma desse beijo? Eu me lembraria do último suspiro disso? Eu me lembraria do gosto de fogo e gelo?

Por que beijos fazem isso? Enchem um coração enquanto o quebram ao mesmo tempo? Por que as coisas corriam juntas que não deveriam? Que ideia perigosa e ousada.

Eu não sabia quem parou, quem recuou primeiro, mas eu gostava de pensar que fizemos isso como um só.

Ele não chorou como eu. *Agora,* ele murmurou. *Saia agora.*

Eu me virei e corri, porque se não o fizesse, quebraria minha promessa e o faria quebrar a dele. Eu me dividiria e me espalharia em um milhão de manchas brilhantes.

Papai e Pequeno Cavaleiro esperavam junto ao esquife. Meu pequeno amigo empoleirado em uma pedra do mar, triste e arrependido. Nós éramos amigos, mas este era o lar dele.

Eu me ajoelhei. *Você também não vem, não é?*

Pequeno Cavaleiro deu um coaxar molhado.

Eu irei sentir sua falta também. Meu amigo corajoso e galante.

Inclinando-me, meu nariz esfregou sua bochecha e ele inclinou a cabeça, esfregando para trás. Água salgada chamuscou meus olhos, mas de alguma forma, levantei-me novamente.

Meu papai tenro estendeu a mão. Ele não podia ler meus lábios nem minhas letras, mas ainda assim ele sabia da minha mágoa. Não sabia para onde estávamos indo, mas antes não sabia. Com minha rede de areia e sua lança e o tesouro que Jeryn havia nos dado, deixamos a maré nos mostrar o caminho, porque havia muitos lugares, muita areia de Verão para ver e muita voz para oferecer. E eu sabia o jeito de fazer isso agora.

Antes de me juntar ao papai, peguei um punhado de ouro e o barco cortou as ondas. O azul mais claro de joias ondulou sob nós. As árvores balançaram, me despedindo.

Eu me avisei para não olhar, mas olhei. Ele era tão bonito, aquele garoto.

Jeryn estava ajoelhado na praia, fazendo algo na areia, escrevendo algo, talvez algo para si mesmo.

Depois, ele se levantou, segurando o pingente, com um ponto limão ao lado dos pés. Eles me observavam, e eu os observava, e todos ficávamos cada vez menores, e meu coração aumentava.

Já não via o rosto dele, mas sua forma permanecia e eu a amava. Eu amei tanto.

Eu sorri através das minhas lágrimas. Abrindo meus dedos, deixei o vento levar a areia, borrifando-a sobre a água e libertando-a. Então me virei para encarar o sol.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

GELO

Ele se virou para encarar o sol.

Mas não era o mesmo. Não mais.

Além das portas abertas do laboratório, seguindo para um dos decks do castelo, esse sol da tarde em particular era um hematoma cinza no céu. Outros dias, era uma pitada de sal. Não o sal quente e úmido com o qual ele havia se acostumado, mas seco e quebradiço.

Um raio de luz pálida atingiu as bochechas de Jeryn. O vento os perfurou, afiando as linhas de osso em seu rosto. O inverno fazia isso com as pessoas, polia as partes cruciais. Ele apreciava como isso entorpecia a alma. Uma rajada de frio permitiu que ele funcionasse novamente.

Ele voltou para a mesa, os saltos das botas reverberando. A sala vazia e esterilizada o olhou sem expressão. Paredes de pedra ardósia. Prateleiras de manuscritos, pergaminhos, diagramas. Instrumentos com bordas lisas ou serrilhadas. Curetas, extratores de flecha e lança, tubos, tesouras, lancetas, facas cirúrgicas. Armários azuis de frascos, copos, jarros. Tinturas, elixires, amostras.

Na superfície diante dele, havia uma fileira de garrafas de vidro púrpura, cada uma rotulada por sua mão. Espécimes de um mito e um

reino. Pétalas e folhas das florestas tropicais. Raízes cozidas e pinhões moídos das florestas fora desta fortaleza.

Sua capa estava pendurada sobre uma cadeira. Um estalo agitou a gola de pele.

Jeryn ergueu as mãos na mesa e olhou para os vasos. Embora o transporte da flora da ilha de volta para Inverno tenha oferecido remédios avançados, ele não estava satisfeito. Ele estava nisso há meses, tentando encontrar a mistura correta de Verão e Inverno que daria tratamentos específicos. Pessoais de natureza familiar. Os humanos comparados com as misturas vis e os métodos de experimentação aguçados, montados na parede.

Ele poderia não ter sucesso. Nunca.

Supondo que sim, isso pode levar anos ou décadas. No mínimo.

Que assim seja. Ele foi feito para isso.

Uma batida fez a porta estremecer. Incompetência. Ele dera instruções para não ser incomodado.

Bem. Poucos sabiam se traduziriam seu silêncio como "Sim" ou "Não". "Entre" ou "Saia". Isso não havia mudado, com apenas alguns aprimorando a habilidade. Seu primeiro em comando, suas tias-avós, sua mãe e pai, e... e...

Jeryn limpou o rosto da mente dele. Ele não iria lá.

Apesar de não receber uma resposta, Sir Indigo entrou. Jeryn teria que ilustrar seus próprios desejos mais vocalmente. Ele não podia esperar que as pessoas lessem sua mente.

A capa de Indigo varreu o chão enquanto ele se curvava. —Sua Alteza.

—Estou indisposto.

—As Rainhas solicitaram uma audiência.

Ah. Jeryn cedeu com um aceno de cabeça.

O cavaleiro ficou paralisado, sua boca comprimida como se ele estivesse segurando aquele aparelho insuportável fechado por meses, já que ele e o resto do comboio haviam tropeçado em Jeryn na praia.

Sir Indigo havia libertado Dame Solstice da videira ao redor de seus tornozelos... Jeryn podia presumir quem havia realizado esses nós. Os cavaleiros haviam escapado da cobra, mosquitos e macacos. Eles descobriram Jeryn momentos depois que o esquife desapareceu no horizonte. Momentos depois do oceano apagar o que ele havia escrito na areia. Uma confissão que ele não deixaria Flare ver.

Ele olhou para o Indigo, desde as pontas dos sapatos do homem até as pupilas, todas as partes externas e internas que envelheceram e solidificaram nos últimos três anos. Jeryn levantou uma sobrancelha em inquérito. Tanto por verbalizar a si mesmo, mas por razões, ele considerou sensato não incentivar. Sua intuição detectou o fedor e a espreita de um predador.

Indigo flexionou sua mandíbula. De fato.

—Você estava colhendo madeira, senhor. — Lembrou.

—Madeira. — Demorou um momento para compreender isso. A madeira que Jeryn e Flare estavam coletando na praia. Eles as abandonaram no banco de areia durante a perseguição.

Para isso, ele não disse nada. Esperou por mais.

Não por muito tempo. —Havia duas fundas.

E Jeryn tinha dois braços. Embora mencionar isso soaria defensivo.

Para a próxima consulta. —Parece incomum que você as deixaria lá.

Significando que qualquer pessoa que tente sobreviver não faria isso, especialmente uma pessoa metódica como Jeryn. Significando que se ele estava colhendo madeira quando os navios apareceram, ele deve ter visto os navios, mas não ficou para cumprimentar seu resgate.

Significando que ele havia saído. Possivelmente com pressa.

Incomum. Uma escolha astuta da palavra.

Jeryn não era obrigado a responder. Para fazer isso, seria necessário se curvar à vontade do cavaleiro.

No entanto, se ele não respondesse... se esse homem suspeitasse...

Jeryn selecionou um dos frascos roxos e analisou seu conteúdo, segurando-o e falando com uma voz fria e desapegada. —Encontrei o vagabundo em uma caçada louca pela filha dele. Quando ele encontrou apenas eu, ele se retirou. Eu segui. Eu entendo por que você está chateado que ele escapou de nós dois...

—Eu não estou chateado.

—Claro. Desnecessário dizer que a madeira dificilmente estava em minha mente durante a perseguição.

Indigo teve a coragem de ficar confiante. Portanto, insolente. Portanto, malicioso.

Os olhos dele brilharam. —Ora, o que você *estava* pensando, senhor?

—O barco.

O barco em que o vagabundo de areia chegara. Insinuou que Jeryn estava preocupado demais para reconhecer qualquer coisa, menos o visitante... e o transporte do visitante. Que Jeryn estava desesperado para alcançar o esquife. Que ele havia corrido para a floresta. Que ele não tinha pensado em procurar navios no mar, porque o desespero podia desvendar as pessoas mais organizadas e sistemáticas.

Indigo havia antecipado uma resposta mais culpada. Uma razão mais culpada.

No entanto, a resposta fez sentido, assim como as inúmeras outras explicações de Jeryn sobre os últimos três anos. Explicações sobre sobrevivência. Para o comboio. Para os nobres. Para suas tias-avós.

Por quê? Quando? O que?

Ele detestou remover Flare da equação, como se ela tivesse durado apenas um pouco de tempo com ele. Ele prometeu contar às Estações o que aprendeu ao lado dela, para mudar seu reino. Enquanto ele não quebraria essa promessa, ele precisava de tempo para alcançá-la.

Estimulação. Paciência.

Ele havia investigado as investigações de Inverno e trabalhado com versões abreviadas e meias-verdades. Isso havia satisfeito sua família e colegas.

Aparentemente, nem todos eles. Em sua vida passada, Jeryn parecia tão maligno quanto esse cavaleiro? Bem. Ele poderia fazer isso de novo.

Ele pensou em Flare. A imagem congelou em sua mente, preservada sob uma camada de gelo. Que nenhum cavaleiro tente violá-la.

Ele combinou com a vivacidade do homem, depois a excedeu dez vezes. Frígido. Régio. Uma expressão que advertia o cavaleiro a se lembrar de seu lugar. Subestimar o príncipe do inverno foi um erro fatal. Mais um deslize da língua cheiraria a traição.

Vá em frente, ele silenciosamente ousou o homem. Interrogue o príncipe. Teste ele.

Indigo se encolheu. Muito melhor.

Mas só por precaução: os dedos de Jeryn caíram suavemente no bisturi no quadril.

—Mais alguma coisa? — ele perguntou.

—Não —, disse Indigo. —Nada mais, senhor.

—Pode-se pensar que você realmente quer manter as rainhas esperando.

O cavaleiro empalideceu com o conhecimento de que havia se esquecido. Até o ponto em que ele havia esquecido seus soberanos. Ele curvou-se, murmurando: —Sua Alteza.

Sua Alteza, Sua Alteza. Essa forma de endereço, Jeryn ainda não havia se familiarizado. Para se acostumar. Isso o desequilibrou, como aconteceu alguns segundos após seu resgate, quando Jeryn se viu cercado por mais de uma dúzia de homens e mulheres, cavaleiros afundando de joelhos e cantando. O nome dele. O título dele.

Viva... alguém. Ele.

Ele, um príncipe. Presumivelmente.

Uma coisa era se lembrar de sua posição na ilha. Era outra coisa viver sem ela por três anos, e de repente enfiá-la novamente em seu rosto.

Sir Indigo se afastou para recuperar as rainhas. Ele não foi o primeiro antagonista de Jeryn, nem seria o último. Particularmente não com as intenções de Jeryn de mudar.

No entanto, o cavaleiro não quis falar novamente. Jeryn era muito inteligente, para não mencionar muito Real, para desafiar em público. Além disso, Indigo valorizava demais sua classificação. Superava sua aversão em relação aos tolos nascidos ou a noção de seu príncipe abrigando um.

Alguém chamou o nome dele. Suas tias-avós estavam dentro do laboratório, com os braços entrelaçados. Doria, a firme. Silvia, a sentimental. Elas desceram os degraus em mantos de ametista e meia-

noite quando ele voltou. Elas choraram e jogaram seus braços frágeis ao redor dele antes que ele desmontasse adequadamente do cavalo e plantasse os pés no chão.

O cobertor de neve sob suas botas. Os aromas da floresta de menta, cedro, fumaça. A geada beliscando seu queixo.

Jeryn entrou em colapso. Seu rosto caiu em tufos brancos de cachos e ficou lá.

No navio, ele havia sido banhado, esfregado, cortado. A camada de carne morta em seus pés havia sido cortada. Ele estava vestido com roupas tão macias que elas irritavam.

Durante a viagem para Inverno, Jeryn havia previsto sua chegada, esperando ir direto para os aposentos de seus pais. Em vez disso, ele se atrasou, incapaz de se manter lá. Por horas naquele dia, ele se trancou com as rainhas na antecâmara até que o encorajaram, garantiram que tudo ficaria bem. E ele encontrou coragem para navegar pelos corredores de madeira.

Chegar aos aposentos dos pais dele. Dispensar os guardas. Bater e entrar. Fechar a porta.

Meses se passaram. Ainda assim, os dutos lacrimais da tia-avó Silvia enchiam-se sempre que o via, como se ele pudesse desaparecer novamente. Depois de procurar nos mares, Verão e Inverno se renderam, acreditando que ele estava morto. Sua ausência causou tal luto.

Ele se afastou da mesa e inclinou a cabeça. —Minhas rainhas.

—Jeryn, querido. — Disse Silvia.

—Venha. — Doria acenou, indicando o terraço.

Eles flutuaram para fora. Ele pegou sua capa, estendendo-a sobre os ombros e a seguiu. Ele foi até o parapeito. O castelo do chalé tombava

sobre eles, os peitoris de pedra e saliências pingando pingentes de gelo. À frente, árvores de agulhas cobertas de neve. Troncos largos o suficiente para abrigar suas próprias aldeias. Os brancos das corujas e os azuis da tinta.

Sem rebentação no oceano. Nenhum animal chamando da névoa.

Esta terra estava quieta. Tão quieta que parecia que um único sussurro poderia desfazê-la, sacudindo e derrubando as árvores antigas.

Todas as manhãs, ele acordava envolto em veludo, esperando que as cores e a câmara parecessem diferentes. Mais quente. Dourada. Cavernosa. Ele esperava que um corpo feminino se mexesse ao seu lado. Ele muitas vezes se pegava inclinando-se para um beijo selvagem. Alcançando aquelas mãos duradouras.

Suas tias-avós se juntaram a ele, flanqueando seus lados. Então elas queriam dizer negócios.

Doria falou primeiro. Ela gesticulou para trás, em direção ao laboratório. —Você passa muito tempo lá.

—Eu sempre passei.

—Não nessa medida. As pessoas desejam vê-lo.

—Elas me viram.

As rainhas podavam seus lábios. Amorosas, mas severas.

Não era falso. As pessoas viram Jeryn naquela primeira noite, depois que ele se reuniu com sua família. Emergindo no convés do castelo, ele estava diante das massas. O reino havia clamado. Eles cantaram o nome dele e levantaram os braços de alegria.

Em seu quarto naquela noite, Jeryn se inclinou sobre uma panela e jogou fora sua refeição. Ele passou de ser isolado para

isso. Acompanhantes, chamadores, simpatizantes. Inundado. Constantemente.

Então um banquete. Depois, uma reunião com as rainhas e seu conselho. Depois, outra reunião com o médico da corte. Depois, uma inspeção dos laboratórios e apresentações de novos estudos e descobertas, a maioria envolvendo práticas que deixavam Jeryn doente, e ele planejava reduzir e suplantar. No devido tempo, uma vez que ele descobriu como proceder com tato.

Depois outro banquete. Depois outra reunião. Depois, uma fila de caçadores e camponeses que se estendiam pelo castelo. Pessoas dispostas a dá-lo boas-vindas.

Depois, uma visita a outra parte do castelo. Uma que suas tias-avós devem ter ouvido falar.

De qualquer forma, o público desejava vê-lo com tanta frequência quanto sua família. Essa era a implicação. Não era um pedido.

Com os cabelos presos na nuca, o ar fresco tomou conta de seu crânio. Ele se lembrou desse sentimento. Nova percepção.

—Você não está feliz por estar em casa, querido? — Perguntou Doria.

—Lady Noelle chegará dentro de duas semanas. Ela e seus parentes serão convidados de um mês— anunciou Silvia. —Você se lembra dela, não é? A bonita do distrito das geleiras?

—O irmão dela também estará presente. — Acrescentou Doria, motivada pelo silêncio de Jeryn, caso elas tivessem interpretado mal suas preferências amorosas.

Tanto a irmã quanto o irmão não seriam suficientes. Se esse tipo de coisa estivesse em sua mente.

Apenas uma preferência estava em sua mente. Uma pessoa.

Mesmo assim, as rainhas esperavam que essa notícia elevasse seu ânimo. Jeryn lançou um olhar de soslaio para suas tias-avós para declarar o contrário. Silvia e Doria trocaram um olhar de preocupação. Tal comunicação se tornara frequente em sua companhia.

—Ouvimos dizer que você esteve visitando os aposentos dos tolos na masmorra.

—O que mais seus espiões lhe disseram?

—Oh, pelo amor da Estação —, disse Doria. —Você está inspecionando as condições de vida deles. Você também enviou uma mensagem para Verão sobre a obtenção de uma criança tola. Uma transação que você não discutiu conosco.

Antes de seu retorno a Inverno, Jeryn havia se encontrado com um rei apologético Rhys. Considerando os avisos de Jeryn, suas recomendações, sua experiência como náufrago, eles chegaram a um acordo documentado sobre a Ilha da Chuva Perdida. Um acordo que exigiria o envolvimento adicional de Jeryn. Nada aconteceria naquela ilha sem a liderança dele. Ele estava ansioso por isso. E ele não fez.

O soberano repugnante perguntou então o que mais ele poderia fazer para expiar a loucura de Jeryn. Em uma realidade alternativa, esmagar a jugular do homem teria sido revigorante. Nessa realidade, esse crime complicaria as relações do reino.

Além disso, Jeryn tinha outras ideias. Embora ele apenas tenha dito que pensaria nisso, deixando o monarca de Perilyn a seu serviço.

Jeryn poderia ter desempenhado o papel de um príncipe frio, o Real que ele costumava ser, e solicitado uma tola para substituir a que ele havia

perdido. Especificamente, a ex-companheira de cela de sua companheira na ilha. O detestável Rhys não teria se oposto a isso.

Mas, por mais que Jeryn quisesse negociar Pearl fora do Verão imediatamente, Inverno dificilmente poderia ser considerado um destino gentil. Para começar, Jeryn precisava garantir um refúgio para a garota. Embora ele tivesse elaborado uma explicação sólida para isso, tomar essa ação logo após ser resgatado teria implícito uma alta prioridade, o que teria causado especulações. Cada passo e cada palavra exigiam deliberação. Ele andava com cuidado.

—Conheço a criança, há três anos. Eu tenho intenções específicas.

—Que são? — Silvia perguntou.

—Devo isso à garota louca. A criança era amiga dela.

—Você deve a uma tola? — Doria perguntou.

—Antes da menina morrer, ela salvou minha vida. Eu teria me afogado se não fosse por ela.

Isso as acalmou. Ele as havia informado disso em uma ocasião anterior. Ele disse a todos que a prisioneira de Inverno havia morado na ilha com ele por tempo suficiente para tecer suprimentos, recuperar alguns detritos de traficantes e equipar sua caverna. Ele disse a todos que ela havia morrido de uma infecção pouco tempo depois, no primeiro ano. E ele fez questão de parecer desdenhoso quando contou a história.

Indiferença, outra falsidade que ele detestava, mas concordava. Um ato, quando tudo dentro dele sentia o contrário.

E o nome dela era Flare.

Não "a garota tola". Não para ele.

Ele não podia dizer a verdade a suas tias-avós. Apesar de sua gratidão por sua vida, as isenções se estenderiam apenas até agora em

relação a Flare, se Jeryn a fizesse escapar para eles. Eles teriam concedido leniência a Flare por salvar Jeryn, mas teriam ficado divididas por a emancipar. Como líderes, suas tias-avós davam o exemplo e o precedente, marginalizadas pela tradição e pelas expectativas. As crenças de um reino não podiam mudar da noite para o dia.

O benevolente e radical Reino do Outono poderia ter confirmado isso. Ele passou os últimos nove anos negociando esse terreno.

Jeryn não desacreditaria Silvia e Doria a entenderem eventualmente. No futuro. Quando era mais seguro expor seu coração. Quando era mais seguro para Flare.

—Vocês me sancionaram a negociar por tolos. — Ele lembrou suas tias-avós.

—Ah. Sim. — Disse Silvia, dando uma cotovelada na esposa.

—Oh, sim —, concordou Doria, girando um dedo. —Nossas memórias são...

—Teimosas. — Ele forneceu.

Elas riram. Uma leve neve caia, cobrindo-os como uma chuva amigável. À frente, o rabo de uma raposa de névoa deslizava ao redor de um tronco da floresta.

Jeryn perguntou: —Vocês tem fé em mim?

—Eternamente —, afirmou Silvia. —Mas nós nos preocupamos com você.

—É o que as tias-avós fazem. — Brincou Doria, envolvendo os dedos em seu antebraço. Ele os cobriu com a palma da mão, fazendo-a sorrir.

Silvia o contemplou. —Você mudou muito.

Jeryn hesitou. —Sim.

—Nos diga.

—Isso vai demorar um pouco.

—Tudo que vale a pena dizer demora.

Ele exalou. Elas o seguraram quando criança, quando sua mãe e pai adoeceram. Elas o nomearam. Elas o confortaram após o incidente do tubarão-sirene. Elas incentivaram seus interesses na ciência. Elas apoiaram sua prática de cura. Elas o enviaram para Verão para discutir com o rei Rhys. Elas confiaram nele.

—Tenho ideias para a Iradis. Vou lhe dizer, mas tenho que concluir primeiro — disse ele. —Se você me der licença.

—Fale sua mente, querido.

—Isso requer a minha partida.

Os dedos de Doria se contraíram em sua manga. Os olhos de Silvia tremeram. Ele estava em casa há mais de alguns meses e se sentia infeliz por assustá-las. Ele sabia o que elas temiam, porque ele também temia.

—Eu voltarei —, ele assegurou. —Voltarei para ver as pessoas. E para continuar esta discussão. Mas antes disso, Verão consentiu em me enviar a garota, um negócio que não termina aqui. Preciso terminar, como prometido.

—Onde? — Eles perguntaram.

No único lugar em que Pearl poderia ser tratada de maneira justa. O único lugar com experiência nesse tipo de coisa. O único lugar onde Jeryn poderia encontrar ajuda.

Reforma social e médica. Um empreendimento importante. Um risco.

Um que envolveria não apenas as rainhas e ele próprio, mas seus conselheiros relutantes e uma série de combatentes. Para Iradis, ele

precisava de uma estratégia para apresentar um argumento sólido. Ele precisava mais do que fatos e números.

Ele precisava de uma fundação.

Aliados.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

GELO

Aliados na forma de uma princesa justa e um bobo da corte devasso. Para o resto das estações, um monstro de duas cabeças. Para Jeryn, uma dupla essencial.

Mista, o Reino do Outono.

Seu comboio percorria uma estrada sinuosa, poças de folhas esmagando sob os cascos das montarias. Só esse som se apresentava como reconfortante. Como um fogo crepitante.

A rota abriu para uma vista. Moinhos e pomares à distância. Homens e mulheres colhendo grãos e milho. Árvores de gengibre e rubi de folha larga cobertas por uma névoa tranquila da manhã.

Névoa. Neblina.

Ele se sacudiu, lembrou-se de onde estava. Onde ele *não* estava.

Não lá, mas aqui, um lugar onde centeio e bordo impregnavam o ar. No ápice dessa paisagem, erguia-se o castelo, com seus telhados uniformes sem sentido. Uma fachada de alvenaria marrom e persianas vermelhas. As cores desta temporada.

A seu pedido, apenas um punhado de cavaleiros, incluindo Solstice, o acompanhavam, para garantir uma viagem segura. Suas tias-avós se opuseram ao número, sem sucesso. Ele recusou o protocolo de uma

grande procissão. Nenhum servo. Sem dignitários. Sem galhardetes ou carroças. Sem objetos de valor além de armaduras, armas, um baú de medicamentos. Por fim, um tapete de pele e um baú de óleos de ervas da floresta tropical que ele trouxera de presente.

Atravessando as terras agrícolas e a cidade baixa, plebeus de aventais de linho e tingidos de ferrugem surgiram para assistir ao grupo de Inverno que viajava. Comerciantes carregando cestas de pães. Palha e moleiros.

Verão teria cruzado os braços e estufado. Primavera teria desencadeado um monte de aplausos e jogado pétalas nele.

O povo de Outono simplesmente se curvou e fez uma reverência. Cruzaram as mãos na frente deles.

Alguns deles tinham as características evidentes de "simplórios". Eles viviam livremente, uma visão que surpreendeu e revoltou suas escoltas. Uma visão que motivou Jeryn, proporcionando-lhe um punhado de esperança.

Os chamados tolos nascidos trabalhavam entre seus irmãos aqui. Outono se envolveu no comércio de tolos com o único objetivo de fornecer um santuário para os aflitos mentais. O reino procurou tratar todas as pessoas como iguais a merecedores de cuidado.

Mista estava retificando seu cenário social por meio de programas regulados e de integração financiados pela Coroa e generosos doadores nobres. Os tolos nascidos não presumiam um risco para o público que vivia e trabalhava com famílias, relacionadas ao sangue ou voluntárias. Em vez de usar fundos para manter prisões para tolos, a monarquia forneceu apoio monetário às famílias, o que incentivou as famílias que pouco podiam pagar por bocas extras.

Os tolos que talvez não pudessem ser ajudados ou reabilitados viviam em uma vila periférica. Embora Mista tenha desaprovado o cativeiro, algumas exceções tiveram que ser feitas com relação aos responsáveis por cometer violência. Ainda assim, a vila mantinha práticas humanas, completas com médicos.

Era um compromisso saudável para a Realeza de Mista e seus súditos. E, de acordo com os informantes de Jeryn, seus governantes haviam conseguido se conectar com as pessoas em um nível pessoal. A rainha do Outono e sua filha elogiavam aqueles que serviam lealmente a coroa. Incitando um orgulho universal. Apelava à mentalidade inerente e benevolente dos cidadãos de Outono. Seu senso de comunidade e caridade. Os valores que governavam sua própria natureza.

As probabilidades à parte, elas haviam prevalecido até agora. As outras Estações poderiam ter olhado desfavoravelmente para eles. As transgressões do Outono podem ter comprometido as relações entre os reinos, mas não as cortaram. As Estações julgaram outono ou alegremente ignoraram sua suposta audácia.

No entanto, os reinos se forçaram a manter uma trégua com Mista, pois as Estações valorizavam sua paz. Difícil de ganhar e com séculos de idade. Sem mencionar que Outono produzia o grão mais fino, valendo seu peso em ouro. Além de suas renomadas cervejarias.

No entanto, os anos não haviam passado sem problemas. Especialmente para a princesa Briar, que havia iniciado o turbilhão de mudanças. Houve tumultos, distúrbios civis contra as ambições da princesa. Contra seu caso de amor com o bobo da corte da Primavera. Um servo alto, porém desajeitado, com um filho que o mundo considerava simplório.

Quantos membros do conselho e opositores a princesa enfrentou por causa de suas escolhas? Quantos habitantes da cidade a olhavam com nojo? Quanta oposição ela ainda tinha que enfrentar?

Ela progredira, embora ainda existissem intolerância e relutância em Mista, como em todo lugar. A princesa Briar ousara mais do que seus ancestrais. A rainha mãe concedeu-lhe um certo poder.

Quando não estava no castelo, a princesa e seu bobo da corte passavam seus dias como advogados, fazendo campanha em todo o reino. Desafiando e inspirando seus súditos sobre igualdade, compaixão, tolerância. Uma ambição que duraria décadas para vir. O trabalho de uma vida.

Pelo que Jeryn sabia, era uma combinação eficaz. A graça de Briar e a habilidade de Poet para o que quer que os bobos da corte fizessem para conquistar seu público.

Rimas? Espiritismo? Cambalhota?

Estações, aquele homem. Talvez Jeryn tivesse a chance de encontrar Briar sem aquele malabarista irritante.

Talvez não. Definitivamente não.

Com base na correspondência anterior à sua chegada, ele teria que tolerar o favo de mel que era o cérebro do bobo da corte. Um mal necessário. Se ele queria fornecer uma plataforma estável e viável para suas tias-avós e o resto do Inverno, se ele queria a medida certa de habilidades e resistência, precisava de Briar. Para esse fim, ele precisava de Poet.

Ela e ele eram um pacote. Amarrados com uma fita.

Taboa e cerâmica de barro embelezavam a cidadela. Sentinelas curvaram-se para Jeryn e sua modesta comitiva, os claretes e as capas

castanha do outono cumprimentando o Inverno azul e púrpura. Um clima de convívio da parte de Mista.

Dentro das muralhas do castelo, flâmulas em vários tons pendiam das vigas. Uma coisa intrigante, pois as guirlandas pareciam indicar caminhos para diferentes destinos. Marcadores para encontrar o caminho através da fortaleza.

A arquitetura e o esboço do castelo provaram ser os menos vertiginosos dos quatro reinos. Portanto, os enfeites eram uma prática curiosa. Quem se perderia aqui?

Além disso, era curiosa a direção em que os guardas o escoltavam, o lugar onde ele participaria de uma conferência com Briar. Não a sala do trono ou o grande salão, mas um escritório. Paredes de prateleiras embutidas equipadas com documentos oficiais, manuscritos, tinteiros, penas. Uma mesa retangular esculpida por praticidade e não estética, centralizada por velas cônicas e cercada por poltronas igualmente práticas. Talos de trigo em uma miríade de cores de outono se inclinavam da cestaria, preenchendo os cantos da sala.

A assembleia se separou dele com outra série de arcos. Ele entrou. Nenhum anúncio. Nenhuma princesa.

No momento, o escritório estava vago. Embora uma mesa lateral oferecesse vasos de bebida, uma cornucópia de frutas, tigelas de amêndoas e tâmaras.

Dificilmente um espaço habitual para reuniões, nem a maneira habitual de cumprimentar um Real. Ele viu o arranjo para o que era: um demérito. Escolhido estrategicamente, entregando uma mensagem: Jeryn era um príncipe, mas um antipático. Uma sala do trono ou um grande salão ilustrariam grandeza e reconheceriam sua posição.

Não mantendo-o nesse sentido, mas incapaz de desrespeitar seu título por completo, essa sala fornecia um compromisso. Informal, mas não íntima. Formal, mas sem cerimônia. Um gesto de diplomacia, mas não de admiração. Um lugar para negócios.

No passado, ele pensaria assim com escárnio. Hoje, ele não podia culpar Mista.

Pelo que todo mundo sabia, Jeryn havia sido exilado em uma ilha por três anos, parte daquele tempo com uma garota louca. Depois que a garota morreu, ele estava sozinho, lutando para sobreviver.

Mas, pelo que todo mundo sabia, ele também não havia mudado. Ninguém havia esquecido sua reputação de severidade, entre outras características anteriores.

Um par daquelas guirlandas pendia do teto, cada uma girando em direção a um limiar. Para a porta que ele havia entrado e em direção à entrada dos criados. A visão deles beliscou sua mente, sua função indecifrável.

—Elas são para o meu filho.

A voz derivou da mesma porta que Jeryn tinha passado.

Ele virou. Fazia séculos desde que vislumbrara a princesa Briar, em seu décimo sexto ano, quando suas avós convidaram o Outono para o Inverno. Aos vinte e sete anos, ela era uma mulher bastante pontuda. Um espinho de nariz e uma moldura reta.

Pontuda na figura, mas não na aparência geral. Um semblante sardento e uma coroa de tranças vermelhas pareciam mais frouxas do que seus pares do Outono. Ela se portava com uma cabeça elevada e olhos humildes. Realeza e facilidade.

As guirlandas eram para o filho dela?

Ela leu a pergunta no rosto dele. Dobrando as mãos na frente dela, ela veio para o lado dele, seu vestido de mogno de damasco escovando o tapete. Ela olhou para as fitas, o traço de um sorriso aparecendo. —Ele frequentemente perde o rumo. Elas o ajudam a lembrar para onde ir.

Ah. Jeryn revisou fatos que varreram as Estações.

O filho do bobo da corte, a quem ela reivindicou como seu. A aflição do jovem tinha a ver com um senso de direção prejudicado. Ele não tinha compreensão de espaço, distância, localização. Assim, ele não sabia dizer a diferença entre norte e sul. Uma cozinha ou um quarto.

Jeryn lembrou outros sintomas, embora Briar não tenha oferecido mais informações. Ela falou do garoto com carinho. Sem autoconsciência ou resistência, apesar do que ela deve assumir que ele pensou nisso.

O cientista nele queria saber mais. Ele indicou as fitas. —E elas funcionam?

—Muitas vezes —, disse a princesa, à beira de uma risada, um som parental, cansado e jovial. —Algumas das fitas foram removidas recentemente. Foi preciso esforço, mas alguns caminhos se tornaram familiares para Nicu. Nem todos, mas alguns. Todos os dias descobrimos coisas novas sobre o nosso garoto.

Nós. Significando ela e o bobo da corte.

Havia muito o que aprender da mente. Jeryn tinha percebido que os remédios medicinais apenas ajudavam até certo ponto. Eles ajudaram e não ajudaram. Havia vantagens e desvantagens. Não se podia confiar apenas neles.

A princesa e o bobo da corte tinham empregado uma solução simples. Jeryn se perguntou que outras técnicas eles haviam tentado.

Sua Alteza olhou para ele. A sinceridade de sua resposta, e deslizamento de comportamento, a ocorreu. Suas feições se contraíram, suas costas endureceram, cuja compilação o desafiou a julgar. Para ver de onde ele o levava.

Ela adorava o filho e não se desculparia por isso. O que ela ainda não sabia era que ele não a desejava.

—Sua Alteza. — Disse ele, curvando-se.

—Senhor. — Disse ela, inclinando a cabeça.

—Muita gratidão pela recepção.

—Eu confio que esta sala seja adequada?

Bem jogado. Uma pergunta educada e totalmente insincera ao ouvido real sintonizado.

—Muito adequado, obrigado. Não poderia ser mais —, ele reconheceu. —Atrevo-me a merecer isso.

Apesar de sua confiança, a resposta a assustou. Não é de surpreender, já que ela evidentemente o considerava um tirano. E em oposição ao caráter de seu reino, Jeryn imaginou que uma parte substancial da princesa desejava que ele permanecesse exilado.

No entanto, ela vacilou, com o rosto tenso entre secreção, decoro e a simpatia arraigada de Outono. Ela deu uma segunda olhada nele. —Sinto muito por sua recente provação —, ela conseguiu dizer. —Como você está?

Ninguém perguntou isso a ele. Não da maneira que a princesa tinha, duvidosa em vez de preocupada ou analítica. Por mais relutante que fosse, ele apreciou a pergunta.

—Emendado —, ele mentiu, depois seguiu os fios cor de vinho acima, que voltavam para a porta pela qual ele havia passado. —Onde está sua majestade?

—Eu devo pedir desculpas por ela. Houve uma crise no Rabanete & Tulipa.

—O rabanete e tulipa.

—É uma taberna.

Seria pretensioso ressaltar que rabanetes e tulipas eram da Primavera. E questionar por que um proprietário escolheria esse nome comercial no Outono.

—Sua rainha costuma se preocupar com assuntos do povo? — Ele perguntou.

—Sim. Eu também — ela afirmou. —Também trabalhamos no campo com nosso pessoal.

Ela esperou que ele ficasse chocado. Ele apenas olhou para ela, impressionado.

Para sua informação, nada o chocava mais.

Briar tomou nota inquisitiva disso. —De qualquer forma, minha mãe irá jantar conosco esta noite. Até então, ela está indisposta com controvérsias locais a ponto de eu ter lidado com uma exuberância dos documentos de Mista. Mamãe confia em mim para examinar cada folha em busca de brechas antes que ela assine alguma coisa.

—Lacunas.

—Eu tenho um talento especial para isso. — Disse ela, rindo.

—Portanto, devemos conversar sozinhos. — Concluiu Jeryn com esperança.

A princesa inclinou a cabeça, os olhos subindo para o teto. Ouvindo. Antecipando. —Não inteiramente. — Ela respondeu.

Ao lado, a porta dos criados se abriu. E *ele* entrou.

Não andou. Ele pulou na sala. Como um pônei.

O bobo da corte não notou Jeryn imediatamente, embora Jeryn estivesse de olho nele. Uma cabeleira escura. Uma monstruosidade de uma roupa.

Não uma monstruosidade de rosto. Poet era uma beleza extravagante. Ágil, de olhos abertos, ofuscantemente bonito. Com o corpo de um acrobata e um brilho perpétuo em suas íris cor de esmeralda, aqueles olhos estavam alinhados com tinta preta decorativa.

Seu guarda-roupa quase não lembrava um bobo da corte tradicional. Em vez de chapéu de sino e um traje heterogêneo, um gibão de caramelo acolchoado colava-se ao seu corpo. Babados de ébano saíam da gola alta. Sua calça quadriculada de ébano e caramelo o completou, solta em vez de apertada e encharcada em um par de botas soltas.

Vaidade. Descontraído. Autoconfiança.

Ninguém mais teria coragem de modelar uma confecção tão ultrajante de roupas. Ninguém mais se safaria disso.

Estranhamente, Poet arregaçara as mangas, exibindo uma pilha de fitas de pulso incompatíveis. A fita escarlate em particular chamou a atenção de Jeryn. Mal construída e esfarrapada, como se fosse feita por uma criança. No entanto, no bobo da corte, parecia inestimável.

—Minha princesa. — Ele cumprimentou, girando o pulso e florescendo um arco.

—Poet — disse ela, os lábios arregalados. —Legal da sua parte aparecer.

—Minha presença não é legal. — Um sorriso perverso. —É sublime.

—Você está atrasado.

—Eu tive uma consulta com meu alfaiate.

—Você estava se preparando.

—Tsk, tsk, Alteza. Isso — ele passou os dedos por todo o corpo. — é uma produção inestimável.

—Você ainda está atrasado.

—Eu espero que sim. Faz as pessoas sentirem mais a minha falta — disse Poet. —Você sentiu mais minha falta?

Um olhar passou entre eles, uma batalha íntima de vontades filtrando pela sala. Repreensão versus leviandade. Desafio versus admiração.

Estima. Amor.

Jeryn tinha visto isso em outro lugar. Entre suas tias-avós. Entre os pais dele.

Ele também experimentou. Uma vez.

Briar ficou séria, escolhendo um assento na mesa e apontando para o ao seu lado. Poet avançou, passando por Jeryn e depois parando. Pausando na realização. Balançando.

Para ser preciso, ele girou. Girou da maneira de um dândi que sabia o caminho de uma pista de dança.

Jeryn ainda o odiava?

—Ah, o que temos aqui? — Perguntou Poet. —É um convidado não convidado.

Sim. Sim, ele o odiava.

—Jeryn da Casa de Northwall —, o bobo da corte cantou. —Príncipe de Iradis, Reino do Inverno. O homem que é tão inteligente, o deixou burro.

—Poet —, Jeryn refletiu em polida simpatia. —É uma pena vê-lo novamente.

—Da mesma forma. Infelizmente, você parece o mesmo. *Aquele rosto sempre tão glacial, essa crueldade sempre a especialidade.*

Um verso. Dois minutos. Ele estava nesta sala há apenas dois minutos.

—Eu não estou aqui para fins cruéis.

Poet avaliou o traje de Jeryn. —Então você deveria ter usado outra coisa.

—Entendo. Você acha que eu posso parecer justo em babados. Deve ser de extrema importância ter-me no seu nível. A noção deve excitar você, para que eu me rebaixe a babados. Para acomodar você. Parecer com você.

—Ninguém se parece comigo —, declarou ele. —E não em todas as outras. Eu tenho agradado - e agradado por - muitos homens. Eu tive o meu preenchimento, mas eis que hoje em dia só gosto de princesas ruivas.

—Você tinha melhor. — Comentou Briar.

—É a capa de pele, então? — Jeryn perguntou a Poet. —Isso te intimida? Devo removê-la?

—Vamos aos pontos cruciais. Seu cabelo é muito comprido para babados, portanto você não pareceria justo neles. Esse é o meu trabalho.

—A última vez que ouvi, o trabalho de um bobo da corte era contar uma piada frívola.

—Piadas nos mantêm aquecidos.

—As peles nos mantêm mais quentes.

—Meus cumprimentos ao iaque.

—Senhores —, Briar repreendeu. —Não estamos aqui para uma justa verbal.

—Não seja rigorosa, amor. Sempre há tempo para uma justa verbal — argumentou Poet. —Minha língua precisa de exercício. O Inverno é carne fresca.

—Poet-

—Ela está me poetizando —, ele suspirou. —Bem. Deixe o bobo da corte ficar confortável.

Ele se jogou na cadeira com elegância exagerada, reclinando-se de lado na direção da princesa. Em resposta, ela se inclinou para perto dele e sussurrou: —Você costumava afirmar que os bobos da corte viam tudo.

—Me dê crédito. Quando entrei na sala, minha mente experiente o bloqueou.

—Certo. Com o tamanho dele, tenho certeza que você o bloqueou.

Poet jogou a cabeça na direção de Jeryn. —O que o traz a nossa humilde morada, Sino Azul?

Jeryn ignorou o carinho. Ele permaneceu de pé. —Eu tenho um assunto que diz respeito a um possível acordo entre nossas Estações, para a melhoria de...

Poet bocejou. Briar e Jeryn o encararam.

Jeryn falou claramente com a princesa. —Eu vim em confiança.

Os olhos do bobo da corte brilharam. —A sabedoria precisa da ajuda de talento?

—Eu não estava falando com *você.*

—Encantador. Um reconhecimento. É bom saber que você me acha espirituoso.

Jeryn considerou Briar. —Não há desculpa para ele?

—Sim, existe. Sou uma amante espetacular — respondeu Poet, olhando para ela. —Desde o início, no Reino da Primavera, onde nossos destinos colidiram, eu era arrebatador e renomado, e você, meu amor, estava condenada. Notei você olhando para mim *de que* maneira, mesmo quando você me abominou– isso era a minha coisa favorita sobre você. Você me desdenhou tão fofamente, mas como eu te venci. Eu coloquei o capricho no seu Whimtany.

Poet disse algo para ela. Algo que Jeryn estava agradecido por não poder ver. E, portanto, ler.

Com o rosto vermelho, Briar deixou cair o rosto na palma da mão e balançou a cabeça.

Jeryn falhou em colocar o ponto do monólogo de Poet. —Parece a única coisa em que você se destaca além de fazer malabarismos com bolas...

—*Muitas* bolas.

—...são tangentes.

—Importa-se de me testar nisso, testador? Hmm?

Apesar das observações de Jeryn sobre as habilidades domésticas de Poet, o homem era um tolo treinado: um bobo da corte. Era preciso ter cuidado com o que se dizia sobre esses trapaceiros. O dele era um tipo inteligente. Essa esperteza excedia os dignitários, o que explicava por que seus soberanos da Primavera em Whimtany o adoravam. Estragou-o. Confiavam nele para aconselhamento.

Até Poet os ter enganado. Com a ajuda de Briar.

E aos oito anos de Jeryn, o homem sabia como fazer um discurso e como avaliar um. Portanto, o bocejo mais cedo. A indicação irônica de que

Jeryn não parecia ser humano quando falava. Não era como o garoto que viveu naquela ilha com uma garota de Verão.

Não, ele não testaria esse homem.

Pelo menos uma pessoa em seu partido se lembrava de ser civilizada. Briar levantou a cabeça e colocou a mão no braço de seu amante, acalmando-o. Uma palestra sem palavras, atestando uma discussão que eles devem ter tido antes. Uma discussão sobre Jeryn, por que que alma não sabia sobre o naufrágio?

Sem mencionar, por que se abaixar ao nível percebido? Independentemente do que Jeryn tivesse passado, eles não tinham amor por uma Estação conhecida por experimentar pessoas inocentes.

Um olhar de desgosto passou pelo rosto de Poet. Enquanto roçava os dedos de Briar com os dele, Jeryn viu que ela também usava uma fita escarlate no pulso.

Ele experimentou uma pontada de inveja pela união aberta deles. Não era preciso um especialista para ver que Poet se declarava apaixonadamente, sem censura, enquanto Briar exemplificava uma força de vontade que mantinha seus sentimentos sob controle. Como Realeza, ela negociou essa linha tênue de ser radical e governante. Eles se complementavam dessa maneira. Eles haviam encontrado uma maneira de fazê-lo livremente.

De qualquer forma, a petulância masculina não era uma maneira de obter uma aliança social.

Poet girou a mão no ar, as unhas curtas brilhando em preto. Ele falou com os contrafortes. —Negociações, devem ser. Negociações, serão.

—Qual é a sua proposta? — Briar convidado.

—O comércio de tolos. — Começou Jeryn.

—Significado?

—Eu acredito que como pais de um-

—Veja. Você mesmo — alertou o bobo da corte, todos os traços de humor desaparecendo de seu rosto. —Nosso filho não é um peão para explorar.

—Deixe-o falar, Poet. — Disse Briar.

—Exploração não é minha agenda. Estou apenas avaliando. A sua é a única Estação que não vê os nascidos tolos como anormais. — Explicou Jeryn.

—Porque se não fossem normais, não existiriam. — Disse Poet.

—Uma simplificação excessiva, infelizmente.

—Não, um fato. Você aprecia fatos, não é? Permita-me fornecer-lhe mais. Confinamento, brutalidade, indiferença ou desumanidade não ajudaram. A ciência não curou. Nada do que você fez ajudou aqueles a quem você considera tolos.

—Você deseja outro fato brilhante? A natureza não é subjetiva e não comete erros. Os seres humanos, no entanto, sim. Eu diria que uma de nossas loucuras é do tipo preconceituosa, que é a mais verdadeira tolice. Pois o mal e a violência têm muitas formas, assim como a bondade e a inocência. A natureza nos distingue a todos, não apenas a alguns de nós. Assim, nosso trabalho não é excluir cegamente. Nosso trabalho é nos unir sabiamente. — O bobo da corte jogou o pulso em direção à saída e rimava: —Então é isso que eu quero. Se você discordar, ali está a porta.

—Poet, ele não foi criado como fomos —, contestou Briar. —Poucos foram. Nós devemos ser objetivos nisso.

—Então me diga, Inverno *acadêmico* —, sussurrou Poet. —Que idade você tem que ter para educar *a si mesmo?*

—Poet-

—Culpar a sua educação só vai tão longe.

Briar retrucou: —Estou falando sério, bobo da corte.

—Argh. Agora você está me zoando!

—Ele está certo. —Disse Jeryn.

—Claro que sim —, respondeu Poet. —Nunca subestime o intelecto de um homem em babados.

—Eu ia dizer que, como pais de uma criança que merece igualdade, e como um reino que defende isso, seu apoio seria inestimável.

—Para qual finalidade? — Perguntou a princesa.

—Abolir o comércio de tolos.

Silêncio. Obviamente.

—Amada, fale em meu nome — insistiu Poet. —Acredito que Inverno me deixou sem palavras.

—Isso é humanamente possível para alguém alcançar? — Jeryn questionou.

—Inverno deseja cessar o comércio? — A princesa perguntou.

—Ainda não. Eu preciso convencer minhas tias-avós.

—Elas e um reino inteiro —, disse Poet categoricamente. —Ou dois. Ou três.

—A abolição tem sido nossa intenção desde o início, mas não é uma meta que esperamos alcançar plenamente em nossa era. Não em nossa geração — insistiu Briar. —Mover-se às pressas equivaleria a guerra. Outono tem trabalhado lentamente para evitar isso. Temos dado passos criteriosos em direção à mudança.

—Eu não quis abolir o comércio em nossa vida —, Jeryn emendou. —Eu quis dizer que Inverno ingressou na sua

iniciativa. Fazendo o que deve ser feito para chegar a esse fim, para quem tiver sorte de ver o dia. Ofereço minha lealdade à sua causa.

—Isso é o que nos surpreende. Ouvir isso vindo de outra temporada tão repentinamente, depois de nove anos de nada de nenhum de vocês.

—Iradis pode seguir o seu exemplo. Para começar, me diga como você fez isso. Como você convenceu seu povo. Diga-me o que não sei, depois venha a Inverno e conte ao nosso conselho. Diga ao nosso pessoal. Me ajude a convencê-los.

—E a experimentação de Inverno? Seu exame médico?

—Vou elaborar um plano para extinguir e substituir essas práticas.

—Não pode ser tão elementar quanto isso.

—Não é.

—A saúde e a sobrevivência de todas as Estações dependem dos seus avanços. Nenhuma sociedade sacrificará isso, não importa o que pensem da igualdade.

—No momento, eles pensam muito pouco —, interrompeu Poet. —Por outro lado, você tem nossa atenção total. — Ele levantou um dedo pintado de preto. —Isso não tem preço, você sabe, ganhando a consideração de um bobo da corte e da sua cara-metade. Sinta-se livre para comemorar essa importante conquista.

—Vai levar tempo e ciência, mas também testemunho —, apontou Jeryn. —Conte-nos o que funcionou aqui, com e sem remédios, como o conhecimento de uma família pode ajudar, como a sua com o seu filho. Dê-nos as informações que não consideramos. Farei o que for necessário para provar maneiras alternativas de tratar os aflitos mentais. Maneiras honrosas.

Poet levantou-se e serviu canecas de sidra de pera da mesa lateral. — Juventude antes da beleza. — Disse ele, entregando um a Jeryn primeiro.

Jeryn quase se rendeu. Quase riu.

—Satisfaça-nos, Alteza. — O bobo da corte ofereceu refresco à sua princesa antes de se instalar em um recipiente próprio. —Gosto de me entregar aos monarcas. Conte-nos sobre essas maneiras honrosas. Precisamos de detalhes.

—Você tem dificuldade para ficar parado —, Jeryn observou com uma inclinação de cabeça. —Não pode ser um defeito nas articulações. Não no seu caso. É uma doença dos nervos, então?

—Me chame de mexer por natureza. Por quê? Isso soa insano para você?

—Ao contrário da minha hipótese, eu não pretendia diagnosticar superficialmente.

—Fico feliz em ouvir isso, embora em nome de muitos, eu ficaria mais feliz em acreditar.

—Em Iradis, as maneiras honrosas serão complicadas, eu concordo.

Poet gemeu. —O que há com vocês, realezas, e a palavra 'complicado'?

—Qualquer que seja a resposta que faça você parar de se mexer, eu darei.

—Isso só o provocará a se mexer mais. — Declarou Briar com um sorriso afetuoso.

—Eu sei sobre tratamentos. Fui criado por uma curandeira — disse Poet. —Honorabilidade não é complicada, Inverno.

—Eu concordo. — Confirmou Jeryn.

O bobo da corte capitulou, juntando suas próprias experiências em uma palavra. — Ai.

Precisamente. Honorabilidade não era complicada. Conseguir que as Estações redefinissem e aceitassem práticas honrosas era. Além disso, redefinir a humanidade.

O que o mundo chamava de tolice era uma complicação *humana*. Exigia os dois reinos. Eles poderiam aprender um com o outro, preenchendo os espaços em branco. Conhecimento do Inverno e empatia do Outono. Ciência do Inverno e sensibilidade do Outono. Médicos de Inverno e harmonia de Outono.

É verdade que os empreendimentos de Outono tinham desvantagens. Embora ensinassem habilidades práticas aos tolos nascidos, valorizassem suas habilidades pessoais e as tratassem por meios conscientes e medicinais, os métodos eram caros. Mista havia sofrido um declínio na prosperidade pelo preço da tolerância. Apenas os moinhos e cervejarias da terra fizeram a diferença.

A rainha, a princesa e o bobo da corte estavam trabalhando para resolver esses obstáculos. O Inverno poderia trocar assistência com eles.

Outono entrou nisso sabendo que um equilíbrio social não seria alcançado tão cedo, mas havia dado os primeiros passos. O Inverno levaria o segundo. Esperançosamente, Primavera daria o terceiro, por mais volátil que fosse.

Verão... bem. Era um reino feroz, mas também apaixonado. Como tal, poderia acontecer.

Ainda assim, a menos que Jeryn e a companhia quisessem guerra, eles não poderiam dizer a outros reinos o que fazer em relação aos

chamados "tolos". Mas os avanços do tipo financeiro e fértil motivariam esses reinos a prestar atenção. Isso e uma garantia da proteção do povo.

Briar e Poet trocaram olhares. Uma conversa especulativa, sem palavras, nem apressada nem ingênua. Eles se comunicaram e debateram com os olhos. Se deviam confiar em Jeryn. Se deviam acreditar nele.

Por que mais o príncipe do inverno estaria aqui? O que mais ele poderia ganhar do Outono?

O casal tomou uma decisão. Por insistência de Briar, eles se retiraram para um local diferente, posicionado não muito longe do escritório. Desta vez, uma sala de estar. Cadeiras almofadadas em frente a uma lareira. Um velho cavalo-de-pau exausto no canto. O cheiro de noz-moscada. Outro teto com fita. Uma sala aconchegante, destinada ao compartilhamento.

Outono conhecia conforto, consolo absoluto. Vantagens que ele raramente recebera em sua própria casa, principalmente nos últimos tempos. Ele não tinha se acostumado com o invólucro de quatro paredes sólidas. Um telhado. Um chão. Janelas. Móveis. Banhos à sua disposição. Esmagador.

Este espaço, ao contrário de outros, realizava o oposto. Um momento para respirar após uma longa busca, pois a viagem o *deixara* ansioso.

Cada músculo do corpo de Jeryn ficou frouxo quando ele se sentou na frente de Poet e Briar. No fogo, eles discutiram as possibilidades. Quanto mais eles faziam, mais ideias tinham. Em algum momento, pão e queijo apareceu. Em seguida, um pudim de caqui. A bebida foi transferida do escritório para uma mesa próxima.

Horas se passaram. A luz mudou na janela, irradiando para o cavalo-de-pau.

Então uma súplica final. Ele apelou à generosidade de Outono, revelando as circunstâncias da jovem companheira de cela de Flare. Como ele fez com suas tias-avós, ele fez parecer que devia a sua ex-companheira da ilha depois que ela salvou sua vida. O naufrágio. A lagoa rodopiante. E de outras maneiras profundas que ele omitiu.

Ele contou como prometeu remover Pearl da torre de Verão. Mista poderia facilitar e garantir uma existência alegre para a garota.

Se o Outono concordasse, Pearl seria escoltada aqui do Verão. Jeryn estaria presente para sua chegada, para se apresentar.

Sem hesitar, Briar e Poet consentiram. Enquanto a rainha Avalea aprovasse, Briar não tinha dúvida de que sua mãe aprovaria.

Flare também poderia ter conseguido refúgio em Mista, a pedido de Jeryn. Um acordo que seus avós poderiam ter concordado. No entanto, teria produzido o mesmo conflito que com Pearl. O processo levaria tempo em que Flare não estaria segura em Iradis. Hora em que ela teria sido detida e confinada antes do transporte. Em que os cidadãos a teriam ressentido por roubá-los de seu príncipe, para começar. Em que os residentes do castelo poderiam ter encontrado maneiras de retaliar, não importa o que Jeryn teria feito para tentar protegê-la. O que significava não correr o risco, para começar.

Onde ela estava agora? Ela estava feliz?

Ele se preocupava com ela constantemente, mas ela tinha o pai com ela. E ela era uma vagabunda de areia, parte do Verão. Ela tinha direito a essa vida. Ela tinha uma voz lá.

—Por que essa mudança, Jeryn de Iradis? —a princesa perguntou, suas sardas enrugando. —Perdoe-me, mas isso - tudo isso - é a última coisa que esperávamos de você.

Jeryn se concentrou, abordando as chamas. —Os últimos anos me trouxeram a uma mente diferente. O conhecimento de Inverno tem muito a oferecer, mas não tanto quanto deveria. Negligenciamos nossas bibliotecas restringindo sua sabedoria, quando deveríamos ter permitido que elas fizessem o que fazem de melhor.

—Uma farsa e uma vergonha —, disse Poet suavemente. —Pereça o pensamento.

—Iradis nos deu remédios, mas foi educado de maneira singular.

—No entanto, não é conhecimento se lermos apenas o que é seguro. — Contribuiu Briar.

—Nem somos educados se estudarmos apenas um pensamento —, acrescentou Jeryn. —Somos capazes de mais. Nós aprendemos apenas com nossas cabeças, não com nossos corações.

—Nem todo o Inverno, ao que parece. — Ela sugeriu intrigada.

—Na ilha, eu... a garota comigo...

Ele não conseguia entender por que se sentia obrigado a contar a eles. Para expressar que ela era mais para ele do que apenas uma lição. Para recontar seu sorriso brilhando à luz do fogo, o que suas mãos podiam fazer na areia, como ela enfrentava uma floresta tropical. Para falar de como eles cresceram juntos.

Não que ele faria. Ou tinha que fazer. Parte da verdade parecia estar escrita em seu rosto. Ou isso, ou a princesa e o bobo da corte compreenderam o que ele deixou por dizer. Eles o encararam. Espantados. Fascinados.

—É uma longa história. — Ele murmurou.

—Por favor, continue. — Poet se inclinou para frente. —Eu amo uma história tola.

Não era uma história tola. Era uma perigosa.

Muito particular. Muito cedo para contar.

A recusa de Jeryn decepcionou Poet. O bobo da corte fez beicinho até a princesa sugerir um reabastecimento de bebida, o que o animou.

Ele se levantou. —Isso exige algo festivo.

O bobo da corte se aproximou da mesa de bebidas e examinou as opções. Batendo um dedo no queixo, a unha polida brilhou.

Briar observou seu pirralho amante com um calor desenfreado, como se o conhecesse de mil maneiras, de mil ângulos. E adorava cada um.

Jeryn não pôde resistir. —Por que ele?

Não era uma acusação. Era interesse. O desejo de saber mais sobre eles.

A princesa procurou a fita escarlate no pulso. Então seu olhar se voltou para o colar de Jeryn. O frasco cheio de areia. Uma esquisitice para todos que perceberam.

Ela levantou os olhos para ele. —Porque ela?

Também não era uma acusação. Também interesse. Também genuíno.

Ele não disse nada. Mil maneiras. Mil ângulos. Mil razões.

A princesa Briar observou: —Você deve sentir falta dela.

A suposição, que não era uma suposição, fechou seus dedos perceptivos ao redor do peito. O centro do peito, para ser exato. O lugar onde todas as coisas relacionadas a Flare existiam. Um equipamento que

só precisava ser torcido, para que o resto dele respondesse automaticamente.

A textura do momento mudou. Ele encontrou o olhar da mulher. Analisou as implicações. Ouviu o que ela deixou de dizer, o que suspeitava. Talvez o que Poet suspeitasse também. O namoro deles era secreto, então eles sabiam o que manter um implicava.

Poet voltou. Ele havia substituído os copos de cidra por cálices de vinho. Distribuindo-os, ele sugeriu: —Vamos levar nossas libações para um passeio? Estou determinado a mostrar ao nosso convidado o quanto Mista é mais bonita que Iradis.

—Outono nos ajude —, exclamou Briar. —Cuidado quando ele entrar em uma temporada. Você não vai ganhar esse torneio.

—Mas primeiro. — Poet virou a taça. —Um brinde aos tolos e ao desafio. Outono e Inverno.

—Um ato de malabarismo. — Ela resumiu.

Ele pegou os dedos dela na mão livre e os beijou. —Minha linha, querida.

Ele usou a mão para puxar a princesa para seus pés. Ela riu quando ele a pressionou para perto, pressionando sua testa na dela. Com um sorriso malicioso, ele caminhou para trás, levando-a com ele.

Mesmo de uma perspectiva imparcial, ninguém poderia contestar seu magnetismo e sua tenacidade. A atenção que eles davam um ao outro, o ar de homem e mulher completamente apaixonados um pelo outro, atestou o quanto eles lutavam por seu amor. Como a lealdade entre si fortalecia sua lealdade ao mundo.

As portas se abriram. Jeryn assistiu eles se separarem, uma dança aparentemente aperfeiçoada ao longo dos anos. O conhecimento de quando tocar e quando deixar ir.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

GELO

Tempo passou. Dias. Semanas.

Jeryn ousou pensar em Poet e Briar como amigos. Ele observou o relacionamento de Mista com os simplórios e os loucos. Como todos eles viviam.

Ele caminhou por um pomar com o bobo da corte e a princesa. Eles estavam de bom humor durante uma próxima reunião com a monarquia de Primavera, uma tentativa de estabilizar sua aliança instável. O rei e a rainha de Whimtany participariam de uma caravana de artistas, incluindo o melhor amigo de Briar, que era menestrel, e seu namorado, um flautista que Poet e Briar ainda não haviam conhecido. E um trio de cortesãs, damas de companhia de Primavera que Briar havia feito amizade no passado.

Durante a caminhada, o filho da princesa e do bobo da corte se juntou a eles. Os mesmos olhos verdes e cabelos escuros que seu pai. Um vocabulário desconcertante. Discurso lírico, mas obscuro. A capacidade de repetir literalmente tudo o que ouvia.

Uma amizade descontrolada e zelosa. Nicu esmagou Jeryn em um abraço ao encontrá-lo, forçando Poet a puxar gentilmente o garoto.

Aos treze anos, Nicu deixava seus pais orgulhosos, conversando enquanto passeavam, sem precisar de fitas para levá-lo pelo caminho que haviam escolhido. Apenas uma vez ele sucumbiu à confusão, tendo esquecido o caminho de volta ao castelo.

O furão idoso montado no ombro de Nicu chiou. A criatura desviou a cabeça na direção da fortaleza para lembrar o garoto. Jeryn teria questionado a aptidão do animal para a comunicação, se ele não vivesse com um sapo por três anos.

Ele, no entanto, se recusava a acariciar o companheiro peludo. Nesse ponto, Nicu transferiu seu animal de estimação para o ombro de Jeryn.

Ele torceu o nariz. O furão fez o mesmo.

Por alguma razão, isso fez a família rir.

Ele enviou uma missiva para libertar Pearl do Verão e trazê-la para o Outono. Quando ela chegou, ele estava lá, ao lado da princesa, do bobo da corte e do filho deles. A rainha escolheu encontrar Pearl mais tarde, para não sobrecarregar a garota.

Jeryn continuou ajustando a gola de pele e alisando a capa. Poet foi forçado a dar um tapa na mão de Jeryn.

A garota cantou para si mesma quando saiu da carruagem, seu olhar se concentrando, esperando que o castelo de Mista a mordesse.

Ela era mais velha. Dezesseis. Magra e assustada, embora recém-alimentada e vestida.

Quando ela notou Jeryn, suas pupilas se lembraram dele. Eles ficaram mais ousados, uma força nova que não existia quando ele a inspecionou pela última vez na torre. O olhar dela odiava o dele.

Mas então ela viu o frasco de areia. E dentro das lágrimas não derramadas, ele viu lembranças lá.

Ela o estudou de maneira diferente. Apreensiva, mas diferente.

Ele esperava que seu rosto lhe dissesse o que sua voz não podia. A amiga dela estava viva. A amiga dela sentia falta dela. A amiga dela também era amiga dele.

Sim. Ela viu isso.

Embora Jeryn devesse ter sido o primeiro a cumprimentá-la, seus membros não se mexeram. Então ele não foi.

Nicu sim. Ele correu até Pearl, agarrou as duas mãos dela e curvou-se em um arco fantástico. Então ele a abraçou - forte.

Ela deu uma baforada de surpresa, quase incapaz de se orientar quando ele de repente pulou para trás. Ainda segurando os dedos nos dele, ele cantou uma rima para ela, uma que não fazia sentido, mas ela não parecia se importar. Sua voz brilhante e a maneira como ele olhou para Pearl iluminaram o rosto dela, como se a balada tivesse sido composta especialmente para ela. Como se ela fosse cantar com ele se soubesse as palavras.

Eles arrastaram os pés, à beira dos sorrisos. Dela, frágil. Dele, exuberante.

Briar deu as boas-vindas a Pearl em seguida. O que a princesa disse relaxou e confortou a garota.

Poet teve a sua vez. Ele tirou uma pérola da orelha dela, como que por mágica, e a colocou no bolso. Ele fez um comentário que soltou uma risadinha fraca dela.

Sem uma palavra, Jeryn abriu o frasco. Se aproximou dela. Tomou a mão dela. Derramou manchas douradas na palma da mão, compartilhando a ilha de Flare com ela.

Seus olhos brilhavam, lembrando não a joia de Poet, mas algo mais do mar. Flare saberia como chamá-la.



Ele viajou de volta para Inverno com a princesa e o bobo da corte, para se encontrar com suas tias-avós. Para começar, não correu bem, provocando consternação real e preocupação familiar. Ambas as reações saíram da sala do trono e entraram nos corredores do castelo. Entre o conselho e o tribunal. Pela cidade baixa.

O príncipe enlouqueceu naquela ilha? Aquela prisioneira tola o envenenara?

Todos especularam. Eles o encararam. Eles sussurraram. Eles pediram as rainhas pelas costas dele. Eles questionaram sua capacidade de governar.

Jeryn sabia disso. Às vezes, ele se perguntava se eles estavam corretos. *Tinha* ele louco ido na floresta e não se reconhecia? O que aconteceu com Flare... aconteceu porque ele enlouqueceu? Se tivesse sido uma invenção, o que eles compartilharam? Esses sentimentos eram ilusórios?

Ele apertou o frasco e sentiu seu peito bater, batendo por ela. Não, ele pensou. Isso tinha sido real. Tão completamente real.

Embora também tenha sido loucura. Não do tipo que suspeitavam, mas do tipo de loucura que todo coração conhecia. Todo coração ocupado.

Então ele provou que eles estavam errados. Diariamente, ele debatia com suas tias-avós e conselheiros. Ele reduziu suas teorias com fatos e possibilidades racionais. Com o bobo da corte e a princesa como seus aliados, inteligência e sabedoria se tornaram poder. Sentimento e ciência combinados.

Refutações e exemplos nascidos da experiência de Mista, bem como da experiência de Jeryn na ilha. Maneiras de melhorar o reino e seu tratamento para os tolos. Razões para sua importância.

Depois que Briar e Poet partiram de volta para sua casa, eles continuaram se correspondendo com Jeryn. Ele copiou documentos de Inverno adquiridos em bibliotecas e antros de estudo. Ele tinha os pergaminhos, juntamente com anotações de avaliações técnicas e esboços alternativos para integração, entregues à Mista: ditados, regulamentos, decretos, citações, casos históricos. Muitos deles eram sólidos, aos quais Briar respondeu sublinhando passagens, utilizando seu talento para encontrar brechas. O bobo da corte adicionou sua própria marca de astúcia às missivas, citando ironias e contradições às crenças das Estações.

Eles formaram uma discussão e propuseram incentivos para avançar ainda mais a causa do Outono e estimular o Inverno.

O mais importante para Iradis era o medicamento. Não escapou a Jeryn que o conteúdo anterior de seu frasco, o líquido fosco, havia sido desenvolvido através de testes em tolos. Os métodos de Inverno, por mais lamentáveis que fossem, ressuscitaram Flare. Uma ironia cruel.

Mas isso salvou sua vida. Ele não teria mudado isso.

Criações futuras? Isso, ele poderia mudar. Ele trabalhou em seu laboratório, reproduzindo os remédios que havia criado na ilha. Ele apresentou esses e os exemplos de condicionamento não médico de Mista a seus colegas. Ele listou opções para substituir a experimentação em tolos. Ele introduziu uma nova prática: médicos da mente.

Além disso, testes em voluntários afetados por toda e qualquer doença, tanto mental quanto física. Ensaios realizados com a permissão dos sujeitos. Aqueles, e somente aqueles, equipados para dar.

Isso proporcionou aos participantes dispostos a chance de melhorar suas condições sem nenhum custo para si mesmos. Em vez disso, eles foram compensados com moedas ou outras vantagens.

Ele anunciou a disposição de Verão de deixar Inverno reunir espécimes da ilha e estabelecer um campo de pesquisa. Jeryn havia negociado os detalhes com o rei Rhys. O monarca ranzinza permitiria que Inverno estudasse lá, desde que Verão recebesse a maior parte das vantagens em saúde antes de qualquer outra Estação.

Conhecendo a ilha como ele conhecia, Jeryn concordou em honrar isso, educar uma equipe na floresta tropical. Ele prometeu fazê-lo, desde que Verão prometesse não ferir ou desfigurar a terra. Era para ser mantido como havia sido encontrado.

A lagoa rodopiante que afogava. O fluxo ardente. A fonte borbulhante.

A lagoa da cachoeira. A gruta dos cavalos-marinhos. A caverna.

O pensamento de estranhos que infestavam o lugar o lançou, mas não fazer nada significa privar o mundo da cura. Não havia concurso. A

ilha o machucara e a Flare de várias maneiras. Também os curou de várias maneiras.

Depois de exibir seus planos, Inverno o encarou da maneira previsível. Uma simetria de expressões. Apertado. Inclinado. Desconfiado. Mas colegas médicos ouviram com interesse. Eles não podiam negar os benefícios, especialmente o bônus de novos ingredientes.

Uma moeda de troca. Um caso que validou a sanidade de Jeryn.

Aliviou suas tias-avós. Elas deram a ele permissão para mudar as práticas de Iradis. Para despintar tolos e remover alguns deles do confinamento. Em uma base individual. Moderadamente. Lentamente.



Mais tempo se passou. Semanas. Meses.

Durante outra breve visita a Outono, ele se sentou ao lado da lareira com Pearl. Ela se saiu bem. Perpetuamente ansiosa, embora se contorcendo e murmurando menos. À sua maneira, Jeryn entendeu o que significava ser governado pelo medo. O tipo inventado pela própria mente, induzido por gatilhos.

—Eu contei a eles sobre a música e o mapa. Eu disse a eles o que Flare disse enquanto dormia — ela admitiu, pronta para chorar. —Eles nunca me questionaram antes, acho que porque pensavam que vocês dois estavam mortos, mas quando Pyre notou a música no teto, ele perguntou sobre isso, e eu comecei a tremer. Antes que eu percebesse, mais guardas se juntaram a ele. Eles disseram que me machucariam se eu não explicasse, que machucariam meus companheiros de torre, quanto mais eu

demorasse para derramar. E eu pensei que talvez Flare estivesse realmente morta, então nada que eu fizesse a machucaria. Eu disse tudo rapidamente. Foi minha culpa.

Jeryn balançou a cabeça. —Não. Não foi.

Ele e Flare foram feitos para serem encontrados. O mundo precisava deles, e eles precisavam do mundo, tanto quanto eles precisavam um do outro.

Enquanto as chamas balançavam na lareira, ele narrou histórias da ilha para Pearl. As coisas que não o feriam a lembrar. Nem feria Pearl por ouvir.



Um trenó raspou a floresta de inverno. Olhando para fora da janela da câmara, ele sugou uma garganta cheia de ar gelado, o frio brilhando e cortando sua língua. À frente, uma vista de abeto e agulhas. Um lago congelado.

Ele viu um menino e uma menina brincar na neve. Eles desenharam um sol no branco e acabaram caindo um sobre o outro em histeria.

Quando eles limparam a imagem, os olhos de Jeryn ardiam e seu coração se partiu.



Depois que se despediram naquela ilha, ele escreveu na areia. De longe, ela não foi capaz de vê-lo. Ele não queria que ela lesse e soubesse. Ele não queria que ela mudasse de ideia, pulasse na água, voltasse para ele.

Se ela tivesse, ele teria se rendido.

Eu te amo

Se ela tivesse visto, ele teria perdido o último segredo que tinha. E então ela teria possuído tudo dele.

Ele estendeu sua gratidão à maré por lavar as palavras. Tomando-as, como a tinha tomado.



O quarto dele. Sua cama.

A sala do trono. O salão de banquetes.

Acompanhantes. Conselheiros. Nobres.

Ele nunca se sentiu menos sozinho ou mais sozinho.



Ele ouviu rumores saindo das fronteiras de Iradis, conversando sobre desenhos misteriosos aparecendo nas praias de Verão. Esboços intricados em diferentes praias, aparecendo aleatoriamente, conjuravam discretamente da noite para o dia. Ninguém nunca sabia onde o próximo iria aparecer.

Paisagens, animais, coroas, conchas do mar. Amantes na chuva. Guardas em uma torre. Os rostos de cem cidadãos. Entregue sob uma luz bruta, honesta e complicada. Tanto os bons quanto os ruins.

Cada vez, o criador encadeava uma palavra na imagem.

Escravo, Real, Camponês, Nobre, Tolo

Perdido, Encontrado, Preso, Livre

Louco, Simples, Sábio, Natural

Primavera, Verão, Outono, Inverno

Relatórios diziam que os desenhos deixavam os espectadores sem fôlego, confusos, perturbados, furiosos, envergonhados, impressionados. Às vezes as pessoas choravam na cena. Às vezes eles chutavam a areia, arruinando os esboços.

Um artesão de areia. Talvez um vagabundo de areia. Alguém cuja arte trazia mensagens, questionando a mentalidade do mundo sobre a humanidade e as estações divinas.

Uma assinatura. Uma mensagem. Um desafio.

No final, não era o Inverno nem o Outono que poderia desafiar o Verão. Tinha que ser uma pessoa do próprio Verão. Uma garota que conhecia suas areias e enseadas. Uma garota fluente em seu calor.

A boca de Jeryn se levantou. Ela completou essa força. Esse bando de esperançosos.

Um bobo da corte da Primavera. Um vagabundo de Verão. Uma princesa do Outono. Um príncipe de Inverno.

Arte e ciência.

Um ano se passou. Ele embarcou em um navio congestionado com guardas de Verão e pesquisadores de Inverno, com destino à floresta tropical.

Para manter o nariz do rei Rhys fora dela, Jeryn citou doenças desconhecidas escondidas em suas profundezas, potencialmente indiferentes à vacinação. Além de uma busca para ver a ilha por si mesmo, Rhys fez questão de ficar longe, deixando seus inferiores e Jeryn lidar com as coisas.

Eles navegaram usando o mapa da música. Jeryn a encarou a maior parte do caminho, dizendo a si mesmo que evitaria a caverna. Seria muito doloroso ir lá sem ela. Muito silencioso.

O resplandecente mar azul balançava, carregando um tubarão-sirene em algum lugar abaixo. Mas seu medo estava diminuindo desde a manhã em que Flare o chamou de príncipe louco. Desde que ele percebeu que ela estava certa.

Algum dia, ele poderia realmente apreciar pisar nas ondas.

Algum dia. Hoje não.

Quando um grito anunciou terra à frente, ele levou um longo suspiro antes que ele conseguisse olhar para cima. As palmas verdes. A colina emaranhada. A areia.

A ilha o recebeu de volta. Sem ela.

Um segundo ano se passou. Ele contou a Poet e Briar o que realmente aconteceu na ilha. Quando ele terminou, eles não ficaram surpresos com a história. Nem um pouco.

Mais anos se passaram. Cinco, para ser preciso.

Naquela época, ele expandiu as bibliotecas de Inverno e sua bolsa de estudos. E ele venceu as práticas de experimentação do reino em tolos nascidos. Usando o modelo de integração de Outono, alguns deles viviam e trabalhavam entre seus vizinhos. Muitos não o faziam.

Alguns cidadãos de Iradis aceitaram isso. Muitos não o aceitaram.

Ele temia a mesma raiva pública que Mista havia combatido no começo. No entanto, com a aprovação das rainhas e a probabilidade de novas curas para doenças antigas, havia uma chance de evitar revoltas.

Mas, como o Outono em sua reforma inicial, seu próprio reino resistiu com protestos e revoltas. Um nobre tentou envenenar Jeryn. Um caçador colocou uma faca na garganta de Jeryn enquanto ele dormia; Sir Indigo, seu cavaleiro mais difícil, interceptou o homem.

Suas tias-avós enfrentaram desaprovação pública. Muitas vezes, tentava-as a abandonar a causa. Cada vez, Jeryn as convenceu a não o fazer.

Silvia foi a primeira, no seu sono. Então Doria, três meses depois.

O Inverno enterrou suas rainhas no parque de esculturas de gelo onde se conheceram. Tinha sido o desejo delas.

Suas tias-avós foram abençoadas. Elas passaram a vida juntas. Um luxo.

Jeryn nunca conseguiu contar a elas. Em muitas ocasiões, ele queria, mas nunca houve o momento certo. Nunca houve um seguro até recentemente. Até que fosse tarde demais.

Ele falou com seus túmulos. Ele disse o nome dela, a palavra uma faísca em sua língua, preciosa e privada. Ele sabia que elas ouviram.

O reino lamentou. Então coroou Jeryn.

Comemoraram. Tinham expectativas.

Mas aos vinte e cinco, ele não mostrava interesse em mulheres ou homens. Ele se recusava a se casar, o que levou a uma briga inevitável com seus conselheiros. Como resultado, Jeryn se perguntou se deveria contratar um bobo da corte para acalmar todos eles. Iluminá-los.

Um dia após a coroação, ele se ajoelhou na neve, querendo escrever algo lá. Algo que Flare poderia sentir, onde quer que estivesse. Algo que a chamasse.

A mãe e o pai o chamaram. Jeryn entrou na sala e caiu de joelhos diante deles.

Eles estavam mais velhos, sentados em suas cadeiras ao lado de uma fogueira, com peles no colo. Rostos tão vincados quanto casca de inverno. Corpos tão frágeis quanto galhos.

Eles apertaram as mãos com ele. Três anéis de sinete brilhavam à luz da manhã.

—Filho. — Disse o pai, o cabelo azul enrolado em mechas brancas.

—Pai — Respondeu Jeryn. —Mãe.

A mãe dele sorriu, seus olhos negros a imagem espelhada dos dele. —Meu garoto.

As palavras terminaram em uma tosse seca. Seu pai deu um tapinha nos dedos dela enquanto Jeryn lhe entregava uma xícara fumegante de chá de ervas, a bebida acalmando sua garganta.

Sempre doente. Nunca totalmente curado.

No entanto, seus pais eram lúcidos e amorosos. E eles o conheciam. Eles sabiam o que ele estava desejando dizer. Eles sabiam as emoções que ele odiava esconder. Enquanto olhavam para o frasco dele, então para ele, eles sabiam.

—Você está apaixonado —, concluiu sua mãe. —E você está esperando por ela.

Se sim, isso fazia dele um tolo?

Não havia passado um dia em que ele não tivesse pensado nela. Não foi uma noite em que ele não a alcançou em sua cama vazia. Em sua mente, ele falava com ela sobre seus dias e pedia para conhecer os dela.

E em sonhos, ele a via uma risada longa e silenciosa. Os olhos dela furiosos para ele. O rosto dela ficando vermelho quando eles faziam amor. O olhar dela adorando um mito.

As mãos dela.

Antes que ele pudesse responder, seu pai pediu: —Então pare de esperar.

O Inverno estava mudando. Com isso, o reino sabia que Jeryn havia mudado também. A muito tempo atrás. Um fato reconhecido.

Sua mãe acariciou seu rosto. Seu pai assentiu em bênção.

Pare de esperar. Jeryn entendeu o que isso significava.



Ela se tornou uma lenda do Verão. Seus desenhos não haviam movido todos, porque nenhuma alma poderia realizar esse feito sozinha. Mas ela obteve reações deles.

Uma conversa. Uma mudança provisória.

Um artista de areia que ninguém jamais viu. As pessoas tentavam decodificar sua sequência de viagem, que costa ela adornaria a seguir. Todos falharam porque não tinham paciência. Porque eles não observavam.

Porque eles não viveram e sobreviveram com ela.

Jeryn consultou os locais onde suas representações haviam sido descobertas. Os dias. Os padrões erráticos e de espírito livre. Ele consultou atlas. Ele pesquisou as margens de Perilyn e a cultura dos vagabundos de areia.

Ele mergulhou em suas próprias memórias. Ele poderia estar errado, mas...

Em uma teoria e sob o pretexto de negociar, ele enviou um despacho para Verão. Uma praia de dunas, um dia navegando ao norte do castelo

de Perilyn. A tarefa do mensageiro era encontrar o litoral e escrever uma nota à luz das tochas, na areia da meia-noite. Jeryn entregou uma nota selada contendo um registro de linhas, a sugestão de um dia do calendário.

Essa e uma palavra. Uma ligação, desafiando-a a agir.

Se ela quisesse. Se ela o quisesse.

O tempo era crucial. Isso tinha que ser feito pouco antes de ela chegar lá.

O correio voltou. Ele havia completado a tarefa, embora sem uma única visão dela, enquanto Jeryn esperava isso. Ela não seria pega se não quisesse.

Semanas depois, ele navegou para a Ilha da Chuva Perdida para sua inspeção anual. O campo de cientistas vinha progredindo. Ambicioso, mas cauteloso. Respeitoso com a natureza e treinado para conhecer seus perigos.

Jeryn pisou na praia. Sem coroa. Sem capa. Apenas roupas sem graça e onduladas. Um cinto e bainha de bisturi no quadril. Um colar.

Pesquisadores de Inverno e marinheiros de verão permaneceram confusos com essa massa terrestre. Provavelmente, eles continuariam estando. Por que como a Ilha permaneceu desconhecida por séculos? Como passou despercebida principalmente pelos navios de todas essas gerações? Como uma pessoa sem nome desde a antiguidade era a única pessoa a encontrá-la? Alguém desconhecido, que trouxe de volta um mapa escondido dentro de uma música.

Como? O que? Por quê?

Um truque da luz do sol. Ou as nuvens e as chuvas, mais espessas e mais nítidas do que as pessoas sabiam antes, encobriam a terra muito

bem. A natureza fazendo o que fazia de melhor para desafiar a humanidade. Incontrolável. Imprevisível. Não completamente, totalmente explicável.

Mas tudo inclusivo, abrangente, como o bobo da corte havia dito uma vez.

Esse era o poder todo-poderoso da natureza e das Estações. A recusa em se explicar ou se justificar. Então, talvez a imortalidade da Ilha fosse misteriosa. Um emparelhamento do real e do irreal. O comum e incomum. Era tudo a mesma coisa, descoberto se as pessoas abriam os olhos e olhavam mais de perto.

E então olhou mais longe, para ver a imagem maior. Em que todos existiam, todos eram criaturas e seres da natureza.

A areia atingindo suas botas de couro, a maré acariciando seus calcanhares. Seu coração bateu em suas costelas. Aterrorizado. Esperançoso. Se ela tivesse visto a mensagem dele, ela poderia estar aqui.

Macacos uivavam do dossel. Flores perfumavam o ar.

Ele visitou o acampamento, as cabanas de pedra erguidas na enseada oeste.

—Sua Majestade. — Disseram os colegas depois de se curvar.

Suor escorrendo pelos braços, Jeryn fez as rondas obrigatórias, conversando com os pesquisadores até o pôr do sol se aproximar. Então, como o pai incentivara, ele não esperou mais.

Ele rejeitou a oferta de uma escolta. Ele sabia o caminho.

Varrendo samambaias e palmeiras, ele desapareceu na floresta tropical, afastando-se dos cavaleiros e médicos. As sombras roçavam seus longos cabelos azuis presos na nuca. O calor encharcava sua camisa.

Répteis deslizavam, observando-o. Bromélias e orquídeas estouvam de cor.

Através da caverna, para a margem deles, ele foi. Respiração realizada. Pensamentos em branco.

Além da antiga casa, o oceano balançava sob um céu laranja, onde o sol mergulhava na água como um medalhão. O mar corria de um lado para o outro.

Nada mais. Ela não veio.

Ele sofreu e depois sorriu de qualquer maneira. A escolha tinha sido dela. Só ela.

Ele se virou e deixou a caverna para trás. No limiar que voltava para a floresta tropical, ele ouviu um ruído estridente. Toda viagem aqui, ele se maravilhava com a presença do sapo. Por um pouco, ele teve uma vida útil impressionante.

Pequeno Cavaleiro empoleirado sobre um cogumelo. Luminoso e verde limão como sempre. O sapo pulou ao vê-lo.

—Nós nos encontramos novamente —, disse Jeryn. —Estive vigiando minha equipe, não é?

Outro coaxar.

—Bem feito. Venha, anfíbio. Eu posso ter trazido uma delicadeza de Inverno para você. — Ele se moveu, antecipando que o sapo o seguiria.

Outro coaxar. Irritado, como Jeryn era um idiota. Animado, como...

Seu pulso saltou, seu olhar chicoteando em direção à caverna. O Pequeno Cavaleiro deu um grito entusiasmado, o som instando Jeryn a retornar do jeito que viera.

Ele deixou o sapo alegre para trás. Seus pés o levaram de volta, refazendo seus passos, seu ritmo acelerando. Reemergindo na enseada, seus olhos dispararam para a esquerda e para a direita.

Então ele olhou para baixo. Na areia. As palavras.

Eu também te amo

Ele levantou a cabeça ao som de salpicos. Aquele, ele pensou.

Toda pele bronzeada e cabelos cortados. Ela usava uma saia esvoaçante e uma camisa grande com nó na cintura. Sem sapatos.

De costas para ele, ela bateu os pés descalços nas ondas cristalinas, caçando, de todas as coisas, uma arraia. Caçando sem motivo algum que ele pudesse conceber.

Ou ela estava brincando com ela. Essa era uma possibilidade.

Imprudência. Beleza. Ele balançou a cabeça, apertando a garganta, os canais lacrimais fazendo coisas que ele não tinha permitido que eles fizessem até aquele momento.

Ao longe, um peixeiro balançava pelas pedras, amarrado com o que ele imaginava ser um nó forte. Atordoado, ele tropeçou no meio da praia e parou quando o barulho parou. Sua coluna ficou tensa. Ela girou, seus olhos encontrando os dele, e a visão dela quase o colocou de joelhos.

Ela brilhava. Talvez um pouco menos fantasiosa, mas ainda assim cheia.

As Estações poderiam chamá-lo de mentiroso por alegar que ela morreu, apenas para revelá-la mais tarde. Mas o tempo já passou. E talvez as mentes também tenham mudado até então.

No futuro, o mundo poderia pensar coisas melhores. Mas de qualquer maneira, para ele, ela era apenas fogo. Ele era apenas gelo.

Ela largou a rede de areia que estava carregando, as ondas a arrebataram. Ela correu para fora da água e atravessou a enseada, seus pés jogando manchas no ar.

Ele começou a se mover, mas ela estava lá antes dele, arremessando-se em seus braços. O corpo dela saltou e colidiu com o dele. As pernas dela estavam presas à cintura dele. Os braços dela envolveram o pescoço dele.

Jeryn a segurou suspensa, esmagando-a contra ele. Ela queimava, sua forma e peso erradicando os anos. Ela jogou beijinhos por toda a garganta, ombros, rosto.

Ele agarrou suas bochechas e beijou sua boca. Estações, ele a beijou. Lábios abertos e olhos abertos.

Afastando-se, ele sussurrou aliviado: —Eu não sabia se...

Se ele a merecia.

Ela inclinou a cabeça e deu um sorriso sarcástico, como se ele não devesse ter duvidado. *Garoto estúpido,* ela murmurou.

O pôr do sol. A névoa se juntou. Eles se atreveram a segurar firme, porque ela tinha visto a mensagem dele e respondido. Porque ela voltou para ele.

EPÍLOGO

FOGO

Ele voltou para mim. Um milhão de vezes, de um milhão de maneiras, ele voltou.

Passei minhas primeiras horas na ilha, depois com ele e depois juntos, querendo tudo de volta. No barco com o papai, rugi, desejei e ansiei. A areia, as árvores e a colina haviam desaparecido até então, deixando apenas água, um mundo cintilante sob um céu escaldante, mas não eram suficientes, porque esse oceano não era minha casa. Eu saí de casa, abandonei minha ilha, desisti, desisti do que tinha sido meu - nosso.

E talvez a Ilha estivesse me chamando para voltar, e talvez não fosse tarde demais, então mudei de ideia e mergulhei de lado. Meu corpo bateu na superfície, o mar azul-marinho afogando o fole de papai e a nova tempestade que chegou sem aviso prévio. Eu nadei, e poderia ter havido um predador nas profundezas, porque eu tinha visto um nariz longo, como uma espada, passar por mim, mas eu não me importei, nunca me importaria quando a casa estivesse esperando.

E então uma malha de corda chicoteou na minha frente, e me pegou - papai me pegou. Ele pescou por mim, me pegou no colo e me arrastou para fora da maré cheia de chuva. E em seus braços, encharcada e soluçando, deixei que ele pressionasse minha bochecha em seu peito.

—Shh —, ele murmurou. —Shh, minha garota. Está tudo bem. Eu tenho você agora.

Espreitando em seus olhos, vi preocupação e tristeza. Eu me vi e senti nos meus ossos, entre meus ossos, na minha garganta e no meu estômago. Senti uma dor, um conhecimento, um entendimento. Eu joguei meu corpo no mar e me perdi. Eu estava deixando Papa e liberdade, sem um pensamento da minha promessa, ou do que Jeryn havia dito, de todas as coisas que ele havia dito, e sem um pensamento na minha voz, a voz que eu poderia compartilhar além do horizonte. Eu pulei nos braços de um oceano selvagem, com seus tubarões e habitantes de ponta de lança, desesperados por uma reunião, dispostos a me machucar se isso acontecesse.

Eu vi isso no rosto de papai, as coisas que Jeryn poderia ter visto em mim, as coisas que eu não sabia antes, as coisas que eu tinha feito pela ilha e as coisas que eu sabia sobre a ilha - até que os navios invadiram. E eu lembrei da música, e minhas conversas com Jeryn, e os anos com ele. E eu percebi, *percebi*, havia um pouco de loucura lá. De alguma forma e em algum lugar, dançava, arranhava, ria e chorava dentro de mim, só um pouco, só um pouco de loucura.

Imaginei que era uma coisa perigosa de se fazer, voar naquela tempestade, amar tanto uma ilha, uma floresta tropical.

Mas o amor também pode ser seguro. E o abraço de papai era seguro. E meu coração, cheio de Jeryn, era seguro. E minhas memórias eram seguras. Eu os tinha e tinha tudo o que precisava.

Naquela noite, a água suavizou. Com as estrelas florescendo sobre nós, papai falou e eu ouvi. Ele falou sobre mamãe e eu a imaginei. Juntos, nos lembramos.

—Você se parece muito com ela —, disse ele. —E você parece diferente também.

As palavras cresceram raízes e brotaram, porque eu era alguém neste mundo, e sempre fora e sempre seria. Eu fui amada e recebi amor, amaldiçoada e abençoada por pessoas, um mito e eu. Na ilha e fora, eu era alguém.

Da rebentação às parcelas de terra, o papai aprendeu a ler meus lábios e, outras vezes, ele me observava e sabia o que eu queria dizer, simplesmente porque ele era o papai. Ele explorou meu silêncio, o que espreitava ou prosperava em mim.

Ainda não tínhamos forças para confessar nada sobre as gaiolas nas quais Verão nos trancara, mas compartilhei minhas histórias de Pearl, Pequeno Cavaleiro, floresta tropical e Ilha. E havia histórias de Jeryn, e acho que papai ainda queria lancetá-lo, mas um pouco menos depois disso.

—O príncipe se importa com você? — Ele perguntou, sua sobrancelha molhada, socando a outra. —E você se importa com ele?

Eu assenti. *Mais que isso.*

E o pai grunhiu, e isso havia sido suficiente no momento.

E nós partimos. Exploramos lagoas esquecidas, recifes lendários e navios afundados perto da costa, e acampamos em enseadas e bancos de areia, entre dunas e com flamingos e caranguejos. Peguei tesouros na areia - os lírios de sal eram os meus favoritos - e encontrei prêmios como joias e conchas açucaradas.

Papai não achou que alguém nos conhecesse como fugitivos, mas quando enfrentou mercados com a cabeça encapuzada, ouviu notícias da Ilha da Chuva Perdida e do resgate do Príncipe do Inverno. Com isso fresco na mente e nos lábios, a vida de um vagabundo longe das massas nos protegeria melhor. Nós sabíamos como fazer isso.

Aprendi a valorizar nossas viagens novamente e aprendi a valorizar Verão novamente.

Às vezes nos aventurávamos em lugares menos isolados. Uma noite, descansamos não muito longe de uma vila porque precisávamos de mais suprimentos e comida. Lá, durante a minha vez de vigiar, desenhei a Torre dos Loucos. Do anoitecer até o amanhecer, desenhei sua altura, suas paredes e seu telhado enquanto papai dormia.

Chamas acenderam dentro de mim. Elas respiraram e queimaram, mas não me deixaram amarga. Elas fizeram meu sangue formigar, desenrolando laços invisíveis.

Dentro da forma, escrevi uma palavra.

Deixei o desenho lá e, quando nosso barco balançou em direção à terra distante seguinte, vi uma criança pular da estrada para a praia. Ela viu o que eu tinha feito e chamou seus pais, um par de roupas camponesas emergindo atrás dela, talvez em uma caminhada matinal. Eles se juntaram a ela pelo desenho e o encararam.

Eu me perguntei se eles levariam outras pessoas para vê-lo, muito tempo depois que papai e eu partimos.

Eu fiz isso de novo e de novo. Onde quer que fossemos, onde quer que aterrissássemos, eu embutia minhas visões nas costas. Eu desenhei um peixeiro, uma corrente com um frasco, uma floresta enevoada e uma gota de chuva, amarrando palavras dentro deles. Rascunhei mensagens nas sombras, porque não precisava de luz, porque sabia ver no escuro. Encontrei minha voz nessas muitas areias, contando minha história e a história de todos os tolos, porque se um príncipe frio aprendesse a amar em vez de odiar, e se uma vagabunda pudesse

aprender a amar aquele príncipe de volta, talvez muitos corações pudessem mudar.

Há muito tempo, o mundo havia me pintado. E agora eu pintava o mundo.

Embora eu sentisse loucura, senti-a beliscar e acariciar minha mente e meus dedos, e mesmo que às vezes se lançasse através de mim, e um súbito desejo pela Ilha garrasse para sair, papai estava lá. Ele e as areias estavam lá para me parar. Quanto mais isso acontecia, quanto mais Verão via, mais formas criava, mais me recuperava - mais me possuía, a loucura e mais além.

Eu fui feita de muitas coisas, muitos grãos, não apenas um.

O que costumava ser magia se tornou fé, e uma ferida que eu não tinha visto, que *não podia* ser vista, começou a fechar.



E encontrei outra coisa enquanto viajava, enquanto desenhava na praia. Esfreguei a areia com o dedo, refazendo a imagem que sempre foi mais clara em minha mente, a que eu conhecia melhor. E naquela costa distante, sob aquele ângulo ensolarado, dentro do mapa das músicas havia uma nova forma. E nessa nova forma havia uma assinatura. E nessa assinatura havia uma resposta.

Os contos de Verão elogiaram o primeiro vagabundo de areia da história, uma mulher que amava música, mas não sabia cantar, mas escreveu canções de suas viagens e descobertas de qualquer maneira.

Contos também disseram que ela marcaria seus tesouros favoritos com uma assinatura - uma folha de planta.

Foi a planta que chamou a atenção de Jeryn. No começo, quando ele cortou meu braço para me tratar com aquele mingau de folhas, ele o chamou de remédio antigo. Ele disse que era possível que alguém o tenha trazido para o continente.

Trouxe-o como um símbolo, o tesouro de um vagabundo. Junto com as letras de sua própria autoria, ela deve ter levado a planta, e ela deve ter chegado às páginas dos livros de inverno.

Eras atrás, o primeiro vagabundo de areia descobriu a Ilha e escreveu uma música sobre ela, e colocou um mapa dentro dessa música e assinou com a forma de uma folha, um pedaço da Ilha onde ela esteve. Eu senti nos meus ossos, a verdade escondida à vista de todos, uma verdade que eu não havia percebido até então, até que olhei para a ilha de maneira diferente.

A Ilha da Chuva Perdida, uma coisa majestosa revelada e explicada, mas ainda um mistério como chuva, neve e mar, feita para todos e para ninguém.

Os anos passaram, e meu reino mudou, e o de Jeryn também.

Papai bisbilhotou as fofocas do mercado, e eu ouvi outros vagabundos que passavam sobre o Inverno e o Outono, e sorri. Jeryn e eu nos jogamos para fora das Estações, fazendo-os ver e ouvir. Dessa forma, ficamos juntos.

Eu temia que ele me esquecesse, ou que eu o esquecesse. Mas então eu encontrei sua mensagem escrita na costa e, como havia passado tempo suficiente, voltamos um ao outro, antes e ali e desde então. Temos passado a maior parte do nascer e do pôr-do-sol separados, fazendo o que precisávamos em nossos próprios cantos, mas nosso coração permanecia atado.

Como rei, ele poderia me conceder imunidade no Inverno, mas tínhamos nossos destinos, minha arte em areia ainda me chamava e seu reino ainda resistia. À distância, nós nos carregávamos através dele. Sempre que o anseio se tornava demais, e sempre que os elogios de Verão me irritavam ou eu não sabia se meus esboços realmente faziam diferença, e sempre que a labuta de governar cansava Jeryn ou as cabeças duras de seu conselho o irritavam, e sempre que notícias de tolos maltratados pesavam sobre nós, e sempre que não sabíamos se poderíamos aguentar por causa disso, encontramos uma maneira de falar através dos reinos, com pedidos de "preciso falar com você" e *tenho que vê-lo*.

Nós jogamos mensagens secretas um para o outro em pergaminho selado - com a ajuda dos amigos de Jeryn. Amigos de confiança, ele me prometeu.

Nossas palavras atravessaram florestas, vales e mares. Essas palavras refletiram e divagaram, lecionaram e provocaram. Nós nos derramamos, confiamos e nos empolgamos.

E foi difícil, e doeu, e valeu a pena.

Então, duas vezes por ano, nos reuníamos. Ele retornaria à Ilha da Chuva Perdida, para ver quais artes de cura seu povo colhia. E enquanto

papai acampava no continente para vender nossos produtos, eu encontrava Jeryn, de braços abertos.

Durante semanas seguidas, saboreávamos nossa pausa. Na areia e no mar, na cachoeira e na fonte, nos descascávamos, deixando nossos corpos coroarem.

Ele lia para mim os textos científicos que trouxera com ele, sobre as estrelas e o oceano, e eu trazia para ele relíquias de minhas viagens, contando as histórias de como as descobri. Ele me zombava dos dramas da corte, e eu pensava nele sobre minha arte.

Viajávamos para a floresta tropical com Pequeno Cavaleiro, andávamos pelas margens da ilha e cozinhávamos e dormíamos em nossa caverna, ganhando vida com pequenas explosões.

Seu povo nos deixou em paz. Seus cientistas e cavaleiros nos deixaram ser, mesmo que o olhassem com olhos aguçados. Isolados, eles sabiam sobre nós, mas mantinham em segredo, porque Jeryn havia conquistado sua lealdade e um pouquinho de sua curiosidade.

Um ano, ele trouxe dois amigos com ele. Ele me apresentou a uma princesa do Outono e seu bobo da corte - os de confiança que ajudaram a entregar nossas mensagens - e nós quatro estávamos na beira da água, nossas mãos juntas enquanto observávamos o sol, um vínculo ininterrupto, uma cadeia de lutadores.

Depois disso, o par de Outono trouxe Pearl com eles. Nossos olhares voaram através do fosso, seus olhos de ostra brilhando e os meus transbordando, e então nossas pernas nos carregaram, velozes e correndo pela praia. Gritando - ela em voz alta, eu não - nós abraçamos uma a outra, choramos e nos afastamos para traçar o rosto da outra. Seu cabelo fazia cócegas no meu nariz, e meu cabelo roçava seus ombros, nós duas

tremendo. Finalmente, longe das sombras de uma gaiola, nos vimos com brilho.

Fomos deixadas sozinhas por horas. Nós desempacotamos nossas vidas em uma tarde, depois nadamos e rimos, com o grande céu livre acima de nós. Então Pequeno Cavaleiro se juntou, fazendo amizade com Pearl e nos desafiando para uma competição de salto que durou até a noite, quando o resto do grupo voltou, o bobo da corte assumindo o papel de juiz de torneios.

Mas, principalmente, eram apenas Verão e Inverno na ilha.

Nós, por nossa conta.

Em momentos de atracação, caíríamos no chão, incapazes de manter as mãos afastadas uma da outra. Uma vez, no sol quente, na areia mais quente, eu pulei nele, e ele se rendeu a mim, e ele me encheu, e eu o envolvi.

Outro dia, borrifamos a caverna com sussurros, histórias do que estávamos fazendo separados e histórias de nossas famílias.

E outro dia, em uma tempestade gentil, gritamos um com o outro. Ele estava encharcado, e eu estava fervendo, e seus gritos se chocaram com meus gritos silenciosos.

E outro dia, no mesmo tipo de tempestade, minha boca agarrou a dele e nos beijamos como loucos.

E outro dia, ele se ajoelhou diante de mim.

E neste novo ano, este dia, *hoje*, eu usava fios de ouro no meu cabelo. Passando pelas curvas curtas, a gavinha brilhava dentro e fora de uma única trança. E eu usava calça ondulante, pendurada nos quadris e apertando os tornozelos, e um corpete sem mangas que abraçava meu peito e expunha meu umbigo. E meus braços estavam nus, meu pescoço estava nu e meus pés estavam nus.

E eu segurava uma orquídea em uma mão, amarrada com uma tira do lenço da mamãe, e na outra mão, segurava o braço do papai enquanto ele me guiava pela areia até Jeryn. Ele esperava por mim, sem capa de pele, sem coroa, sem botas, sem cavaleiros e sem muitas coisas que o tornavam príncipe. Ele esperava, vestindo um pingente de frasco e roupas folgadas batidas pelo vento, e olhos fascinantes que me alcançavam, boca que se separava e uma respiração contida.

Ninguém jamais olhou, *olhou*, para mim dessa maneira. Ele esperava, paciente e impacientemente.

Poet, o bobo da corte colorido, havia reivindicado seu papel de líder dos votos, anunciando que ninguém mais faria o que faria da maneira que poderia, mas eu o teria escolhido de qualquer maneira, porque gostava dele. E Jeryn também gostava dele, apesar de não ter dito isso.

Poet estava ao lado de Jeryn enquanto Pequeno Cavaleiro pulava na minha frente, e então Papai beijou minha testa antes de voltar para se juntar à princesa Briar e Pearl, que pegaram minha flor para que minhas mãos pudessem estar livres. E aqueles dedos livres atados com os de Jeryn, e nossos olhares pousaram, colidiram, agarraram um ao outro. E nós não nos perdemos - exceto pela parte em que Poet se rendeu durante uma fala, fazendo com que os lábios de Jeryn se achatassem e seus olhos saltassem para o céu em irritação.

Sentimos falta de pessoas, como o filho da princesa e do bobo da corte, que não poderiam estar nesta ilha sem fitas para guiá-lo. E o furão, que ficou no Outono para fazer companhia a Nicu. E meus companheiros de torre, cujos destinos eu nunca havia conhecido, embora Jeryn tivesse tentado descobrir.

E mamãe.

Sentíamos falta de todos eles, enquanto a luz do dia saía do mar e se derramava sobre nós, enquanto o Verão e o Inverno faziam uma promessa.

Parados em um anel de areia que eu havia desenhado na praia, duas metades de fogo e gelo, nos comprometemos um ao outro, em um amanhecer simples e humilde, não oficial e sem documentos para o mundo, mas tudo para nós, tão real quanto qualquer outro. Eu não queria ser rainha, mas *nos* queria, e ele também. Optamos por nos prometer dessa maneira, porque quem disse que tinha que ser apenas uma maneira, ou uma Estação, ou algo assim?

Houve momentos em que nos perdemos. Houve momentos em que ele não me entendeu, nem eu, e houve momentos em que nos conhecíamos muito bem, e houve momentos em que ele teve palavras frias e houve momentos em que eu atirei chamas nele.

Houve momentos em que ele entrou em pânico, e eu o segurei até parar. Houve momentos em que me joguei na música da ilha, gritando pelo passado, quando este lugar era apenas meu - apenas nosso - acreditando que poderia ser novamente, que todo mundo desapareceria se encontrássemos a mágica certa para fazer isso acontecer.

Talvez esse desejo nunca desaparecesse, mas eu estava aprendendo a viver com ele, a viver apesar disso. Eu compartilhei esse lugar, e nós o compartilhamos, e essa era a nossa vida. Éramos nós, da ilha e não.

As palmas de Jeryn suavam e as minhas tremiam, mas não soltamos. Criamos nosso próprio ritual, combinando nossos reinos enquanto trocávamos nossas próprias palavras, silenciosas e faladas.

—Então começa, então dura. — Ele sussurrou.

Então começa, então dura, eu murmurei.

Despejamos metade do seu frasco em um segundo colar de pingente para mim.

Quando acabou, Poet piscou para nós, e eu ri, e Jeryn sorriu. Todo mundo riu, e eu pulei em seus braços, e seus lábios se esqueceram de ser pacientes, e a areia caiu sobre nós.

Todos mergulhamos no mar. Jeryn durou mais tempo nas ondas do que antes, enquanto Pequeno Cavaleiro saltou de uma cabeça para a seguinte.

Ao entardecer, todos voltaram para seus navios e barcos, deixando Jeryn e eu para a nossa noite. Dentro da caverna à luz de velas, nos sentamos em cobertores e assistimos ao pôr do sol, todo aquele ouro nadando em todo aquele azul. Puxei-o para mim, seus braços passando por minha cintura por trás.

—Senhora da areia. — Ele murmurou no meu ouvido.

Eu trouxe a mão dele para a minha boca. *Monarca da neve.*

—Diga-me como deve ser.

Algum dia, verei o Inverno. Vou dormir de peles, e você me alimentará com colheres de molho e me apresentará a sua mãe e seu pai. Sentirei o cheiro de pinho,

lerei um livro para você, e você me mostrará os murais dos corredores, e observarei veados vagando pelo gelo.

—E você desenhará no branco.

E um dia eu vou te mostrar Verão. Para onde eu fui à deriva. Onde eu estive.

Distraidamente, ele beijou meu ombro. —Vai chover.

Eu me virei, tirando o cabelo do rosto dele. *Sempre irá.*

Um aguaceiro ao entardecer significava um agudo pegajoso. E estava tudo bem, porque estávamos seguros aqui.

Algum dia, seríamos mais velhos e não seríamos mais um segredo. Um dia, ele veria aquelas margens do Verão, e eu veria o castelo de Inverno, e veríamos reinos mudados, e o mundo nos veria como um.

Para outros, nosso amor ainda poderia ser uma coisa odiada. Uma coisa perigosa.

Mas nós esperávamos. Algum dia, poderia não parecer errado para todos.

Até então, ele governaria, e eu exploraria, e no meio disso continuaríamos voltando a esse lugar, um mito que não era um mito, uma terra flutuante de sal, névoa e cor. Iríamos voltar para o lugar onde *nós* acontecíamos.

E neste lugar, nós nos amaríamos. E enquanto nos amávamos, chovia.